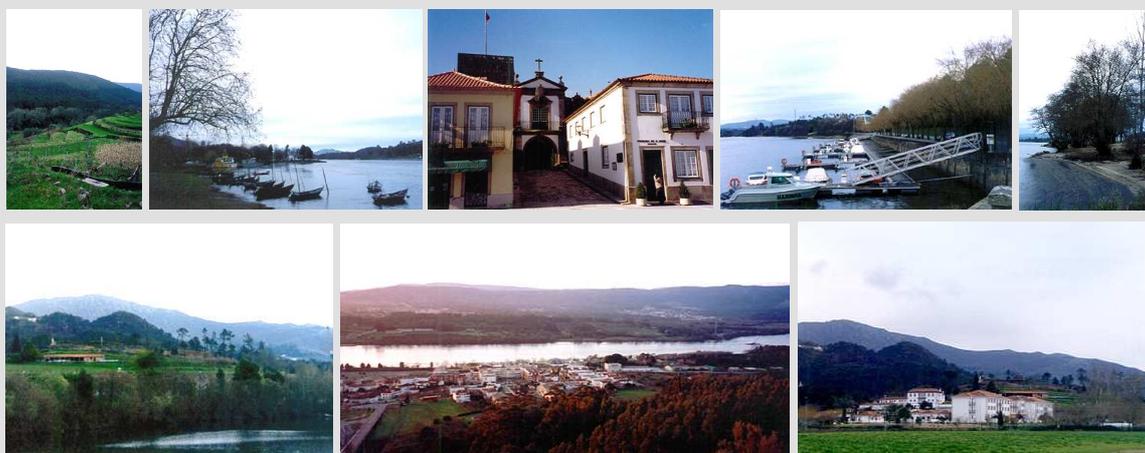


REVISÃO DO PLANO DIRECTOR MUNICIPAL VILA NOVA DE CERVEIRA

ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO MUNICIPAL



VASTUS, Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

INDICE

1 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E REGIONAL	2
2- SUPORTE FÍSICO E AMBIENTAL	6
2.1- Características Morfológicas e Hídricas	7
2.2- Recursos e Valores Naturais.....	17
2.3 – Recursos florestais.....	31
2.4 - Níveis de Qualidade Ambiental	45
3 - COMPONENTE POPULACIONAL	48
3.1 - Dinâmica Demográfica	49
3.2 - Características do Agregado Familiar	62
3.3 - Mobilidade Inter-regional da População.....	63
3.4 – Dinâmica Social.....	63
4 - DINÂMICA ECONÓMICA	68
4.1 – Estrutura Sócio-económica	69
4.2 – Sectores de Actividades	73
5 - POVOAMENTO E ESTRUTURA URBANA	94
5.1 - História e Valores Culturais.....	95
5.2 - Povoamento e Dinâmica urbanística.....	193
5.3 - Parque Edificado e Habitacional	201
5.4 - Equipamentos Públicos.....	211
5.5 - Hierarquia Urbana.....	220
6 – INFRA-ESTRUTURAS URBANÍSTICAS	223
6.1- Rede Viária e Transportes	224
6.2 - Abastecimento público de Água, drenagem de Águas Residuais e Pluviais	232
6.3 - Resíduos Sólidos Urbanos.....	233
7- USOS DO SOLO E DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO ..	235
BIBLIOGRAFIA	239
ANEXOS	242



VASTUS

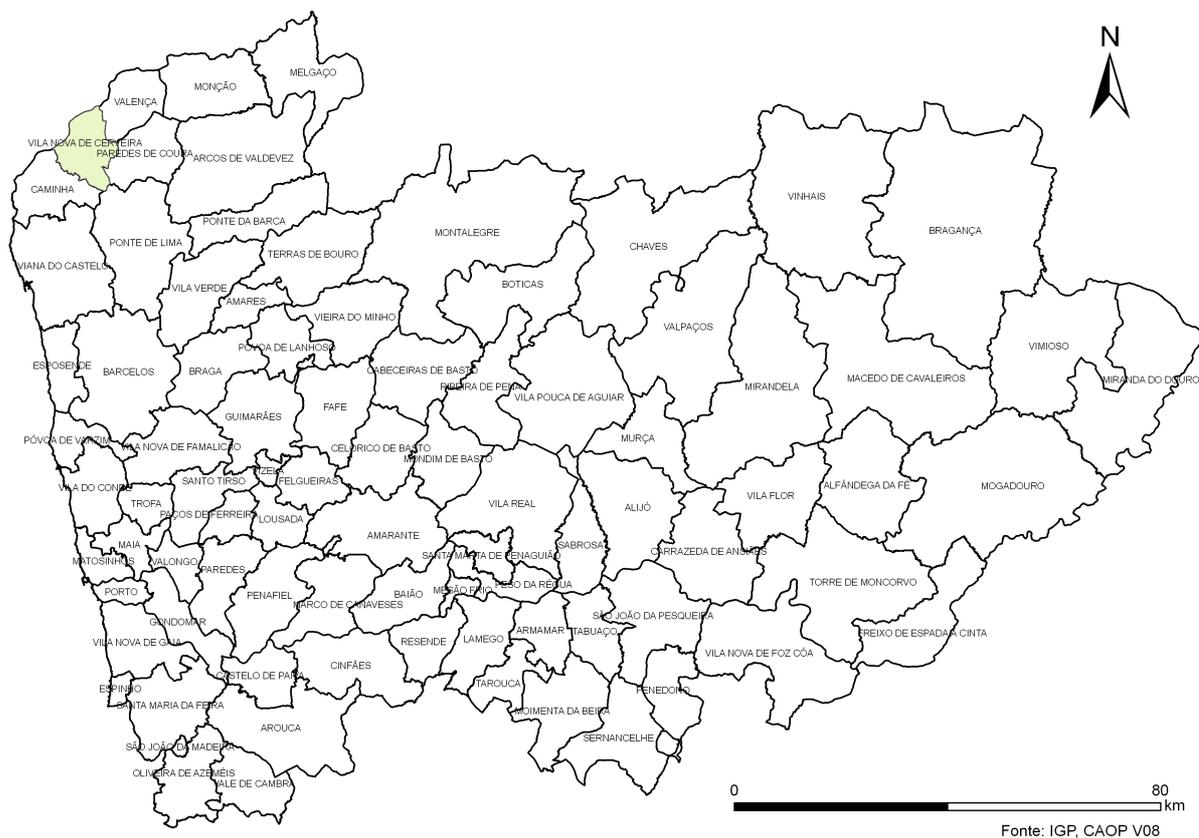
Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

1 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E REGIONAL

1 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E REGIONAL

O concelho de Vila Nova de Cerveira, com uma área de 108,6 km² localiza-se na Região do Norte de Portugal (NUT II), na sub-região Minho-Lima (NUT III) e na Região Agrária de Entre Douro e Minho. A Norte faz fronteira com o Rio Minho e consequentemente com Espanha, a Sul com o concelho de Ponte de Lima, a Este, Valença e Paredes de Coura e a Oeste limita com Caminha. Apresenta as seguintes coordenadas geográficas – Latitude Norte: 40° 50' 25" e 41° 59' 14", Longitude Oeste: 8° 38' e 8° 47'.

Enquadramento na Região do Norte



O Concelho é atravessado na parte Sudeste pela Auto-estrada A3, que corresponde ao traçado do Itinerário Principal nº 1 (IP 1) que liga Porto/Braga/Valença e dá acesso a Espanha. A ligação à sede de concelho é efectuada, a partir do nó de Sapardos, pela



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

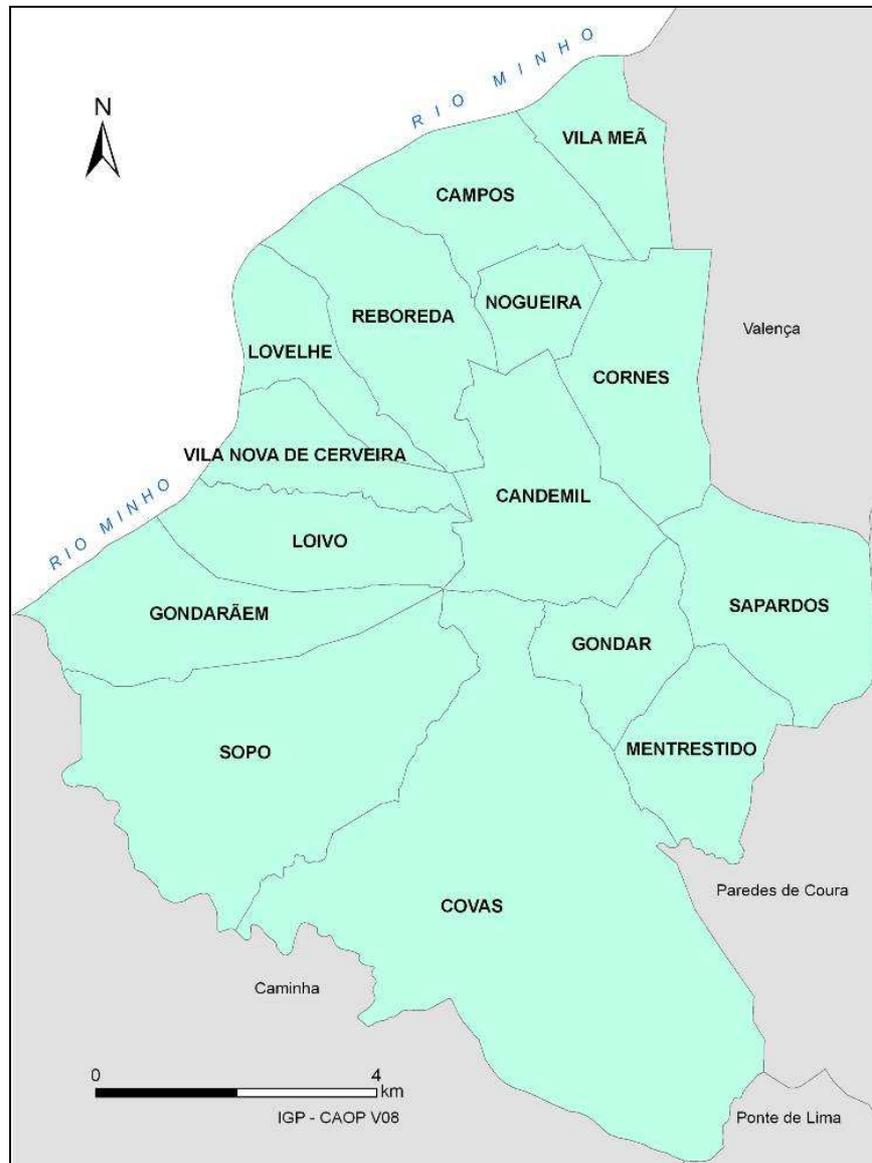
estrada N 303, num percurso de aproximadamente 12 km. A ligação a Viana do Castelo, por seu turno, efectua-se através da Nacional 13 estando, no entanto, previsto no Plano Rodoviário Nacional o prolongamento do IC1 até Lanhelas, no concelho de Caminha.

O concelho encontra-se dividido administrativamente em 15 freguesias com as seguintes áreas:

Freguesias	Hectares
Campos	528,24
Candemil	727,83
Cornes	605,98
Covas	2860,49
Gondar	363,56
Gondarém	690,85
Loivo	517,47
Lovelhe	334,62
Mentrestido	470,41
Nogueira	229,61
Reboreda	670,19
Sapardos	671,58
Sopo	1482,09
Vila Meã	348,62
Vila Nova de Cerveira	353,21

Fonte: IGEOE/INE – Censos 2001

Divisão Administrativa do Concelho por Freguesias





VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

2- SUPORTE FÍSICO E AMBIENTAL

2 - SUPORTE FÍSICO E AMBIENTAL

2.1- Características Morfológicas e Hídricas¹

Geomorfologia

Do ponto de vista morfológico, o Concelho de Vila Nova de Cerveira é constituído por uma sucessão de linhas de cumeeira de importância considerável que se desenvolvem na direcção norte-sul, com início na Serra da Gávea e Salgosa, a qual se ramifica, no Alto da Pena (646m), para poente (alto de Cima de Coura) e nascente (Serra de Cova), formando o vale no qual se encaixa a freguesia de Covas e o Rio Coura.

No sector sul do Concelho, fechando este vale, deparamos com a Serra de Arga, a qual se estende para Caminha.

Este sistema montanhoso define, com as suas encostas abruptas, uma separação clara entre a orla ribeirinha e o interior do concelho.



O contacto e a transição entre estas duas zonas é efectuado através da orla ribeirinha, plana, a qual corre adjacente ao rio Minho, alargando-se e penetrando gradualmente, a norte, para o interior, nas freguesias de Campos, Nogueira e Vila Meã.

Podemos, por conseguinte, detectar a existência, em termos morfológicos, de quatro situações distintas:

¹ Capítulo integralmente retirado do PDM em vigor.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

- O sector central do território concelhio, montanhoso e de encostas abruptas, criando uma distinção clara entre os sectores nascente e poente do concelho.
- A orla ribeirinha, plana, constitui um apertado corredor que acompanha o rio Minho até se alargar a norte e penetrar gradualmente no interior concelhio.
- O interior, com alguns acidentes morfológicos, os quais se diluem para norte até ao Rio Minho.
- O sector sul, constituído pelo vale da freguesia de Covas, vale bem definido e por onde corre o rio Coura

Rede Hidrográfica

Relativamente à rede hidrográfica, o Concelho encontra-se inserido nas bacias hidrográficas do rio Minho, a norte, e do rio Coura, a Sul. Esta delimitação é feita através de uma linha de cumeeira que se desenvolve na direcção nascente-poente, desde o interior do Concelho, prolongando-se em seguida para poente através do Alto da Pena e do Monte de Góis.

A importância e densidade dos cursos de água tem a ver com as duas bacias hidrográficas referidas e a declividade dos solos: por um lado, um sector norte com uma rede hidrográfica muito pouco densa, onde pontuam as ribeiras de Chaqueu e de Campos. Embora não se encontrando aparentemente poluídas, trata-se de ribeiras que atravessam áreas urbanas e importantes áreas inseridas na Reserva Agrícola Nacional, muito particularmente a ribeira de Campos, cujo percurso se situa nas proximidades da zona industrial existente e do novo pólo industrial de Campos. Por outro lado, a sul, a rede hidrográfica é densa, naturalmente resultante da abruptuosidade das encostas e da constituição dos solos (maioritariamente complexos xisto-grauváquicos e séries metamórficas derivadas). Esta rede, integrada na bacia hidrográfica do rio Coura, é constituída por cursos de água que têm origem no conjunto de montes que define o vale de Covas e que delimitam o vale profundo por onde corre encaixado o rio Coura.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Trata-se de cursos de água com a direcção norte-sul, provenientes de linhas de fecho de altitude considerável, alimentando o rio Coura, e cujas cabeceiras devem ser preservadas.

Citar-se-ão o regueiro das Amoladuras, o regueiro da Buraca do Pedro, a ribeira de Real, o regueiro do Nascente, o regueiro do Couto e a ribeira de Mós.

Como cursos de água de 1º ordem, há a referir o rio Minho, delimitando a norte e a poente o território concelhio, e o seu afluente o rio Coura, percorrendo a parte sul do Concelho, cursos estes de salmonídeos. Para além destes dois cursos de água de maior significado, a rede hidrográfica apresenta características distintas entre os sectores norte e sul do território.

No primeiro caso, assistimos à presença de uma rede não muito densa, resultante das características menos vigorosas do relevo, integrada na bacia hidrográfica do rio Minho.



Destacam-se, no entanto, deste conjunto, as ribeiras de Chaqueu, de Campos e o rego do Fulão, cursos de água com maior extensão na zona e que alimentam os solos agrícolas da orla ribeirinha.

No segundo caso (sector sul do concelho), a rede apresenta-se muito densa e apoiada, facto que resulta principalmente da elevada declividade dos solos (Serras de Góis, de Arga e do Lousado).



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Os cursos de água aqui localizados encontram-se inseridos na bacia hidrográfica do rio Coura, de que destacaremos os regueiros das Amoladouras, do Buraco do Pedro, do Couto e da Água, as ribeiras de Real, de S. João, de Mós e o regado do Nascente.

Em síntese, poderemos considerar que o Concelho de Vila Nova de Cerveira apresenta uma grande abundância de cursos de água, em especial no seu sector sul, devendo-se tal às características morfológicas existentes, à importância das chuvas como forte componente do clima local e à boa permeabilidade de parte dos seus solos, em especial os situados na orla ribeirinha (aluviões, depósitos de praias, formações dunares) e, em menor grau, nas zonas de constituição granítica, criando deste modo uma grande disponibilidade no que toca a captações de água.

O rio Coura, com cheias de Inverno e Primavera, tem o seu regime modificado a três quilómetros a jusante de Covas, pela existência de uma pequena represa hidroeléctrica da EN, em que parte das águas são desviadas por uma conduta até à Central Eléctrica de France, situada a 5 km mais a jusante, após o que são devolvidas ao rio. O leito do rio entre essas duas zonas é assim bastante reduzido, principalmente no Verão.

Da análise efectuada à Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, Folha 1 – C, da autoria de Carlos Teixeira, 1961, retirámos as seguintes conclusões relativas à geomorfologia:

Quer o Minho, quer o Lima, são rios cujo leito, na parte respeitante à região de que se trata, atingiu o perfil de equilíbrio. O mesmo se dá com a parte terminal do Âncora e do Coura.

O vale do Minho, na zona abrangida pelo mapa, é amplo e largo, embora com estreitamentos, como os de Caminha, Lanhelas e Cerveira, e largas enseadas ou alvéolos, como o de São Pedro da Torre, originados por erosão diferencial.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

O Coura, pelo contrário, a partir de Argela e Vilar de Mouros corre em vale estreito e encaixado, com relevos importantes de um e outro lado. É sobretudo, na zona xistenta que o vale é mais apertado².

Na síntese do relatório do PDM em vigor, refere-se: que o território concelhio é caracterizado, por um lado, por uma estreita faixa de terreno de muito baixas pendentes a poente, a qual corre ao longo do Rio Minho e se vai alargando a norte até às ribeiras de Chaqueu e de Campos, onde o solo apresenta características propícias à actividade agrícola, onde predominam os aluviões, e dispondo de boas condições de acessibilidade.

Por outro lado, por uma zona central montanhosa, marcada por diversas acentuações paisagísticas, de que se destacam a Salgosa (566 m), o Alto da Pena (635 m) e a Bouça do Vinagre (571 m), e que se prolonga para sul, até à Serra de Arga, apenas interrompida pelo vale do rio Coura, tornando difícil a acessibilidade ao interior, mas apresentando um considerável valor paisagístico que convém ser preservado e aproveitado pelas suas características naturais e potencialidades turísticas.

² Carlos Teixeira, "Notícia ...p. 9.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Características Climáticas

O clima concelhio é marcado pelo vale do rio Minho e pelo sistema montanhoso norte-sul. A presença do rio Minho reduz as amplitudes térmicas na faixa ribeirinha, proporcionando a existência de temperaturas do ar mais amenas. A temperatura média anual é superior a 12, 5° C.

Em Janeiro varia entre 7, 5 ° C – na zona interior – e os 10 ° C – na faixa ribeirinha – enquanto em Julho é de 20° C aproximadamente em todo o território concelhio.

À medida que caminhamos para as zonas altas a temperatura tende a descer (a partir da cota de 550 metros) e a pluviosidade tem um acréscimo substancial.

De facto, a pluviosidade média anual varia entre os 1400 – 1600 mm na faixa ribeirinha até aos 1800 mm no interior sul, mais concretamente na Serra de Arga, integrando-se o Concelho numa das áreas mais húmidas do noroeste português.

Esta precipitação encontra-se distribuída por mais de 150 dias, repartida de Setembro a Junho. Em Janeiro, a pluviosidade média ultrapassa os 200 mm, reduzindo em Julho para pouco mais de 25 mm.

Relativamente à insolação, esta varia entre 2.400 a 2.500 horas de sol por ano, atingindo o valor mais alto em Julho, com cerca de 300 horas. Em consequência da proximidade do oceano, o grau de humidade relativa é elevado, com valores superiores aos 80 %.

De facto, os valores de humidade, nos meses de Verão, variam entre os 74 e os 81 %, pelo que não poderemos dizer que esta zona apresenta um Verão seco, mesmo naquele que é o mês mais seco, o de Julho.

Trata-se, pois, de uma região húmida, de chuvas abundantes (em principal no interior), céu de nebulosidade média, Outono curto e Verão com temperaturas amenas (em especial na faixa ribeirinha). Por outro lado, diremos que as características climáticas condicionam, além da morfologia, o povoamento e a ocupação urbana.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Desde logo se verifica ser a orla ribeirinha a que apresenta condições climáticas mais favoráveis à atracção e fixação das populações.

Características Geológicas

Do ponto de visto geológico, o Concelho de Vila Nova de Cerveira apresenta três situações distintas. Por um lado, assistimos à presença de um grande número de aluviões em toda a orla ribeirinha. Esta zona de aluviões, à medida que avançamos para norte do Concelho sempre ao longo do rio Minho, vai-se cruzando com áreas de plistocénico, testemunhando a existência de depósitos de praias antigas. É igualmente nesta área que se observam extensas manchas de solos que integram a Reserva Agrícola Nacional.

Por um lado, há a destacar a existência de algumas importantes áreas constituídas por rochas eruptivas. Estas áreas assumem especial importância na parte poente do Concelho, desde a Serra da Gávea até à freguesia de Sopo, correspondendo frequentemente a solos de grande declividade e elevado risco de erosão.

Outra importante mancha de rochas eruptivas localiza-se na freguesia de Covas, abrangendo o vale existente e as encostas norte e sul. O alvéolo de Covas está em relação com a constituição granítica da região. Logo depois, o rio entra de novo na faixa xistenta, entre Covas e São Martinha de Coura, e o vale torna-se ainda mais estreito³.

Assistimos ainda à presença de outras áreas dispersas pelo Concelho, como é o caso da freguesia de Cornes, dos montes de Vieira e Castro, e de um corredor com a direcção noroeste-sudeste, separando o sistema montanhoso central e o interior do Concelho.

Finalmente, o resto do território concelhio (a área mais significativa) é constituído por um complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico e séries metamórficas derivadas, sendo de um modo geral clara a distinção entre cada uma das zonas geológicas existentes.

³ Carlos Teixeira – “Notícia ...p. 10



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

O Concelho de Vila Nova de Cerveira dispõe de um número considerável de concessões mineiras cuja importância, foi, em tempos, considerável, mas que se encontram com suspensão não autorizada de exploração, de acordo com a informação fornecida pelo Instituto Geológico e Mineiro.

Todas estas concessões se situam na parte sul do Concelho, na freguesia de Covas, e correspondem a depósitos minerais de estanho e volfrâmio. Esta vasta área, com cerca de 750 ha, encontra-se implantada na sua quase totalidade na serra de Arga, imediatamente a sul do rio Coura, e integra, em parte, o Couto mineiro 58 de Valadarcas.

Trata-se, por outro lado, de uma zona caracterizada, ao nível geológico, pela existência de um complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico e séries metamórficas derivadas.

Ao nível das pedreiras licenciadas, existe uma pedreira de granito na freguesia de Reboreda/Gávea, sendo a entidade licenciadora a Câmara Municipal. Encontrando-se, no entanto inactiva. Existe ainda licenciada uma concessão de exploração de inertes em Outeiro/Campos e uma pedreira de extracção de godó, em Campos, activa.

De acordo com os elementos analisados *na Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, Folha 1 – C*, da autoria de Carlos Teixeira, elaborámos a seguinte sistematização sobre o Concelho de Vila Nova de Cerveira:

O relevo é, essencialmente devido às diferenças de constituição geológica do terreno. São as zonas graníticas que, no geral, constituem as maiores elevações. A Serra de Arga, de que apenas a parte norte fica dentro da área do mapa, é um grande maciço, de granito de grão grosseiro, que se eleva abruptamente dos terrenos xistentos que o rodeiam e se destaca e reconhece, de muito longe, pela forma.

No limite poente do Concelho de Vila Nova de Cerveira, destaca-se, rodeado pelas povoações de Lanhelas, Gondarém e Vila de Mouros, o monte de Góis, ilhota granítica



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

de vertentes igualmente íngremes. Do cimo deste monte, cuja altitude é apenas de 344 m, domina-se um dos mais belos panoramas da região⁴.

Importante relevo granítico, disposto em arco de círculo, rodeia a região de Vila Nova de Cerveira. O ponto culminante encontra-se no Alto da Pena (v.g. São Paio – 638 m de altitude), sobranceiro ao Convento de Sampaio.

A Serra da Gávea é a continuação daquele relevo, que se alonga quase até o rio Minho, formando o espigão que delimita pelo ocidente a larga enseada de São Pedro da Torre. Para sul e sudeste a cintura granítica do Alto da Pena prolonga-se até Sopo.

Separados do Alto da Pena por estreita faixa de xistos metamórficos, existem os cimos graníticos da Costa da Castanheira, que constituem a orla da mancha granítica de Covas. À diferença litológica entre o granito da orla citada – granito de grão grosseiro – e o da região de Covas – granito de grão médio a fino – se deve a formação do alvéolo ali existente.

Na zona xistenta situada entre os afloramentos graníticos antes citados há alguns relevos que merecem referência, como sejam o espigão dos Penedos das Casinhas (390 m de altitude), situado entre Sopo e o rio Coura, os Penedos da Castanheira (550 m de altitude), sobranceiros a Covas, etc.

Uma série de pequenos relevos, de natureza xistenta, orientados na direcção NW-SE e dispostos na continuação uns dos outros, divide o território do mapa de Caminha em dois domínios, o que acabamos de descrever e o que se situa para oriente das referidas elevações. Estas são constituídas pelas serras do Formigoso (516 m de altitude), de Santa Cristina (336 m de altitude), do Lousado (325 m de altitude), de Covas (333 m de altitude) e da Salgosa (557 m de altitude).

Como se disse, o modelado da região é resultante da acção da erosão normal. Os relevos foram originados por erosão diferencial, sendo o granito de grão grosseiro e o

⁴ Carlos Teixeira, "Notícia ...p. 10.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

granito porfiróide as rochas mais resistentes. O granito de grão fino parece alterar-se mais rapidamente e facilitar, assim, a erosão. Forma, no geral, zonas baixas, ou, depressões, como a de Covas.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

2.2- Recursos e Valores Naturais

Áreas de Valor Paisagístico, Natural e Ambiental

O concelho de Vila Nova de Cerveira, dadas as suas características geomorfológicas, de ocupação agrícola e florestal, ocorrências naturais de flora e fauna e ainda da rede hidrográfica, é dotado de valores ecológicos e naturais significativos, não podendo ser descurados no exercício do planeamento municipal efectuado através dos instrumentos de ordenamento do território, nomeadamente do Plano Director Municipal.

Efectivamente, do ponto de vista paisagístico, esta parte do Minho é das mais belas, desfrutando-se quer ao longo das margens dos rios Minho e Coura, quer dos pontos elevados, como do monte de Santo Antão, do monte de Góis, do Alto da Pena, da Serra d'Arga, etc., aspectos e horizontes magníficos⁵.



No que se refere ao rio Minho, já o relatório do PDM actualmente em vigor, destaca o seu valor, através do seguinte texto:

(...) “este apresenta potencialidades sobretudo ao nível do seu aproveitamento lúdico, para tal contribuindo o facto de se tratar de um rio navegável e se integrar num conjunto de grande beleza paisagística. Por dispor de um forte caudal e de uma extensa bacia hidrográfica, os problemas de poluição terão, teoricamente, tendência a ser menores.”⁶

⁵ Carlos Teixeira – “Carta Geológica de Portugal”. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. 1961, p.6.

⁶ Plano Director Municipal, 1995, Elementos Anexos, p. 96.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Refere ainda o relatório do PDM que, em termos de actividades piscatórias as águas do rio Minho são tradicionalmente ricas em enguias, lampreias, trutas e salmões.

“Finalmente, há a considerar o rio Coura. Rio praticamente despoluído, insere-se num conjunto de grande valor paisagístico, correndo frequentemente por um vale profundo no seu trajecto através do Concelho para desaguar a poente, em Caminha, na margem esquerda do rio Minho”⁷.

Relativamente aos seus recursos, o PDM refere-nos que apresenta condições propícias à actividade piscatória e piscícola. Entre as espécies de peixes que se encontram a montante da barragem conta-se a truta, o escalo, a boga, o barbo, a panjorca ou ruivaço e a enguia. A jusante de Vilar de Mouros encontra-se ainda a solha e a lampreia.

Para além das áreas referidas, o Concelho apresenta outras áreas de inegável interesse paisagístico merecedoras de uma acção especial de protecção e manutenção dos equilíbrios ecológico e ambiental. Assim, o PDM em vigor, inclui nesta situação a área montanhosa no centro do território concelhio, constituída pela Serra da Gávea e pela Bouça do Vinagre, e a Serra de Arga, no sector sul do Concelho.

No primeiro caso, trata-se de uma zona de grande valor paisagístico, funcionando como pano de fundo ao aglomerado urbano da Sede do concelho, e proporcionando panorâmicas ímpares sobre o rio Minho.



No caso da Serra de Arga, as potencialidades não se colocam apenas ao nível paisagístico. A existência de deficientes acessibilidades tem contribuído para um maior isolamento desta vasta áreas que se reparte igualmente pelo Concelho de Caminha, e



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

para a manutenção de algumas espécies animais, as quais têm feito da Serra de Arga palco de actividades de caça.

Rede Natura 2000 – Sítio de Importância Comunitária Rio Minho e Zona de Protecção Especial Estuários dos Rios Minho e Coura

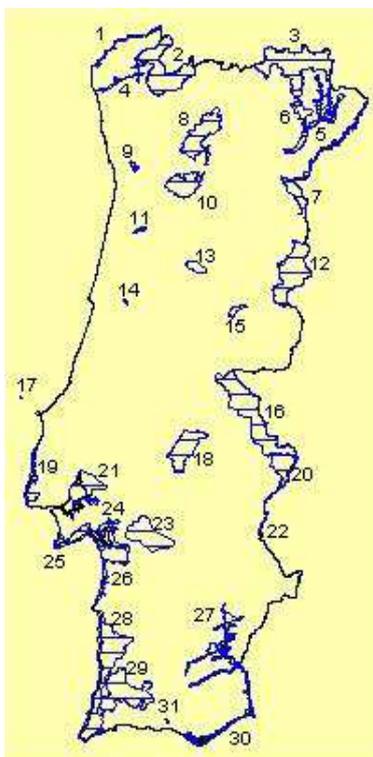
A *Rede Natura 2000*, decorrente da transposição da Directiva “Aves” (Directivas 79/409/CEE, de 2 de Abril e 81/411/CEE, de 25 de Julho) e da Directiva “Habitats” (Directiva 92/43/CEE, de 21 de Maio), publicadas no quadro do direito jurídico nacional pelo Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, tem por objectivo primordial o estabelecimento de uma rede ecológica europeia coerente de zonas especiais de conservação.

A informação de caracterização sobre este importante ecossistema foi recolhida em diversos sites da internet, destacamos pela sua importância e contributo os seguintes endereços:

- <http://portal.icnb.pt/ICNPortal/vPT2007/Homepage.htm>
- www.maretec.mohid.com/Estuarios/MenuEstuario.

⁷ Plano Director Municipal, 1995, Elementos Anexos, p. 97.

Lista de Sítios Nacionais incluídos na 1ª Fase da Rede Natura



Fonte: WWW.icn.pt/sipnat/sipnat1.html

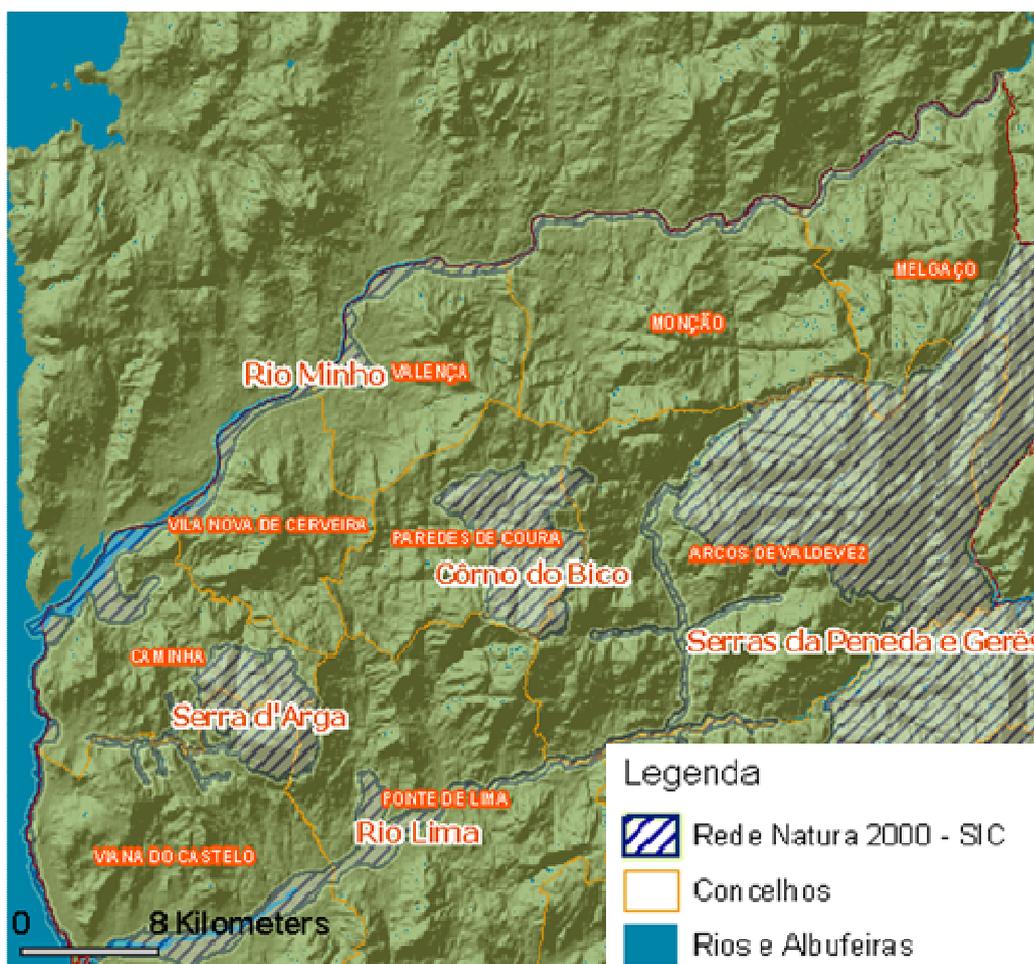
A 1ª Fase – Lista de Sítios da Lista Nacional (Directiva Habitats) – incluía o Rio Minho (Código PTCO0019), com coordenadas do ponto central - Longitude W 8° 39' 11" e Latitude N 42° 0' 27" – numa área de 4554 ha com a altitude mínima de 0 m; máxima de 100 m; média de 10 m, na Região Biogeográfica Atlântica.



Consiste numa faixa adjacente ao rio Minho, desde Valença até Caminha, assumindo “ grande valor para a invernada de espécies de aves aquáticas e para a nidificação de espécies vulneráveis do anexo I da Directiva Aves, por exemplo felosa-unicolor

(*locustella luscinioides*) e um dos poucos locais de nidificação confirmada, no Continente Português, do tordo-músico (*turdus philomelos*)”.

Área “Rio Minho” – Sítio da 1ª Fase da Lista Nacional



Fonte: ICNB - www.icnb.pt/sipnat/

A informação disponibilizada pelo Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade⁸ descreve o local da seguinte forma:

*É um dos rios menos intervencionados em Portugal no que diz respeito a grandes empreendimentos hidráulicos. Apresenta uma vegetação ripícola dominada por *Alnus glutinosa* e *Salix spp.*, um conjunto de zonas húmidas com vegetação arbórea densa e*



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

um extenso complexo sapal-juncal junto à foz do rio Coura, estando todas estas formações relativamente bem conservadas.

*(...) Importante rio para a conservação de espécies piscícolas migradoras. A bacia hidrográfica deste rio é uma das duas no país onde a população de salmão (*Salmo salar*) ainda é viável. Importante para algumas espécies de mamíferos e aves associados ao meio aquático. Apesar de não haver confirmação da ocorrência de toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), a sua presença em vários afluentes importantes do Rio Minho, em áreas limítrofes, indicia a elevada importância deste sítio como habitat e corredor ecológico para esta espécie. Importantes manchas de vegetação ribeirinha (matas ripícolas, caniçais, juncais), que albergam uma avifauna muito diversificada.*

No que se refere à vulnerabilidade do local, apontam-se algumas situações e actividades humanas geradoras de impactes negativos no local, tais como: (...) *Variações do caudal, pelas descargas das barragens a montante; exploração desordenada dos recursos piscícolas e cinegéticos; extracção de inertes; poluição doméstica e agrícola; construção de barragens; presença de espécies da flora infestantes, nomeadamente mimosas, nos corredores ripícolas; intensificação de práticas agrícolas.*

As classes de habitats identificadas são as seguintes:

- Florestas caducifólias, Outras terras (incluindo Zonas urbanizadas e industriais, Estradas, Lixeiras, Minas), Outras terras aráveis, Rios sujeitos a marés, Estuários, Lodaçais, Bancos de Areia, Lagunas (salinas incluídas), Sapais, Prados salgados, Estepes salgadas, Turfeiras, Pauis, Vegetação ribeirinha, Pântanos e Águas não costeiras (Águas paradas, Águas correntes).

⁸ Informação disponibilizada em <http://portal.icnb.pt/ICNPportal/vPT2007/Homepage.htm>



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Habitats naturais e semi-naturais constantes do anexo B-I do Decreto lei nº 49/2005

Código	Designação
1130	Estuários
1310	Vegetação pioneira de Salicornia e outras espécies anuais das zonas lodosas e arenosas
1320	Prados de Spartina (<i>Spartinion maritimae</i>)
1330	Prados salgados atlânticos(<i>Glauco-Puccinellietalia maritimae</i>)
1420	Matos halófilos mediterrâneos e termoatlânticos (<i>Sarcocornetea fruticosi</i>)
3270	Cursos de água de margens vasosas com vegetação da <i>Chenopodietum rubri p.p.</i> e da <i>Bidention p.p.</i>
6160	Prados oro-ibéricos de <i>Festuga indigesta</i>
91E0	Florestas aluviais de <i>Alnus glutinosa</i> e <i>Fraxinus excelsior</i> (<i>Alno-Padion</i>, <i>Alnion incanae</i>, <i>Salicion albae</i>)
9230	Carvalhais galaico-portugueses de <i>Quercus robur</i> e <i>Quercus pyrenaica</i>

A negrito: habitats prioritários

Fonte: Fichas ICNB

Espécies da Fauna constantes do anexo B-II do Decreto Lei nº 49/2005 de 24/02

Código Espécie	Espécie	Anexos
1065	<i>Euphydryas aurinia</i>	II
1041	<i>Oxygastra curtusii</i>	II, IV
1102	<i>Alosa alosa</i>	II
1103	<i>Alosa fallax</i>	II
1116	<i>Chondrostoma polylepis</i>	II
1095	<i>Petromyzon marinus</i>	II
1127	<i>Rutilus arcasii</i>	II
1106	<i>Samo salar</i>	II
1172	<i>Chioglossa lusitanica</i>	II, IV
1221	<i>Mauremys leprosa</i>	II, IV
1259	<i>Lacerda schreiberi</i>	II, IV
1352	<i>Canis lupus</i>	II, IV
1301	<i>Galemys pyrenaicus</i>	II, IV
1355	<i>Lutra lutra</i>	II, IV

A negrito: espécies prioritárias

Fonte: Fichas ICNB



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Outras espécies dos Anexo B-IV e B-V do Decreto Lei nº 49/2005 de 24/02

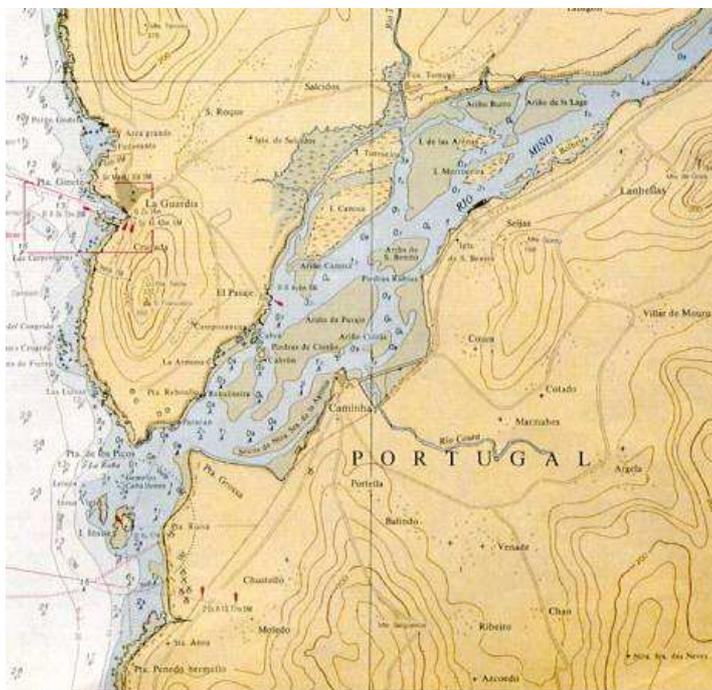
	Espécie	Anexos
Fauna	<i>Alytes obstetricians</i>	IV

Fonte: Fichas ICNB

Descrição do estuário⁹

O rio Minho nasce em Espanha na serra de Meira, e desagua entre Caminha e A Guarda, após um percurso de 300 km. Nos últimos 70 km delimita a fronteira entre Portugal e Espanha. O estuário do rio Minho constitui uma zona húmida de grande valor ecológico. Desde 1986 é reserva de caça e foi listada na convenção de RAMSAR (1971) para a conservação de zonas húmidas. Uma área total de 3,4 km², que compreende o estuário do rio Minho e a embocadura do rio Coura está incluída na lista de locais portugueses na Rede Natura 2000. A faixa litoral que se estende para sul da foz (litoral de Moledo) corresponde a um espaço classificado como área de interesse para a conservação da natureza pelo projecto Biótopos/Corine (Costa Verde) e que tem sido igualmente proposto na lista nacional de sítios da Rede Natura 2000 (Costa de Viana) (INAG, 2000).

⁹ Informação recolhida integralmente em http://www.maretec.mohid.com/Estuarios/MenusEstuarios/Descri%C3%A7%C3%A3o/descricao_Minho.htm
Definição do Limite de Jusante dos Estuários Portugueses – IST; INAG



Estuário do Rio Minho, na fronteira entre Portugal e Espanha. As coordenadas do ponto central são: Longitude W 8° 46' 26" Latitude N 41° 55' 8".

Fonte: www.maretec.mohid.com (IST e INAG)

Morfologia

O limite médio de penetração da maré situa-se aos 35 km, a montante de Valença do Minho (Vilas & Somoza, 1984). O estuário alarga nos últimos 15 km e volta estreitar na embocadura pela presença do monte Santa Tecla e pelo desenvolvimento de um banco de sedimentos. Na zona mais larga (cerca de 2 km), tem lugar uma dinâmica complexa resultado da interacção de processos fluviais e marinhos. Nesta zona, a maior parte do escoamento concentra-se num canal principal sinuoso, limitado por bancos de areia de diferentes origens. Na embocadura do estuário, as ilhas Ínsua Nova e Ínsua Velha delimitam dois canais (norte e sul), que determinam a forma do escoamento. As profundidades máximas localizam-se na embocadura, onde o canal tem uma profundidade de 4 m abaixo do zero hidrográfico. Grande parte dos sapais e bancos de areia só são inundados nas preias-mares das marés vivas.

Os bancos de areia estão em contínua evolução. A construção de barragens a montante desde os anos 60 limitou as pontas de cheia e incrementou a sedimentação no estuário.



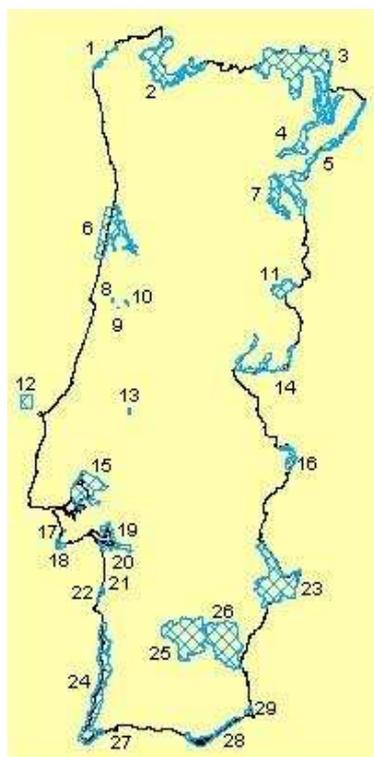
Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Após o estabelecimento duma linha de ferry entre as localidades de Caminha e O Pasaxe em 1994, realizam-se dragagens periódicas para permitir o tráfego, o que tem alterado a dinâmica sedimentar (Torres et al., 1997 e 2000).

Nas margens do estuário estão localizadas importantes manchas de vegetação (matas ripícolas, caniçais, juncais), que albergam uma avifauna muito diversificada. Na embocadura do rio Tamuxe, existem caniçais e barras de lama vegetadas (denominadas 'morras' na zona). As três maiores estão sujeitas a erosão, e as menores formaram-se recentemente (a partir de 1959) depois da construção de barragens a montante (Vilas & Somoza (1984)). Ao sul do estuário, na desembocadura do rio Coura, tem-se desenvolvido uma extensa zona de sapais.

Na actual fase de desenvolvimento do processo, cada Estado-membro identificou, com base nos critérios de habitats, a fauna e a flora determinados pela Comunidade, ou seja, um conjunto de sítios a integrar nas Listas Nacionais. O sítio PTZPE0001 – Estuários dos Rios Minho e Coura, foi classificado por Decreto Lei nº 384-B/99 de 23 de Setembro de 1999, e incluído assim na 2ª Fase da Lista de Portugal.

Os Estuários dos Rios Minho e Coura identificados na 2ª Fase – Zonas de Protecção Especial – Directiva Aves, Continente, tem como coordenadas do ponto central a Longitude W 8° 46' 26" e Latitude N 41° 55' 8" n uma área de 3392.92 ha, altitude mínima de -15 m, máxima de 48 m e média de 10 m, na Região Biogeográfica Atlântica, apresentando uma área de 3.393 ha (3 081 ha de área terrestre e 312 ha de área marinha).



Fonte: www.icn.pt/sipnat/sipnat1.html



Apresenta uma relação directa com o Sítio Rio Minho, sendo coincidente em parte dos seus limites, a partir de Valença até à foz do rio Minho, e na ocorrência de espécies de fauna e flora

Segundo a ficha elaborada pelo ICNB, “esta área alberga uma avifauna muito diversificada, com destaque para as aves aquáticas invernantes, que ocorrem em maior concentração entre os finais de Outubro e os princípios de Março. De notar a ocorrência de Águia-sapeira *Circus aeruginosus*, do Garçote *Ixobrychus minutus*, da Garça-vermelha *Ardea purpurea* e da Negrinha *Aythya fuligula*. Destaca-se ainda a ocorrência de grandes bandos de pato-real *Anās platyrhynchos* e a nidificação da Galinha-de-água *Gallinula choropus*, do Galeirão *Fulica atra* e do Mergulhão-pequeno *Podiceps ruficollis*”.

“É também um local importante de passagem migratória para passeriformes, nomeadamente as áreas de caniçal na confluência dos rios e as manchas de floresta aluvial”.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

AVES DO ANEXO I (Directiva 79/409/CEE) e migradoras não incluídas no Anexo

Código	Espécie	Código	Espécie (continuação)
A004	<i>Tachybaptus ruficollis</i>	A212	<i>Cuculus canorus</i>
A017	<i>Phalacrocorax carbo</i>	A222	Asio flammeus
A022	<u>Ixobrychus minutus</u>	A224	Caprimulgus europaeus
A026	Egretta garzetta	A229	Alcedo atthis
A028	<i>Ardea cinerea</i>	A143	Calandrella brachydactyla
A029	<u>Ardea purpurea</u>	A246	Lullula arborea
A050	<i>Anas penelope</i>	A249	<i>Riparia riparia</i>
A052	<i>Anas crecca</i>	A251	<i>Hirundo rustica</i>
A053	<i>Anas platyrhynchos</i>	A256	<i>Anthus trivialis</i>
A061	<i>Aythya fuligula</i>	A257	<i>Anthus pratensis</i>
A069	<i>Mergus serrator</i>	A259	<i>Anthus spinoletta</i>
A081	<u>Circus aeruginosus</u>	A260	<i>Motacilla flava</i>
A094	Pandion haliaetus	A275	<i>Saxicola rubetra</i>
A099	<i>Falco subbuteo</i>	A285	<i>Turdus philomelos</i>
A113	<i>Coturnix coturnix</i>	A286	<i>Turdus iliacus</i>
A125	<i>Fulica atra</i>	A290	<i>Locustella naevia</i>
A130	<i>Haematopus ostralegus</i>	A292	<i>Locustella luscinioides</i>
A132	Recurvirostra avosetta	A295	<i>Acrocephalus schoenobaenus</i>
A136	<i>Charadrius dubius</i>	A297	<i>Acrocephalus scirpaceus</i>
A137	<i>Charadrius hiaticula</i>	A298	<i>Acrocephalus arundinaceus</i>
A141	<i>Pluvialis squatarola</i>	A300	<i>Hippolais polyglotta</i>
A142	<i>Vanellus vanellus</i>	A309	<i>Sylvia communis</i>
A144	<i>Calidris alba</i>	A310	<i>Sylvia borin</i>
A149	<i>Calidris alpina</i>	A316	<i>Phylloscopus trochilus</i>
A153	<i>Gallinago gallinago</i>	A319	<i>Muscicapa striata</i>
A160	<i>Numenius arquata</i>	A322	<i>Ficedula hypoleuca</i>
A162	<i>Tringa totanus</i>	A337	<i>Oriolus oriolus</i>
A168	<i>Actitis hypoleucos</i>	A351	<i>Sturnus vulgaris</i>
A179	<i>Larus ridibundus</i>	A365	<i>Carduelis spinus</i>
A183	<i>Larus fuscus</i>	A373	<i>Coccothraustes coccothraustes</i>
A184	<i>Larus cachinnans</i>	A381	<i>Emberiza schoeniclus</i>
A191	Sterna sandvicensis	A466	Calidris alpina schinzii
A210	<i>Streptopelia turtur</i>		

A negrito: Aves do Anexo I da Directiva 79/409/CEE

Sublinhado: Aves alvo de orientações de gestão

Fonte: Fichas ICNB



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

- **Reserva Ecológica e Reserva Agrícola Nacional**

Outro aspecto significativo em termos de conservação da natureza, em particular da manutenção e salvaguarda das condições naturais que possibilitem assegurar o ciclo da água e a estrutura e características do solo, decorre das áreas afectas às condicionantes de uso do solo, em particular a Reserva Agrícola Nacional (RAN) e a Reserva Ecológica Nacional (REN).

No concelho de Vila Nova de Cerveira, a RAN é muito expressiva sobretudo nas áreas ribeirinhas, junto ao rio Minho, nas freguesias de Gondarém, Loivo, Lovelhe, Reboreda, Campos e Vila Meã. No que se refere às áreas interiores, as freguesias de Covas, Sopo, Menstrestido e Gondar são aquelas que têm áreas de maiores dimensões, constituindo as áreas existentes nas freguesias de Sapardos, Cornes, Nogueira e Candemil pequenas manchas com pouca expressão.

A REN de Vila Nova de Cerveira foi aprovada e publicada através da Resolução de Conselho de Ministros nº 53/96, de 24 de Abril. Relativamente à REN os ecossistemas que ocorrem no concelho são:

- (a) Áreas com Risco de Erosão;
- (a) Áreas de Máxima Infiltração;
- (b) Cabeceiras de Linhas de Água;
- (c) Escarpas;
- (d) Ínsuas; e
- (e) Albufeiras.

As áreas com risco de erosão ocorrem sobretudo nas freguesias de Gondarém, Covas, Sopo, Mentrestido, Sapardos, Vila Nova de Cerveira, Loivo e Candemil, constituindo por vezes manchas de dimensão considerável.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Por sua vez as áreas de máxima infiltração, localizadas em todas as freguesias ribeirinhas, constituem juntamente com as áreas com risco de erosão os ecossistemas de maiores dimensões existentes no concelho.

As cabeceiras de linhas de água, com pouca expressão em termos do número de áreas e de dimensões, localizam-se nas freguesias de Cornes, Gondarém e Covas.

No que refere às Escarpas, apenas acontecem nas freguesias de Covas e Mentrestido, nas margens do rio Coura, junto ao limite do concelho com Paredes de Coura.

As ínsuas existentes são a ilha dos Amores, a ilha da Boega e a ilha da Morraceira. A albufeira existente localiza-se no rio Coura, na freguesia de Covas.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

2.3 – Recursos florestais

Análise e Caracterização da Floresta

Os espaços florestais e as áreas de matos e incultos compõem grande parte da área de intervenção do plano (66 % da área total do concelho). Juntamente com as áreas agrícolas, com as quais muitas vezes se confundem, formam um cenário característico de que dependem diversas actividades económicas.

Tendo em conta que tais actividades dependem sempre directa ou indirectamente da boa gestão dos espaços florestais, uma vez que estes:

- fornecem materiais lenhosos,
- suportam a vida animal, nomeadamente a caça,
- proporcionam espaços de lazer e enriquecem a paisagem,
- e são fundamentais no equilíbrio ecológico, hidrológico e das áreas agrícolas,

o ordenamento dos espaços florestais no âmbito do PDM deverá considerar os objectivos gerais de desenvolvimento sustentável do concelho, nas suas mais variadas vertentes, mas não esquecendo que no caso da floresta desenvolvimento é sinónimo de "protecção".

Ao proteger a floresta e os meios naturais protege-se simultaneamente o meio de suporte do turismo e de outras actividades produtivas.

Inventário Florestal

O concelho de Vila Nova de Cerveira possui uma área florestal que ocupa cerca de 38,6 % (4.189 ha) do seu território e uma área de matos e incultos, muitos com aptidão florestal, que ocupam 27,5 % (2.986,5 ha) da área total do concelho.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Área florestal e área de incultos no Concelho de Vila Nova de Cerveira

ÁREA FLORESTAL					ÁREA DE INCULTOS	
(ha)					(ha)	
P. bravo	P. bravo e Eucalipto	P. bravo e Folhosas diversas	Eucalipto	Folhosas diversas	Total	
3334,2	319	289,3	132,6	113,9	4189	2986,5

O valor elevado de incultos deve-se, em grande parte, aos grandes incêndios florestais que ocorreram no período de 1995 - 1998.

Como se pode observar no quadro anterior a espécie que predomina no concelho é o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), que ocupa 3.334 ha (80% da área florestal concelhia), e que tem dominância também nos povoamentos mistos.

No sector das folhosas, o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) é a espécie dominante. Outras folhosas como o carvalho roble (*Quercus robur*), castanheiro (*Castanea sativa*), amieiro (*Alnus glutinosa*), freixo (*Fraxinus excelsior*) e o choupo (*Populus spp.*), apesar de pouco representativas, também aparecem principalmente em pequenas matas junto às áreas agrícolas ou nas margens dos rios e ribeiros.

Observa-se ainda, que grande parte das áreas ocupadas actualmente com eucaliptal eram áreas de pinhal ou de pinhal misto com eucaliptal que entretanto arderam e foram depois reflorestadas com eucaliptal. Além disso o carácter invasor do eucalipto e o seu maior valor faz com que, após o corte dos pinhais antigos, o eucalipto adquira posição dominante no povoamento (quer por causas naturais quer por intervenção cultural).

Uma parte da floresta está submetida a regime florestal (Perímetro Florestal de Serras de Vieira e Monte Crasto). Este perímetro, constituído na sua totalidade por terrenos baldios, ocupa uma área de 11.545 ha das áreas florestais dos concelhos de Viana do Castelo, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova Cerveira.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

A *Planta 5 - Povoamentos Florestais* e a determinação das áreas florestais e de incultos foram elaboradas com base na digitalização (área mínima 1 ha) das manchas florestais e de incultos sobre os ortofotomapas de 1998 e também foram efectuadas verificações no campo.

Programas de Apoio e Fomento à Floresta e à Indústria Florestal

A situação actual da floresta, é resultado, em grande parte, dos programas e incentivos financeiros de apoio e fomento, que ao longo dos anos têm sido adoptados.

Até ao início da década de 80, o fomento florestal em Portugal fez-se essencialmente no quadro de dois programas:

- o Plano de Povoamento Florestal (PPF) que decorreu entre 1939 e 1972;
- as acções de arborização e beneficiação levadas a cabo pelo Fundo de Fomento Florestal a partir de 1966.

Nos últimos 15 anos foram postos em prática vários sistemas de fomento florestal, destacando-se os seguintes:

- o Projecto Florestal Português (PFP/BM) financiado pelo Banco Mundial que decorreu de 1981 a 1988;
- o Programa de Acção Florestal (PAF) financiado pela CEE que decorreu de 1987 a 1994;
- o Regulamento (CEE) N^o 797/85, que decorreu entre 1991 e 1993, financiava acções de reconversão de culturas agrícolas em florestais;
- o Regulamento (CEE) n^o 2078/92, relativo a manutenção de terras florestais abandonadas, justificadas por motivos ecológicos, incluindo medidas agro-ambientais;
- o Regulamento (CEE) N^o 2080/92; que apoia a arborização de áreas agrícolas;
- o Programa de Apoio à Modernização Agrícola e Florestal (PAMAF), que decorreu entre 1995 e 2000.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

O PAMAF constituiu a intervenção operacional para o sector agrícola do Programa Operacional de Modernização do Tecido Económico, aprovado no âmbito do QCA-II, para o território de Portugal Continental.

Visou, fundamentalmente, o reforço da capacidade competitiva do sector agrícola, a viabilização económica das explorações agrícolas e a preservação dos recursos naturais e do ambiente, envolvendo um numeroso e heterogéneo conjunto de medidas. No sector florestal a medida na qual houve mais candidaturas foi na: PAMAF/Medida 3 - Florestas

Esta medida tinha como objectivos alargar e melhorar a área de floresta, através da florestação de novas áreas de aptidão silvícola, da melhoria dos povoamentos florestais existentes e da recuperação de áreas ardidas. Visava ainda a melhoria do sistema de recolha de dados da fileira florestal.

Na região Entre Douro e Minho foram aprovados, de Janeiro de 1994 a Dezembro de 1999, 722 projectos, correspondendo-lhes um investimento de 17.791,1 milhares de euros e 16.374,0 milhares de euros de subsídio. No concelho de Vila Nova de Cerveira foram aprovados 2 projectos, num total de investimento de 51.376 euros.(IFADAP, 2003).

Apresenta-se a seguir um mapa da Região Entre Douro e Minho com a distribuição do investimento total aprovado da medida, por concelho. Como podemos observar, o concelho de Vila Nova de Cerveira encontra-se entre os concelhos com menor valor de investimento aprovado nesta medida.



Investimento aprovado na Medida 3 - Florestas na região Entre Douro e Minho.

No âmbito do Regulamento (CEE) N.º 2080/92; que apoia a arborização de áreas agrícolas, foram aprovados 4 projectos, num total de investimento de 11.971 euros.

Análise das Áreas de Baldio

Tal como é referido no PDM em vigor, segundo o “Plano Centenário dos Baldios” de 1940 existem, no Concelho de Vila Nova de Cerveira, baldios com uma área total de 2.115,93 ha (dos quais 1.946 ha florestais) o que corresponde a 19,5 % da área total do concelho.

Parte deste baldio estão em co-gestão entre a assembleia de compartes e a Direcção Regional de Agricultura (baldios incluídos no Perímetro Florestal das Serras de Vieira e Monte Crasto) e os restantes são geridos pelo Concelho Directivo do Baldio ou pela Junta de Freguesia.

Segundo o quadro seguinte, a área de baldios com aptidão florestal representa 27,1 % da área florestal total do Concelho (incluindo área de incultos).

A maioria dos baldios situa-se nas zonas altas, repartindo-se pela zona limítrofe com o concelho de Caminha, a sul, e pela zona central do Concelho, escasseando na orla ribeirinha, onde predominam os solos agrícolas e os aglomerados urbanos (PDM, 1994).

Os baldios funcionam como uma pequena fonte de receita para as Juntas de Freguesia, que poderia ser mais importante se a gestão dessas áreas fosse mais cuidada. O aproveitamento de fundos comunitários para a florestação, reflorestação e beneficiação¹⁰ dos baldios com aptidão florestal seria uma mais-valia para as populações, para o equilíbrio ambiental e para o ordenamento paisagístico.

Número, área e aptidão dos baldios por freguesia

FREGUESIA	Baldios	Área dos baldios		
		Aptidão Agrícola	Aptidão Florestal	Total
	Nº	ha	ha	ha
Campos	5	92	36	128
Candemil	3	---	152	152
Cornes	2	1.5	123	124.5
Covas	1	---	550	550
Gondar	2	10	80	90
Gondarém	1	---	160	160
Loivo	1	---	60	60
Lovelhe	4	7.23	74	83.23
Mentrestido	1	---	200	200
Nogueira	4	---	9.5	10.3
Reboreda	5	8.4	96.5	104.9
Sapardos	2	---	200	200
Sopo	1	---	110	110
Vila Meã	1	50	---	50
Vila Nova de Cerveira	1	---	95	95
TOTAL	34	169.13	1946	2115.93

Fonte: PDM (1994)

¹⁰ - No caso dos baldios o subsídio para florestação, reflorestação e beneficiação de povoamentos florestais é de 100% a fundo perdido.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Caracterização das Situações de Potencial Risco de Incêndio

Análise Estatística dos Incêndios Florestais

No período de 1994 a 2001 arderam, no concelho de Vila Nova de Cerveira, 2916 ha de floresta e matos ou seja, 41% da área florestal (incluindo incultos) do concelho.

Ao nível das freguesias, como se pode verificar no quadro que se segue, as maiores áreas ardidas (valores acumulados no período em referência) registaram-se em Cornes, Covas, Loivo e Sopo (no ANEXO 1 apresentam-se as áreas ardidas/freguesia/ano).

Deve salientar-se que as freguesias de Sopo e Covas são das freguesias com maior área florestal e com acessos difíceis a essas áreas, o que dificulta o trabalho dos Bombeiros e favorece a propagação dos incêndios. Na freguesia de Loivo, o factor que maior influência tem no risco de ocorrência ou de ignição de um fogo florestal é o factor humano uma vez que a densidade populacional e viária são elevadas nesta área do concelho.

Nos anos de 1995 e 1998 este concelho foi sujeito a grandes incêndios florestais, tendo ardido 1575 ha em 1995 e 998 ha em 1998. A área ardida nestes dois anos representa 88% da área ardida total no período de 1994-2001. Nos restantes anos, comparativamente, a área ardida foi pouco significativa.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Áreas Ardidas¹¹ no período 1994/03, por freguesia

<i>Freguesia</i>	<i>Nº de Ocorrências</i>	<i>Área Ardida (ha)</i>
Campos	57	11
Candemil	20	31
Cornes	131	386
Covas	59	724
Gondar	14	25
Gondarém	45	46
Loivo	113	522
Lovelhe	27	2
Mentrestido	22	46
Nogueira	45	17
Reboreda	32	3
Sapardos	29	41
Sopo	79	1046
Vila Meã	17	14
Vila Nova de Cerveira	19	2
TOTAL	709	2916

(Fonte: DGF,2003)

Análise dos Níveis Actuais de Risco de Incêndio

A avaliação objectiva do risco de incêndio florestal é uma tarefa prioritária, tanto para uma orientação eficaz da prevenção dos fogos florestais, como para o ordenamento florestal, sobretudo no que concerne á elaboração de projectos florestais.

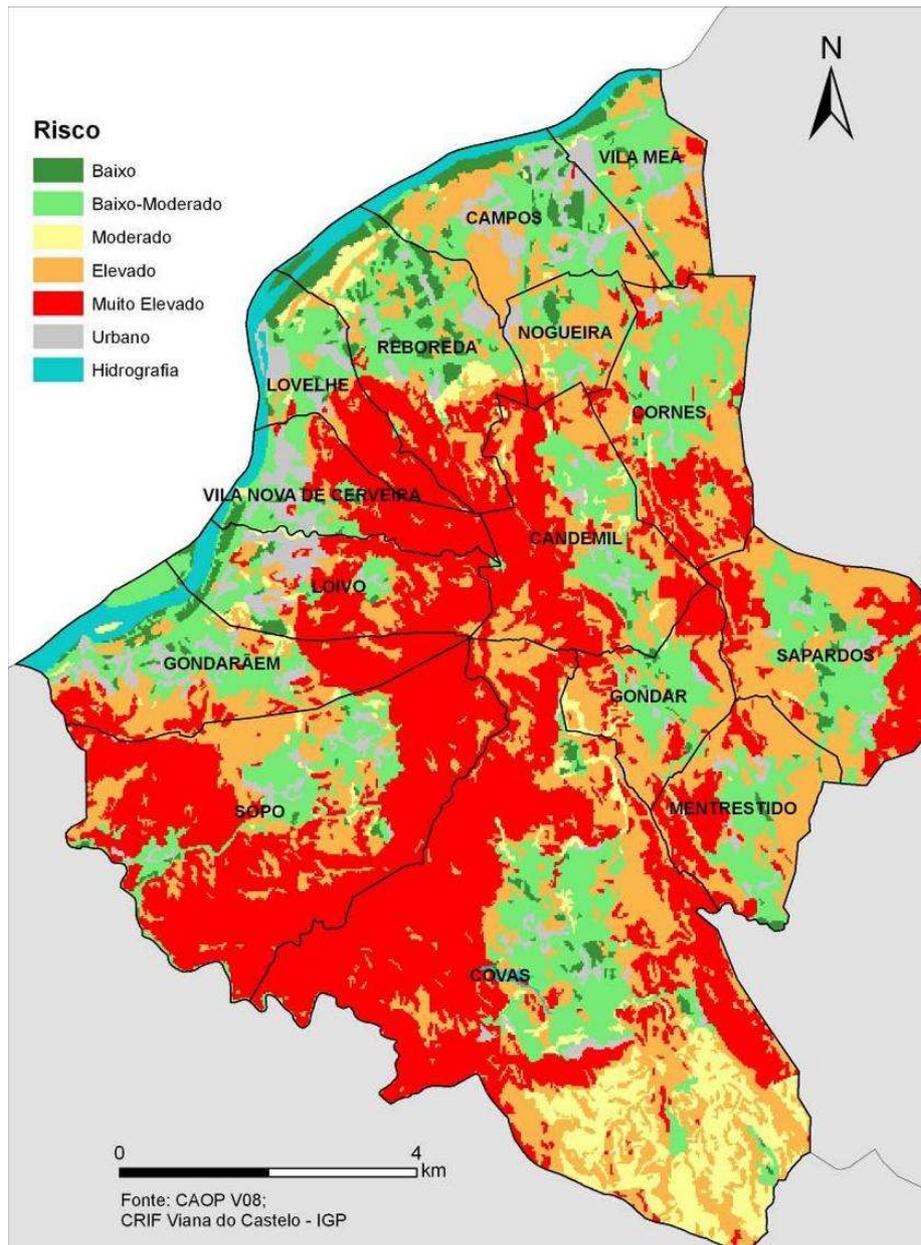
O Concelho de Vila Nova de Cerveira insere-se, de acordo com o zonamento da região Norte, segundo a sensibilidade a incêndios florestais, em zona sensível e, segundo LOURENÇO (1994), com um grau de risco de incêndio "extremamente alto".

A figura seguinte apresenta as classes de risco de incêndios florestais, por freguesia no concelho de Vila Nova de Cerveira (dados do IGP – 2007).

¹¹ Só se contabilizaram as áreas ardidas ≥ 1 ha.

Nessa figura é visível a predominância do risco elevado no centro do concelho que se estende para sudoeste do concelho nas freguesias de Covas e Sopo, bem como nas áreas de fronteira com Paredes de Coura nas freguesias de Covas e Sapardos.

Carta de Risco de Incêndio Florestal de Vila Nova de Cerveira (2007)





Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Estruturas e Meios de Prevenção, Detecção e Combate aos Fogos

Em Portugal a coordenação das acções de prevenção e detecção de fogos Florestais está a cargo da CNEFF - Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais, que foi criada em 23 de Abril de 1987. É um órgão de consulta e de apoio do Ministério da Administração Interna estando nela representadas as seguintes entidades:

- Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC);
- Serviço Nacional de Bombeiros (SNB);
- Direcção Geral das Florestas (DGF);
- Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade(ICNB);
- Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG);
- Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP).

A Direcção Geral de Florestas tem a seu cargo as principais estruturas de detecção e prevenção de fogos que, em 1996, constavam das seguintes componentes:

- Rede nacional de 232 postos de vigia, um deles no Concelho de Vila Nova de Cerveira, localizado na Pena, sito na freguesia de Covas.
- 12 Centros de Prevenção e Detecção de Incêndios Florestais (CPDIF) funcionando durante 24 horas durante a época de maior ocorrência de incêndios, mantendo em permanência um técnico responsável e dois ou três operadores, cuja função principal é de centralizar as informações dos postos de vigia de modo a determinar a localização correcta das ocorrências, transmitindo-a aos meios de combate (bombeiros, brigadas de vigilância e primeira intervenção, sapadores florestais, centros coordenadores de meios aéreos e outras entidades). Um destes centros encontra-se sediado no CCO (Centro Coordenador Oficial dos serviços dos bombeiros) de Viana do Castelo.
- 57 brigadas de vigilância e primeira intervenção constituídas cada uma por 5 homens que se deslocam numa viatura todo terreno equipada com a função de actuar



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

imediatamente após a deflagração de um incêndio, bem como vigiar e patrulhar a área florestal Os Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Cerveira não têm um grupo especial de primeira intervenção;

- Na época de incêndios existe uma brigada móvel motorizada constituída por dois homens e um Grupo de Primeira Intervenção (GPI) constituído por 5 elementos que utilizam 1 pronto socorro médio todo terreno.
- Brigadas de Investigação de Fogos Florestais (BIFF) constituídas por 4 elementos com formação específica para determinar as causas dos incêndios florestais e competência para elaborar e remeter “autos de notícia” para o Ministério Público e a Polícia Judiciária em caso de suspeita de fogo posto. No concelho de Vila Nova de Cerveira não actua nenhuma destas brigadas.

O combate aos incêndios florestais é da responsabilidade exclusiva dos bombeiros. Os Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Cerveira (BVPC) estão na Zona Operacional 16/11 do Distrito de Viana do Castelo e têm um efectivo de 75 homens e 2 mulher. Em permanência no quartel estão 8 homens e 2 mulheres. O n.º voluntários disponíveis é de 55 bombeiros. O quadro de especialistas tem 12 elementos entre médicos, enfermeiros, mergulhadores e motoristas .

Meios de Combate a Incêndios existente nos Bombeiros Voluntários de VN. de Cerveira

- 1 auto apoio pesado de 6000 litros (ano de fabrico 1979)
- 1 pronto-socorro médio todo terreno de 3300 litros (ano de fabrico 1980)
- 1 pronto-socorro médio de 3000 litros (ano de fabrico 1992)
- 1 pronto-socorro médio de 2500 litros – 25 litros de espuma (ano de fabrico 1999)
- 1 pronto-socorro médio de 1200 litros (ano de fabrico 1996)
- 1 pronto-socorro ligeiro de 800 litros (ano de fabrico 2000)
- 1 pronto-socorro ligeiro todo terreno de 500 litros (ano de fabrico 1988)
- 1 viatura Mercedes (ano de fabrico 1969)
- 1 viatura UMM (ano de fabrico 1989)
- 1 viatura Nissan (ano de fabrico 1998)

Fonte: Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Cerveira



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Em relação a infra-estruturas de apoio aéreo, o concelho pode usufruir de dois heliportos, um nos Arcos de Valdevez e outro em S. Pedro da Torre (Cerval).

PLANO REGIONAL DE ORDENAMENTO FLORESTAL DO ALTO-MINHO

O município de Vila nova de Cerveira, insere-se no Região PROF do Alto Minho. Neste contexto foram consideradas sub-regiões naturais correspondentes a grandes unidades de paisagem, que apresentam características fisiografias e de vegetação comuns. Assim a totalidade do território cerveirense insere-se na denominada sub-região Arga-Coura, predominante na Região PROF Alto Minho com uma área de 33%.

Foram consideradas as principais funções destas regiões homogéneas – Produção, Conservação de habitats, de espécies da fauna e flora e de geomonumentos; Protecção; Recreio, enquadramento e estética da paisagem e Silvopastorícia, caça e pesca nas águas interiores, apresentando cada uma maior ou menor capacidade de concretizar essas funções, pelo que se hierarquizou as funções mencionadas de acordo com a sua importância relativa. Para a sub-região Arga-Coura as 3 funções hierarquicamente organizadas, com maior capacidade de concretização são:

1ª Função – Protecção

2ª Função – Produção

3ª Função - Silvopastorícia, caça e pesca nas águas interiores.

A cada uma destas funções encontra-se associada um conjunto de objectivos específicos.

A **função de Protecção** visa proceder à recuperação do perfil do solo através de arborizações que induzam o restabelecimento da sua capacidade bioprodutiva e que protejam as encostas da Serra d'Arga de processos erosivos mais acentuados e garantir a integridade ecológica das águas interiores pelo melhoramento das cortinas ripárias existentes e envolventes à densa rede hidrográfica que acompanha esta sub-região.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

A **função de Produção** aponta para a utilização de espécies, designadamente os carvalhos e resinosas de montanha com bom potencial produtivo que permitam obter madeira de qualidade e outros produtos não lenhosos, a aplicação de técnicas silvícolas capazes de elevar o valor comercial do produto final e a condução da abundante regeneração natural de pinheiro bravo.

Por fim a **função de Silvopastorícia**, visa a promoção de práticas que conduzam ao melhoramento desta actividade, tais como: Beneficiação de pastagens por sementeira; Estabelecimento de pastagens permanentes; Incentivo à produção de raças com Denominação de Origem Protegida; Alargamento das pastagens a outras áreas susceptíveis desse emprego; Introdução de medidas de regularização dos efectivos equinos que abundam nesta sub-região. O fomento da **actividade cinegética** através de Monitorização do estado das populações cinegéticas; Aumento da fiscalização do acto cinegético; Acompanhamento dos planos de gestão; Implementação de um sistema de registo de dados; Implementação e beneficiação de infra-estruturas de suporte. A promoção da **actividade de pesca nas águas interiores** pela: Identificação e divulgação de troços com potencial; Implementação e beneficiação de infra-estruturas de suporte; Realização de estudos de monitorização das populações piscícolas; Criação de zonas de pesca desportiva

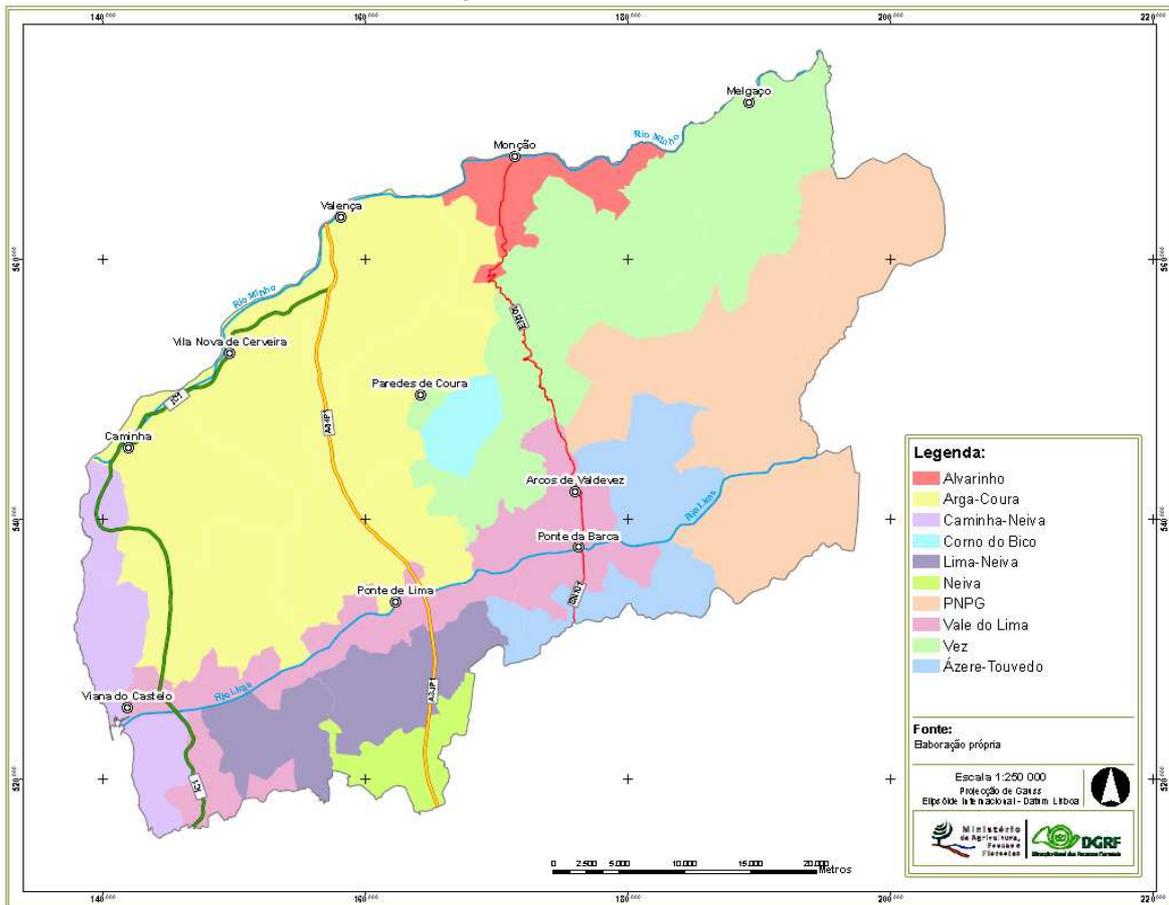
São ainda reconhecidos como objectivos específicos os seguintes programas regionais, aplicáveis a esta sub-região homogénea:

- a) Arborização e reabilitação de áreas florestais: Arborização de espaços florestais não arborizados; Restauração de ecossistemas degradados; Condução da regeneração natural de folhosas autóctones e adensamento da cortina riparia;
- b) Beneficiação de áreas florestais arborizada: Recuperação após fogo; Fogo controlado; Acessibilidade/Compartimentação; Controlo de invasoras lenhosas.
- c) Prevenção e vigilância de fogos florestais: Adensamento e realocação de infra-estruturas; Responsabilização/constituição de brigadas de sapadores florestais.

d) Actividades associadas: Actividades de natureza em espaço florestal; Regularização e beneficiação silvopastoril.

Sub-regiões homogéneas – PROF – Alto-Minho (2006)

Fonte: Direcção-Geral dos Recursos Florestais





Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

2.4 - Níveis de Qualidade Ambiental

No que se refere ao aspecto específico referido em epígrafe – *níveis de qualidade ambiental* – a equipa considera que, de acordo com as novas exigências nesta matéria, esta será uma área a desenvolver quer na fase de estudo prévio quer na proposta de plano. No entanto, nesta fase optámos por, conjuntamente com a Câmara Municipal, começar a reunir algumas sensibilidades e ideias. Consideramos que dada a existência da área incluída na *Rede Natura* no concelho que esta matéria deverá igualmente ser discutida com o Instituto da Conservação da Natureza (ICNB). Os aspectos a considerar serão os que estão ligados por um lado à protecção civil resultantes dos riscos naturais e tecnológicos referidos na Portaria nº 1033/95, de 25 de Agosto, nomeadamente a classificação dos Distritos na qual Viana do Castelo é considerado de médio risco.

Outro aspecto a considerar será a legislação referente à necessidade de elaboração da carta de zonas inundáveis (especializada na Planta de Ordenamento), Decreto-Lei nº 364/98, de 21 de Novembro e ainda o recentemente publicado, Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de Janeiro que pretende articular o Regulamento Geral do Ruído (RGR) com outros regimes jurídicos, designadamente o da urbanização e da edificação e o de autorização e licenciamento de actividades.

Os Mapas de Ruído de Vila Nova de Cerveira, para os indicadores **Lden** (período diurno, entardecer e nocturno) e **Ln** (período nocturno), podem ser visualizados, respectivamente, nas Planta 4.1 e 4.2 do Volume II. O Relatório¹² correspondente refere o facto “*dos resultados acústicos obtidos na simulação efectuada corresponderem a situações médias ocorridas num ano, pelo que a variação dos parâmetros que influenciam a propagação dos níveis de ruído (variações na intensidade e composição do tráfego, de tipos de pavimento e condições meteorológicas etc.) poderá fazer variar os níveis de ruído observados num dado intervalo de tempo particular em relação aos valores obtidos na simulação*”.

¹² Mapas e relatórios elaborados por dBLab, Laboratório de Acústica e Vibrações, Lda



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

“No entanto, tendo em conta que os níveis sonoros médios têm uma relação logarítmica com os volumes de tráfego (mantendo-se constantes todas as outras variáveis), seria necessário ocorrerem transformações muito significativas nestes volumes para que os níveis sonoros correspondentes sofressem variações significativas ao ouvido humano. (por exemplo, a duplicação nos volumes de tráfego significa um acréscimo de 3dB(A) nos níveis de ruído)”.

“As principais fontes de ruído, em termos de extensão da área sob a sua influência sonora, são o tráfego rodoviário gerado pelas principais rodovias do concelho, nomeadamente a EN 13, A3 e A28. É de salientar o efeito atenuador da morfologia do terreno na expansão do ruído, bastante visível ao longo de algumas rodovias”.

“Em termos de extensão em área sob sua influência sonora, a EN 13 origina uma faixa do indicador de ruído $L_{den} > 65$ dB(A) ascende aos 80 m para cada lado da via. No indicador L_n a faixa de ruído > 55 dB(A), ascende aos 125 m de cada lado, sendo a sua largura bastante variável devido à altimetria do terreno e ao efeito dos obstáculos”.

“Neste contexto refira-se ainda, que dada a predominante ocupação territorial ao longo das vias, verifica-se, de uma forma generalizada, um maior impacte sonoro nos receptores localizados ao longo das principais vias de tráfego rodoviário do Município. Porém, é o próprio edificado existente que serve de barreira à propagação de ruído, situação distinta da que existiria em campo livre, ao mesmo tempo que expõe a níveis mais elevados as populações residentes nos edifícios directamente expostos ao ruído das referidas vias”.

“Os casos mais evidentes desta situação são os centros urbanos, em que a área de extensão de uma fonte modelada é relativamente reduzida mas os níveis de ruído resultantes bastante elevados. Por isso, os centros urbanos, e mais especificamente na sede de concelho, representam os cenários acústicos mais significativos, devido aos níveis de ruído produzidos pelas suas vias de tráfego rodoviário”.

“Muito embora os níveis médios de ruído produzidos pela linha-férrea do Minho serem bastantes inferiores aos produzidos pelos grandes eixos viários considerados, esta fonte



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

ferroviária é ainda assim uma fonte ruidosa importante para a caracterização média do ambiente acústico do Município”.

“O ruído produzido pela generalidade das áreas industriais de Cerveira, não é significativo no cenário acústico simulado. Isto acontece, porque dentro das áreas industriais os níveis de ruído não foram calculados, pelo que a emissão de ruído dá-se dentro do perímetro da área industrial, mas só é visualizado fora desses limites (que muitas vezes é muito superior à fonte ruidosa), porque só aí existem limitações regulamentares na recepção de ruído”.

“O Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira é um mapa à escala municipal, e como tal comporta todas as fontes que têm interesse a essa escala. Ao analisar áreas distantes das fontes modeladas poderá não se estar a visualizar a realidade acústica existente, uma vez que estarão provavelmente sob influência de outras fontes de ruído locais, como por exemplo estradas ou caminhos municipais com pouco tráfego, as quais não têm relevância à escala municipal. Este tipo de fontes de ruído será de incluir em mapas de ruído de Planos de Pormenor e Planos de Urbanização que são efectuados a uma escala local e não concelhia¹³”.

Referimos ainda a necessidade de identificar as instalações susceptíveis de afectar a segurança de pessoas, nomeadamente a localização de indústrias de explosivos e pirotécnicas.



Aspecto também de extrema relevância para o concelho, no que se refere, nomeadamente, à qualidade da paisagem – tal como se vê na imagem - diz respeito à necessidade do Plano Director Municipal, na sua fase de proposta, identificar e propor áreas com características próprias para a deposição de resíduos do tipo “monstros

domésticos” que sirvam a população de todas as freguesias.

¹³ Página 25 do relatório: Mapa de Ruido do Concelho de Vila Nova de Cerveira, Relatório Final, Agosto de 2008, dBLab.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

3 - COMPONENTE POPULACIONAL



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

3 – COMPONENTE POPULACIONAL

3.1 - Dinâmica Demográfica

Evolução e distribuição da população

O volume de população residente no Minho-Lima cresceu ao longo da primeira metade do século XX, atingindo o valor máximo em 1950, com 280 mil habitantes. O concelho de Vila Nova de Cerveira acompanhou esta tendência tendo atingido, nesse mesmo ano, os 11.600 habitantes.

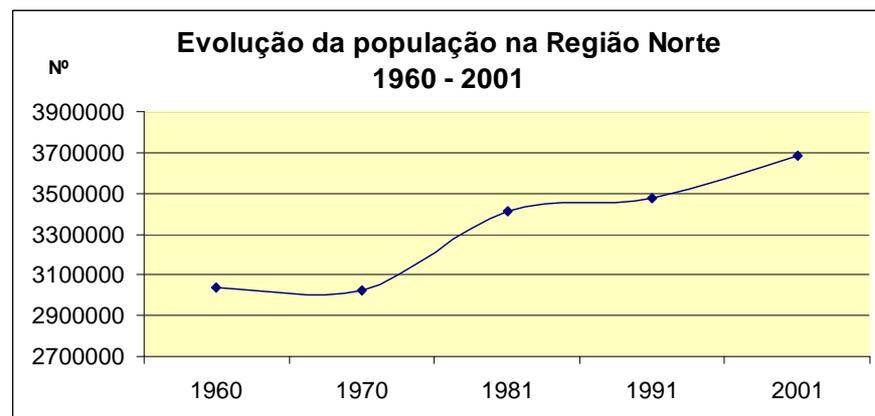
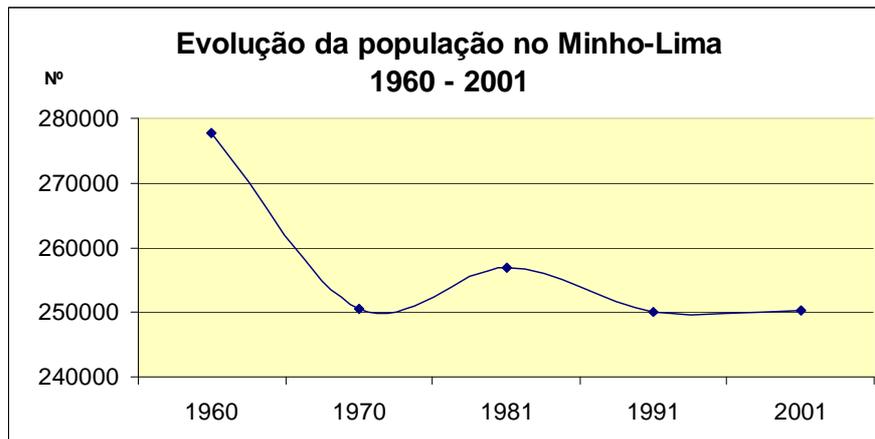
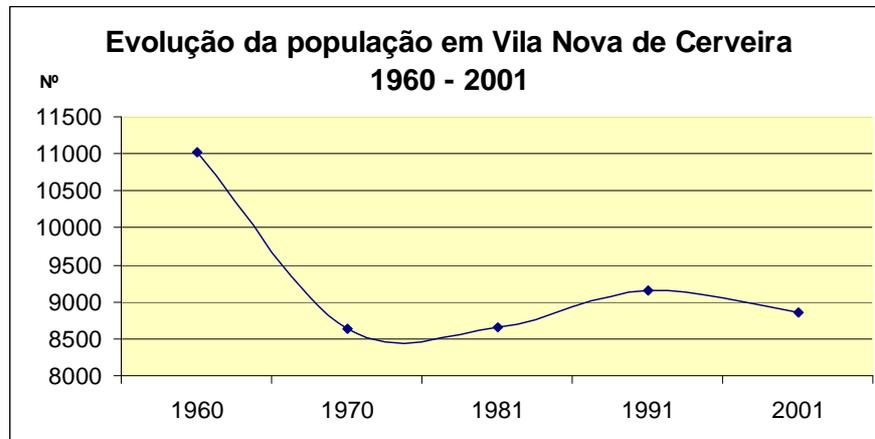
A partir de 1950 iniciou-se um processo de decréscimo populacional que se prolongou até a década de 70, devido sobretudo, aos fluxos migratórios. A partir dos anos 80, verifica-se uma diminuição desses fluxos, no entanto, os valores reflectem a diminuição da taxa de natalidade registada em todo o país.

Como se pode verificar nos quadros e gráficos abaixo, apesar das oscilações, Vila Nova de Cerveira tem vindo a perder população (-24,0 % desde 1950 e -3,2 % desde 1991). A sub-região do Minho-Lima encontra-se numa fase estacionária, apesar da sua população ter diminuído 11% desde 1950. Em contrapartida, a Região do Norte tem vindo progressivamente a aumentar o seu volume de população.

Evolução da População por décadas

Área Geográfica	1950	1960	1970	1981	1991	2001
Vila Nova de Cerveira	11.600	11.030	8.645	8.666	9.144	8.852
Minho Lima	280000	277748	250510	256814	250059	250275
Região do Norte	-	3040512	3019970	3410099	3472715	3687293

Fonte: INE, Vários Censos





VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Varição da População Residente por décadas

Área Geográfica	1960/1970		1970/1981		1981/1991		1991/2001	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Vila Nova de Cerveira	-2385	-21,6	21	0,2	478	5,5	-292	-3,2
Minho Lima	-27238	-9,8	6304	2,5	-6755	-2,6	216	0,1
Região Norte	-20542	-0,7	390129	12,9	62616	6,2	214578	6,2

No que se refere à evolução e distribuição da população por freguesias, a análise do PDM em vigor revela que, no período 1960/1981, apenas 2 freguesias registam aumento populacional, Loivo (contígua à sede de concelho) e Vila Meã (contígua ao concelho de Valença).

Já no período de 1981/1991, a dinâmica espacial tende a acentuar à separação entre a faixa litoral-norte do concelho, que recupera algum volume de população, e as freguesias da parte Sul em que se mantém um processo de acentuado despovoamento. Nesta década, 9 das 15 freguesias apresentam crescimento populacional, o qual é mais notório nas freguesias envolventes ao perímetro urbano da sede concelho (V. N. Cerveira, Loivo e Lovelhe) e as que se localizam próximo do concelho de Valença (Campos e Vila Meã). A sede do concelho apresenta um acréscimo de 5,5% de população.

De acordo com os Censos 2001, na década de noventa, verifica-se no concelho de Vila Nova de Cerveira, um decréscimo populacional na ordem dos 3%. De facto, 9 das 15 freguesias apresentam crescimento negativo, mantendo-se o processo de repulsão nas freguesias da parte sul do Concelho. Ao contrário da década anterior, Vila Nova de Cerveira (sede de concelho) e Lovelhe (contigua à sede), apresentam agora decréscimo populacional, nomeadamente de 17% e 5%. As freguesias da parte norte - Vila Meã, Campos, Reboreda e Nogueira apresentam aumentos populacionais superiores a 10% devido, provavelmente, à sua localização junto da EN 13 e da acessibilidade quer à sede do concelho de Vila Nova de Cerveira quer dos concelhos contíguos. Outro aspecto importante para o crescimento verificado será certamente a localização da zona industrial de Campos, nomeadamente do Pólo I e II.

A dimensão populacional média das freguesias diminuiu de 612 habitantes em 1991 para 590 em 2001. Acima desta média registam-se as freguesias de Covas, Gondarém, Loivo, Reboreda, Campos e Vila Nova de Cerveira, as duas últimas com mais de 1000 habitantes. As freguesias de Candemil, Gondar, Nogueira registam menos de 250 habitantes.

População Residente e Densidade Populacional em 1991 e 2001, por freguesias

Freguesia	População Residente			Densidade Populacional (hab./Km ²)	
	1991 (Nº)	2001 (Nº)	Variação (%)	1991	2001
Campos	1038	1248	20,2%	196,5	236,2
Candemil	267	246	-7,9%	36,7	33,8
Cornes	540	481	-10,9%	89,1	79,4
Covas	932	744	-20,2%	32,6	26,0
Gondar	170	154	-9,4%	46,8	42,4
Gondarém	988	991	0,3%	143,0	143,4
Loivo	771	859	11,4%	149,0	166,0
Lovelhe	463	440	-5,0%	138,4	131,5
Mentrestido	323	271	-16,1%	65,9	55,3
Nogueira	198	242	22,2%	86,2	105,4
Reboreda	596	678	13,8%	88,9	101,2
Sapardos	412	389	-5,6%	63,4	59,8
Sopo	680	576	-15,3%	45,9	38,9
Vila Meã	244	269	10,2%	70,0	77,2
V. Nova de Cerveira	1522	1264	-17,0%	430,9	357,8
Concelho	9144	8852	-3,2%	84,2	81,5

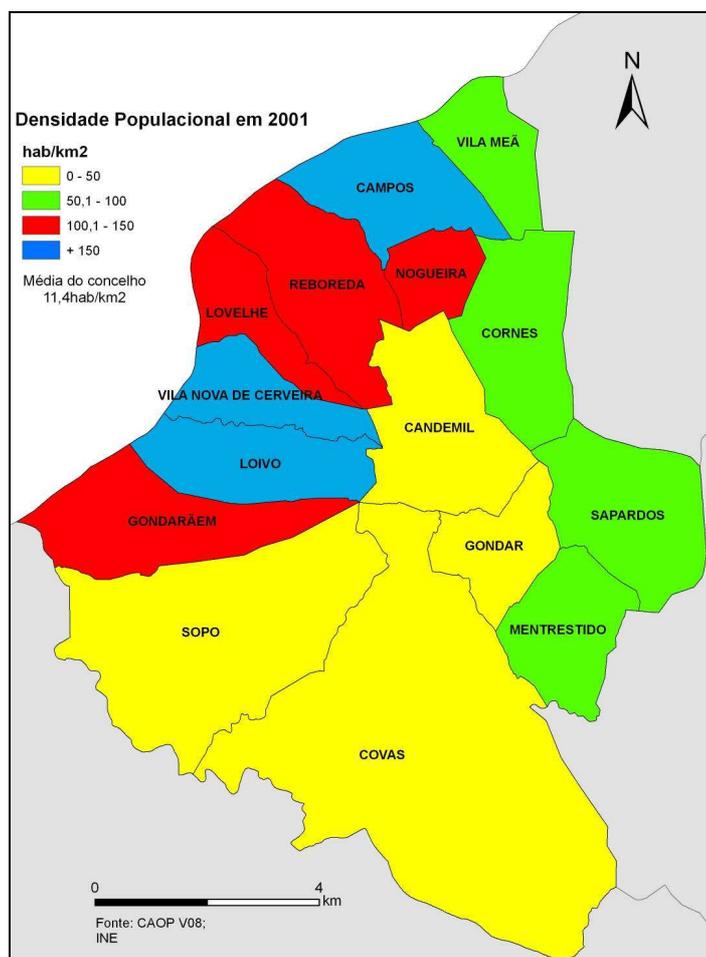
Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação – 2001

O carácter de concelho periférico reflecte-se nos valores da sua densidade populacional, 81,5 hab/Km², a qual é 27% inferior à verificada na sub-região Minho-Lima e 52% inferior à Região do Norte.

A análise do cartograma permite agrupar as freguesias em 3 áreas distintas:

- As freguesias do litoral (com excepção de Vila Meã), situadas ao longo do eixo da EN 13, registam densidades populacionais superiores a 100 hab/Km², destacando-se Vila Nova de Cerveira com 380 hab/Km², apesar do decréscimo de 17% de população.;
- As freguesias do interior nascente – Sapardos, Mentrestido e Cornes (mas também Vila Meã), sendo de pequenas dimensões, apresentam densidades entre os 50 e 100 hab/Km²;
- As freguesias a Sul do concelho, Candemil, Gondar, Sopo e Covas que apresentam, tal como em 1991, densidades inferiores a 50 hab/Km², perdendo estas freguesias entre 8% a 20% do seu volume de população e correspondem às freguesias de maiores áreas.

Densidade Populacional em 2001



Estrutura etária e repartição por sexos

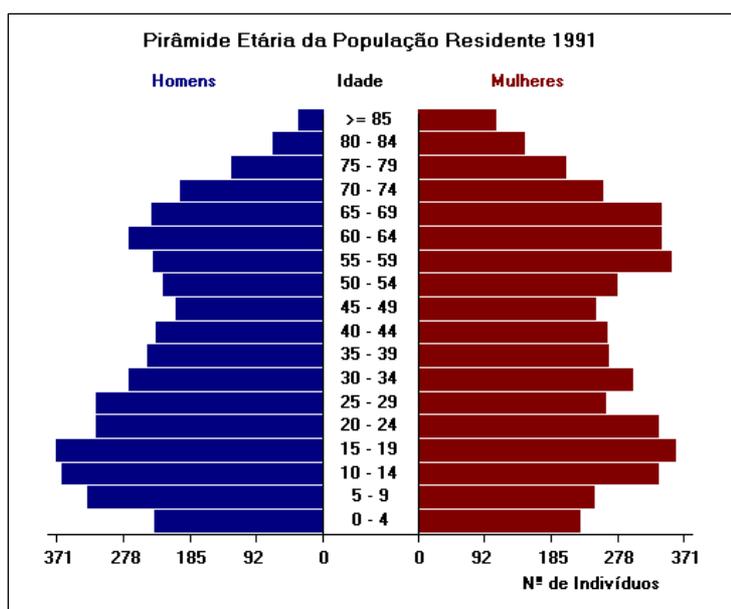
De acordo com PDM em vigor, as pirâmides etárias da Sub-região e do Concelho de Vila Nova de Cerveira, em 1960, apresentavam-se moderadamente jovens, já que cerca de 39% da população tinha idade inferior a 20 anos, embora assinalassem algumas quebras nos grupos etários que constituem a população activa, como reflexo dos fluxos migratórios.

No período de 1960/1981, ambas as pirâmides etárias denotam um duplo envelhecimento, quer na base, como consequência da diminuição do número de jovens, quer no topo, com o aumento da percentagem de idosos.

A pirâmide etária de Vila Nova de Cerveira, em 1981, apresenta semelhantes características à do período de 1960/1981, a quebra do número de jovens é reflexo da diminuição de taxa de natalidade verificada em todo o país e o aumento da percentagem de idosos deve-se à estabilização da mortalidade e aos intensos movimentos migratórios verificados na década de 60.

A análise da pirâmide etária de 1991 retrace o progressivo fenómeno de duplo envelhecimento registado, igualmente, nas décadas anteriores.

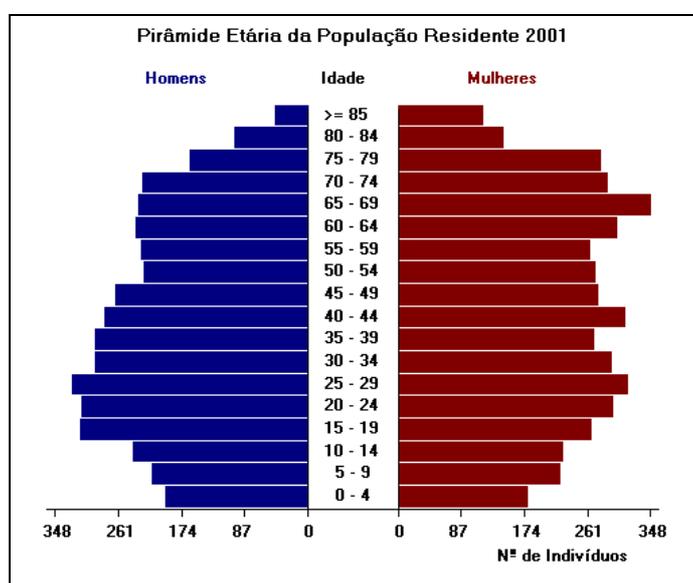
A pirâmide etária de 2001, quando comparada com a de 1991, mostra a diminuição da proporção relativa aos jovens, compensada com o aumento de grupos referentes a idades mais avançadas.



Fonte: INE – O País em Números, Edição 2002

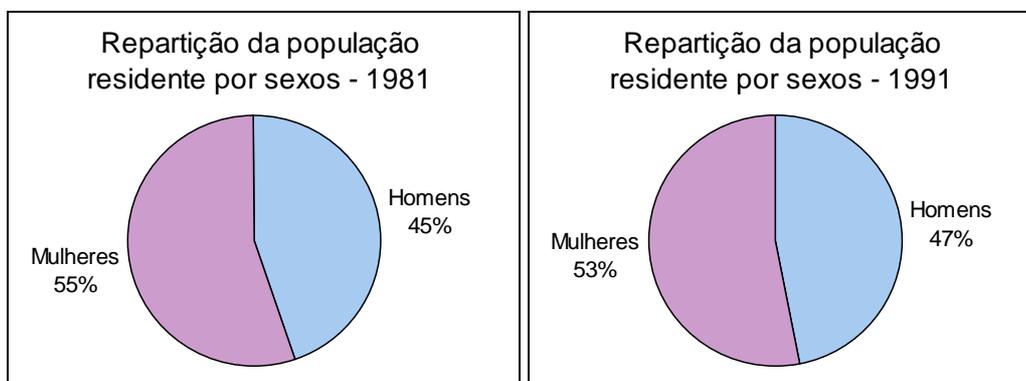
De facto, as faixas etárias da população mais jovem apresentam ligeiros decréscimos, enquanto que as faixas etárias da população em idade activa revelam alguma estabilidade.

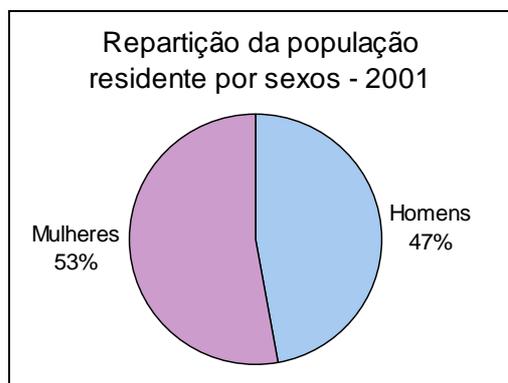
As faixas etárias mais envelhecidas registam ligeiros acréscimos, em termos percentuais o Concelho é constituído por 11% e 7% de mulheres e homens, respectivamente, com mais de 75 anos.



Fonte: INE – O País em Números, Edição 2002

No que concerne à repartição por sexos, a conjuntura mantém-se equilibrada com ligeira vantagem para o sexo feminino, o que poderá estar associado a uma maior predisposição para a migração por parte de membros masculinos e à esperança de vida ser maior nas mulheres.





Fonte: INE – O País em Números, Edição 2002

Indicadores demográficos

A análise do saldo fisiológico da população de Vila Nova de Cerveira, revela a continuação de um processo iniciado nos anos 80, ou seja, o número de óbitos supera o número de nascimentos, o que traduz um saldo fisiológico negativo. Este facto, é reflexo da diminuição de taxa de natalidade ocorrida desde 1980, o que justifica que, apesar da taxa de fecundidade ter aumentado, o saldo continue negativo.

De salientar, no entanto, que 2000 foi o ano em que o valor do saldo fisiológico foi menor, tendência esta que se se mantiver, poderá contrariar o processo iniciado em 80.

Como se pode verificar nos gráficos seguintes esta situação ocorre em Vila Nova de Cerveira e na sub-região Minho-Lima. A Região Norte, pelo contrário, apresenta valores de saldo fisiológico positivos, ao longo da última década.

A evolução da população de alguns grupos etários determinou um decréscimo na taxa de dependência. Isto é, no caso de Vila Nova de Cerveira, cada 100 indivíduos em idade activa tinham a seu cargo cerca de 54 jovens e idosos, em 1999, comparativamente a cerca de 60 no ano de 1991. Estas proporções são análogas para a sub-região Minho-Lima e para a Região Norte.

O acréscimo da taxa de envelhecimento é resultado do duplo envelhecimento evidenciado nas pirâmides etárias, uma vez que relaciona a população com 65 e mais anos, que tem aumentado, com a população com menos de 15 anos, que tem diminuído.

No que diz respeito à taxa de mortalidade, os valores referentes a Vila Nova de Cerveira são consideravelmente superiores à da sub-região Minho-Lima, que por sua vez são superiores à Região Norte. Provavelmente, este facto está associado ao elevado número de idosos, ao carácter periférico do concelho e ao isolamento de algumas povoações, o que poderá dificultar a obtenção de cuidados de saúde.

O mesmo se poderá dizer em relação à taxa de mortalidade infantil que, em Vila Nova de Cerveira apresenta valores algo preocupantes.



Fonte: INE – O País em Números, Edição 2002

Indicadores de dinâmica demográfica

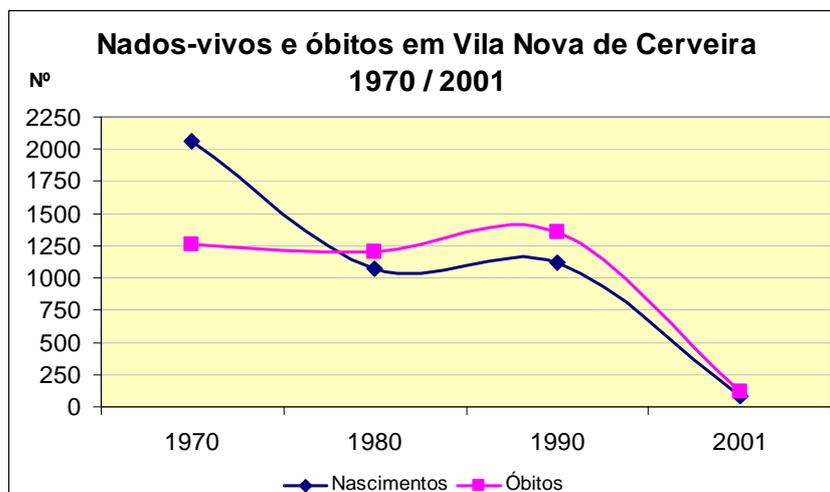
Indicador	Vila Nova de Cerveira		Minho-Lima		Região do Norte	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Taxa de Natalidade (‰)	9,6	9,1	10,8	9,9	13,3	12,3
Taxa de Fecundidade (‰)	30,3	36,7	35,0	38,5	45,1	45,9
Taxa de Mortalidade (‰)	14,2	13,8	12,6	11,9	9,2	8,7
Taxa de Mortalidade Infantil (‰)	(a)	18,1	8,1	6,4	12,2	6,7
Índice de Envelhecimento (%)	99,5	129,2	80,7	122,8	51,7	80,1
Índice de Dependência (%)	60,8	54,9 (b)	59,5	51,7 (b)	50,4	45,1 (b)
Taxa de Atracção/Repulsão na Década de 80 (%)	8,1	(a)	-4,5	(a)	-4,8	(a)

Fonte: CCRN, 1995,1999, Fichas Concelhias da Região Norte e INE

(a) Informação não disponível

(b) Informação referente a 1999

A análise comparativa dos indicadores de dinâmica demográfica, efectuada a Vila Nova de Cerveira, Minho-Lima e Região do Norte, reflectem a interioridade no contexto regional, não se perspectivando factores que a curto ou médio prazo invertam esta situação.



Nível de instrução escolar

Como demonstra o quadro abaixo, a taxa de analfabetismo, em Vila Nova de Cerveira apresenta valores que se situam entre os da sub-região Minho-Lima e os da Região Norte.

População residente segundo o nível de instrução

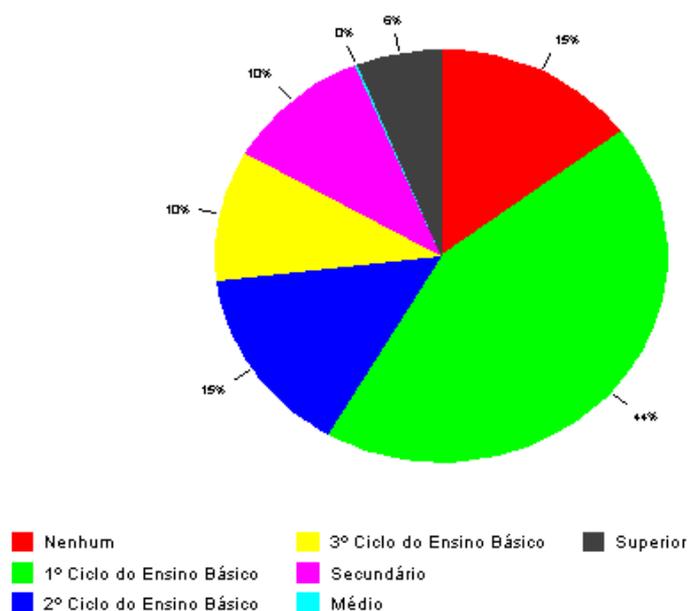
Nível de Ensino	Vila Nova de Cerveira				Minho-Lima				Região Norte			
	H (%)	M (%)	Total	Pop. Res. (%)	H (%)	M (%)	Total	Pop. Res. (%)	H (%)	M (%)	Total	Pop. Res. (%)
Nenhum Nível Ensino	36,0	64,0	1292	15,0	35,0	65,0	39781	16,0	41,0	59,0	518597	14,0
1º Ciclo Ens. Bás.	48,0	52,0	3882	44,0	48,0	52,0	99020	40,0	48,0	52,0	1381758	37,0
2º Ciclo Ens. Bás.	54,0	46,0	1299	15,0	51,0	49,0	37762	15,0	53,0	47,0	560497	15,0
3º Ciclo Ens. Bás.	53,0	47,0	904	10,0	55,0	45,0	24536	10,0	53,0	47,0	392271	11,0
Ens. Secundário	52,0	48,0	923	10,0	50,0	50,0	29696	12,0	51,0	49,0	490839	13,0
Ensino Médio	55,0	45,0	20	0,2	37,0	63,0	1053	0,4	44,0	56,0	17974	1,0
Ensino Superior	39,0	61,0	532	6,0	41,0	59,0	18425	7,0	43,0	57,0	325276	9,0
A frequentar o Ensino	49,0	51,0	1569	18,0	49,0	51,0	47662	19%	49,0	51,0	759299	21,0
Taxa de Analfabetismo	10,6%				11,6%				8,3%			

Fonte: INE – O País em Números, Edição 2002

Nas três unidades geográficas em questão, os valores são relativamente equilibrados e seguem as tendências a nível nacional, isto é, o analfabetismo abrange principalmente o sexo feminino e simultaneamente, as mulheres, predominam no ensino superior.

Como de pode ver no gráfico, 44% da população de Vila Nova de Cerveira possui o 1º Ciclo do Ensino Básico, valor este superior aos 40% do Minho-Lima e 37% da Região Norte, em contrapartida, o concelho apresenta valores inferiores, às restantes unidades geográficas, ao nível do ensino secundário.

População Residente segundo o Nível de Ensino Atingido 2001 (Censos)



Fonte: INE – O País em Números, Edição 2002

População residente portadora de deficiências

Como se pode verificar no quadro abaixo, 6,5% da população de Vila Nova de Cerveira é portadora de deficiências. O grupo etário, 65 ou mais anos é o que manifesta maior número de população com deficiências, sejam inatas, resultantes de alguma circunstância ou devido ao avanço da idade. O grupo etário relativo a população activa, entre 25 e 54 anos, representa cerca de 2% da população residente.

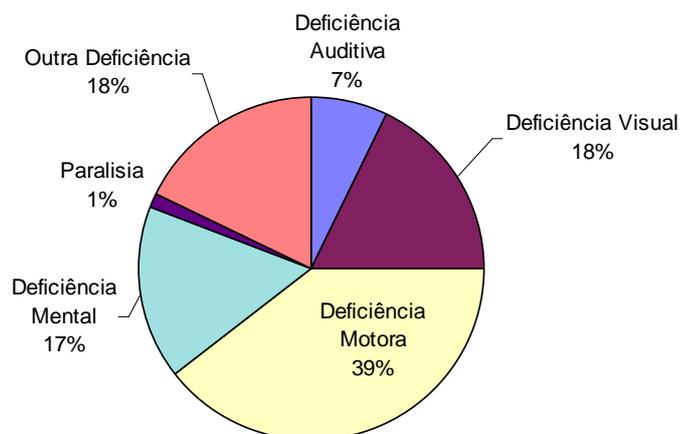
População Residente com deficiência

Tipo de deficiência	População Residente com deficiência						
	Menor 16 anos	Entre 16 e 24 anos	Entre 25 e 54 anos	Entre 55 e 64 anos	65 ou + anos	Total	(%)
Auditiva	4	3	12	3	20	42	0,5
Visual	4	9	38	14	37	102	1,2
Motora	3	3	60	51	111	228	2,6
Mental	7	8	54	9	18	96	1,1
Paralisia	1	0	2	1	4	8	0,1
Outra	6	3	23	29	41	102	1,2
Total	25	26	189	107	231	578	6,5

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação - 2001 (Resultados Provisórios)

Como demonstra o gráfico, 39% dos deficientes são afectados a nível motor, seguindo-se os portadores de deficiências não especificadas e os a nível visual. Os deficientes mentais também apresentam uma percentagem considerável, neste grupo de população que carece de condições ou cuidados específicos.

Tipo de deficiência (2001)



3.2 - Características do Agregado Familiar

A evolução do número de famílias acompanha a tendência da evolução da população residente (excepto na freguesia de Sapardos), isto é, quando um valor aumenta ou diminui numa variável o valor da outra variável comporta-se do mesmo modo, mas não de uma forma proporcional, o que a nível de Concelho se traduz numa diminuição da população e num aumento do número de famílias, conseqüentemente esta situação conduz à diminuição da dimensão média das famílias, que em 1991 era de 3 elementos e em 2001 reduz-se para 2,8.

Outro factor a considerar é que 85% das famílias constituem núcleos familiares, o que significa que os restantes 15%, provavelmente, dirão respeito a pessoas que vivem sós.

Famílias, Dimensão Média das Famílias e Núcleos Familiares do concelho de Vila Nova de Cerveira

Freguesia	Famílias Residentes			Dimensão Média das Famílias		Núcleos Familiares	
	1991	2001	Variação (%)	1991	2001	2001	% de Famílias
Campos	357	432	21,0	2,9	2,9	380	88,0
Candemil	108	105	-2,8	2,5	2,3	74	70,5
Cornes	175	162	-7,4	3,1	3,0	146	90,1
Covas	327	291	-11,0	2,9	2,6	212	72,9
Gondar	65	54	-16,9	2,6	2,9	50	92,6
Gondarém	292	337	15,4	3,4	2,9	295	87,5
Loivo	204	268	31,9	3,8	3,2	251	93,3
Lovelhe	164	152	-7,3	2,8	2,9	133	87,5
Mentrestido	120	105	-12,5	2,7	2,6	81	77,1
Nogueira	70	91	30,0	2,8	2,7	78	85,7
Reboreda	210	243	15,7	2,8	2,8	196	80,7
Sapardos	134	146	9,0	3,1	2,7	122	83,6
Sopo	245	208	-15,1	2,8	2,8	172	82,7
Vila Meã	76	97	27,6	3,2	2,8	83	85,6
Vila Nova de Cerveira	490	417	-14,7	3,1	3,0	365	87,3
Concelho	3037	3108	2,4	3,0	2,8	2638	84,8

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação – 2001 (Resultados Definitivos)



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

3.3 - Mobilidade Inter-regional da População

Nesta fase de elaboração da revisão do PDM, o INE, ainda não disponibilizou toda a informação pretendida para esta análise, pormenorizando as origens e destinos específicos da população que se desloca de outros concelhos para Vila Nova de Cerveira e vice-versa, por motivos de trabalho ou estudo.

No entanto, sabe-se que num total de 210 imigrantes no concelho, 150 são provenientes de outros concelhos e 60 de estrangeiro. Emigrantes de Vila Nova de Cerveira para outro concelho totalizam os 155 indivíduos. O saldo das migrações internas é, então, de -5 indivíduos.

3.4 – Dinâmica Social

Convívio Social

Sendo o concelho de Vila Nova de Cerveira, um concelho de trabalho, os tempos de lazer e de convívio social ocorrem essencialmente ao fim de semana, com especial ênfase no Domingo e em dias feriados. As várias colectividades existentes têm também um papel importante nas actividades desenvolvidas pelas populações locais.

Assim, sendo conhecida a devoção da população minhota, as igrejas têm, enquanto equipamento religioso, um papel importante. Desenvolvem igualmente actividades tradicionalmente participadas pela população (celebração de missas, casamentos, baptismos, romarias, etc.); os campos de futebol podem efectuar-se jogos programados ou espontâneos, ou ainda outras actividades, que mobilizam pontualmente a população local.

No que se refere às feiras, são de realçar a Feira Semanal, a Feira de Artes e Velharias, a Feira das Freguesias e a Feira do Livro. Por seu lado as Festas Concelhias, a Festa de N^a Sr.^a da Ajuda, a Festa de S. Roque, a Festa de N^a Sr.^a da Encarnação, a Festa de S.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

João de Campos e a Festa de S. Paio, completam as festividades. De realçar a Bienal Internacional de Arte, um acontecimento de relevância internacional.

Na época de Verão, as praias fluviais da Lenta, Praia dos Moutorros e a Praia da Mota (margens do rio Minho), constituem uma atracção para a generalidade da população do concelho e não só.

Fazem parte do conjunto de áreas de lazer concelhias ainda os seguintes recursos naturais: Parque de Lazer do Castelinho, Parque de Lazer da Sr.^a da Encarnação, Miradouro do Alto do Crasto (cervo).

Constitui também recursos importantes, embora do ponto de vista desportivo, a Piscina Municipal, o Estádio Municipal Rafael Pedreira, a Doca de Recreio, a Pista de Atletismo de Lovelhe, os percursos pedestres do concelho e a Zona de Escalada Desportiva. O Remo, a Canoagem, os passeios fluviais, a BTT, os passeios Todo-o-Terreno, os Programas Multi-actividades, o Paintball, o Parapente/Paramotor, o Ultraleve e o Balonismo são também actividades de Desporto Aventura/Radical que se realizam igualmente no concelho de Vila Nova de Cerveira.

Organizações e Actividade Sócio-Culturais

A vida e dinâmica social do concelho encontra-se espelhada no elevado número de associações e grupos culturais, desportivos, recreativos e sociais. Como se pode registar a partir do quadro que se segue, a quase totalidade das freguesias possui pelo menos uma organização dentro dessas valências (cultural, desportiva ou social).

Naturalmente, na sede do concelho o número de organizações é mais elevado, sendo de destacar o carácter urbano de algumas delas, onde a existência de grupos organizados pressupõe um número de adeptos mínimo que dificilmente se encontra em aglomerados de reduzida dimensão.

O quadro elaborado permite verificar que as freguesias de Candemil, Covas, Gondar, Mentrestido e Vila Meã, segundo os dados fornecidos pela Câmara Municipal não possuem nenhuma estrutura associativa local.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Associações e Grupos Culturais, Desportivos, Recreativos e Sociais

Freguesia	Designação
Campos	Associação Desportiva de Campos Rancho Folclórico de Campos Escuteiros de Campos Centro Social e Paroquial de Campos
Candemil	-
Cornes	Associação Desportiva Cultural de Cornes
Covas	-
Gondar	-
Gondarém	Grupo Desportivo e Recreativo de Gondarém CervoCultural Rancho Folclórico Infantil de Gondarém
Nogueira	Associação Recreativa e Cultural de Nogueira
Loivo	Associação de Jovens Emília Riquelme
Lovelhe	Associação Desportiva Cultural da Juventude de Lovelhe Centro Social e Paroquial de Lovelhe
Mentrestido	-
Reboreda	Rancho Folclórico e Etnográfico de Reboreda Escuteiros de Reboreda Centro Social e Paroquial de Robereda
Sapardos	ADECUS – Associação Desportiva e Cultural de Sapardos
Sopo	Clube Desportivo de Sopo Rancho Folclórico de Sopo
Vila Meã	-
Vila Nova de Cerveira	Clube Desportivo de Cerveira Associação Desportiva Cultural da Juventude de Cerveira Clube Celtas do Minho Clube de Caça e Pesca de Vila Nova de Cerveira Projecto Núcleo de Desenvolvimento Cultural Lions Clube de Cerveira Liga dos Amigos de Cerveira Associação Cultural e Recreativa Bombos de S. Tiago Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de VNC Santa e Real Casa da Mesiricórdia de Vila Nova de Cerveira

Fonte: CM VNCerveira,2003

Na área social, relativamente a programas e projectos concluídos recentemente e em curso, recolhemos informações várias do Gabinete de Acção Social da Câmara Municipal.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Problemas sociais

Do ponto de vista social, e no que diz respeito a aspectos que se relacionam com a qualidade de vida da população local, merecem destaque os seguintes aspectos:

- **Envelhecimento da população/isolamento.** Este fenómeno, com incidência sobretudo nas populações mais carenciadas e isoladas, constitui uma situação que exige a atenção redobrada das entidades públicas e sociais do concelho, uma vez que o apoio prestado aos idosos tem que atender à dispersão dos lugares, sobretudo aos que situam nas freguesias mais isoladas;
- **Dificuldades no acesso a bens e serviços públicos e privados.** A concentração de equipamentos na sede do concelho advém da dimensão populacional e da sua capacidade de atracção relativamente às restantes. Entendemos que o transporte público seria uma forma de apoiar o acesso a bens e serviços que só se encontram na vila. Deverá ser equacionado no médio/longo prazo, como forma de manter a qualidade de via das populações e facilitar a sua permanência, em geral, e dos jovens em particular, nas várias freguesias
- **Casos de Desemprego.** De acordo com a informação fornecida, existe população desempregada com idades superiores aos 40/50 anos e que de uma maneira geral não consegue novo emprego. Por esse motivo existe um “Plano Ocupacional para Carenciados”, promovido pelo Centro de Emprego e pela Segurança Social. Segundo as suas necessidades a Câmara Municipal solicita a colaboração ao Centro de Emprego para requisitar desempregados para trabalhos diversos, nos quais se incluem jardins, etc. Estes postos de trabalho têm a duração de 1 ano.
- **Existência de casos pontuais de pobreza.** Verificam-se casos de pobreza extrema pontualmente nas freguesias de Nogueira (1 caso), e dois em Cornes. No entanto, constata-se que existem outros casos de problemas sociais em Loivo e Covas. Alguns destes casos tem origem em áreas de habitação social (Loivo) e outros em áreas de génese ilegal (Gondarém, Costa).



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.



No que se refere a Programas e Projecto em Curso, promovidos e apoiados por diversas entidades com o apoio da Câmara Municipal, destacamos:

- “SOLARH”, programa habitacional de apoio a populações carenciadas, é promovido pela Administração Central, com a colaboração da autarquia, financia acções de particulares até 12.000 € com o objectivo de efectuar pequenas obras de melhoramentos. Só existe um processo em Vila Nova de Cerveira;
- Projecto “Luta contra a pobreza”, Decorreu entre Junho de 1997/2002;
- Apoios promovidos pela Câmara Municipal, o Centro Paroquial de Reboreda, enquanto entidade jurídica tem apoiado nos últimos dois anos o financiamento de casas de habitação a idosos;
- Programa “Ser criança” – “Projecto Palmo e Meio”, promovido pela Câmara Municipal, apoia crianças carenciadas em duas freguesias Loivo (Bairro Social) e Sopo (onde não existe equipamento de apoio à infância);
- Programa Nacional “Rede Social”, no âmbito deste programa, a Câmara Municipal vai elaborar um diagnóstico social do concelho para posteriormente realizar o Plano Director Social. O prazo global previsto para a sua realização é até Março de 2004.
- Comissão de Protecção Crianças e Jovens, apoia 29 crianças espalhadas pelo concelho. São crianças vítimas de maus tratos, negligenciadas, com problemas de álcool. Estas crianças são também apoiadas pelo referido projecto “Palmo e Meio”;



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

4 - DINÂMICA ECONÓMICA

4 - DINÂMICA ECONÓMICA

4.1 – Estrutura Sócio-económica

O estudo da estrutura sócio-económica do concelho de Vila Nova de Cerveira pretende caracterizar, de um modo geral, os diferentes sectores de actividade que determinam a evolução do sistema produtivo concelhio e conseqüentemente condicionam o seu processo de desenvolvimento.

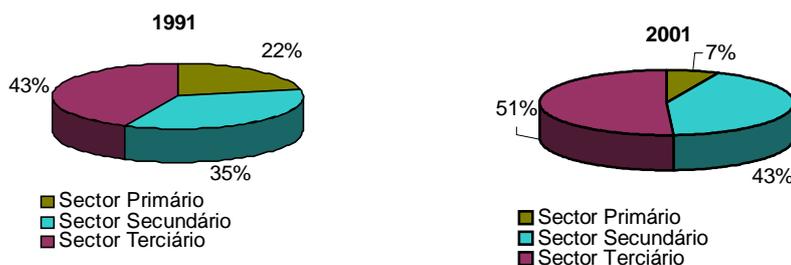
A análise da actividade económica do concelho é realizada, tendo em vista dois objectivos específicos:

- Caracterizar o modelo em que assenta a base económica do concelho e suas transformações, nos últimos tempos;
- Fornecer elementos de suporte à estratégia de actuação, em sede de revisão do PDM.

Os gráficos apresentados sugerem a evolução da população activa por sectores de actividade no concelho de Vila Nova de Cerveira.

Em 1991, o sector primário agregava 22% da população activa, o secundário 35% e o terciário, o mais representativo, cerca de 43%. Em 2001, o sector primário registava um peso diminuto de 7%, o sector secundário 43% e o terciário, mantendo a sua posição de líder em matéria de emprego, ocupava 51% da população activa.

Evolução da população activa por sectores de actividade



Fonte: INE, 1991, 2001

No período compreendido entre 1991 e 2001, o sector primário apresentou um forte declínio (cerca de 70%) em termos de população activa, enquanto que os sectores secundário e terciário apresentaram taxas de crescimento similares, respectivamente 25% e 24%.

População residente por sectores de actividade por freguesia

Freguesia	Sector Primário	Sector Secundário	Sector Terciário
Campos	1,8	15	22,8
Candemil	2,7	15,2	12,1
Cornes	4,8	21	10,2
Covas	4,7	13,8	14,4
Gondar	0	12,3	9,1
Gondarém	0,9	21,7	18,4
Loivo	0,6	17,7	22,9
Lovelhe	2,0	12,9	26,1
Mentrestido	7,7	12,2	11,4
Nogueira	2,8	15	21
Reboreda	1,6	19,3	17,4
Sapardos	1,8	13,1	16,7
Sopo	9,5	23,6	7,6
Vila Meã	2,2	20,1	21,8
Vila Nova de Cerveira	0,3	10,6	30,1

Fonte: Ficheiro Síntese, Censos 2001 - INE

Ao nível da freguesia, verifica-se a predominância do sector secundário em alguma delas, como é o caso de Campos, Candemil, Cornes, Gondarém, Reboreda e Vila Meã.

A regressão do sector agrícola está relacionada com variados factores, nomeadamente com o progressivo envelhecimento da população agrícola, associado à falta de substituição por mão-de-obra jovem, que tem vindo sistematicamente a procurar emprego noutros sectores mais aliciantes do ponto de vista da garantia da qualidade de vida das populações, cujo peso na economia tem vindo a incrementar-se, significativamente.

A expansão do sector terciário deveu-se ao aumento e concentração do comércio por grosso e a retalho e, ainda, à crescente importância da actividade de reparação de



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

veículos. No seu conjunto, estas actividades representam 28% do total de empresas com sede no concelho de Vila Nova de Cerveira, tal como se pode constatar no quadro seguinte.

Empresas com sede no concelho de V.N. de Cerveira, Minho e Região Norte

Actividade Económica	V.N. Cerveira	%	Minho Lima	%	Região Norte	%
Agricultura	80	8%	2.186	9%	21.479	6%
Industria Extractiva	2	0%	126	1%	819	0%
Industria Transformadora	90	9%	2.283	10%	54.705	16%
Produção e distrib. de electricidade, gás e água	1	0%	4	0%	112	0%
Construção	214	22%	4.963	21%	45.245	13%
Comércio por grosso e retalho, reparação veículos	269	28%	7.824	33%	128.560	37%
Alojamento e restaurantes	98	10%	2.283	10%	29.115	8%
Transportes e comunicações	27	3%	533	2%	7.459	2%
Actividades financeiras	30	3%	668	3%	11.549	3%
Actividades imobiliárias	65	7%	1.155	5%	27.872	8%
Adm. Públ., Saúde, outros serviços colectivos	43	4%	911	4%	15.513	4%
Actividades mal definidas	44	5%	627	3%	9.448	3%
TOTAL	963	100%	23.563	100%	351.876	100%

Fonte: INE, Anuário Estatístico, 1999

Relativamente ao aumento da população activa no sector secundário, este ter-se-á devido, por um lado, ao crescente incremento de pequenas indústrias nacionais, e por outro, ao progressivo aumento de capital estrangeiro, sobretudo da Galiza que aí se tem instalado.

É considerável o peso das empresas do ramo da construção que representam 22% das empresas sediadas no concelho, assim como o da indústria transformadora, com uma representatividade de 9% no panorama de empresas com sede em Vila Nova de Cerveira.

Assim, para além de constituir uma possibilidade de emprego local, o ramo da construção absorve grande parte da mão-de-obra, cujo destino seria a saída para centros urbanos vizinhos.

O sector comercial é, contudo, o mais representativo em termos de número de empresas, ao mesmo tempo que os restantes sectores detêm uma menor expressão, o que ilustra o carácter incipiente do tecido empresarial. Note-se que o ranking apresentado para o concelho de Vila Nova de Cerveira é coincidente com o verificado ao nível da NUT¹⁴ Minho-Lima.

Da análise efectuada ao nível do pessoal ao serviço nas sociedades sediadas no concelho, através do quadro que segue, verifica-se que é a indústria transformadora e extractiva que apresenta maiores níveis de população activa, cerca de 69%.

Revela-se bastante baixo o número de sociedades constituídas para fins agrícolas, sendo ainda manifestamente reduzido o número de trabalhadores afectos às existentes.



Evolução do n.º de sociedades e de pessoal ao serviço

Sectores		1995	1996	1997	1998	1999
Agricultura	N.º de sociedades	5	5	1	3	4
	Pessoal ao serviço	12	10	10	8	nd
Ind Extractiva e Transf.	N.º de sociedades	36	39	40	42	45
	Pessoal ao serviço	661	736	892	1.306	nd
Construção	N.º de sociedades	17	19	17	17	22
	Pessoal ao serviço	147	138	124	129	nd
Comércio, Aloj. e Restauro	N.º de sociedades	57	71	74	74	81
	Pessoal ao serviço	234	237	222	249	nd
Transportes e Comunic.	N.º de sociedades	7	7	7	10	10
	Pessoal ao serviço	23	26	83	81	Nd
Serviços	N.º de sociedades	18	20	21	21	26
	Pessoal ao serviço	87	88	94	110	Nd
Total	N.º de sociedades	140	161	160	167	188
	Pessoal ao serviço	1.164	1.235	1.425	1.883	nd

Fonte: INE, Anuários Estatísticos, 1995-1999 n.d: não disponível

¹⁴ NUT- Nomenclatura de Unidade Territorial



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

No que à taxa de actividade diz respeito, o concelho de Vila Nova de Cerveira registou um ligeiro acréscimo, no período 1991-2001, situando-se o valor na ordem dos 41%, o que significa que existe, ainda, uma significativa percentagem de população dependente, em virtude do peso relativamente baixo da população activa.

Taxa de actividade do concelho de Vila Nova de Cerveira

Anos	População Residente	População Activa	Taxa de Actividade
1991	9144	3392	37%
2001	8852	3637	41%

Fonte: INE, R.G.P. 1991, 2001

A taxa de actividade total registada no concelho no ano de 2001, situa-se numa posição análoga à verificada no Minho-Lima (41,5%), e inferior à da Região do Norte (48%).

De seguida, abordar-se-á cada sector de actividade individualmente, de forma a aferir-se sobre as características que presidem à situação em que cada um se encontra actualmente.

4.2 – Sectores de Actividades

Sector Primário

A actividade agrícola tem vindo a perder muita importância em termos económicos e sociais no concelho de Vila Nova de Cerveira. Em termos gerais, pode dizer-se que este sector tem sido afectado por vários condicionalismos caracterizadores do próprio sistema agrário, que contribuem para a degradação dos níveis de produção e produtividade, o que induz naturalmente ao enfraquecimento do sector e consequentemente ao abandono da actividade.

Verificou-se um decréscimo em cerca de 70% na população activa afecta a esta actividade, assim como uma diminuição do número de explorações existentes que,



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

situando-se em apenas 377, por ocasião do Recenseamento Geral Agrícola (1999), assume uma variação negativa de 63%, relativamente a 1989.

Paralelamente, a superfície agrícola utilizada (SAU) diminuiu 74% no período 89-99, passando de uma área de 3.698 ha para 963 ha, tal como se pode constatar pelo seguinte quadro.

Utilização das Terras

	1989	1999	Variação
N.º de Explorações	1.018	377	-63 %
Sup. Agrícola Utilizada – SAU (ha)	3.698	963	-74%

Fonte: INE, R. G. A., 1989, 1999

Adivinham-se significativas alterações ao nível da estrutura fundiária, sem prejuízo da permanência do tradicional minifúndio, caracterizador da estrutura agrária.

Se observarmos a composição da SAU, por culturas temporais e permanentes, constata-se que o concelho sofreu uma queda generalizada e extensível a todo o tipo de culturas, designadamente cereais para grão, culturas forrageiras e pastagens permanentes, pese embora continuem a ser estas as grandes classes de ocupação do solo.

As leguminosas para grão e as pastagens permanentes foram as culturas onde o declínio foi maior. Por outro lado, as culturas forrageiras e a vinha apresentaram os menores decréscimos, na ordem dos 36% e 55%, respectivamente, tal como ilustra o próximo quadro.

Repartição da Superfície Agrícola (ha)

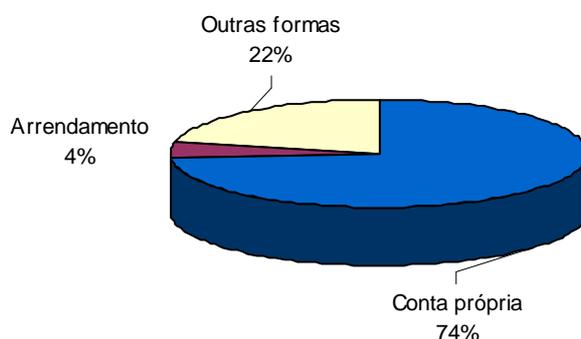
	1989	1999	Variação (%)
Culturas Temporais			
Cereais para grão	843	258	-69
Leguminosas para grão	166	11	-93
Batata	94	32	-66
Culturas forrageiras	1.114	711	-36
Culturas Permanentes			
Vinha	103	46	-55
Pastagens permanentes	1879	205	-89

Fonte: INE, R.G.A, 1989, 1999

Depois de analisada a evolução ao nível da estrutura da exploração agrícola, segue-se uma panorâmica relativa à utilização das terras.

A forma de exploração dominante é por conta própria, correspondendo a 74% da área total utilizada, sendo que as restantes formas de exploração aparecem com uma expressão pouco significativa, tal como se verifica no seguinte gráfico.

Formas de Exploração da SAU

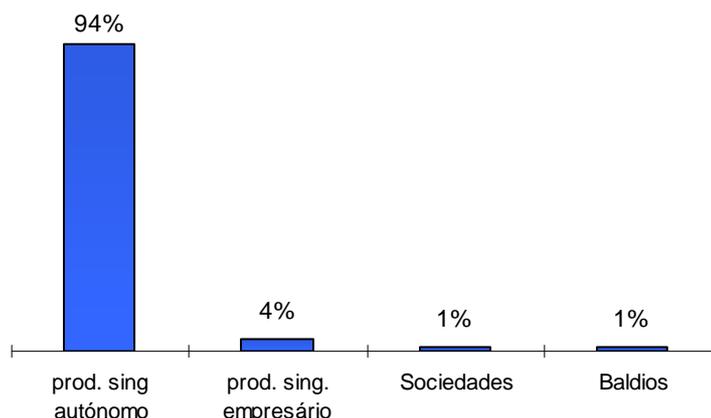


Fonte: INE, R.G.A, , 1999

A esmagadora maioria dos agricultores não se encontra colectado sob a forma de empresário individual ou inserido em qualquer tipo de empresa agrícola, antes,

apresentam-se como produtores singulares autónomos, tal como se pode observar pelo gráfico junto.

Natureza Jurídica da Exploração

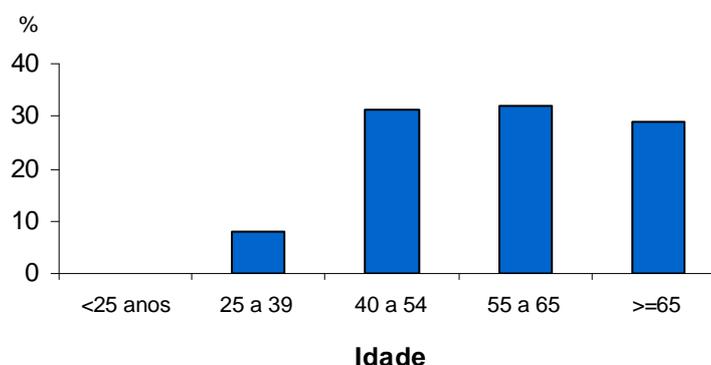


Fonte: INE, R.G.A., 1999

Uma grande parte dos agricultores, cerca de 62%, completam uma idade compreendida entre os 40 e 65 anos, pelo que a população agrícola tem-se mantido envelhecida, com consequências, naturalmente, no domínio técnico-profissional, nomeadamente no que se refere à utilização de determinados factores de produção, ao espírito empreendedor e aos conhecimentos técnicos dos quais também depende o êxito da actividade.

A percentagem de população jovem afecta ao sector primário aumentou apenas um ponto percentual, fixando-se, actualmente, na ordem dos 8%.

Idade do Produtor Agrícola



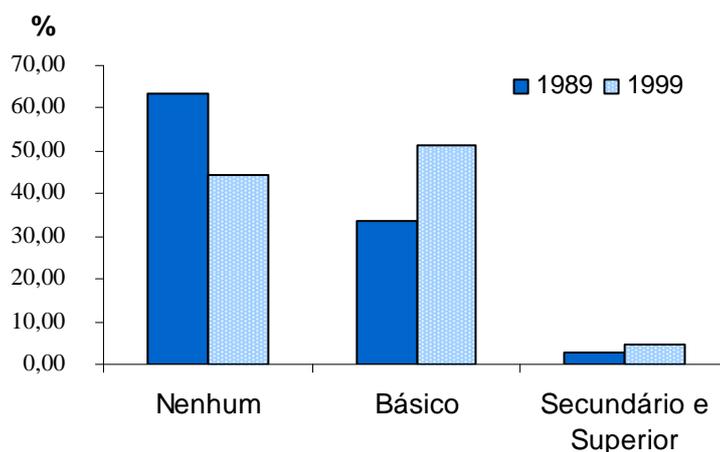
Fonte: INE, R.G.A., 1998 e 1999

Directamente ligado à idade dos agricultores está, naturalmente, o grau de escolarização.

No concelho de Vila Nova de Cerveira cerca de metade da população agrícola possui o ensino básico, 44% não tem qualquer nível de instrução e apenas 4,6% possui o ensino secundário e/ou superior. Esta é uma situação que se alterou substancialmente durante a década de 90, uma vez que anteriormente, 63% da população não possuía nenhum grau de escolarização e apenas 34% dos agricultores possuíam o ensino básico, tal como ilustra o gráfico seguinte.



Nível de Instrução do Produtor Agrícola

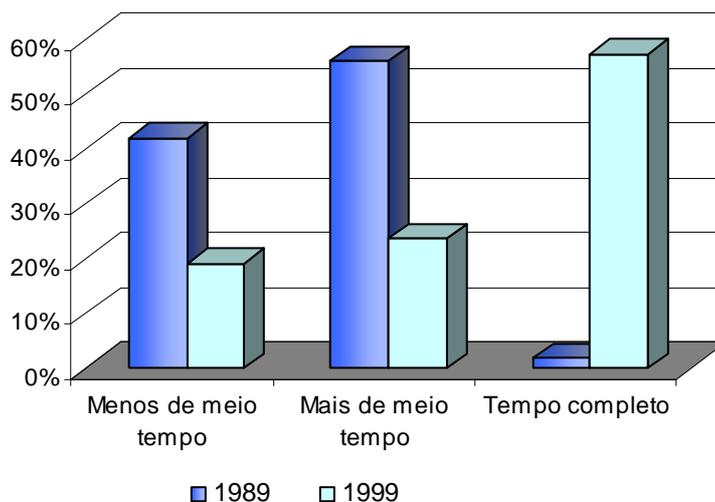


Fonte: INE, R.G.A, , 1998 e 1999

Relativamente ao indicador “tempo de actividade na exploração”, também ele demonstra a profunda alteração sofrida neste sector. Com efeito, se, de acordo com o R.G.A de 1989, quase metade da população se dedicava à actividade apenas a meio tempo,

actualmente, mais de metade da agrícola existente dedica-se à exploração a tempo inteiro, veja-se o gráfico imediato.

Tempo de Actividade na Exploração



Fonte: INE, R.G.A., 1998 e 1999

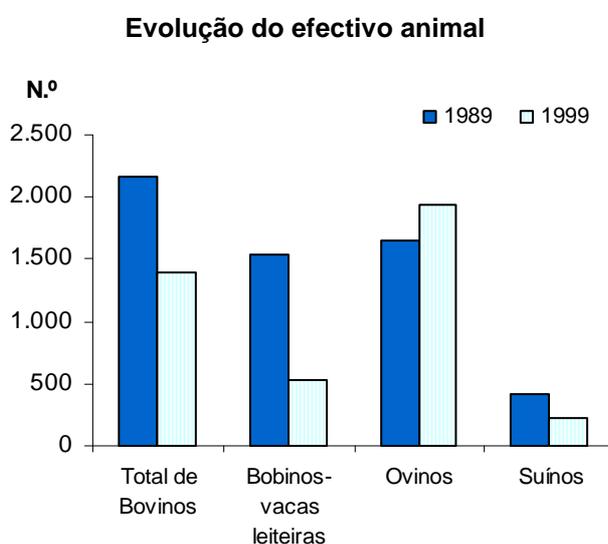
Assiste-se a uma mudança de atitude, em que a agricultura passa a ser uma actividade sustentada para os agricultores que, por opção, nela investem e a ela se dedicam.

Paralelamente, denotam-se significativos investimentos na mecanização das explorações. Convém referir que a análise ao grau de mecanização na agricultura não se poderá fazer apenas através da diferença entre o número de maquinaria existente anteriormente e no momento actual. Teremos, pois, que considerar o rácio máquina-exploração, caso contrário o resultado será apenas um decréscimo linear, em função da diminuição do número de explorações.

Assim, constata-se que, em 1989 existiam tractores em 19% das explorações agrícolas. Actualmente, esse valor ascendeu aos 38%, existindo um maior número de máquinas agrícolas para um menor número de explorações, donde resulta uma média superior à unidade, o que demonstra o esforço considerável por parte dos produtores em equiparem e modernizarem as suas explorações.

Associada à actividade agrícola está a criação de gado, caracterizada por um pequeno número de cabeças por exploração.

O concelho de Vila Nova de Cerveira registou, durante a última década, decréscimos significativos no seu efectivo bovino (cerca de 36%), sendo que a maior diminuição se verifica ao nível das fêmeas leiteiras, onde o decréscimo é na ordem dos 65%, tal como se pode observar no próximo gráfico.



Fonte: INE, R.G.A., 1998 e 1999

Em termos de efectivo animal total, é a raça ovina aquela que apresenta o maior peso (32%), seguindo-se os bovinos (34%) e por fim os suínos (3,8%).

Em forma de conclusão, pode referir-se que, não obstante a emergência de determinadas unidades mais especializadas, em resultado de um esforço importante em matéria de reconversão tecnológica e cultural (nomeadamente na área da vitivinicultura), a estrutura produtiva é dominada por pequenas explorações, por conta própria e caracterizada por um satisfatório grau de mecanização.

Este tipo de unidades tende a assumir atitudes empresariais minimizadoras do risco, que se traduzem na adopção de sistemas policulturais, pese embora estes sistemas possam, em função dos diversos contextos sociais e edafo-climáticos, ter uma maior especialização na área da vitivinicultura ou pecuária extensiva.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Contrariando o descrédito enraizado nesta actividade, refira-se a existência de qualidade ambiental ao nível dos solos, água e ar, vantajoso para as produções agrícolas e pecuárias na óptica dos produtos biológicos emergentes. A integração de outras actividades na exploração agrícola, numa perspectiva de multifuncionalidade, pode trazer benefícios, na óptica da sua rentabilidade. São os casos dos T.E.R, artesanato e da produção de produtos tradicionais em pequena escala.

Como desafios para este sector saliente-se uma promoção assente em transformações de natureza qualitativa da produção e respectiva valorização comercial.

Sector Secundário

A evolução da indústria no concelho em estudo apresenta traços globalmente positivos. A melhoria das acessibilidades, os programas de incentivos e a intervenção da autarquia na disponibilização de infra-estruturas de acolhimento a novos projectos, têm contribuído para uma nova dinâmica, na qual os pólos industriais existentes aparecem como símbolo de renovação estrutural, funcionando de igual forma como meio de organização e ordenamento do território.

Sectorialmente, são as indústrias de produtos metálicos, de madeiras e têxteis, aquelas que mais se destacam pelo número de sociedades sediadas no concelho, tal como se constata pelo quadro que segue.

Evolução do n.º de sociedades e pessoal ao serviço na indústria transformadora

Ind. Transformadora		1995	1996	1997	1998	1999
Ind. Alimentar	N.º de sociedades	4	4	4	4	5
	Pessoal ao serviço	32	29	28	156	nd
Ind. Textil	N.º de sociedades	8	8	8	9	8
	Pessoal ao serviço	314	247	297	256	nd
Ind. Madeira	N.º de sociedades	4	3	3	3	4
	Pessoal ao serviço	13	17	17	17	nd
Ind. Produtos Metálicos	N.º de sociedades	3	4	7	7	7
	Pessoal ao serviço	8	77	134	148	nd
Ind. Não especificada	N.º de sociedades	3	6	7	6	6
	Pessoal ao serviço	77	105	101	112	nd
Total	N.º de sociedades	22	25	29	29	30
	Pessoal ao serviço	444	475	577	689	nd

Fonte: INE, Anuários Estatísticos, 1995-1999;

n.d: não disponível

A indústria alimentar, pese embora ter mantido o número de unidades industriais desde 1995, registou em 1998 um aumento de cerca de 400% na capacidade de absorção de mão-de-obra, passando a empregar 156 trabalhadores.

De uma forma geral, as sociedades industriais têm apresentado tendência de crescimento, quer em termos de número de unidades, quer de trabalhadores. Esta tendência terá sido provavelmente acentuada com a criação de dois pólos industriais, que surgiram em consequência da política de acolhimento industrial existente no concelho de Vila Nova de Cerveira.

No Pólo Industrial I, localizado na freguesia de Campos, encontram-se actualmente instaladas cerca de 23 empresas, pertencentes a variados sectores nomeadamente do ramo automóvel, carpintarias, confecções, tecelagem e tinturaria, enquanto que o Pólo Industrial II, situado na freguesia de Cornes, tem instaladas 12 empresas pertencentes a sectores da área alimentar, mobiliário, granitos e mármore, componentes de automóveis, entre outros.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Está prevista, no curto prazo, uma significativa ampliação junto ao Pólo Industrial II, com capacidade para mais 45 lotes, divididos por 18 sectores, onde se incluirão, também, áreas destinadas a equipamentos e espaços verdes de utilização colectiva. O quadro seguinte sintetiza a distribuição das empresas por escalões de pessoal ao serviço.

Dimensão das empresas situadas nos pólos industriais

N. de pessoas ao serviço	% empresas
1-4	31,0
5-9	16,7
10-29	23,8
30-49	19,5
50-99	9,5
100-300	9,5

Fonte: C. M. de V.N. Cerveira, 2003

Verifica-se um predomínio claro das empresas de pequena e média dimensão, registando-se, contudo, quatro empresas com mais de 100 trabalhadores, donde resulta um volume médio de emprego de 38 trabalhadores por empresa.

Regista-se uma forte presença de capital estrangeiro nas empresas existentes, nomeadamente espanhol, do Norte da Galiza, ao que não é alheio o facto de grande parte das suas produções terem como destino o mercado externo.

Em jeito de conclusão pode-se dizer que são claros os indícios de que a política de acolhimento industrial desencadeado pela autarquia começa visivelmente a dar frutos, em termos da atracção de iniciativas empresariais e de dinamização do emprego.

Do ponto de vista estratégico, coloca-se, por conseguinte, a questão de saber qual a política de apoios adicionais que se deverão promover com vista ao incremento desta dinâmica, de forma a contribuir para enraizar as iniciativas empresariais em curso e criar uma verdadeira cultura industrial, sustentada e profícua para a dinamização e qualificação do emprego.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Sector Terciário

A actividade do sector terciário aumentou de forma significativa na última década devido à implementação de novos serviços, nomeadamente nos ramos automóvel, financeiro, restauração e turismo.

Cerca de 93% dos estabelecimentos comerciais de Vila Nova de Cerveira são retalhistas e 7% são grossistas. De uma forma geral, caracterizam-se por serem de pequenas dimensões, em resultado do baixo número de pessoal ao serviço.

Dimensão dos estabelecimentos retalhistas

N.º de Trabalhadores	N.º de Empresas
1	170
2	164
3	7
4 - 18	5

Fonte: D.G.C.C.Cadastró Comercial, 2003

Cerca de 93 % dos estabelecimentos têm um ou dois trabalhadores e apenas 3% têm mais do que três trabalhadores. A excepção verifica-se com uma empresa que possui dezoito trabalhadores.

Dimensão dos estabelecimentos grossistas

N.º de Trabalhadores	N.º de Empresas
1	1
2	5
3	3
4-14	3

Fonte: D.G.C.C, Cadastro Comercial, 2003

No caso do comércio a grosso, uma grande parte dos estabelecimentos (42%) tem dois trabalhadores, sendo que 50 % têm entre três e quatorze trabalhadores ao serviço.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

A estrutura comercial de Vila Nova de Cerveira beneficia de um poder de atracção de relativa importância, em função das movimentações de turistas que constituem um assinalável mercado consumidor. Consta-se alguma vulnerabilidade pela existência de determinadas carências de diversidade, deficiências ao nível da implementação de serviços ao consumidor (de natureza tão distinta como a forma de pagamento e a venda a crédito) e, menos acentuadamente, a qualidade da oferta e a adequação dos preços.

O estudo das condições de vida da população incide na análise de duas ordens de factores: a acessibilidade a serviços públicos, serviços privados, bens de consumo e bens de equipamento e, ainda, o poder de compra *per capita*. No que se refere ao primeiro factor, este tem por base o Inventário Municipal da Região do Norte de 1998, onde consta a distância média a percorrer pela população do concelho, para ter acesso aos vários tipos de bens.



De entre o conjunto de equipamentos, serviços e comércio constantes no estudo, seleccionaram-se dezoito que se consideram significativos para ilustrar o grau de acessibilidade do concelho e que figuram no quadro que se apresenta de seguida.



Distância média da população a equipamentos e serviços (km)

Equipamentos Serviços	Freguesias Equipadas			Distância média serviços (Kms)
	N.º	(%)	Pop. Servida (%)	
Serviços Públicos				
Ensino				
1º ciclo	15	100	100	
2º ciclo	2	13,3	28	5
3º ciclo	2	13,3	28	5,1
Secundário	2	13,3	28	4,9
Saúde				
Hospital Geral				39,4
Centro de saúde sem internamento	1	6,7	16,6	5,6
Centro de saúde com internamento				16,6
Cons. Médico privado	1	6,7	16,6	
Acção Social				
Lar de Idosos	1	6,7	16,6	5,4
Desporto				
Piscina	2	13,3	27,4	
Pavilhão desportivo polivalente	3	13,3	27,4	
Serviços Privados				
Agência Bancária	1	6,7	16,6	5,6
Serviço Multibanco	2	6,7	16,6	5,6
Farmácia	3	20	38,2	3,1
Gabinete de contabilidade	1	6,7	16,6	5,6
Escritório de advocacia	1	6,7	16,6	5,6
Bens de Equipamento e Consumo				
Supermercado	3	20	32,5	6,8
Restaurante	7	46,7	66,6	2,1
Loja de equipamento informático	1	6,7	16,6	5,7

Fonte: INE, Inventário Municipal da Região do Norte, 1998

No que ao ensino diz respeito, registe-se a existência de escolas do 1º ciclo em todas as freguesias, e de duas escolas do 2º ciclo, 3º ciclo e secundário que servem a população



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

estudantil de todo o concelho, sendo que para aceder a estas, a distância média a percorrer é de 5,1 kms, à excepção do ensino secundário que dista, em média, 4,9 kms.

Relativamente à saúde, a distância média que garante o acesso a um Hospital é de 39,4 kms, tratando-se de uma situação pertinente do ponto de vista de acesso aos serviços. O Centro de Saúde com internamento dista, em média, cerca de 16,6 kms, situação em todo semelhante ao acesso ao consultório médico privado.

Os serviços privados confirmam a existência de uma certa polarização ao nível da freguesia sede de concelho, pois é aí que se encontram os serviços bancários, gabinetes de serviços contabilísticos e outro tipo de escritórios.

De referir os fortes investimentos realizados na área sócio-cultural e desportiva, onde se destaca a existência de campos de jogos, ténis, pavilhões desportivos polivalentes, piscina coberta, salões de festas, biblioteca e, ainda, quatro escolas de música e dança.

O segundo factor a analisar é o Indicador de Poder de Compra per capita que compara o poder de compra do concelho com o poder de compra médio do país ao qual foi atribuído o valor de 100%.

Indicador de Poder de Compra

	V. N. de Cerveira		Minho – Lima		Região do Norte	
	2000	2002	2000	2002	2000	2002
Poder de Compra per capita (%)	54.21	60.04	61.12	64.68	85.96	85.58
% do Poder de Compra no total nacional	0.0497	0.0512	1.53	1.55	30.82	30.34

Fonte: INE, Estudo sobre o Poder de Compra Concelhio, nº IV-200

O Indicador de Poder de Compra *per capita* de Vila Nova de Cerveira apresenta-se mais baixo que o registado na NUT Minho-Lima e ainda na Região do Norte. Se compararmos a evolução nos anos 2000 e 2002, constata-se que ela foi positiva, à excepção da Região Norte que se manteve praticamente inalterado. O concelho de Vila Nova de

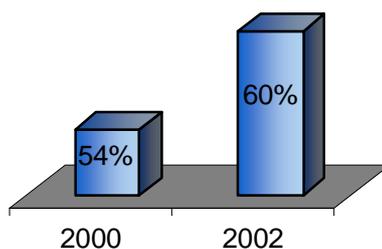


Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Cerveira registou um aumento na ordem dos 11%, enquanto que a sub-região Minho - Lima apenas cresceu 6%. O gráfico abaixo ilustra esta realidade.

Evolução do Índice de Poder de Compra concelhio

Média Nacional = 100%



Anos

Fonte: INE, Estudo sobre o Poder de Compra Concelhio, nº IV-2000

Se no ano de 2000 o Poder de Compra per capita era apenas de 54%, em 2002 esse valor atingiu os 60%.

Paralelamente, a Percentagem de Poder de Compra, que pretende medir o peso do poder de compra concelhio no total do país, indica que o referente a Vila Nova de Cerveira é apenas 0,05%, enquanto que a NUT Minho-Lima contribui com 1,55% e a Região Norte com 30,34%.

Ambos os indicadores considerados demonstram que as condições de vida no concelho em estudo têm demonstrado sinais de uma evolução positiva, continuando, contudo numa situação menos favorável quando comparada com a da respectiva NUT e região do Norte.

Sector do Turismo

A avaliação da dinâmica da actividade turística em Vila Nova de Cerveira não deve ser realizada de uma forma isolada, relativamente ao contexto territorial em que se insere. Este concelho integra-se numa região de forte identidade cultural, o Alto Minho, que actualmente dispõe de alguns trunfos importantes em matéria de coesão cultural e afirmação externa. A existência de um riquíssimo património histórico-cultural, incluindo



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

um património monumental e edificado de notável valor conferem ao concelho e região uma matriz de grande especificidade a nível nacional, que se demonstra enriquecedora do desenvolvimento das práticas culturais, de lazer e turísticas.

A especificidade e a harmonia que se podem encontrar na combinação de valores humanos, históricos e culturais, ambientais e naturais, são hoje não apenas um factor valorizador das condições e da qualidade de vida de centros como Vila Nova de Cerveira, mas principalmente, uma atracção na ocupação dos tempos livres das populações vizinhas, mormente das que residem em zonas de forte densidade e congestionamento urbano, como seja o Porto e toda a sua Área Metropolitana, Braga, Corunha, Vigo, entre outras.

A atractividade do concelho passa muito por factores de ordem cultural e de lazer, ao mesmo tempo que se valorizam os de ordem natural ambiental e histórica. Neste sentido, refira-se a existência de um património natural e edificado muito significativo e disperso pelas freguesias, assim como a emergência de novos produtos turísticos, baseados em programas de multi-actividades associados ao Turismo Activo.

Esta atracção pressupõe a existência de estruturas de alojamento, à qual o concelho tem sabido dar resposta, através do incremento verificado nos últimos anos.

Na verdade, são várias e diversificadas as modalidades de alojamento construídas e em fase de construção. O que segue resume a capacidade de alojamento do concelho de Vila Nova de Cerveira.

Em Vila Nova de Cerveira existe a Pousada de D. Dinis, caracterizada por elevados níveis de qualidade e duas pensões de duas estrelas, ambas localizadas na freguesia, sede de concelho.

Relativamente a Turismo em Espaço Rural apenas se regista uma unidade autorizada e aprovada pela Direcção Geral de Turismo, encontrando-se em fase de construção dois hotéis rurais, nas freguesias de Lovelhe e Covas.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Capacidade de Alojamento no concelho de Vila Nova de Cerveira

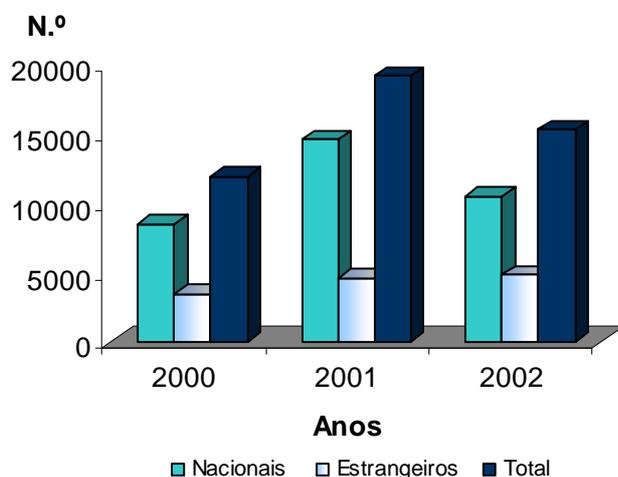
Designação	Freguesia	Categoria	N.º de quartos	N.º de camas
Pousada de D. Dinis - Enatur	V. N. C.	Pousada Histórica	26	50
Estalagem da Boega	Gondarém	Est.4*	29	38
Pensão Rainha de Gusmão	V. N. C.	Pensão 2ª	22	35
Pensão Minho Belo	V. N. C.	Pensão 2ª	12	17
Quinta S. Roque		T.H	8	16
Quinta das Mineirinhas	V. N. C.	4*		80
Pousada da Juventude	V. N. C.		20	58
Parque de Campismo	Covas		capacidade 200 pessoas	
Parque de Campismo	Vila Meã			
Parque de Campismo	Candemil			
Hotel Rural “Quinta do Sobreiro”	Covas			
Malaposta de Lovelhe - Hotel Rural	Lovelhe		4 7xT1 e 1xT3	
Hotel Turismo do Minho	Vila Meã	Est.4*	60	
Centro de Férias do Inatel	Lovelhe		96	185

Fonte: Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde), 2003

Ao nível da animação denota-se a falta de zonas de lazer associada à falta de equipamentos de animação vocacionados para o desenvolvimento da actividade turística, em consonância com a identidade e tradição de Vila Nova de Cerveira.

Relativamente aos registos de movimentos de turistas, o posto de turismo local registou, em média, nos últimos três anos, cerca de 15.000 visitantes, ao que corresponde 72% de visitantes nacionais e 28% estrangeiros, de acordo com o expresso no gráfico apresentado.

Visitantes do posto de Turismo de Vila Nova de Cerveira

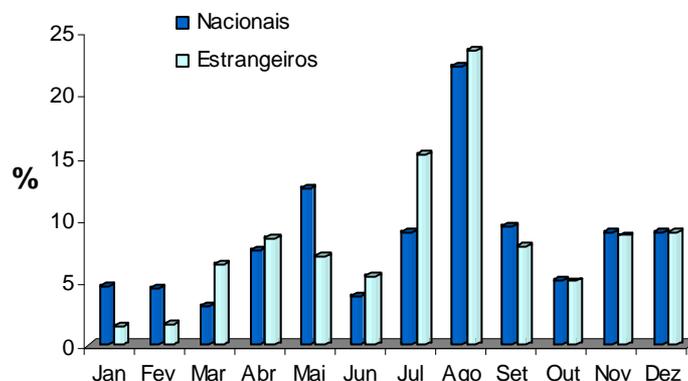


Fonte: Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde), 2001, 2002, 2003

O ano de 2001 foi o mais favorável ao registar cerca de 14.500 visitantes portugueses e 4.500 visitantes estrangeiros. Em 2002 verificou-se uma ligeira quebra, na ordem dos 20%, relativamente a 2001, mantendo-se contudo uma evolução positiva relativa ao ano 2000.

É interessante comparar as visitas de nacionais e estrangeiros nos diferentes meses do ano. O gráfico da sazonalidade das visitas ao Posto de Turismo evidencia o fenómeno da sazonalidade, ainda que este tenha vindo a ser atenuado nos últimos anos.

Sazonalidade das visitas ao Posto de Turismo de Vila Nova de Cerveira



Fonte: Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde), 2002



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

É interessante verificar que nos meses de Junho, Julho e Agosto as visitas de estrangeiros ultrapassam as nacionais, sendo ainda de registar a passagem de estrangeiros durante todos os meses do ano.

Em termos gerais pode dizer-se que são os meses de Junho, Julho e Agosto que totalizam uma maior percentagem de visitas, cerca de 29%, enquanto que os primeiros meses do ano representam 11% e de Setembro a Dezembro 19 %. Na verdade começa-se a vislumbrar uma mudança na tendência do fenómeno da sazonalidade, pese embora este continuar a caracterizar o turismo no concelho de Vila Nova de Cerveira.

O concelho em estudo apresenta uma considerável panóplia de recursos naturais e patrimoniais, passíveis de serem aproveitados e explorados pelo turismo. Contudo, e em virtude dos recursos naturais oferecerem melhores condições de gozo em alturas de Verão, os meses de Inverno impõem, cada vez mais, uma estratégia que garanta a permanência do turista.

Existem oportunidades de desenvolvimento que resultam das especificidades naturais do concelho, desde que munido de instrumentos de planeamento preparados de forma concertada e não de acordo com processos de decisão avulsos e por vezes precipitados. Fundamentalmente, é necessário orientar toda a iniciativa de investimento para o incremento de uma oferta de elevada qualidade e simultaneamente harmonizar este tipo de estruturas com a sua envolvente.

Conclusão

A divisão tradicional, em que a produção de produtos primários, alimentares ou matérias-primas cabia às áreas rurais e os serviços e indústria eram essencialmente funções das áreas urbanas, tem-se tornando obsoleta. As áreas rurais há muito que deixaram de poder ser associadas exclusivamente à agricultura, pois os espaços consagrados à habitação, à indústria e aos serviços não param de crescer, contribuindo para a formação de territórios multifuncionais onde se assiste ao desenvolvimento de novas formas de emprego.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

O concelho de Vila Nova de Cerveira encerra em si um verdadeiro paralelismo com esta realidade. Em termos económicos, assistiu-se na última década a uma diminuição massiva dos activos agrícolas, em função da necessidade de reestruturação da agricultura, face às mudanças nacionais e europeias, que conduzem a formas de produção cada vez menos consumidoras de força de trabalho.

Em virtude deste declínio do emprego nas actividades primárias, assiste-se ao reforço da importância dos serviços, mantendo-se em posição de líder no âmbito das actividades económicas, cuja estrutura aparece cada vez mais diversificada, com o surgimento de unidades ligadas à prestação de serviços relacionados com o turismo e ocupação do tempo de lazer.

As funções relacionadas com o sector do turismo tendem a crescer, particularmente associadas a formas mais qualificadas, veja-se a expansão do alojamento verificado nos últimos anos a esta parte, ao nível de turismo em espaço rural.

A população residente revela também, particularmente a mais jovem, comportamentos em que a necessidade de ocupar os tempos livres conduz à generalização de novos hábitos de consumo. Assim, não só proliferam estabelecimentos recreativos (bares, restaurantes, cafés) como surgem equipamentos do tipo desportivo (piscinas, pavilhões desportivos, campos de jogos) e culturais. Qualquer destas situações contribui para o reforço do carácter terciário do concelho.

Relativamente ao sector industrial, a primeira ideia a reter é a da consciencialização por parte da autarquia, para a importância crescente que este sector tem vindo a adquirir, ao identificar e mobilizar novas oportunidades de investimento, onde se inclui a captação de capital estrangeiro.

Tal como foi oportunamente referenciado na caracterização inicial, esta dinâmica de actuação traduziu-se numa política de infraestruturação de solo para ocupação industrial, jogando por antecipação nas melhores condições de acessibilidade e nas tendências de deslocalização de algumas indústrias.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Por conseguinte, o objecto de intervenção em matéria de acolhimento industrial terá de ser necessariamente o de uma melhoria qualitativa, pelo que é imperioso completar o esforço de infraestruturização com a disponibilização de outras facilidades atractivas para as empresas.

O concelho de Vila Nova de Cerveira goza da existência de uma conjuntura económica favorável, ao que não é alheia a evolução positiva do indicador de Poder de Compra que traduz, naturalmente, a melhoria das condições e qualidade de vida da população local.





VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

5 - POVOAMENTO E ESTRUTURA URBANA



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

5 - POVOAMENTO E ESTRUTURA URBANA

5.1 - História e Valores Culturais

A elaboração do presente capítulo recolhe elementos da caracterização efectuada no PDM actualmente em vigor, sendo, no entanto, a caracterização geral completada com a bibliografia entretanto disponível. Referimo-nos, nomeadamente à informação fornecida pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) ainda a consulta efectuada ao site da internet da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais¹⁵ (DGEMN). De referir ainda que consultámos a publicação *Pelos Caminhos do Património de Vila Nova de Cerveira* elaborada por Carlos A. Brochado de Almeida editada pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira em 2000¹⁶. Contámos ainda com a valiosa colaboração dos serviços de Arqueologia da Autarquia, sem a qual não teria sido possível actualizar e especializar a informação relativa ao inventário municipal das áreas com interesse e valor patrimonial a proteger no âmbito da presente revisão do PDM de Vila Nova de Cerveira.

Gostaríamos de referir ainda que os estudos já efectuados, constituem uma mais valia para a revisão em curso do Plano Director Municipal. Efectivamente, estando os levantamentos realizados no âmbito da fase em curso, optámos por elaborar neste capítulo uma breve resenha dos principais períodos de ocupação do território concelhio, tendo como objectivo o conhecimento da ocupação humana do território e sua posterior utilização em proposta. A informação existente será de utilidade extrema no decurso do Estudo Prévio, quando se começarem a esboçar as classes de espaços.

História

Em termos de enquadramento, relativamente à ocupação do território, de acordo com o PROTAM (1995:18) o património desta área caracteriza-se pela presença de um número significativo de valores culturais que fazem a sua história. Refere também o mesmo

¹⁵ www.monumentos.pt:7070/ipa

plano que as zonas do interior mantêm ainda características próprias de uma acentuada ruralidade que se manifestam em alguns aglomerados populacionais com linguagens urbanísticas e arquitectónicas tradicionais.



Efectivamente, o plano regional (PROTAM,1995: 26) refere que se verifica uma forte identidade cultural, assente na diversidade de estilos e formas do seu Património (arqueológico, edificado, gastronómico e etnográfico), mas também na vontade das suas populações residentes, são os traços marcantes desta região. A “construção” do Alto Minho, da sua paisagem e dos modos de vida da sua população, tem por base uma continuidade de experiências somadas desde épocas antigas, atestada por inúmeros testemunhos já reveladores da dicotomia entre o litoral e a montanha.



No que se refere à História do concelho, a PDM em vigor, na Introdução/Nota Histórica¹⁷, faz as seguintes observações e resenha histórica:

Devido às suas extraordinárias qualidades naturais, com abundância de terrenos férteis e bem irrigados, caça, pesca e matérias-primas (nomeadamente estanho), o território que

¹⁶ Carlos A. Brochado de Almeida - Pelos Caminhos do Património de Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, 2000.

¹⁷ CMVNC, Património Construído, Relatório de Caracterização, p. 25-27.

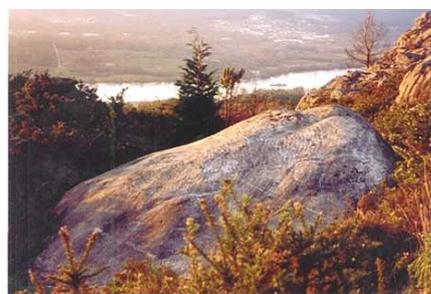


VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

hoje constitui o Concelho de Vila Nova de Cerveira, foi desde tempos remotos palco de uma intensa ocupação humana.

São prova disso, não só os inúmeros artefactos lascados de tradição paleolítica que aparecem principalmente nas margens do rio Minho, como também os machados polidos neolíticos e as gravuras rupestres da idade do cobre, existentes próximo da capela da Sr.^a da Encarnação.



A riqueza desta região e o seu desenvolvimento socio-económico, são comprovados desde pelo menos a época calcolítica, através da sepultura da Quinta da Água Branca, cujo espólio forneceu diversas peças de ouro e armas em bronze, objectos que nessa época se encontravam ligadas exclusivamente a chefes ricos e poderosos.

Na Idade do Ferro, tal como aconteceu em todo o Noroeste da Península, também o território do actual concelho de Vila Nova de Cerveira viu os seus montes polvilharem-se de povoados fortificados, conhecidos localmente por “castros”.

Estes povoados castrejos tradicionais, que tiveram genericamente uma duração entre os séculos VII a VIII a.C. e a época Flávia (finais do séc. I d.C.), tinham uma economia agro-pastoril, assente na criação de gado caprino e numa agricultura preferencialmente de sequeiro. Este facto, reforçado por preocupações estratégicas de controle regional e de defesa, influenciou a localização dos povoados, todos eles localizados no alto de montes de altitude média, geralmente entre os 259 e os 500 metros de altitude.

Com a influência romana, que trouxe novas formas de vida, nomeadamente nos campos económico e social, os povos autóctones vão começando, voluntariamente ou pela força,



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

a descer em direcção às planícies, o que origina no início deste milénio, o aparecimento dos castros de baixa altitude, ou “castros agrícolas”, construídos segundo uma filosofia de compromisso entre as técnicas tradicionais e a tipologia dos campos militares romanos.

Estes povoados edificados junto aos campos de cultivo e às grandes vias de penetração, correspondem já a um modelo de economia aberta, em que começa a ter papel preponderante os excedentes de produção, a moeda e os objectos de luxo de importação.

São bons exemplares desta nova realidade, não só pelo espólio que forneceram, mas também pela sua tipologia e pela sua localização, junto a fortes linhas de penetração, os “castros agrícolas” de Gondarém e Lovelhe, entre muitos outros.

É neste contexto de romanização, com a distribuição de terras pelo imperador, um habitat que começa a tornar-se cada vez mais disperso e uma economia cada vez mais aberta, que aparecem as primeiras villas rústicas e os casais agrícolas, materializados nos inúmeros vestígios romanos que aparecem um pouco por todo os vales do território cerveirense.

Na romanização desta região, é de destacar, pela sua importância fundamental para o desenvolvimento económico, a villa romana de Lovelhe, que pela sua localização excelente dominaria o comércio externo não só importando objectos de luxo (vidro, cerâmicas, etc.), como também exportando produtos agrícolas locais e matérias-primas.

A evidência arqueológica resultante das escavações realizadas nos últimos anos, nesta “villa”, mostra uma grande pujança económica, que se mantém em crescendo até ao séc. IV, passando depois por uma fase de quase total abandono, talvez devido às incursões árabes, dada a sua localização frágil, (...), até ao seu total abandono, com a construção da fortaleza de Cerveira, e principalmente com os benefícios trazidos pelo foral de D. Dinis em 1321, que atraiu os moradores das redondezas para “dentro de portas”, como era aliás a intenção destas cartas régias, com vista à criação de povoações fortes bem defendidas.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Desde a sua criação, a “nove” Vila de Cerveira, não parou mais de crescer e de reforçar a sua posição estratégica de defesa de fronteira norte de Portugal, tendo desempenhado um papel de relevo, não só nas guerras da Restauração, através da fortaleza da vila e do Forte de Lovelhe, entre outras fortificações de menor porte, como também nas invasões napoleónicas, quando a resistência tenaz dos cerveirenses obrigou as forças francesas a perder tempo precioso, permitindo a reorganização e a preparação do embate por parte das tropas portuguesas.

Valores Culturais

No que se refere à elaboração deste sub-capítulo, gostaríamos de referir que elaborámos uma sistematização do património classificado e em vias de classificação existente no concelho. Para o efeito desagregámos a informação em património arqueológico e em património arquitectónico, como se pode ver na *Planta nº 7 – Planta do Património Cultural*. Incluímos ainda outros valores arqueológicos, por entendermos que estes tem uma presença e uma dimensão – embora muitas vezes não sejam visíveis – que deverão ser conhecidos e espacializados nos instrumentos de ordenamento municipal. No que diz respeito a outros valores arquitectónicos existentes no concelho, devidamente inventariados no Plano Director em vigor, optámos por inclui-los na actualização efectuada relativamente aos imóveis existentes. Considerámos igualmente importante espacializar o Caminho de Santiago, pela sua importância ao nível simbólico e enquanto recurso turístico valioso. A sua espacialização evidencia a importância dos imóveis religiosos e civis que ocorrem no concelho e que são determinantes para a memória colectiva das suas gentes.

• PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO CLASSIFICADO

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO

Freguesia de Covas

1 - Designação: Complexo Mineiro da época romana do Couço do Monte Furado

Despacho de Julho de 1983

Protecção: IIP (Imóvel de Interesse Público), Decreto Nº 67/97, de 31 de Dezembro, DR 301

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Covas (Couço do Monte Furado)

Endereço: Est. Florestal a partir do km 15 da EN 301; Gauss: M-150.6, P-545.8; Fl. 14

Época Construção: Época Romana

Tipologia: Arquitectura industrial, romana. Minas romanas de exploração aurífera.

Enquadramento: Rural, isolado, base de encosta de declive acentuado, coberta com pinhal, junto a um meandro do Rio Coura.

Descrição: Em meandro do Rio Coura, foi cavado um túnel no afloramento atravessando o meandro. A meia altura do túnel em vários pontos estão cavados pequenos nichos nas suas paredes para colocação de sistema de iluminação. À saída do túnel, encontram-se cavados dois pequenos tanques colocados contiguamente e com um pequeno desnível entre eles. A água do rio seria desviada por um pequeno açude a montante, no meandro, sendo as águas do rio conduzidas por um canal para o túnel, permitindo, deste modo, retirar as areias auríferas depositadas no leito. Por outro lado, os tanques colocados no final do túnel, por decantação retinham outros elementos auríferos.



Utilização Inicial: Industrial. Minas

Utilização Actual: Marco histórico-cultural

Propriedade: Privada, pessoa singular

Cronologia: Antiguidade - Construção.

Características Particulares: Poço para depósito das areias aluvionares no leito do rio; poços de decantação para recolha do minério na parte terminal do túnel.

Dados Técnicos: Galerias abertas no afloramento.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Bibliografia:

Complexo mineiro do Monte Furado - 1982, Informação Arqueológica, 5, Lisboa, 1985, p. 245; ALARCÃO, Jorge de, O Domínio Romano em Portugal, Lisboa, 1988, p. 127.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: Muito embora não haja um elemento seguro de caracterização cronológica deste sistema de exploração de recursos auríferos, há um paralelo com grande semelhança com o caso presente, localizado em Montefurado, Lugo (Espanha). (1) Embora os túneis estejam parcialmente entulhados e as suas entradas cobertas com vegetação.

Autor e Data: Paulo Dordio e Paulo Amaral 1995

Em Vias de Classificação

Freguesia de Lovelhe

1 – Forte (Forte de São Francisco) e Estação arqueológica de Lovelhe

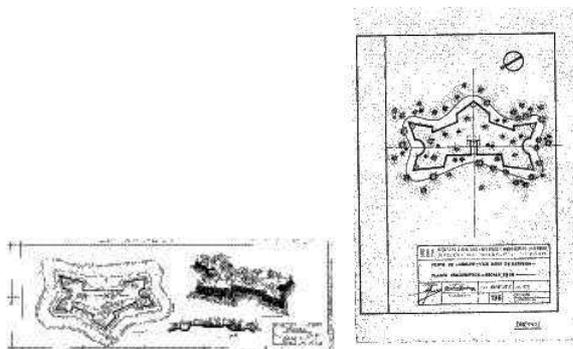
Protecção: IIP (Imóvel de Interesse Público), Homologação Superior de 12/10/1979

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Lovelhe

Categoria/Tipologia: Conjunto/Arquitectura mista

Acesso: Lug. da Brea, junto à Est. da Quinta do Forte; Gauss: M-149.4, P-553.8; Fl. 6

Enquadramento: Rural, isolado, periférico, pequeno outeiro coberto de pinhal e com terrenos agrícolas, sobranceiro ao Rio Minho e superfície aluvial deste rio.



Descrição: Planta pentagonal, reforçado nos ângulos por lanças abaluartadas com a mesma altura e espessura das cortinas. As muralhas, em alambor, apresentam na parte

superior um parapeito em terra, conservando nos ângulos dos baluartes um balcão circular saliente, com cobertura de pedra em seis águas, com remate em pináculo. Apresenta uma única entrada, processando-se o acesso por uma porta com arco de volta perfeita, continuando por um pequeno túnel que conduz a uma abertura igual, estando, no entanto, todo o conjunto da porta d'armas muito destruído, com a cornija já derrubada e não apresentando o túnel qualquer cobertura. O fosso intercala-se entre o forte e uma cortina defensiva construída em talude de terra e que o rodeia em todo o seu perímetro.



Utilização Inicial: Militar, forte

Utilização Actual: Marco histórico-cultural

Época de Construção: Séc. 17

Cronologia: 1642 - Construção do forte pelo general D. Francisco de Azevedo; 1663 - conclusão da construção; 1797 - obras de reconstrução por ordem do Marechal de Campo D. Rodrigo de Lencastre; 1809 - destruição por explosão das instalações interiores do forte pelas tropas napoleónicas.

Tipologia: Arquitectura militar, seiscentista. Forte seiscentista de planta pentagonal, reforçado nos ângulos por lanças abaluartadas, fosso e muralha exterior em talude de terra.

Características Particulares: O amuralhado do forte, de pequenas dimensões, não apresenta alicerces, assentando directamente sobre o solo natural, estando no entanto as primeiras fiadas protegidas com terra que foi extraída do fosso.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes, com muralhas em alvenaria irregular em dois paramentos interiormente preenchidos com terra, com cunhais dos baluartes e vãos em cantaria bem aparelhada; fosso escavado no afloramento.

Materiais: Estrutura em silhares graníticos ligados com argamassa; muralha exterior em terra.



Bibliografia: VIEIRA, José Augusto, O Minho Pitoresco, 1, Lisboa, 1886, p. 144 e 147; GUERRA, Luís de Figueiredo, Castelos do Distrito de Viana do Castelo, O Instituto, 73 (5), Coimbra, 1926; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, Forte de Lovelhe, Informação Arqueológica, 7, Lisboa, 1986, p. 91 - 92; idem, Forte de Lovelhe, Informação Arqueológica, 9, Lisboa, 1994, p. 31 - 33.

Documentação Gráfica: G.E.A.E.M.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: O Forte de São Francisco estava originalmente dotado de 4 quartéis, armazém, paiol e capela, tendo todas estas instalações sido entretanto destruídas. Encontra-se em elaboração um plano global de valorização e musealização do Forte com a estação arqueológica de Lovelhe.

Autor e Data: Paulo Dordio / Paulo Amaral 1995

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE LOVELHE

Enquadramento: Rural, isolado, periférico, pequeno outeiro coberto de pinhal e com terrenos agrícolas, sobranceiro ao Rio Minho e superfície aluvial deste rio.

Descrição: Povoado fortificado proto-histórico, rodeado por uma muralha construída em terra, antecedida por um fosso, estando o sistema defensivo apenas conservado no flanco NO., albergando no seu interior construções pétreas de planta circular e rectangular, dispostas em patamares, resguardados por muros de contenção, verificando-se que este povoado sofreu uma remodelação de que é efeito visível, para além das mudanças de espólio ceramológico, as construções de planta rectangular e reformas noutras de planta circular. Este mesmo espaço foi renovado posteriormente, tendo-se nele instalado um importante habitat aberto romano ("*villa*") constituído por um grande edifício, que pela dimensão já conhecida assim como por alguns pormenores arquitectónicos devia revestir uma certa monumentalidade, devendo ter possuído dois

pisos sobrepostos, dado que alguns paramentos da construção atingem c. de 3 m de altura.



Utilização Inicial: Residencial / militar: Povoado fortificado

Utilização Actual: Marco histórico-cultural

Época de Construção: Proto-História / Antiguidade / Idade Média

Cronologia: Baixo-Império - Algumas remodelações do edifício da "villa"; período Suévico-Visigótico remodelações no mesmo edifício, numa altura em que o espaço residencial era diminuto, mas reaproveitando parte da estrutura precedente; séc. 1 a.C. - primeira ocupação.

Tipologia: Povoado fortificado proto-histórico (Castro) com uma muralha, construída em terra, e fosso, possuindo no interior construções de planta circular e rectangular e um habitat aberto romano ("villa") e medieval.

Características Particulares: Povoado fortificado com construções intramuros dispostas em patamares, revelando remodelações. Forno cerâmico e forno metalúrgico; alicerce de igreja medieval.

Dados Técnicos: Fosso escavado no afloramento; paredes autoportantes; muralhas construídas em terra; construções com silhares assentes em seco ou ligados com argamassa, em aparelho poligonal e irregular, constituídas por dois paramentos paralelos preenchidos interiormente com pedra miúda; cunhais e ombreiras com silhares bem aparelhados e por vezes almofadados; lareiras estruturadas com tijoleiras; caleiros estruturadas com lajes; forno de estrutura pétreo, de parede dupla com colunas de sustentação da grelha em silhares.

Materiais: Muralha em terra; construções em granito; cobertura de construções em materiais perecíveis e com "tegula" e "imbrex"; pavimentos das construções em terra batida e barro; pavimento de saibro com orla de ladrilhos quadrangulares; pavimento de mosaico; caleiros em lajes graníticas; forno em granito.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Bibliografia: VIEIRA, José Augusto, O Minho Pitoresco, 1, Lisboa, 1886, p. 144 e 147; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, I, Forte de Lovelhe, Informação Arqueológica, 7, Lisboa, 1986, p. 91 - 92; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, I, Forte de Lovelhe, Informação Arqueológica, 9, Lisboa, 1994, pp. 31 - 33.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Intervenção Realizada: 1985 / 1990 - Escavação arqueológica de responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida; Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira: 1988 - cobertura de estruturas; 1992 - vedação de alguns sectores das ruínas; 1992 / 1993 - trabalhos de conservação e restauro de responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida; 1995 - escavação arqueológica de responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida.

Observações: A reconstituição das estruturas da "villa" está assinalada pela separação marcada por placas de mármore; o espólio proveniente das escavações arqueológicas está depositado na Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.

Autor e Data: Paulo Dordio / Paulo Amaral 1995

2 - Atalaia / Bateria da Mata¹⁸

Protecção: IIP, Desp. Janeiro 1979 – Homologação de S. Excia. o então Secretário de Estado da Cultura. Despacho de 21/12/00 do Senhor Vice Presidente do IPPAR

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Lovelhe (Alto do Lourido)

Categoria/Tipologia: Atalaia/Arquitectura Militar

Acesso: Monte da Senhora da Encarnação, estradão a partir do km 104 da EN 13; Gauss: M-149.9, P-553.1; Fl. 6

Enquadramento: Rural, isolado, remate de esporão, a meia encosta, coberto de pinhal e mimosas, sobranceiro ao Rio Minho e superfície aluvial deste rio.

Descrição: Bateria assente numa plataforma defendida por uma muralha de blocos mal faceados, assentes em seco, com c. de 1 m de espessura e conservando uma altura máxima de c. de 1 m. Na zona de ligação do esporão à encosta foi escavado um fosso

¹⁸ Informação recolhida no site: www.monumentos.pt:7070/ipa

no afloramento, sobre o qual foi construído um passadiço de pedra vã. A bateria apresenta uma planta circular, sendo construída com um aparelho de alvenaria de blocos irregulares de granito, com cornija, vãos e balcões em cantaria. Tem uma entrada virada a E., em porta de uma folha em vão de arco quebrado, que através de 9 degraus dá acesso à zona superior da bateria. No interior, no centro do edifício, encontra-se uma cisterna de planta circular com c. de 2 m de diâmetro e uma profundidade de c. de 3 m. Em plano mais elevado, contornando todo o perímetro da bateria, encontra-se uma ronda com uma largura de c. de 1,5 m, com acesso por 3 degraus lançados a partir dos dois lados da escadaria da entrada, estando limitada por uma muralha com uma espessura de c. de 1,5 m e conservando uma altura máxima de c. de 1 m. Esta muralha apresenta três aberturas conduzindo a balcões salientes, assentes sobre 4 consolas de granito, virados a N, S. e O..



Utilização Inicial: Militar: Atalaia

Utilização Actual: Marco histórico-cultural

Época de Construção: Idade Moderna

Cronologia Idade Moderna - Época de construção.

Tipologia: Arquitectura militar, moderna. Bateria de planta circular, com alçado exterior percorrido por cornija curva e balcões sobre modilhões, integrando cisterna no seu interior.

Características Particulares: Planta circular; fosso escavado no afloramento; cisterna.

Dados Técnicos

Paredes autoportantes.

Materiais: Muralha em alvenaria de blocos irregulares de granito, ligados com argamassa, com cornija, vãos e balcões em cantaria; porta em madeira chapeada.



Bibliografia: GUERRA, Luís de Figueiredo, Castelos do Distrito de Viana, O Instituto, 73 (5), Coimbra, 1926; GUERREIRO, Castro, Contributos para a História de Vila Nova de Cerveira. 1. O Castelo e outras Fortificações, Vila Nova de Cerveira, 1987, p. 47.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: Funcionava conjuntamente com o Forte de Lovelhe e o castelo de Vila Nova de Cerveira, formando um triângulo defensivo neste sector do Rio Minho. O contorno do esporão foi escavado de forma a acentuar o declive que se sucede à plataforma superior.

Autor e Data: Paulo Dordio e Paulo Amaral/1995

OUTROS VALORES ARQUEOLÓGICOS¹⁹

Freguesia de Campos

- 1) Lugar de Quinta, envolvente da Capela de Santa Luzia.** A capela de Santa Luzia é o que resta do antigo mosteiro de freiras beneditinas, de Santa Maria de Valboa. Ambas as estruturas terão sido fundadas em 1098. Actualmente toda a zona exterior ao adro da capela corresponde a campos agrícolas, no entanto visita atenta ao local revela a existência de restos de muros em pedra que deverão corresponder à estrutura do convento desaparecido. No adro da capela encontra-se um sarcófago

¹⁹ CMVNC, PDM, Relatório de Caracterização, p. 43-47.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

antropomórfico de cronologia medieval, e na parede da capela existe uma pedra almofada, parcialmente picada de deverá ser romana ou alti-medieval.

Classificações do IPA²⁰

2) Campos, Alto das Cerejas

CNS: 420

Tipo: Estação de Ar Livre

Descrição: Estação de ar livre de época paleolítica. Esta jazida integrou o projecto de 1982, da responsabilidade do Dr. Francisco Sande Lemos, "Estudo das indústrias Paleolíticas e dos depósitos quaternários do Vale do Rio Minho".

3) Campos, Quinta das Cerejas

CNS: 2630

Tipo: Achado(s) Isolado(s)

Descrição: Referência a um túnel.

Freguesia de Candemil

4) Igreja. Ocupação romana ou alti-medieval comprovada pelo aparecimento de telhas em razoável quantidade nos terrenos envolventes à Igreja.

5) Alto de S. Paio. Ribeira de Castro. Povoado Fortificado da Idade do Ferro, romanizado. Localizado em esporão de constituição xistosa, definido pelos Ribeiros de Castro e Fogo. Apresenta excelentes defesas naturais dos lados Norte, Este e Sul. Já do lado Oeste foi escavado no xisto um fosso, que actualmente se encontra parcialmente entulhado, criando um novo acesso à acrópole do castro. Esta é composta por uma plataforma relativamente plana, mas de pequena dimensão, onde é possível contactar a existência de parte de uma casa escavada na rocha. Em toda esta zona é possível encontrar muita pedra de construção dispersa, assim como

²⁰ Fonte: WWW.ipa.min-cultura.pt.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

diversos fragmentos cerâmicas de características castrejas. Nas vertentes voltadas a nascente e sul é difícil delimitar o povoado, uma vez que se sucedem pequenos patamares, onde é provável a existência de estruturas.

CNS: 3909

Tipo: Povoado Fortificado

Descrição: Castro provavelmente romanizado

Freguesia de Cornes

6) Cidade. Vestígios de uma ocupação romana onde não é visível qualquer sistema defensivo. Abundam os fragmentos de tégulas.

CNS: 3428

Designação IPA: Cidade

Tipo: Povoado Fortificado da Idade do Ferro

7) Fulão

CNS: 427

Tipo: Estação de ar livre de época paleolítica

Descrição: Local onde foi identificada uma estação de ar livre onde foram recolhidas 3 lacas de quartzito, 2 seixos talhados, 2 raspadores e 1 machado.

8) Cornes

Classificações do IPA

CNS: 611

Tipo: Estação de Ar Livre

Descrição: Estação de ar livre de época paleolítica. Esta jazida integrou o projecto de 1982, da responsabilidade do Dr. Francisco Sande Lemos, "Estudo das indústrias Paleolíticas e dos depósitos quaternários do Vale do Rio Minho".



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

9) Coroa do Picoto. No topo do morro constata-se a existência de dois taludes em terra, concêntricos, no centro do qual existe um marco geodésico. Estes dois taludes correspondem, muito provavelmente, à estrutura da fortificação das guerras da restauração ou guerras napoleónicas. No entanto, constata-se a existência de vestígios bem anteriores. Na mesma zona onde se encontram os taludes encontra-se fragmentos de cerâmica castreja muito micácea produzida à roda. Já na zona Sul predominam os fragmentos de cerâmica comum romana a par de fragmentos de tégula. Por toda a zona verifica-se a existencial de pedra de construção, compatível com estas duas épocas.

Freguesia de Covas

10) Torre. Castro Agrícola. Povoado de pequenas dimensões, localizado junto ao lugar da Torre. Era defendido por duas ordens de muralhas em talude, seguida da parte exterior por um fosso. A nascente possui dois fossos, por ser uma zona de acesso mais fácil. Um dos fossos é hoje em dia parcialmente ocupado pela estrada que serve o lugar. Do lado poente o sistema defensivo surge indefinido. No interior da acrópole crescem giestas pinheiros e matos. É neste local que a tradição e as memórias paroquiais apontam para a existência de uma torre, que terá sido desmantelada para a construção do cemitério paroquial. Aparecem diversos vestígios de cerâmicas do castrejo final, à tégula e cerâmica comum da época romana.

11) Pagade. Povoado fortificado da Idade do Ferro onde são vagamente visíveis restos de uma muralha. Aparecem alguns vestígios cerâmicos.

12) Mata dos Casarões/ Santa Luzia. Villa/Sepultura. Vestígios cerâmicos castrejos e romanos, datáveis do séc. I d.C., fragmentos de “terra sigillata” e vidro correspondentes a uma provável *villa* romana. Existe também uma sepultura antropomórfica cavada na rocha e diversas cerâmicas medievais que documentam uma ocupação dessa época.

Classificações do IPA

13) Alto de São Paio



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

CNS: 19504

Tipo: Mamoá

Descrição: Montículo bem destacado acima do solo. Apresenta-se revestido por arbustos. A estrutura é constituída por terra, blocos de quartzo, placas de xisto e pequenos fragmentos de granito. Não há vestígios de esteios. Apresenta cratera de violação na área central.

Freguesia de Gondar

14) Igreja. Nas imediações da Igreja Paroquial de Gondar e especialmente para sudoeste desta, aparecem variados fragmentos de tégula e cerâmica comum romana tardia, que corresponderão a uma ocupação **tardo-romana ou alti-medieval**. Existência de sepultura antropomórfica no adro da Igreja.

15) Vestígios de uma ocupação da época romana no Lugar do Paço, nomeadamente tégulas e fragmentos de dólios

16) São João. Povoado da Idade do Ferro e Romanização, no local de implantação da Capela de S. João; apareceram vestígios de pedra de construção, cerâmica castreja e tégula.

Freguesia de Gondarém

17) Castro do Monte de Góis. Povoado fortificado dos finais da Idade do Ferro onde são ainda visíveis restos do seu sistema defensivo e abundam vestígios cerâmicos das épocas castrejas e romana e cerâmicas da Idade do Bronze.

Designação IPA: Castro do Monte de Góis

CNS: 22765

Tipo: Povoado Fortificado.

Descrição IPA: Povoado fortificado de finais da Idade do Ferro, onde são visíveis restos do seu sistema defensivo; abundam vestígios cerâmicos de época castreja e romana.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

18) Castanheiras. Castro de Gondarém. Castro agrícola com sistema defensivo constituído por muralha sem pedra e em talude e fossos. Aparecem diversos fragmentos cerâmicos da época castreja e romana e duas moedas do baixo império.

Freguesia de Lovelhe

19) Alto do Castro. Povoado Fortificado/Castelo. Pequeno recinto muralhado, com excelentes defesas naturais, em particular dos lados Norte e Poente. Na vertente nascente, constata-se a existência de uma muralha, cuja crista e derrube afloram a superfície. Por toda a área constata-se a existência de pedra de construção.

20) Quinta da Água Branca. Sepultura da Idade do Bronze. Aqui apareceu uma sepultura dessa época, cujo espólio, maioritariamente em ouro, se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Classificações do IPA

CNS: 1418

Tipo: Sepultura

21) Picoto. Castro Agrícola (povoado dos finais da Idade do Ferro, início da romanização – séc. I a. C./I d. C.). Sistema defensivo formado por dois fossos intercalados por uma muralha. Tem uma moradia construída no cimo do cabeço que destruiu parcialmente a acrópole o castro e outras construídas parcialmente sobre o fosso. Espólio constituído por mós manuais, fragmentos de tégula e cerâmica castreja.

Designação IPA: Castro

CNS: 3348

Tipo: Povoado Fortificado.

Descrição IPA: Castro provavelmente romanizado, prospectado por Eduardo Alberto Pires de Oliveira em 1981.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

22) Gravuras da Serra da Gávea. Arte rupestre. Localizado junto à estrada e sobranceiro ao campo de tiro encontra-se três rochas insculptadas com conjuntos de covinha e sulcos.

23) Gravuras da Chã Longa. Arte Rupestre. Insultura composta por sulcos associados a covas, que descreve uma forma antropomórfica.

Freguesia de Mentrestido

24) Portela. Castro de Mentrestido. Sobranceiro à Igreja Paroquial, pelo lado Norte. Povoado dos finais da Idade do Ferro, com sistema defensivo constituído por um talude e dois fossos separados por uma muralha de pedra. Aqui apareceram algumas mós manuais e cerâmica castreja feita à roda. Parte do Sistema defensivo foi aproveitado pela Estrada Municipal.

Designação IPA: Castro

CNS: 3088

Tipo: Povoado Fortificado.

Descrição IPA: Castro provavelmente romanizado, prospectado por Eduardo Alberto Pires de Oliveira em 1981.

Freguesia de Reboreda

25) Igreja. Ocupação romana. Necrópole medieval. Nos terrenos envolventes á igreja encontra-se uma grande dispersão de materiais arqueológicos como cerâmicas comuns romanas, tégula, havendo ainda notícia do aparecimento de fustes de colunas. Na área hoje correspondente ao adro encontram-se ainda três sarcófagos de granito medievais, juntamente com elementos construtivos do templo românico, como frisos e cachorros.

Freguesia de Sapardos

26) Ranhadoura



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Classificações do IPA

CNS: 15689

Tipo: Miliário

Descrição: Coluna miliária, dedicada a Constâncio I, em razoável estado de conservação. A epígrafe tem levantado muitas dúvidas e numa das interpretações é possível ler-se: MINO NO/ CONSTANTIO/ DIVI CONST/ MAXIMINO/ POT. Desconhece-se a proveniência real visto faltar-lhe a milha, bem como se desconhece o actual paradeiro. Este miliário foi publicado em conjunto com outros dois miliários (São Braz e Monte da Gandara) sendo denominados conjuntamente como miliários de Sapardos.

27) São Braz

CNS: 15499

Tipo: Miliário

Descrição: Coluna miliária em mau estado de conservação, restando menos um terço, em altura e metade, em largura. A epígrafe está incompleta, só restando a parte final, onde se lê: BRACA ...VG M. Este miliário foi publicado em conjunto com outros dois miliários (Ranhadoura e Monte da Gandara) sendo denominados conjuntamente como miliários de Sapardos.

28) Monte da Gandara

CNS: 15690

Tipo: Miliário

Descrição: Coluna miliária dedicada a Maximino Daia, com epígrafe incompleta. É possível ler-se: DIVI ALERIO/ VALERIO/ MAXIMINO NOB/ CAES/ MP/ XXXIII. A inscrição deste miliário foi sujeita a várias interpretações, pelo que não foi possível confirmá-la uma vez que se desconhece o paradeiro do mesmo. Terá sido reutilizado como suporte de ramada. Este miliário foi publicado em conjunto com outros dois miliários (Ranhadoura e São Braz) sendo denominados conjuntamente como miliários de Sapardos.

29) Cidade de Cossourado



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

CNS: 3628

Tipo: Povoado Fortificado.

Descrição: Povoado de grande dimensões (cerca de 10 hectares) que possui características de grande antiguidade e em que a romanização e outras fases de ocupação são nulas. Tem três muralhas: a primeira linha, em pedra, rodeia a acrópole e o montículo central, a segunda linha, intermédia, e a terceira linha, externa, que apenas existe na encosta sul. Foram postas a descoberto várias cabanas e outras estruturas de forma circular, elíptica e rectangular. Deduz-se que a ocupação se prologaria pelas encostas do monte e que albergaria muitas mais estruturas do que as que são conhecidas no topo da elevação

30) Monte do Forte. Fortim das guerras da restauração ou invasões napoleónicas. Estrutura composta de duas muralhas em torrão e respectivos fosso

Freguesia de Sopo

31) São Sebastião. Ocupação romana. A oriente da Capela de S. Sebastião num pequeno outeiro com o nome de Ameal. Nas vertentes sul e nascente encontra-se bastante pedra de construção e fragmentos de tégula e dolia.

32) Vale das Donas, Mata dos castros. Povoado fortificado da Idade do Ferro. Trata-se de um esporão com óptimas defesas naturais á excepção do lado poente onde foi reforçado por um talude seguido por um amplo e largo fosso. Encontra-se também uma muralha de grandes blocos de granito e terra. A área habitada circunscrevia-se ao interior do sistema defensivo. Rematava o conjunto uma pequena acrópole no cimo da qual deveria ter funcionado uma torre de vigia. O espólio compreende fragmentos cerâmicos castrejos e mós manuais.

33) Amoladores

Classificações do IPA

CNS: 22763

Tipo: Arte Rupestre

Descrição: Gravura. Afloramento gravado com dois cruciformes um dos quais possui sulco profundo. As gravuras estão voltadas a sul.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Freguesia de Vila Meã

34) Montorros, Igrejas. Ocupação romano ou alti-medieval (segundo a tradição teria existido neste local a primitiva Igreja de Vila Meã). Nos campos limítrofes aparecem fragmentos de tégula, provavelmente associados a uma necrópole.

Freguesia de Vila Nova de Cerveira

35) Monte da Capela do Espírito Santo. Actualmente o monte é coroado pela ruína da capela do espírito. Da antiga ocupação, e apesar de todo o monte se encontrar repleto de vegetação podemos constatar a existência de alguns patamares destinados à colocação de habitações. A capela encontra-se no que resta da antiga acrópole. O sistema defensivo é detectável na vertente nor-nordeste do monte. Quanto a cerâmicas nada detectamos, que não fosse resto do telhado da capela. No entanto, a meio caminho de acesso à acrópole, constata-se a existência num dos patamares, do que resta de uma casa circular escavada parcialmente no afloramento rochoso.

36) Pilar constituído em silhares de granito, bem aparelhados, pertencentes à primitiva forca

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira (Lug. Outeiro da Forca); Gauss: M-150; P-552.2; Fl. 6

Enquadramento: Rural, isolado, implantação harmónica em esplanada destacada, a meia encosta, em remate de esporão sobranceiro ao amplo vale do Rio Minho, junto a largo calçadado, com acesso no troço final em escadas talhadas no próprio afloramento vencendo o acentuado desnível.

Descrição: Pilar de secção quadrangular, assente em afloramento afeiçoado, com silhares graníticos colocados, alternadamente, em fiadas de testa e de peito, com a metade inferior de menor secção. Os silhares de topo apresentam entalhe para assentamento da trave de execução *1.



Utilização Inicial: Judicial. Forca

Utilização Actual: Marco histórico-cultural / turística

Época de Construção: Idade Média (conjectural)

Cronologia: Idade Média - época provável de construção.

Tipologia: Arquitectura civil pública, medieval. Forca medieval de pilar de secção quadrangular.



Características Particulares: Silhares colocados alternadamente em fiadas de testa e de peito, com a metade inferior de menor dimensão.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura em cantaria.

Bibliografia:

DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira. IV Roteiro de Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira, 1983, p. 37 - 38.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Documentação Administrativa: Intervenção Realizada



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Observações:

*1 - Esta forca deveria ter possuído um segundo pilar para completo assentamento da trave de execução.

Autor e Data: Alexandra Lima / Paulo Amaral 1998

37) Castelinho. Guerras da Restauração. Pequena ilha artificial, construída com recurso à abertura de um canal cujas paredes foram capeadas com silhares de grande dimensão. Destinava-se à colocação de peças de artilharia, sobre um rudimentar parapeito.

Classificações do IPA

38) Quinta de Santo António

CNS: 4901

Tipo: Povoado

Descrição: Apareceram no local vestígios de casas de planta circular associados a cerâmicas.

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CLASSIFICADO

Monumento Nacional

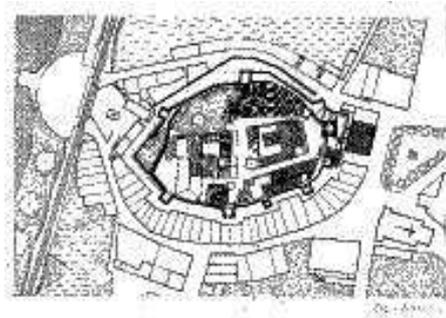
Freguesia de Vila Nova de Cerveira

1 – Castelo de Vila Nova de Cerveira

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira (Rua do Castelo)

Protecção: Decreto Nº 735/74, Diário do Governo nº 297, de 21 de Dezembro. Zona Especial de Protecção (ZEP), Diário do Governo, 2ª série, Nº 252, de 30 de Outubro de 1946.

Categoria/Tipologia: Castelo/Arquitectura Militar



Enquadramento: Urbano, adossado, implantação destacada. Implanta-se na margem esquerda do rio Minho, sobre 1 pequeno morro envolvido pela malha urbana com construções interiores adaptadas a pousada, 1 das quais - o restaurante - constitui 1 elemento perturbador do conjunto pela altura, decoração.



Descrição: Planta oval, formada por 8 torres quadrangulares desenvolvidas no perímetro exterior da muralha, integrando baluarte de S. Miguel sobre o rio e conservando troço da barbacã virada ao terreiro da vila. Acesso por porta da barbacã, em arco quebrado,



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

integrado no corpo rectangular da capela de N^a. S^a da Ajuda, que aproveita inferiormente o espaço de implantação até à muralha, criando entrada em cotovelo. O seu frontispício tem cunhais de cantaria, frontão triangular, e no 2^o piso porta com frontão interrompido e varandim corrido. A barbacã segue depois para E. com muros arredondados ou em ângulo agudo, mas depois da torre o seu traçado é apenas visível na organização da malha urbana. Para o castelo entra-se por dupla porta: 1 na muralha entre a Capela da Sr.^a da Ajuda e a torre, tendo arco quebrado sobre pés direitos, e sendo encimada por escudo e modilhões de antigo balcão; a 2^a fica na torre supracitada, com duplo vão, de arco pleno, tendo o interior armas de Portugal. Entre esta torre e igreja da Misericórdia existe latrina arredondada sobre 2 modilhões. No interior, corre em todo o perímetro adarve descontado na espessura da muralha e com escadas de pedra para acesso. As torres, já sem o seu coroamento, têm diferentes alturas. A O. 1 conserva parapeito saliente e outra 1 parapeito ainda mais saliente sobre modilhões. O baluarte, com moldura no muro exterior, tem acesso por pequena porta de arco pleno - designada por porta da traição -, junto à qual existe cisterna. Entre as várias construções intramuros conserva-se parte da antiga residência dos governadores, com porta em arco quebrado.



Utilização Inicial: Militar: Castelo para defesa da vila

Utilização Actual: Turística / cultural / comercial: Pousada de D. Dinis no interior

Época de Construção: Séc. 13 / 15 / 17

Cronologia: Séc. 13 - Inclusão do castelo no dote nupcial de D. Mécia, esposa de D. Sancho II; 1258 - Inquirições referem encargo da anúduva pelos moradores de Cerveira e freguesias próximas; c. 1320 - D. Dinis manda que se faça póvoa; 1321 - ao conceder-lhe foral determina que 1/3 das dízimas se aplique na conservação do castelo; séc. 14 / 15 - construção da barbacã por D. Fernando ou D. João I; 1512 - D. Manuel I renova o castelo; 1643, 25 Set. - resistiu ao ataque das tropas de D. Filipe IV, com defesa organizada pelo Governador Manuel de Lima e Abreu; 1650 - construção da capela de N^a S^a da Ajuda sobre a porta da barbacã; 1660 - 7^o Visconde de Vila Nova de Cerveira manda rodear povoação com muros, fossos, guarnecidos por 4 baluartes inteiros, 1 meio

baluarte e 3 redutos para o lado do rio; 1667 - conclusão das obras à custa do imposto do real de água e de 1 finta na povoação; 1718 - Eng. Manuel Vilalobos aparece a medir e avaliar um terreno situado no interior da fortificação, que os próprios queriam vender em hasta pública; 1742 - a bateria recebeu outra a cavaleiro, para poder dominar o forte de S. Lourenço de Gaião; 1809 - resistiu ao ataque das tropas de Napoleão comandadas por Sault (Nicolau Jean de Dieu) durante a 2ª Invasão Francesa; 1844 - demolição parcial da torre de menagem; 1845 - torreão afonsino fendido por 1 raio foi apeado até meio; 1845 / 1846 - as portas e muralhas da fortaleza começaram a ser destruídas; 1875 - autorização para destroçar fortaleza; 1905 - atulhamento dos fossos.



Tipologia: Arquitectura militar, gótica e barroca. Castelo gótico, de pequenas dimensões, planta oval, com 8 torres quadrangulares e porta principal na de menagem (ou dos Mouros), de duplo vão e com "mocheta" defensável por cima. No séc. 17 foi reforçado por fortaleza à Vauban, de estilo barroco, subsistindo apenas 1 baluarte, mas cuja organização deixou marcas no urbanismo da vila.

Características Particulares: As cortinas das muralhas denotam diferentes técnicas na construção, o que se poderá dever a várias épocas ou modificações posteriores aproveitando a cantaria. A barbacã deve datar do séc. 15. O escudo da porta da torre é anterior a 1436, data em que se reformou as armas de Portugal. A porta lateral é já posterior, (talvez do séc. 16) não só devido à sua localização, mas também devido à organização do escudo que a encima e à abertura de um balcão.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes, estrutura mista em cantaria com aparelho "quadratum", "vittatum" e "mixtum".



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.



Materiais: Granito.

Bibliografia: GUERRA, Luís de Figueiredo da, Castelos do Distrito de Viana, Sep. de O Instituto, vol. 73, nº 5, Coimbra, 1926; PERES, Damião, A Gloriosa História dos Mais Belos Castelos de Portugal, Porto, 1969; DIOGO, José Leal, O Castelo de Cerveira in Cerveira Nova, Vila Nova de Cerveira, 5 Jul. 1971; MOREIRA, Cor. Bastos, Castelo de Vila Nova de Cerveira in Jornal do Exército, Lisboa, Set. 1977; DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira. Inventário da Heráldica Concelhia, vol. 3, Porto, 1981; idem, Para a História de Vila Nova de Cerveira. Roteiro de Vila Nova de Cerveira, vol. 4, Porto, 1983; BANDEIRA, Luís Stubbs S. M., Castelo de Vila Nova de Cerveira in MAMA SUME, nº 19, Nov / Fev. 1982 - 1983, p. 33 - 36; ALVES, Lourenço, Do Gótico ao Manuelino no Alto Minho (Monumentos Civis e Militares) in Caminiana, vol. 12, Ano 7, Caminha, 1985, p. 37 - 130; GIL, Júlio, Os Mais Belos Castelos e Fortalezas de Portugal, Lisboa, 1986; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Alto Minho, Lisboa, 1987; SOROMENHO, Miguel, Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura, Dissertação de Mestrado em História da Arte Moderna, vol. 1, U.N.L., 1991.

Documentação Gráfica: DGEMN: DSID, DREM N

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID, DREM N

Documentação Administrativa: DGEMN: DSID, DREM N

Intervenção Realizada: DGEMN: 1969 - Consolidação, tratamento de paredes e diversos; 1977 - trabalhos não previstos; 1977 / 1982 - adaptação do castelo a pousada; 1980 - beneficiação do conjunto amuralhado compreendendo a defesa de pavimentos dos adarves; equipamento de cozinhas, copa, bar e lavandaria; projecto de adaptação parcial de casa 1 e 2 para instalação da central telefónica; 1982 - obras de recuperação de coberturas e arranjos exteriores; 1983 - alteração do sistema do termo-ventilação da

lavandaria, trabalhos de beneficiação; 1984 - beneficiação do caminho de ronda; 1985 - trabalhos de beneficiação.

Observações: Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida o castelo de Cerveira, já referido no séc. 13, antes da "vila nova", devia situar-se noutra local, mais na montanha, possivelmente no monte sobranceiro do Espírito Santo, em Penafiel (freguesia de Roboreda), ou em Cornes. No recinto limitado pelas muralhas não caberiam as casas dos 100 moradores que D. Dinis pretendia para formar póvoa, o que o leva a pensar na existência de um núcleo populacional extramuros, logo desde os primeiros tempos. O desenho de Duarte Darmas mostra-nos que, nos princípios do séc. 16, o bairro extramuros era já mais desenvolvido do que o interior, até porque dispunha de dois edifícios religiosos. A construção da fortaleza seiscentista, resultou da preocupação de defesa da costa da ameaça espanhola durante a Guerra da Restauração e integrava-se na linha defensiva estrategicamente colocada nas margens do Rio Minho e ao longo da Costa Atlântica, tinha planta estrelada com vários baluartes e um revelim protegendo a entrada, e 4 portas: a da Campanha, a N., tendo junto capela de Santo António, a Porta Nova, a S., com capela de São Gonçalo à entrada, a do Rio, a O. e a de trás da igreja, a E.

Autor e Data: Paula Noé 1992

2 – Pelourinho de Vila Nova de Cerveira

Protecção: Decreto de 16/06/1910, Diário do Governo Nº 136, de 23 de Junho

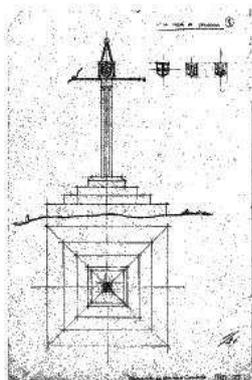
Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira (Dentro do Castelo de Vila Nova de Cerveira)



Categoria/Tipologia: Pelourinho/Arquitectura Civil

Enquadramento: Urbano, isolado, implantação harmónica. Ergue-se na praça principal da vila intramuros do Castelo de Vila Nova da Cerveira (v. 1610150002), junto aos antigos Paços do Concelho (v. 1610150035).

Descrição: Sobre soco de 4 degraus quadrangulares escalonados, ergue-se sem base, fuste de cantos biselados formando um octógono; capitel cúbico com armas municipais e as de Portugal em escudos alternados e remate em cone facetado e embolado. Conserva ainda os 4 braços ou ferros de sujeição.



Utilização Inicial: Marco jurisdicional: Pelourinho

Utilização Actual: Marco histórico-cultural: Pelourinho

Época de Construção: Séc. 16

Cronologia: 1547 - Data da sua construção; 1890 - segundo L. Figueiredo Guerra, foi arrancado a golilha axial.

Tipologia: Arquitectura civil de equipamento, manuelina. Pelourinho manuelino integrado na tipologia de Luís Chaves dos Pelourinhos de bola mista, com cone embolado.

Características Particulares: Pelourinho de linhas muito simples e lineares, conjugando as armas Municipais e as de Portugal no capitel.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura de granito e ferro dos braços de sujeição.

Bibliografia: CHAVES, Luís , Os Pelourinhos do Distrito de Viana do Castelo, Lisboa, 1933; CARDOSO, Nuno Catharino, Pelourinhos do Minho e Douro, Lisboa, 1935; CHAVES, Luís, Os Pelourinhos, Lisboa, 1938; DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira - Roteiro de Vila Nova de Cerveira, vol. 4, Porto, 1983; ALVES, Lourenço, Do Gótico ao Manuelino no Alto Minho (Monumentos Cívicos e Militares) in Caminiana, vol. 12, Ano 7, nº 12, Caminha, 1985, p. 37 - 150; MALAFAIA, E. B. de Ataíde, Pelourinhos Portugueses. Tentâmen de Inventário Geral, s.l., 1997.; SOUSA, Júlio Rocha e, Pelourinhos do Distrito de Viana do Castelo, Viseu, 2001.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Documentação Administrativa: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: 1954 - Trabalhos de consolidação no remate.

Autor e Data: Paula Noé 1992

Imóvel de Interesse Público

Freguesia de Vila Nova de Cerveira

3 – Solar dos Castros

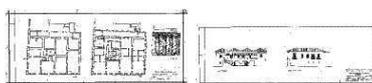
Protecção: Decreto Nº 735/74, de 21 de Dezembro; Diário do Governo nº 297

ZEP – Diário do Governo, nº 252, de 30 de Outubro de 1946

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira (Praça da Liberdade, 74 a 77)

Categoria/Tipologia: Palácio/Arquitectura Civil

Enquadramento: Urbano isolado, implantação harmónica. Ergue-se no centro histórico da vila, perto do castelo e da igreja matriz, tendo espaço ajardinado frente à fachada posterior.



Descrição: Planta rectangular composta por vários corpos. Volumes articulados e cobertura diferenciada com telhado tipo tesoura, de 1, 3 e 4 águas. Frontispício de 2 pisos, separados por friso, e ritmado por pilastras criando 2 corpos; cada um tem 2 portas (1 delas mais larga) e 2 janelas alternadas, com moldura simples, ligando-as às janelas do 2º piso, de sacada, com balaustrada de ferro e encimados por cornija. Sobre a pilastra central grande escudo oval com as armas dos Castros. Telhado de tesoura. À direita adossam-se: alminha, com pilastras jónicas e cornija encimada por frontão



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

interrompido por cruz e pináculos laterais; e portão para o jardim, entre pilares. A fachada posterior tem 2 corpos quadrados formando torreões mais baixos enquadrando arcada dupla, tendo no 1º piso 4 arcos plenos e colunata no 2º; a esta tem-se acesso por escada de pedra avançada com 2 lanços. Precede-a jardim de canteiros, com fonte circular central e latada lateral; é vedado por muro e gradeamento, tendo portão de acesso entre pilastras e com frontão interrompido; um outro portão organiza-se junto à fachada lateral, sendo encimado por merlões chanfrados, pináculo e pedra d'armas.



Utilização Inicial: Residencial

Utilização Actual: Turística e cultural: Posto de turismo, Biblioteca, Centro de Apoio à Juventude

Época de Construção: Séc. 18

Cronologia: Séc. 16, finais / 17, início - Pascoal de Castro Pereira manda construir casa do Morgado dos Castros; 1625, 11 Mar. - instituição do vínculo por António da Fonseca de Azevedo e mulher, Maria Mendes de Carvalho; nas Guerras da Aclamação foi assaltada e saqueada, perdendo-se parte do seu arquivo; séc. 18 - obras de remodelação; 1911 - data da taça no jardim; 1972, 31 Maio - comprado pela Câmara Municipal a D. Maria Luísa de Castro Sousa Menezes Abreu e Antas, por 1.679.000\$00; 1996 - cedência precária do imóvel à Câmara Municipal.

Tipologia: Arquitectura civil privada, barroca. Palácio urbano setecentista, em estilo barroco, de planta rectangular composta, alçados 2 pisos e com frontispício ritmado por pilastras e fenestração regular.

Características Particulares: A tendência para a horizontalidade dada pelo friso, é cortada pelo telhado em tesoura. A fachada posterior que abre para o exterior, ajardinado e vedado por muro alto, opta por um esquema de maior requinte, criando corpos laterais semelhantes a torres e que de forma discreta sobressaem da massa construtiva.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes em alvenaria rebocada e cantaria.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Materiais: Granito, madeiras, talha. Pavimento de lajes e madeira; cobertura de telha.



Bibliografia: SILVA, António Lambert Pereira da, Nobres Casas de Portugal, vol. 5, Porto, s.d.; AZEVEDO, Carlos de, Solares Portugueses, Lisboa, 1969; DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira. Inventário da Heráldica Concelhia, vol. 3, Porto, 1981; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Alto Minho, Lisboa, 1987; MORAIS, Faria de, Solar dos Castros de Cerveira Adaptado a Casa da Cultura, Jornal de Notícias, 22 Setembro 1996; MOURA, Maria do Rosário, Solar dos Castros. Vila Nova de Cerveira in Patrimonium, nº 2, Lisboa, Janeiro 1998, p. 40 - 41; Vila Nova de Cerveira. Biblioteca remodelada reabre as suas portas dentro em breve, Correio do Minho, 28 Fevereiro 2001.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Documentação Administrativa: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: CMVNC: 1978 - reparação da cobertura (trabalhos do saguão); arranjo do jardim; 1979 - reparação da cobertura; trabalhos de conservação; 1982 / 1983 / 1984 - obras de recuperação e adaptação a Centro Cultural; 1984 - cedência para realização da 4ª Bienal Internacional de Arte; 1997 / 1998 / 1999 / 2000 / 2001 - obras de adaptação para instalação da Biblioteca.

Observações: Brasão dos Castros no frontispício, com escudo oval, pleno semeado por 6 arruelas, e suportado por 2 leões armados em tenentes; coronel de nobreza. O brasão dos Macedo deslocado de uma capela da freguesia de Sopo para o portão lateral tem elmo tarado de perfil, com paquife e timbre de Macedo. Na escada do jardim escudo português esquartelado oriundo da quinta do Espírito Santo, tendo no I - armas de Salema, no II as de Valadares, no III as de Abreu e no IV as de Sousa (do Prado). Elmo tarado de perfil com paquife e timbre de Salema. Estão programadas para Novembro de 1996 o início das obras de remodelação do solar para instalação da Casa da Cultura, orçamentadas em cerca de 50 mil contos, acrescidos de 30 mil, numa segunda fase,



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

para fundos bibliográficos e equipamento, encargos divididos pela Secretaria de Estado da Cultura e pela edilidade. O projecto é de António Galvão.

Autor e Data: Paula Noé 1992

Actualização: Paula Noé 2001

Freguesia de Campos

4 – Capela de Santa Luzia

Protecção : Decreto Nº 28/82, de 26 de Fevereiro; Diário da República nº 297

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Campos (Lugar de Santa Luzia)

Categoria/Tipologia: Capela/Arquitectura Religiosa

Enquadramento: Rural, isolado, implantação harmónica. Ergue-se no meio de terrenos de cultivo, tendo o pequeno adro protegido por muro.



Descrição: Planta composta por nave quadrada irregular e capela-mor também quadrada. Cobertura homogénea com telhado de telha a duas águas. Frontispício orientado terminado em empena com cruz e aberto por portal de arco quebrado armoriado, com escudo de Belmir e cruz dos Pereiras na flecha; lateralmente 2 pequenas janelas de avental. Fachada S. com certa irregularidade, rasgada por janela quadrangular iluminando a capela-mor; a N. conserva contraforte separando a nave, com portal de verga recta, da capela-mor, com janela. Capela-mor percorrida por cornija sobre modilhões. No INTERIOR, nave com tecto de masseira; arco triunfal pleno, de duas arquivoltas, uma delas sobre colunas com garras nas bases e capitéis decorados. Capela-mor com 2 arcosólios laterais: o da Epístola, de Rodrigo Álvares Pereira, irmão de D. Nuno Álvares Pereira, tem 3 cruces em forma de flor-de-lis na tampa e frontal; o do

lado do Evangelho, escudo dos Pereiras e espada na tampa. Na parede testeira, retábulo pintado a fresco, com uma só camada de reboco muito fina, de dois registos, tendo no inferior, entre colunas salomónicas a imagem de São Francisco, de São Domingos e de Santo António, e no registo superior Cristo na Cruz com Maria Madalena aos pés ladeado por imagem da Virgem e a de São João Evangelista * 1. Na parede lateral direita aparece parte de uma representação de Santa Luzia; o frontal do altar está coberto por pintura decorativa e nos arcosólios, do que parecem ser duas sepulturas, há esquerda e direita da capela-mor, existe pintura mural ainda coberta de cal.



Utilização Inicial: Cultural, Igreja conventual

Utilização Actual: Cultural, Capela com culto

Época de Construção: Séc. 13 / 15 / 17

Cronologia:

1098 - segundo inscrição no frontispício, foi fundada no reinado de Afonso VI, de Leão;
1258 - Inquirições dizem que o Mosteiro de Valboa tinha em S. João de Campos um casal coutado por padrões; séc. 15 - remodelação da nave da capela conventual e feita dos arcosólios; 1455, 21 Nov. - sua abadessa, D. Inês Barbosa, por falta de freiras, renuncia ao cargo, sendo os bens transferidos para o Mosteiro de Merufe (Monção); posteriormente deve ter sido restaurado; 1500 - aquando da visita do Vigário Geral, o mosteiro era governado por um clérigo secular, João Novais, coagido a renunciar, restituindo-se o governo às abadessas; 1528, 11 Fev. - por falta da observância da Regra de S. Bento, D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga, uniu o mosteiro e suas rendas ao de Santa Ana, da Cidade de Viana do Castelo, passando ali a realizar-se, às segundas-feiras, quinzenalmente, e nas festas de Nossa Senhora, missas de Sufrágio; 1642 - data do retábulo de frescos; sucessivamente, os terrenos do mosteiro foram sendo emprazados; 1850 - emprazados a quinta e capela; 1988, 29 Nov. - capela adquirida pela Fábrica da Igreja Paroquial.

Tipologia: Arquitectura religiosa românica, gótica e maneirista. Pequena capela conventual, com traçado românico, ainda observável na capela-mor, de planta quadrangular, o que a insere na 2ª fase do românico português, e com algumas alterações de estilo gótico na nave e arcosólios.

Características Particulares: Caracteriza-se pelo seu carácter rural e singeleza de linhas, algo irregulares, sobretudo a S., devido às obras do séc. 15, que ali eliminaram o contraforte. No séc. 17, com o novo conceito de iluminação, assiste-se à modificação de fenestração e à elaboração de um retábulo, a fresco, em estilo maneirista. Das antigas dependências conventuais não existem quaisquer vestígios o que, aliado às pequenas dimensões da capela nos faz pensar terem sido de materiais essencialmente perecíveis.

Dados Técnicos: Estrutura de paredes autoportantes em cantaria com aparelho "vittatum".

Materiais: Granito, frescos. Pavimento de lajes e cobertura de telha.



Bibliografia: VIEIRA, José Augusto, O Minho Pitoresco, Lisboa, 1886; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Primeiras impressões sobre a arquitectura Românica portuguesa in Revista da Faculdade de Letras, vol. 2, Porto, 1971, p. 65 - 116; DIOGO, José, Em Vila Nova de Cerveira Entaipada e coberta a cal uma pintura do séc. XVII in Cerveira Nova, Vila Nova de Cerveira, 20 Nov. 1979; DIOGO, José Leal, Inventário da Heráldica Concelhia, Vila Nova de Cerveira, 1981; ALVES, Lourenço, Os frescos da Capela de Santa Luzia, na freguesia de Campos - Vila Nova de Cerveira in Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo, 1984, p. 70 - 73; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, O Românico in História da Arte em Portugal, vol. 3, Lisboa, 1986; ALVES, Lourenço,



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Arquitectura Religiosa do Alto Minho, Viana do Castelo, 1987; ALMEIDA, José António Ferreira de, Tesouros Artísticos de Portugal, Porto, 1988.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID; Arquivo " Mural da História "

Documentação Administrativa: DGEMN: DSID

Intervenção Realizada: 1979 - trabalhos de conservação; 1991 / 1992 - trabalhos de construção civil e de conservação: tectos da nave e capela-mor; portas e caixilhos da fachada principal; calçada no adro.

Observações:

* 1- A pintura da parede fundeira da capela-mor esteve em parte coberta por um retábulo de madeira, tendo sido este removido.

Autor e Data: Paula Noé 1992

Em Vias de Classificação

Freguesia de Vila Nova de Cerveira

1 – Igreja da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: Recinto do Castelo; Gauss: M-149.2; P-552.5; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, flanqueado, integração harmónica no interior da malha urbana do Castelo de Cerveira (v. 1610150002), junto ao pelourinho (v. 1610150001) e à Casa da Câmara, tendo a fachada N. assente em plataforma sustentada pela muralha.



Descrição: Igreja de planta transversal, composta de nave única, capela-mor e capela de cabeceira, rectangulares, adossados em eixo e capela lateral rectangular, sacristia e sala anexa, poliginais, e alpendre subcircular, adossados a N.. Volumes escalonados com coberturas diferenciadas em telhados de duas e uma água. Alçados percorridos por embasamento avançado^{*1} e por cornija saliente, com pilastras nos cunhais sobrepujados por urna e cruz sobre acrotério no remate das empenas. Fachada principal, a S., com dois panos, o da nave onde se abre o portal principal ladeado por porta de perfil abatido e encimado por três janelões de verga abatida, e o da capela-mor, com janelão de verga abatida, ladeado por sineira de uma ventana de arco pleno e remate em empena contracurvada. Portal principal enquadrado por pilastras toscanas suportando frontão curvo interrompido por coroa real fechada sobre escudo da Casa Real, rematado lateralmente por urnas. Fachada E. com porta e janela rectangulares. Fachada N. com porta e janela rectangulares, sob alpendre assente em estrutura de ferro e pilares pétreos. Fachada O. adossada a habitação, com janelão trifoliado. INTERIOR rebocado e caiado com sanefas de talha branca e dourada encimando os vãos. Coro-alto sobre arco abatido e fecho decorado, com balaústres de madeira sobre cornija saliente, tendo no sub-coro duas portas rectangulares, de acesso ao exterior e à sacristia, e pia baptismal inserta em vão de verga curva. No lado do Evangelho, púlpito de base quadrangular sobre mísula e guarda em talha e capela lateral sobrelevada com acesso por três degraus, com arco de volta perfeita, paredes com pinturas decorativas e altar de talha. Pavimento em taburnos de madeira entre guias de pedra e tecto de madeira em falsa abóbada de berço pintada, assente em cornija. Arco triunfal em arco de volta perfeita, sobreposto por sanefa de talha dourada, ladeado por dois altares de talha

branca e dourada postos de ângulo. Capela-mor, rebocada e pintada, e com pavimento lajeado, com janelão de verga curva, à direita, e no oposto porta de acesso à sala anexa. Altar-mor em talha, sobrelevado, com quatro degraus de acesso, com retábulo de talha, tela central figurando "Visitação" e tecto de madeira, de perfil curvo, sobre cornija, pintado com medalhões com os quatro Evangelistas enquadrando um central com a Santíssima trindade.



Utilização Inicial: Cultural: Igreja da Misericórdia

Utilização Actual: Cultural: Igreja da misericórdia

Propriedade: Privada, Misericórdia

Época de Construção: Séc. 16 (conjectural) / 17 / 18 / 19

Arquitecto / Construtor / Autor: José Luís Vieira de Sá: entalhador do oratório do Senhor Ecce Homo; Filipe de Cerveira: pintor do retábulo-mor.

Cronologia. Séc. 16 - fundação da Santa Casa da Misericórdia; 1590 - Filipe Cerveira pinta as tábuas do retábulo-mor da igreja, de que subsistem actualmente na sacristia as pinturas do Encontro de Sant' Ana e São Joaquim na Porta Dourada, do Calvário e do Profeta Jeremias; 1621 - colocação de um altar na casa contígua à Casa da Câmara, com a abertura de nicho para albergar a imagem do Senhor Ecce Homo; séc. 17, meados - construção de sacristia; 1658 - demolição da sacristia e sala anexa, para instalação de bateria no Castelo; 1772 - remodelação da capela do Senhor Ecce Homo; 1814 - remodelação da igreja; 1820 - benção do novo retábulo-mor; 1824 - construção do oratório para a imagem do Senhor Ecce Homo; 1838 - o Administrador Geral do Distrito de Viana do Castelo afirma que a maioria das Misericórdias estavam muito mal administradas, o que originava a perda de muitas dívidas e foros, em resultado do

desleixo e pouco zelo das Misericórdias; 1839 - o Administrador envia um comissário contabilista para reformar toda a sua escrituração e examinar os erros de liquidação e desleixo; 1863 - a Misericórdia e hospital tinham 19 718\$900 rs de fundos, sendo 1 386\$700 em domínios directos, 2 810\$200 em prédios rústicos e urbanos, 13 422\$000 em capitais mutuados, 500\$000 em papéis de crédito e 1 600\$000 em alfaias, jóias e móveis; tinha 763\$535 rs em receitas ordinárias, sendo 33\$500 em géneros, 43\$935 em dinheiro, 671\$100 em juros de capitais mutuados e 15\$000 em juros de papéis de crédito; e tinha ainda como despesas obrigatórias 586\$800 rs, sendo 226\$800 em encargos pios e 360\$000 em encargos profanos.

Tipologia: Arquitectura religiosa, neoclássica. Igreja da misericórdia neoclássica de planta transversal e nave única, fachada principal a S., tendo portal enquadrado por pilastras com frontão curvo interrompido, ostentando no interior retábulos em talha branca e dourada e decoração neoclássica.

Características Particulares: Igreja da misericórdia estrutural e decorativamente remodelada no séc. 19 em estilo neoclássico, com vãos em arco abatido moldurado, interiormente encimados por sanefas de talha, retábulos de talha branca e dourada decorados com laçarias e motivos pompeianos, os quais se repetem nas pinturas dos tectos, sobretudo no friso sobre a cornija da nave. Conserva alguns elementos mais antigos de grande interesse, dos quais destacamos: o portal com frontão curvo interrompido, incorporando coroa real fechada sobre as armas nacionais; a imagem seiscentista do Senhor Ecce Homo; três tábuas do antigo retábulo quinhentista, representando o Encontro de Sant'Ana e São Joaquim apresentando a inovação iconográfica da inclusão da figura de uma criada preta à direita dos Pais da Virgem, abraçados; a tela com as armas da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira; um lavabo de caixilho quadrangular moldurado enquadrando motivo concheado, rematado por cruz latina sobre acrotério; um armário quadrangular rematado por motivo decorativo espiralado sobrepujado por pinha.





Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Paramentos rebocados e pintados com vãos e cunhais em cantaria, sineira em cantaria, altares em madeira, cobertura em madeira telhada, coro-alto em madeira, pavimentos em lajes graníticas e soalhado, portas de madeira, janelas gradeadas e envidraçadas, alpendre em estrutura de ferro.

Bibliografia: ALMEIDA, José António Ferreira de (org.), Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976, p. 577; DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira. II Santa Casa da Misericórdia, Vila Nova de Cerveira, 1979; SERRÃO, Vítor, André de Padilha e a Pintura Quinhentista entre o Minho e a Galiza, Lisboa, 1998; FONTE, Teodoro Afonso da, As Misericórdias do Alto Minho - perspectiva Histórica e actualidade, in I Congresso das Misericórdias do Alto Minho, Viana do Castelo, 2001, p. 96 - 117.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: *1 - O corpo da sacristia não apresenta embasamento nem cornija; *2 - É a bandeira de grandes dimensões exposta na nave que abre a procissão do Senhor dos Passos; *3 - Uma imagem seiscentista de Nossa Senhora do Leite, em pedra Ançã, foi retirada da Capela e guardada nas instalações da Santa Casa da Misericórdia; *4 - A Tribuna só é exposta na noite de Quinta-Feira Santa.

Autor e Data: Alexandra Lima e Paulo Amaral 1998

2 - Conjunto Assistencial de Gondarém – Decreto – Lei Nº 173/2006, de 24 de Agosto.

OUTROS VALORES ARQUITECTÓNICOS

Freguesia de Campos

- 1. Casa**, no Largo de S. João, dos finais do séc. XIX, início do séc. XX.
- 2. Lavadouro do séc. XX**, em granito.
- 3. Capela de S. Sebastião – Séc. XVIII**



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

4. **Cruzeiro** em granito.
5. **Igreja Paroquial de Campos.** Foi construída em 1702 e reformulada em 1852.
6. **Quinta do Alto das Cerejas.** Casa Solarenga.

Freguesia de Candemil

7. **Capela de S. Lourenço** (séc. XIX).
8. **Igreja Paroquial de Candemil.** Edifício do séc. XVIII, remodelado em 1950. No parapeito do adro existem alguns merlões e duas imagens em granito que vieram do Convento de S. Paio.
9. **Cruzeiro.**
10. **Grupo de moinhos de rodízio,** abastecidos por cubas formadas por aduelas de granito.
11. **Antiga serração hidráulica de madeira.**

Freguesia de Cornes

12. **Cruzeiro.**
13. **Igreja Paroquial de Cornes**

Freguesia de Covas

14. **Capela de São Gregório**

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Covas

Acesso: A partir da estrada entre Covas e Gondar, desvio entre os km. 11 e 12 para o Lug. de São Gregório; Fl. 15

Enquadramento: Rural. Meia-encosta virada a S., na margem de um afluente do Rio Coura, em zona agrícola de povoamento disperso do Alto-Minho. Isolada, de flanco para

o arruamento principal do aglomerado, sem qualquer separador, junto de construções de arquitectura vernácula.



Descrição: Planta longitudinal simples, de planta rectangular, coberta por telhado de duas águas. Fachadas de alvenaria de granito aparente com as juntas rebocadas. Fachada principal orientada a O. com remate em empena truncada por sineira de uma só ventana em arco de volta perfeita entre pilastras, coroada por empena e cruz de Malta. Portal central de ombreiras com chanfro, lintel com epígrafe gótica em duas regras, com chanfro, assente em impostas volumosas em forma de cachorro com carrancas. Fachada lateral N. cega e janelo de rampa do lado S.. Fachada posterior de remate em empena coroada por pequena cruz de Malta de secção circular. Interior de espaço único iluminado por janelo do lado do Evangelho, pavimento lajeado, paredes brancas rebocadas e tecto de três planos em madeira envernizada. Do lado do Evangelho, pia de água benta sobre mísula. Altar de mesa em granito aparente com cornija, retábulo de talha policroma e ornamentação dourada sobre fundo branco. Predela com cabeças de anjo aladas, mísula entre colunas espiraladas com o terço inferior marcado por entrelaçados formando losangos e remate em frontão entrecortado, com pirâmides laterais.



Utilização Inicial: Cultural, Capela

Utilização Actual: Cultural, Capela de culto ocasional

Época de Construção: Séc. 14 / 15

Cronologia: Séc. 14 / 15 - provável construção da capela.

Tipologia: Arquitectura religiosa, quatrocentista. Capela quatrocentista vernacular de planta rectangular, fachada principal de remate em empena truncada por sineira e portal de ombreiras com chanfro, lintel com epígrafe gótica, assente em impostas em forma de cachorro com carrancas.

Características Particulares: Caracteriza-se pela grande singeleza que denota antiguidade, expressa na forma do portal e no lintel epigrafado.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Estrutura e pavimento de granito, cobertura de telha de tipo marseilha, porta, altar e tecto de madeira.

Bibliografia: ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, s.l., 1994, p. 164 e 233.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: Comissão fabriqueira: 1998 - restauro geral da capela.

Observações: A imagem escultórica do padroeiro foi retirada para restauro (1998).

Autor e Data: Alexandra Lima e Ricardo Teixeira/1998

15. Capela

16. Cruzeiro do Anjo da Guarda

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Covas

Acesso: Lug. da Ponte; Fl. 15

Enquadramento: Rural. Zona ribeirinha da margem esquerda do rio Coura, à entrada da ponte de Covas. Isolado em espaço ajardinado no entroncamento da EN 301 com o desvio para a povoação de Covas. Assenta numa plataforma lajeada de planta circular envolvida por grade metálica baixa com portão de acesso frontal.



Descrição: Soco com um degrau de planta quadrada, pedestal moldurado de base quadrada com faces ornamentadas por cartelas em folhagens e moldura superior com cavidade para o fuste cilíndrico encimado por capitel de tipo compósito sobrepujado por cruz latina de secção rectangular com imagem escultórica de Cristo. No topo do fuste um anel metálico com roldana.

Utilização Inicial: Devocional: Cruzeiro

Utilização Actual: Devocional / marco histórico-cultural: Cruzeiro

Propriedade: Pública: municipal

Época de Construção: Séc. 18 (conjectural)

Cronologia: Séc. 18 - provável construção.

Tipologia: Arquitectura religiosa, rococó. Cruzeiro de caminho, rococó de plinto com cartelas molduradas, fuste monolítico de secção circular, capitel compósito e cruz latina com imagem escultórica de Cristo.



Características Particulares: Destaca-se o ornamento das faces do plinto com a típica asa de morcego roccó, e a qualidade do capitel e da imagem de Cristo crucificado. Este é representado com grandes preocupações anatómicas, cabelo comprido, barba e pés sobrepostos. Possui ainda o anel metálico com roldana para suspensão da candeia.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura de granito, anel e roldana metálicos.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Intervenção Realizada: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira: c. 1948 - deslocação do cruzeiro, que se encontrava em posição central no entroncamento de vias junto à ponte; Particular: 1996 - construção da grade metálica que envolve o cruzeiro.

Autor e Data: Alexandra Lima e Ricardo Teixeira 1998

17. Edifício com interesse

18. Edifício com interesse

19. Casa do tipo “Brasileiro”

20. Edifício com interesse

21. Casa do tipo “Português suave”



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

22. **Capela de S. Sebastião** Edifício do séc. XVII/XVIII. Junto à Capela existe um cruzeiro bastante simples com plinto moldurado.
23. **Casa do tipo “Brasileiro”.**
24. **Oratório**
25. **Edifício com interesse**
26. **Edifício com interesse**
27. **Cruzeiro**
28. **Igreja Paroquial de Covas.**
29. **Casa de Covas/Solar dos Bacelar**
30. **Capela de Santa Luzia.** A parte mais antiga da capela remonta ao séc. XVI, sendo o restante do séc. XVIII. Na vertente poente do local onde se instala a capela, existe uma fonte à qual são atribuídas capacidades curativas. O edifício contíguo à capela possui também duas fases, a mais antiga do séc. XVI e a mais recente do séc. XVIII.
31. **Edifício do tipo “Estado Novo”.**
32. **Edifício com interesse**
33. **Quinta da Ponte (edifício do tipo “Estado Novo”).**
34. **Portal da Quinta do Engenho.**
35. **Edifício com interesse**
36. **Conjunto de Edifícios com interesse.**
37. **Casa do tipo “Brasileiro”.**
38. **Capela de Stª Marinha.**

Freguesia de Gondar

39. **Cruzeiro** em granito com a data de 1726 epigrafada.
40. **Igreja Matriz de Gondar / Igreja de Santa Eulália**



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Gondar

Acesso: Lug. do Barral; Fl. 15

Enquadramento: Rural. Meia encosta virada a O. sobranceira a um afluente do Rio Coura, em zona agrícola de povoamento disperso. Isolada, inserida em adro murado com face interna branca rebocada, pavimento empedrado e acesso por portão lateral. No exterior, em recinto aberto de pavimento empedrado, um cruzeiro de dois degraus quadrados, de haste e braços com chanfro, e o edifício do Centro Paroquial, inaugurado em 1990.



Descrição: Planta longitudinal composta de duas naves rectangulares, capela-mor, e sacristia, capela lateral e sineira adossados lateralmente. Volumes escalonados cobertos por telhados de uma e duas águas. Fachadas brancas rebocadas percorridas por embasamento avançado e remate em cornija moldurada, com pilastras nos cunhais. Fachada principal orientada a O., em três panos, tendo na nave principal remate sinuoso sobrelevado, em frontão de lanços interrompido e sobrepujado por cruz latina de hastes em trevo e pináculos laterais de remate cónico. Portal de lintel abatido com aletas laterais sobrepujado por janela de molduras sinuosas com a data 1724. À esquerda, nave lateral com cornija oblíqua e janela central de lintel abatido e sineira de três níveis marcados por cornijas, sendo o superior rasgado por ventana de arco de volta perfeita com sino e remate em cornija ondulada encimada por cruz latina de remates em trevo e pináculos laterais. Fachadas laterais da nave central cegas, sendo a posterior de remate em empena sobrepujada por cruz latina. Na capela lateral à direita, abre-se uma janela, de rampa com lintel e parapeito curvos, do lado E. sendo a fachada S. de remate em empena coroada por cruz latina e pináculos laterais. Capela-mor com janela rectangular do lado S. e fachada posterior de remate em empena coroada por cruz latina e fogaréis encimando as pilastras. A sacristia possui uma janela de assento a N., e do mesmo lado



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

da nave lateral, abre-se uma porta de lintel abatido. Adossada a esta fachada desenvolve-se a escadaria de um só lanço para acesso ao patamar da sineira. Interior de espaço diferenciado com articulações sublinhadas por arcos de volta perfeita assentes em pilastras, entre a capela-mor e a nave central e entre esta e as nave e capela laterais. Nave de pavimento em soalho, paredes brancas rebocadas com remate em cornija e tecto de três planos de madeira com pinturas. Coro-alto com balaustrada de madeira e acesso por escada de dois lanços do lado do Evangelho. Do mesmo lado, púlpito de base rectangular sobre mísula e balaustrada de madeira, com escada de pedra a partir da capela lateral e a data 1683 inscrita no degrau. Altares colaterais de talha policroma e dourada, colocados em ângulo. Nave lateral com pavimento de mosaico cerâmico de padrão geométrico, rodapé cinzento, paredes e tecto branco, possuindo do lado O. pia baptismal sobre estrado de granito, e no topo oposto altar das Almas, do mesmo tipo dos colaterais. Capela lateral do Espírito Santo com pavimento de soalho e amplo estrado de granito com degrau frontal, paredes brancas rebocadas, tecto de três planos de madeira envernizada, altar de talha policroma. Capela-mor de pavimento revestido de alcatifa púrpura com degraus frontais, paredes brancas com rodapé cinzento, remate em cornija e tecto curvo de madeira com pinturas, tendo ao centro a representação do Santíssimo exposto. Altar de talha policroma e dourada, entre colunas, possuindo larga tribuna com trono e nichos laterais com imagens sobre mísulas. Sacristia com porta de lintel recto, pavimento lajeado, paredes e tecto branco possuindo uma janela de assento interior.

Utilização Inicial: Cultural. Igreja paroquial

Utilização Actual: Cultural. Igreja paroquial

Propriedade: Privada, Igreja Católica

Época de Construção: Séc. 13 / 17 / 18

Cronologia: Séc. 12 / 13 - provável construção da igreja; 1683 - construção do púlpito e provável construção da capela lateral; 1724 - reconstrução geral.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca. Igreja barroca de planta longitudinal, com duas naves, capela lateral e fachada principal com remate em frontão de lanços interrompido, portal de lintel abatido com aletas laterais sobrepujado por janela de molduras sinuosas e sineira de uma só ventana adossada lateralmente.



Características Particulares: Apresenta duas naves, de cronologia díspar, volumetria escalonada, separadas por dois arcos de volta perfeita assentes em pilastras. Os pares de pináculos que encimam as pilastras dos cunhais exteriores são todos diferentes. Na sequência de obras de remodelação, os telhados da capela-mor e da capela lateral encontram-se sobrelevados em relação às respectivas empenas molduradas. Do lado S., o cunhal da nave, junto da capela-mor, parece conservar ainda parte do alçado de silharia medieval. Retábulos e pinturas do tecto do séc. 19.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Estrutura da igreja e pavimento da sacristia de granito, cobertura de telha de tipo marselha, pavimento da nave principal, coro-alto, altares e tectos de madeira, mosaico cerâmico no pavimento da nave lateral.



Bibliografia: ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, s.l., 1994, p. 234.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: Comissão fabriqueira: 1998 - reconstrução do coro-alto, reparações gerais e reboco e pinturas interiores e exteriores.



Observações: A igreja tem origem medieval, existindo no adro um sarcófago desse período, possuindo um dos cunhais da nave ainda restos da silharia antiga. Na envolvente têm surgido fragmentos de tégulas e cerâmica comum que poderão corresponder a uma ocupação do local desde época tardo-romana ou alti-medieval.

Autor e Data: Alexandra Lima e Ricardo Teixeira 1998

41. Capela de S. João. Edifício do séc. XVIII, embora bastante incaracterístico.

Freguesia de Gondarém

42. Casa de Gouvim.

43. Casa do Feital (Séc. XVIII).

44. Casa dos Bicos (Séc. XIX).

45. Unidade fabril do Séc. XIX.

46. Quinta da Chãzinha (Séc. XVIII/XIX).

47. Capela de S. Sebastião. Edifício do Séc. XIX. No adro encontram-se duas cabeceiras de alminhas da mesma época. Junto à capela, integradas numa casa de habitação estão duas alminhas do séc. Passado, dedicadas a S. Sebastião, com retábulo em madeira pintada. No muro existente em frente à fachada principal da capela encontram-se umas alminhas desactivadas que foram transformadas em nicho.

48. Cruzeiro das Faias

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Gondarém

Acesso: Lug. das Faias, EN 13 ao km 101; Gauss: M-148.4, P-550.6; Fl. 6

Enquadramento: Rural, isolado, em zona de campos baixos na margem do Rio Minho, marginando a EN 13 junto ao entroncamento com um estradão que conduz a Loivo, ao lado posto da Guarda-fiscal.

Descrição: Soco constituído por um degrau de planta quadrangular, sobre o qual assenta um plinto paralelepípedo, monolítico, de aresta superior boleada, apresentando cavidade para encaixe do fuste. O plinto apresenta na face frontal uma cartela em forma de escudo, com a inscrição em três regras: "O / GNETO / 1557". O fuste, alto, monolítico, octogonal e de secção quadrangular com chanfro na sua base, está encimado por um capitel em forma de esfera armilar, ostentando, em baixo relevo, a data 1940, sustentando uma cruz grega forquilhada, de secção rectangular, tendo a face frontal dois sulcos definindo uma linha em alto relevo biselada que acompanha o contorno da cruz.



Utilização Inicial: Devocional. Cruzeiro

Utilização Actual: Devocional / marco histórico-cultural. Cruzeiro

Propriedade: Pública: municipal

Época de Construção: Séc. 16

Cronologia: 1557 - data inscrita no pedestal; 1940 - data inscrita na esfera armilar, assinalando reconstrução do fuste, capitel e cruz, a partir de elementos originais.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Tipologia: Arquitectura religiosa, quinhentista. Cruzeiro de encruzilhada, com plinto paralelepípedo monolítico quinhentista, fuste octogonal e de secção quadrangular, capitel em forma de esfera armilar e cruz grega forquilhada, de secção rectangular reconstruídos.

Características Particulares: Cartela em forma de escudo com data de construção; fuste com chanfro na base e capitel em forma de esfera armilar, ostentando, em baixo relevo, a data 1940.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura em granito.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: *1 - O cruzeiro implanta-se na divisória entre as freguesias de Gondarém e de Loivo.

Autor e Data: Alexandra Lima / Paulo Amaral 1998

49. Solar da Loureira. Edifício do Séc. XVIII. Na frente do edifício existe um chafariz setecentista que foi trazido no ano de 1899 do Convento de S. Paio. No conjunto integra-se uma torre em estilo revivalista de finais do Séc. XIX, início do Séc. XX. Nas fachadas do edifício principal existem belos azulejos em azul e branco, historiados ou com motivos vegetalistas.

50. Edifício com interesse.

51. Edifício com interesse.

52. Edifício com interesse.

53. Santuário e Calvário do Bom Jesus. Inspirado no Santuário do Bom Jesus de Braga, este conjunto do séc. XIX é constituído por um escadório monumental, ladeado por quatro capelas, que dá acesso ao santuário.

54. Capela de S. Tomé. Construção de planta rectangular e fachada sóbria, ao gosto do séc. XVIII. Um pouco acima da capela, junto à estrada encontram-se umas alminhas que abrigam um retábulo de madeira pintada.

55. Capela de S. Gonçalo.

56. Casa do Paço da Quinta do Outeiral, edifício setecentista onde está instalada a Estalagem da Boega.

57. Igreja Paroquial de Gondarém/ Igreja de São Pedro

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Gondarém

Acesso: Lug. da Igreja; EM Gondarém - Sopo a partir do km 100 da EN 13; Gauss: M-148.7, P-550; Fl. 6

Enquadramento: Rural, isolado, implantação harmónica, num recinto murado, sobrelevado, com acesso por escadaria de 8 degraus, em plataforma, a meia encosta, sobranceira ao amplo vale do Rio Minho.



Descrição: Igreja de planta longitudinal, composta de 3 naves rectangulares e capela-mor quadrangular, com torre sineira quadrangular integrada na nave lateral direita a ladear a fachada principal e sacristias rectangulares flanqueando a capela-mor. Volumes articulados, com cobertura em telhados de duas águas na nave, quatro na capela-mor volumetricamente mais alta e de uma nas sacristias. Alçados percorridos por embasamento e cornija. Fachada principal, assimétrica, de 3 panos; no central, rematado em empena com cruz latina sobre acrotério, abre-se portal renascentista e óculo circular; o da esquerda é cego e com cornija inclinada; o da direita corresponde à torre sineira, com acesso exterior, pilastras nos cunhais, sobrepujados por pináculos e balaustrada pétreia, com coruchéu piramidal e cruz sobre esfera. Possui três registos, tendo no primeiro janela e porta rectangular e no último quatro sineiras de arco de volta perfeita. Fachada S. com duas janelas rectangulares e porta de verga recta na nave colateral, porta de verga recta na sacristia e janela de arco de volta perfeita na capela-mor. Esta,

possui contrafortes nos cunhais e é rematada por platibanda decorada com motivos flordelisados, com pináculos nos vértices e gárgulas de canhão. Sobre o embasamento possui embutido painel às Almas com caixa de esmolos e no terço superior janela de arco de volta perfeita. Fachada N. com janela de arco de volta perfeita na capela-mor, porta de verga recta na sacristia e duas janelas rectangulares e porta de verga recta na nave colateral. No interior, naves de 4 tramos, separadas por arcos de volta perfeita sobre colunas toscanas. Naves laterais com lambril de azulejos estampilhados, duas portas confrontantes, ladeadas por janelas e duas capelas em arco de volta perfeita com altares de talha dourada; nos seus topos altares de talha policroma. Nave central com coro-alto assente no guarda-vento com balaústres e escadas de acesso à direita, e óculo redondo de iluminação. Sub-coro com baptistério inserto em capela, de arco de volta perfeita. No lado do Evangelho, púlpito assente em base pétreo circular e balaústres de madeira, envolvendo coluna, com acesso por escada em caracol. Arco triunfal de volta perfeita. Pavimento soalhado e tecto em masseira, de ripado, sobre cornija. Capela-mor com portas de verga recta de acesso às sacristias, três janelas de arco de volta perfeita, para iluminação, com pavimento lajeado e cobertura pétreo em abóbada de cruzamento de ogivas.

Utilização Inicial: Cultural e devocional: Igreja Paroquial

Utilização Actual: Cultural e devocional: Igreja Paroquial

Propriedade: Privada: Igreja Católica

Época de Construção: Séc. 16 / 18

Cronologia: 1501 - construção da igreja; 1559 - data inscrita em coluna da nave; 1565 - data inscrita numa mísula da capela-mor; 1727 - construção da torre sineira.

Tipologia: Arquitectura religiosa, manuelina. Igreja manuelina de planta longitudinal e 3 naves e 4 tramos, com cobertura de madeira, sem clerestório e capela-mor quadrada e contrafortada com abóbada polinervada. No interior altares em talha dourada, barrocos de estilo nacional, e em talha policroma neoclássicos.





Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Características Particulares: Fachada principal assimétrica, dado a inserção da torre sineira no pano correspondente à nave lateral direita. Portal com escultura inspirada nos portais renascentistas com tratamento muito popular. Inscrições com datas alusivas a momentos de construção. Capela-mor exteriormente rematada por platibanda decorada com motivos flordelisados. Portal renascentista.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes na nave e estrutura mista na capela-mor.

Materiais: Estrutura em granito, altares em madeira, cobertura em abóbada de pedra e em madeira telhada, coro-alto em madeira, pavimentos em lajes graníticas e soalhado, paramentos interiores rebocados e com lambril de azulejos, portas de madeira, janelas envidraçadas.

Bibliografia: DIONÍSIO, Santana (dir.), Guia de Portugal. IV Entre Douro e Minho - II Minho, Lisboa, s.d., p. 1065; ALMEIDA, José António Ferreira de (org.), Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976, p. 287; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Alto Minho, Lisboa, 1987, p. 161.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: *1 - Esta igreja veio substituir a primitiva igreja paroquial que até 1501 se localizava no lugar de Mangoeiro.

Autor e Data: Alexandra Lima e Paulo Amaral 1998

58. Alminhas de Pedroselo/Alminhas do Mirante

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Gondarém

Acesso: Lug. da Estação, ao km 101 da EN 13; Gauss: M-148, P-550.3; FI. 6

Enquadramento: Rural, isolado, na periferia de Gondarém, em espaço autónomo, em face da EN 13 e junto à confluência com o Caminho do Mirante.



Descrição: Alminhas em bloco de granito, de formato paralelepípedo, em cantaria, composta por seis peças, estando talhada em três faces e sendo constituídas por três corpos: peanha, nicho e cruz. A peanha, quadrangular, com os cunhais em forma de fuste embebido de secção circular, apresenta um parapeito saliente sob o qual, em cada face, se encontra um cesto decorado com motivos vegetalizantes e de contorno superior saliente polilobado, tendo cada um, ao nível do parapeito, um orifício para deposição de esmolas que conduz a de uma caixa colocada na base da peanha e resguardada na face frontal por uma porta de ferro. O nicho prolonga o formato da peça inferior, mormente na forma dos cantos, apresentando-se rematado por arco de volta perfeita, moldurado, sobreposto sobre o seu fecho por uma folha de acanto. Os nichos, de pequena profundidade, apresentam painéis de azulejos, representando o painel frontal a imagem de Cristo crucificado ladeado inferiormente por dois anjos estando aos seus pés as Almas entre chamas, sobre inscrição: "Ó VÓS OUTROS QUE PASSAIS / TÃO DESVIADOS DE NÓS / LEMBRAI-VOS DAS NOSSAS PENAS / OLHAI QUE ASSIM SEREIS VÓS / PAI NOSSO AVÉ MARIA", tendo no painel da direita a imagem da Sagrada Família, enquanto no painel da esquerda está representada a Ressureição de Cristo. O conjunto está rematado por cornija moldurada, cuja parte central apresenta um formato em arco abatido, sobrepujada por uma cruz latina de secção circular, assente sobre plinto decorado com motivos geométricos.

Utilização Inicial: Devocional. Alminhas

Utilização Actual: Devocional. Alminhas

Época de Construção: Idade Contemporânea (conjectural)



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Cronologia: Idade Contemporânea - Época provável de construção.

Tipologia: Arquitectura religiosa, contemporânea. Alminhas de caminho em bloco paralelepípedo com três faces decoradas por nicho contendo painel de azulejos encimado por cornija curva e precedido por caixa de esmolas gomeada.

Características Particulares: Alminhas com triplo nicho.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura de granito; retábulos em azulejo; porta da caixa de esmolas em ferro.

Bibliografia: GUERREIRO, Castro, Nichos e alminhas do Concelho de Vila Nova de Cerveira, O Caminhense, nº 706, Caminha, 1996, p. 11.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: Os retábulos eram originalmente em madeira, tendo sido roubados e substituídos pelos actuais em azulejo. As alminhas localizavam-se no lado confrontante da estrada, tendo sido mudadas para a actual localização há cerca de 20 anos, aquando do alargamento da EN 13.

Autor e Data: Paulo Dordio / Paulo Amaral 1996

Freguesia de Loivo

59. Mosteiro de S. Paio. Edifício que data do Séc. XVII, construído no local onde terá existido um convento medieval.



60. Edifício de Habitação.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

61. **Cruzeiro** em granito, implantado num penedo que possui várias gravuras de cronologia indefenida.
62. **Capela da Senhora do Porto** (Séc. XVIII/XIX).
63. **Igreja Paroquial de Loivo**. Edifício do Séc. XVIII, com entrada de arco abatido e grande janela de moldura ondulada. A torre sineira é do Séc. XIX. Na parede sul existem duas inscrições de cronologia anterior.
64. **Cruzeiro** em granito, com plinto moldurado assente em base de dois degraus. O fuste é cilíndrico e canelado, rematado por um capitel compósito. A cruz tem um Cristo esculpido. Este cruzeiro data de 1917.
65. **Portal com interesse**.
66. **Conjunto de edifícios com interesse**.
67. **Conjunto de edifícios com interesse**.
68. **Quinta da Torre**. Casa Solarenga com propriedade murada e portal armoriado. Na parede exterior da quinta, para nascente, existem umas alminhas.

Freguesia de Lovelhe

69. **Quinta do Forte de Lovelhe**. Palacete do Séc. XVIII.
70. **Igreja Paroquial de Lovelhe**. Templo de planta rectangular com fachada de gosto oitocentista e torre sineira do Séc. XIX, destacada a sul.
71. **Quinta da Malaposta** (Séc. XIX). Estilo romântico dos inícios de séc.XX, destaca-se a torre oitavada em estilo neogótico e Jardim Romântico, carregado de espécies exóticas e lago artificial
72. **Edifício com interesse** (Séc. XIX).
73. **Edifício com interesse e cruzeiro esculpado, em granito**.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

74. Capela da Senhora da Encarnação. Pequeno templo do Séc. XIX com entrada protegida por um alpendre com cobertura sustentada por duas colunas de granito e lintéis decorados.

75. Nicho do Senhor da Prisão.

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Lovelhe

Acesso: Lug. de Picouto, ao km 105 da EN 13, junto ao cruzamento que conduz ao Forte de São Francisco; Gauss: M-150, P-553.8; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, isolado, integrado na povoação, em face da estrada.

Descrição: Nicho de planta quadrada com vão enquadrado por duas pilastras de tipo toscano que suportam uma verga ligeiramente encurvada, encimada por uma cornija angular moldurada, rematada por duas volutas afrontadas. No remate da empena implanta-se uma cruz latina de secção prismática, ladeada por dois pináculos de remate piramidal, assente em plinto com forma de campânula invertida, cujo contorno aparenta a forma de volutas. As paredes laterais estão rematadas por cornija moldurada, apresentando-se rebocadas com argamassa caiada, tendo o rodapé pintado a azul. O portal encontra-se fechado por gradeamento de ferro, inscrevendo-se no seu interior um retábulo de granito, com ornatos ricamente lavrados, representando conchas, palmas, folhas de acanto e outros motivos vegetalistas. Está assente em plinto de granito, pintado de amarelo ocre no qual se abre um nicho de remate em arco de volta perfeita, com fundo rebocado e pintado a azul, que abriga a imagem do Senhor da Prisão, pintada a branco. Subjacente à imagem, encontra-se em cartela elipsoidal, em posição mais saliente por limitar frontalmente o plinto do retábulo, emoldurada com motivos idênticos aos do retábulo, contendo uma inscrição em 4 regras: "ALI / APARECEO A SEGR. / IMAGEM DO SR DA / PRIZÃO 1780".



Utilização Inicial: Devocional. Oratório

Utilização Actual: Devocional. Oratório

Propriedade: Pública: municipal

Época de Construção: Séc. 18

Cronologia: 1780 - Construção do nicho.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca. Oratório barroco formado por nicho quadrangular com face aberta delimitada por pilastras apoiando verga curva rematada superiormente por volutas e cruz central e contendo interiormente retábulo de granito ricamente decorado com imagem do Senhor da Prisão.

Características Particulares: Retábulo de grande riqueza decorativa com inscrição indicando ano de construção.



Dados Técnicos: Estrutura autoportante em cantaria.

Materiais: Construção em granito unido por argamassa, com paredes exteriores rebocadas com argamassa caiada; gradeamento de ferro.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Bibliografia: GUERREIRO, Castro, Nichos e alminhas do Concelho de Vila Nova de Cerveira, O Caminhense, nº 708, Caminha, 1996, p. 11.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Autor e Data: Paulo Dordio / Paulo Amaral 1996

76. Edifício com interesse

77. Casa da Quinta da Água Branca

Freguesia de Mentrestido

78. Igreja Paroquial de Mentrestido (Séc. XVIII).

79. Capela e Cruzeiro da Senhora da Ajuda

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Mentrestido

Acesso: Lug. da Capela; Fl. 15

Enquadramento: Rural. Meia-encosta virada a E., sobranceira a um afluente do rio Coura, em zona agrícola de povoamento disperso do Alto-Minho. Isolada, num adro murado de planta rectangular com acesso lateral e frontal, este entre pilares encimados por altas pirâmides sobre esferas, com escadaria hemicircular. No exterior, um coreto poligonal de base em cantaria, e do lado contrário da estrada um recinto amplo com outro coreto, quadrado, em betão, e uma construção de apoio às festividades. No alto da encosta sobranceira, percurso habitual da procissão anual, um recinto aplanado com cruzeiro assente em plataforma quadrada e calcetada, envolvida por corrente metálica suspensa por plintos colocados nos ângulos.



Descrição: Capela de planta longitudinal de corpo único com sacristia e sineira adossadas lateralmente à esquerda, cobertos por um telhado de duas águas. Fachadas brancas rebocadas percorridas por cornija moldurada, sendo a fachada posterior de cantaria aparente e remate em empena coroada por cruz latina. Cunhais sobrepujados por pináculos de remate esférico, sobre pedestal. Fachada principal orientada a E., com embasamento avançado, remate em empena coroada por cruz latina sobre pedestal. Portal de lintel recto, ladeado de janelas quadradas, sem vidro e com grade, encimado por janela rectangular. Ao lado, pano cego com cornija encimada por sineira em arco de volta perfeita com remate em frontão de lanços coroado por pináculo de remate esférico. Na fachada lateral N. abre-se uma porta de lintel recto, e na S. uma janela de rampa. Sacristia com fresta rectangular, na fachada S., sendo as outras cegas. Interior de espaço único, pavimento de tijoleira, paredes brancas rebocadas, tecto curvo de madeira envernizada com tirantes metálicos. Coro-alto de betão com balastrada de madeira e acesso por escada lateral de dois lanços. Do lado do Evangelho, base de púlpito moldurada assente em mísula com aleta. Na parede oposta uma singela pia de água-benta. Altar sobre plataforma granítica com degrau frontal, em talha lacada e policroma, com trono em nicho central e remate em cornija entre colunas coroadas por vasos ornamentados. Cruzeiro com soco de 3 degraus de planta quadrada, sendo o superior moldurado. Base monolítica quadrada, recortada com toros verticais salientes, nos ângulos e encaixe circular para o fuste. Haste vertical de secção circular, muito fina e mais adelgaçando para o topo, com marcação do pé da cruz por canelura e

ornamentação em lanças. Cruz lisa com braços e haste superior de secção quadrada com chanfros.

Utilização Inicial: Cultural. Capela

Utilização Actual: Cultural. Culto ocasional e festa a 8 de Setembro

Época de Construção: Séc. 18 (conjectural) / 20

Cronologia: Séc. 18 - provável construção da capela; séc. 20 - adulterações.

Tipologia: Arquitectura religiosa, setecentista. Capela setecentista de planta longitudinal e sineira adossada lateralmente, com fachada em empena, portal de lintel recto, ladeado de janelas quadradas e encimado por janela rectangular.



Características Particulares: Capela marcada pelo predomínio das linhas rectas das fachadas e molduras criando contraste com o recorte sinuoso do remate da sineira. A fachada posterior de cantaria aparente, com cunhais em alheta contrasta com a alvura das restantes fachadas. O corpo da sacristia, onde assenta a sineira, forma um volume de reduzidas dimensões, interiormente ocupado pela sacristia e pela escada de acesso ao coro-alto. No interior, retábulo de talha oitocentista.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Estrutura, embasamento do altar, base do púlpito em granito, cobertura de telha de aba-e-canudo, pavimento de tijoleira, tecto, altar e balaustrada do coro-alto de madeira, estrutura do coro-alto de betão.



Bibliografia: ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, s.l., 1994, p. 167.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: Comissão festeira: 1997 - deslocação ligeira do cruzeiro e arranjo do espaço envolvente; 1998 - reparação geral da capela, reboco e pintura, tecto novo e tijoleira no pavimento e escadas.

Autor e Data: Alexandra Lima / Ricardo Teixeira 1998

80. Capela de S. José, no Lugar de Casal.

Freguesia de Nogueira

81. Igreja Paroquial de Nogueira. Edifício datado de 1761, conforme inscrição no lintel da porta principal. No séc. XIX foi alvo de restauro, tendo nessa altura sido construída a torre sineira e a sacristia existente no alçado sul

82. Capela de S. Sebastião e cruzeiro paroquial. A capela possui uma inscrição com a data de 1698. O cruzeiro, formado por uma coluna oitava com capitel sub-esférico, possui uma cruz simples com a figura de Cristo aposta. Tem epigrafada a data de 1584.

83. Pelourinho.

Freguesia de Reboreda

84. Igreja Paroquial de Reboreda / Igreja de São João Baptista



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Reboreda

Acesso: Lug. de Santo Amaro; Gauss: M-150.9; P-554.5; Fl. 6

Enquadramento: Rural, isolado, implantação harmónica, num recinto murado, sobrelevado, com acesso por escadaria, ladeando o cemitério e a residência paroquial, em plataforma sobranceira ao amplo vale do Rio Minho.

Descrição: Igreja de planta longitudinal, composta de nave única e capela-mor, rectangulares, em eixo, torre sineira quadrangular, e sacristia, rectangular, adossados à direita. Volumes escalonados, com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas. Alçados percorridos por cornija saliente, com pináculos sobrepujando os cunhais e cruz sobre acrotério no remate das empenas. Fachada principal, orientada a O., rematada por cornija saliente, com portal de arco de volta perfeita, com arquivolta moldurada, decorada com motivos vegetalistas, encimado por janela de vão quadrangular e moldura quadrifoliada. Torre sineira com acesso exterior, com pilastras nos cunhais e três registos marcados por cornijas, com porta de verga recta e janela de vão rectangular, no primeiro, e no último quatro sineiras de arco de volta perfeita, encimado por balaustrada com gárgulas de canhão nos vértices, e pináculos a sobrepujar os cunhais, sendo rematada por coruchéu em barrete de clérigo. Fachada S. rasgada na nave por dois janelões rectangulares a ladear porta de verga curva, porta e janela de verga curva na sacristia e janelão rectangular na capela-mor. Fachada E. enquadrada por botaréus, com nicho, ao centro, de arco de volta perfeita, concheado, rematado por cornija saliente, albergando imagem de Nossa Senhora com o Menino. Fachada N. com janelão rectangular na capela-mor, e na nave porta de verga curva encimada por janelão rectangular e fresta *1.

Utilização Inicial: Cultural e devocional: Igreja Paroquial

Utilização Actual: Cultural e devocional: Igreja Paroquial

Propriedade: Privada: Igreja Católica

Época de Construção: Idade Média (conjectural) / séc. 16 / 18

Cronologia: Idade Média - época provável de construção; séc. 16 - provável reformulação da igreja; 1759 - reconstrução da igreja: data inscrita no acrotério do remate da fachada principal.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca. Igreja barroca de planta longitudinal e nave única, fachada principal em empena com cornija saliente e portal de arco pleno com aduelas decoradas.

Características Particulares: Da igreja medieval conserva ainda alguns paramentos siglados e vestígios de antigos vãos entaipados. Inscrição com data alusiva a momento de construção; portal renascentista. Capela-mor contrafortada com nicho contendo imagem na fachada virada a E..

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Estrutura em cantaria e com paramentos rebocados e pintados com vãos e cunhais em cantaria, cobertura em madeira telhada, cobertura da sineira em cantaria, portas de madeira, janelas gradeadas e envidraçadas, cruzeiro em cantaria.

Bibliografia: ALMEIDA, José António Ferreira de (org.), Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976, p. 478; ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, Braga, 1994, p. 168.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Observações: *1 - Nesta fachada detectam-se dois vãos em arco de volta perfeita entaipados e duas mísulas de suporte de alpendre; *2 - Não é descrito o interior da igreja dado que não foi permitido o seu acesso; * 3 - O portal parece ser de fábrica mais antiga, provavelmente renascentista, que se manteve apesar das reformas da igreja.

Autor e Data: Alexandra Lima / Paulo Amaral 1998

85. Capela de S. João. Edifício do Séc. XVII.

86. Quinta da Torre (Torre de Penafiel). Embora tenha variados sinais medievais, nomeadamente pedras sigiladas, ostenta uma estrutura típica do Séc. XVII.

87. Capela da Senhora do Alívio/Santo Amaro. Construção do Séc. XVIII, reparada no Séc. XIX, conforme se pode ver numa inscrição existente na porta principal.

88. Edifício com interesse.

89. Edifício com interesse.

90. Pequena capela/nicho com decoração do séc. XVIII. Tem um pequeno altar profusamente decorado com vieras e motivos vegetalistas em estilo rococó.

91. Capela de S. Roque, Gontige

92. Capela de S. Timóteo, Gávea

93. Capela da Sr^a da Luz, Bemposta

Freguesia de Sapardos

94. Fortaleza seiscentista. Relacionada com as Guerras da Restauração, onde se notam ainda vestígios de duas muralhas em terra e fossos, sendo visíveis algumas linhas de fuga, provavelmente relacionadas com a utilização de peças de artilharia.

95. Cruzeiro de Sapardos

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Sapardos

Acesso: Entre os Kms 3 e 4 da EN 303, situando-se à margem da est., no lug. do Cruzeiro; Fl. 7

Enquadramento: Rural. Zona agrícola de povoamento disperso do Alto-Minho. Isolado, no centro de um recinto murado que bordeja a estrada, de planta hemicircular e pavimento em terra.



Descrição: Soco constituído por três degraus, sendo os inferiores quadrados e o terceiro circular com moldura. Plinto cilíndrico com molduras, fuste cilíndrico liso, capitel de tipo coríntio estilizado, encimado por cruz latina de secção circular com imagens escultóricas de sabor popular, de Cristo, numa das faces, e da Virgem com o Menino, na outra.



Utilização Inicial: Devocional. Cruzeiro

Utilização Actual: Devocional / marco histórico-cultural. Cruzeiro

Propriedade: Pública: municipal

Época de Construção: Séc. 18 (conjectural)

Cronologia: Séc. 18 - provável construção.

Tipologia: Arquitectura religiosa, popular setecentista. Cruzeiro de caminho, setecentista de arquitectura popular, com plinto e fuste cilíndricos, capitel de tipo coríntio e cruz com imagens escultóricas em ambas as faces.

Características Particulares: Sobressai o tratamento com carácter muito popular dado às imagens escultóricas, do Cristo numa face e da Virgem com o Menino na outra, ao próprio capitel, cujo dado possui, em cada das faces, minúsculas representações de faces humanas. A imagem do Cristo é representada com desproporções anatómicas e a da Virgem com o Menino numa composição e tratamento muito invulgar.



Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura de granito.

Bibliografia: ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, s.l., 1994, p. 169.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Autor e Data: Alexandra Lima / Ricardo Teixeira 1998

96. Casa e Capela da Senhora da Guia.

97. Igreja Paroquial de Sapardos. Datada de 1776.

98. Capela de São Brás

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Sapardos

Acesso: Lug. do Ramalhal; Fl.15

Enquadramento: Rural. Meia-encosta virada a SO., sobranceira a um afluente do rio Coura, em zona agrícola de povoamento disperso do Alto-Minho. Isolada e envolvida por terrenos agrícolas, possui um adro arborizado à face da estrada, com acesso frontal por portão metálico entre pilastras encimadas por aletas e cornija curva.



Descrição: Planta longitudinal composta por nave e capela-mor rectangulares, sacristias em simetria lateral, formando como que falso transepto, e torre sineira adossada a N. Volumes escalonados, cobertos por telhados de duas e três águas e coruchéu na sineira. Fachadas brancas rebocadas percorridas por embasamento avançado, e remate em cornija moldurada sobre friso, com pilastras nos cunhais. As da nave e capela-mor são sobrepujadas por três pares de pináculos, diferentes entre si. Fachadas da torre sineira de 2 registos separados por cornija, abrindo-se no superior quatro ventanas em arco, com sinos, sendo rematadas por balaustrada com pináculos nos ângulos. Fachada principal orientada a E. com remate em frontão de lanços sobrelevado, coroado por cruz latina sobre pedestal. Portal de lintel abatido sobrepujado por óculo quadrilobado e nicho de remate em concha. Nas fachadas laterais da nave abrem-se janelas com vão de lintel e parapeito arqueados, e a N. uma porta de lintel em arco abatido. Capela-mor de fachadas laterais cegas e posterior de remate em empena coroadada por cruz, abrindo-se uma janela rectangular ao centro. As sacristias possuem fachada posteriores cegas, abrindo-se nas laterais janelas rectangulares e portas de lintel abatido nas viradas a E.. Interior de espaço diferenciado com articulação sublinhada por degrau e arco triunfal de volta perfeita com intradorso de granito à vista e arcos laterais de volta perfeita, entre a capela-mor e as sacristias. Pavimento de mosaico cerâmico de padrão geométrico, diferente em cada um dos espaços, rodapé castanho, paredes brancas rebocadas, tendo as da nave remate em cornija. Tecto branco de betão, curvo na nave e na capela-mor e de um só pano nas sacristias. Coro-alto com balaustrada castanha e pavimento de betão assente em mísulas laterais, com acesso pela torre sineira. Do lado do Evangelho, púlpito de base rectangular moldurada com escada adossada ao longo da parede, com parapeito de madeira pintada de castanho. Altares laterais dispostos em ângulo, sobre mesa de betão, possuindo estrutura muito simples. O de São Sebastião, do lado do Evangelho, de talha branca com decoração dourada formando uma edícula com mísula central, e o de São Bento, do lado oposto, em talha policroma e dourada, com edícula

imagem sobre mísula. Altar-mor sobre plataforma com três degraus frontais, constituído por mesa e peanha de talha policroma suportando uma grande cruz com imagem escultórica de Cristo. Do lado do Evangelho um nicho moldurado com remate em forma de concha, encimado por cartela com a data 1760. Na sacristia, do lado N., inserem-se na parede os elementos de um lavatório com carranca e remate em concha.



Utilização Inicial: Cultural. Capela

Utilização Actual: Cultural. Culto ocasional e festa no primeiro Domingo de Fevereiro

Época de Construção: Séc. 18 / 20

Cronologia: 1760 - provável construção da capela (data inscrita em cartela na fachada interna da capela-mor); séc. 20 - alterações profundas.

Tipologia: Arquitectura religiosa, setecentista remodelada. Capela setecentista de planta longitudinal com fachada principal em frontão de lanços e porta de lintel abatido, remodelada recentemente, com construção de 2 sacristias laterais que lhe conferem falsa planta em cruz latina.



Características Particulares: Constitui exteriormente um edifício harmonioso, embora o nicho e óculo abertos na fachada principal tenham um certo ar atarracado em relação à altura da mesma. Mas o seu aspecto actual resulta de sucessivas remodelações que adulteraram a sua planimetria e introduziram betão em muitos dos seus elementos. Interiormente as transformações são mais perceptíveis e descaracterizaram completamente o ambiente original.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Estrutura de granito, cobertura de telha de aba e canudo, nível superior da torre, coro-alto, cornija da nave, púlpito e tectos de betão, pavimento de mosaico cerâmico industrial, altares de madeira.

Bibliografia: ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, s.l., 1994, p. 254.

Documentação Gráfica: DGEMN: DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Intervenção Realizada: Comissão fabriqueira: c. 1991 - pintura geral e remodelação do altar-mor.

Observações: Junto à porta de entrada lateral conserva-se um fragmento de marco miliário romano com resto de epígrafe, cuja circunstância exacta de aparecimento se desconhece, sendo provável que estivesse reutilizado na estrutura da capela e que tenha surgido no decurso de obras de remodelação aí realizadas.

Autor e Data: Alexandra Lima / Ricardo Teixeira 1998

Freguesia de Sopo

99. Capela de Santo André. Edifício de planta rectangular, fachada sóbria e beirais curvos. Tem epigrafada a data de 1682.

100. Capela de S. Gregório. Edifício de planta rectangular, fachada sóbria e beirais moldurados, com torre sineira ao centro, rematada por frontão curvo moldurado, junto à capela existe uma fonte, originalmente de mergulho, mas que se encontra bastante adulterada por um arranjo recente, embora conserve ainda os degraus de acesso.

101. Casa do Roseiral do tipo “Brasileiro”.

102. Edifício com interesse.

103. Cruzeiro da Senhora da Piedade.

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Sopo

Acesso: Lug. da Igreja; Gauss: M-149.7, P-548.4; Fl. 14

Enquadramento: Rural, isolado, encosta de pendor acentuado com socalcos agrícolas, integração harmónica em largo, lajeado, sobrelevado, junto ao entroncamento da EM que serve a povoação com o caminho que conduz à Igreja Paroquial.





Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Descrição: Cruzeiro com soco constituído por dois degraus de planta quadrangular, sobre o qual assenta um pedestal paralelepípedo, composto por plinto, dado moldurado *1, monolítico, apresentando face frontal com motivos vegetalistas, em relevo, e faces laterais com almofadas, tendo cornija igualmente moldurada. O pedestal sustenta uma cruz, alta, de secção quadrangular, com remate das hastes em ponta de diamante. tendo no fuste e braços da cruz orifícios para encaixe dos ferros. A base da cruz tem adossada frontalmente uma peanha, de formato irregular, decorada com os símbolos da Paixão de Cristo, encimada por uma imagem da Senhora da Piedade, em posição flectida e com o corpo do Senhor, desfalecido, nos braços.

Utilização Inicial: Devocional. Cruzeiro

Utilização Actual: Devocional. Cruzeiro

Propriedade: Pública: municipal

Época de Construção: Séc. 18

Arquitecto / Construtor / Autor: Lopo Manuel Igreja (canteiro).

Cronologia: Séc. 18 - construção do cruzeiro.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca. Cruzeiro barroco de encruzilhada com pedestal paralelepípedo monolítico, cruz latina de secção quadrangular, com grupo escultórico na base da cruz.

Características Particulares: Pedestal decorado na face frontal por enrolamentos, nos laterais por almofadas e a posterior lisa. Contraste entre a simplicidade da cruz, de secção quadrangular, e o grupo escultórico figurando "Pietà" de grande expressividade escultórica.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura em granito.

Bibliografia: DIONÍSIO, Santana (dir.), Guia de Portugal. IV Entre Douro e Minho - II Minho, Lisboa, s.d., p. 1064 - 1065; SAMPAIO, Francisco, Alto Minho. Roteiro Turístico - Viana do Castelo, Viana do Castelo, 1990, p. 67.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Autor e Data: Alexandra Lima / Paulo Amaral 1998



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

104. Igreja Paroquial de Sopo. Edifício de planta rectangular, com duas sacristias laterais e torre sineira destacada a sul. Portal exuberante, ladeado de colunas com capitéis jónicos. O portal está coroado com um frontão curvo, interrompido por uma janela cuja moldura ostenta a data de 1771. Na esquina da torre sineira encontra-se um brasão suportado por uma figura humana. Na parede da sacristia norte, construída em 1830, encontra-se um fragmento de uma inscrição gótica.

105. Oratório do Séc. XIX.

106. Casa e Pietá

107. Portal com interesse.

108. Capela da Quinta da Parede Nova ou do Novato. Da antiga casa da quinta só se conserva o portal com frontão datável do Séc. XVIII. A capela, construída em finais do Séc. XVII e recentemente restaurada, tem como principal característica o facto de a cobertura ser integralmente constituída por lajes de granito.

109. Capela de Santo Abdão. Edifício construído no Séc. XVII, com alguns elementos do Séc. XVIII, mas que se encontra bastante descaracterizada por obras posteriores.

110. Capela da Senhora da Agonia. Edifício de planta rectangular de frontaria exuberante, com entrada de arco abatido, rematada por motivos vegetalistas e vieiras. Óculo oval com moldura de tochas e vegetais estilizados. No remate da frontaria, com frontão sobre-elevado, insere-se uma moldura com a data de 1827.

111. Capela de S. João. Embora bastante descaracterizada, esta singela capela, possui ainda alguns elementos que patenteiam a sua raiz seiscentista, casos das padieiras e lintel da porta e da pequena torre sineira central que remata a frontaria.

112. Torre do Relógio. Estilo neoclássico. 1926.

113. Quinta do Carreiro

Freguesia de Vila Meã

114. Igreja paroquial de Vila Meã, construída em 1803. A torre é posterior, datando de 1946.

115. Cruzeiro em granito.

Freguesia de Vila Nova de Cerveira

116. Núcleo intra-muros de Vila Nova de Cerveira / Zona do pelourinho e casas circundantes

Designação: Núcleo intra-muros de Vila Nova de Cerveira / Zona do pelourinho e casas circundantes

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: Recinto do Castelo; Gauss: M-149.2; P-552.5; Fl. 6

Enquadramento: Urbano. Ponto marcante do território. Povoado intramuros de um castelo, ocupando a coroa de um pequeno outeiro que margina o Rio Minho, com um posicionamento destacado neste trecho do amplo vale do rio, dominado a E. pelo volume da Serra de Arga.



Descrição: ESTRUTURA URBANÍSTICA: aglomerado estruturado em função do dispositivo militar, ocupando o ponto mais alto do outeiro, com traçado condicionado pela topografia. Recinto de planta ovalada, de exíguas dimensões, organizado pelo pólo administrativo, constituído pela Casa da Câmara e pelo Pelourinho, em pequeno largo rectangular, lajeado, formado por cruzamento de arruamentos no ponto mais alto do povoado, ladeado a O. pela cisterna. Espaço religioso, contíguo, constituído pela Igreja da Misericórdia, em ruela estreita, sendo este o volume mais destacado (v. 161015011). Acesso marcado pela porta da Senhora da Ajuda, a E. *1, partindo do pequeno largo fronteiro os eixos estruturantes, de traçado relativamente rectilíneo, com pavimentos lajeados e calçadados, sendo os dois longitudinais com orientação, sensivelmente E. - O., ligados por eixos secundários transversais, orientados N. - S., apresentando perfil arqueado, formando quarteirões irregulares *2. Edifícios morfologicamente notáveis constituindo pontos marcantes: Casa da Câmara, Igreja da Misericórdia e restaurante da Pousada. ESPAÇO CONSTRUÍDO: tipo arquitectónico dominante relacionado com



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

casas em cantaria sem revestimento, ou em alvenaria irregular, podendo apresentar-se rebocada e caiada, com vãos e cunhais em cantaria, tendo cobertura em telhado de duas e quatro águas com telha de aba e canudo. A nível formal são, genericamente, de planta rectangular, de um ou dois pisos, sendo o acesso ao piso superior efectuado por escadas interiores, com vãos de verga recta, sem moldura. As excepções correspondem aos edifícios morfologicamente notáveis, com cunhais em pilastras toscanas, rematados com cornija saliente e podendo ter portal de perfil curvo ou encimado por frontão curvo interrompido, rematado lateralmente por urnas.



Utilização Inicial: Militar / residencial / administrativa / cultural. Vila intramuros de castelo

Utilização Actual: Turística / cultural

Propriedade: Privada: pessoa colectiva, Igreja Católica

Época de Construção: Séc. 13 / 16 / 17

Cronologia: Séc. 13, inícios - fundação da povoação de Vila Nova de Cerveira; 1321, 1 Outubro - atribuição de carta de foral a Vila Nova de Cerveira por D. Dinis; 1512, 20 Outubro - outorga de foral novo a Vila Nova de Cerveira por D. Manuel; 1547 - construção do pelourinho; séc. 16, finais - fundação da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira; 1621 - colocação de um altar na casa contígua à Casa da Câmara, pela Santa Casa da Misericórdia, com a abertura de nicho para albergar a imagem do Senhor Ecce Homo; séc. 17, meados - construção de sacristia da Igreja da Misericórdia; 1650 - construção da Capela da Senhora da Ajuda sobre a porta da Vila; 1658 - demolição da sacristia e sala anexa da Igreja da Misericórdia, para instalação de bateria no Castelo; 1772 - remodelação da capela do Senhor Ecce Homo; séc. 18 - construção de plataforma para instalação de bateria na muralha virada a O.; 1814 - remodelação da Igreja da Misericórdia; 1875, 22 Março - autorização municipal para

apeamento de muros do Castelo; 1970, década - remodelação do recinto do Castelo para instalação de Pousada.

Tipologia: Conjunto urbano, fortificado, complexo, de Época Medieval e Moderna, com estruturação polinuclear em função de dois eixos principais orientados E. - O., com quarteirões irregulares, de edifícios de planta rectangular, de um ou dois pisos, com vãos rectos.

Características Particulares: Cidadela de exíguas dimensões; perímetro global ovalado; porta da Vila encimada por Capela; Casa da Câmara e Igreja da Misericórdia com brasão na fachada principal; inscrição com data alusiva a momento de construção; utilização do espaço construído para instalações turísticas.

Dados Técnicos: Elementos dominantes: paredes autoportantes.

Materiais dominantes: paramentos em cantaria e em alvenaria de granito com vãos e cunhais em cantaria, paramentos rebocados e caiados, portas e caixilharias em madeira, cobertura em madeira telhada, pavimentos lajeados e calcetados; paramentos em betão rebocado e pintado, cobertura em vidro e chapa metálica, portas e janelas em alumínio envidraçado.



Bibliografia: VIEIRA, José Augusto, O Minho Pitoresco, 1, Lisboa, 1886, p. 150 - 152; DIONÍSIO, Santana (dir.), Guia de Portugal. IV Entre Douro e Minho - II Minho, Lisboa, s.d., p. 1064; ALMEIDA, José António Ferreira de (org.), Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976, p. 577; DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira. IV Roteiro de Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira, 1983, p. 31 - 37; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Alto Minho, Lisboa, 1987, p. 157 - 159; SAMPAIO, Francisco, Alto Minho. Roteiro Turístico - Viana do Castelo, Viana do Castelo, 1990, p. 68; ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, Braga, 1994, p. 35 - 44.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: 1970, década - obras para instalação da Pousada.

Observações: *1 - No extremo oposto conserva-se a porta que dava para o rio; *2 - Estes quatro quarteirões albergam 29 quartos, com terraços e pátios interiores.

Autor e Data: Alexandra Lima / Paulo Amaral 1998

117.Hospital da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: R. Manuel José Lebrão; Gauss: M=149.8, P=552.6; Fl. 6

Enquadramento: Periurbano, isolado, no início da encosta, em local de pendente S. / N. pouco acentuada. O imóvel situa-se no centro de uma plataforma, definida por muros de suporte, ocupando uma posição sobranceira em relação ao centro urbano e ao rio Minho.



Descrição: Edifício de planta composta, com corpo principal rectangular e corpos laterais perpendiculares, articulando-se em torno de um jardim central e prolongando-se as fachadas posteriores em 2 corpos alongados. Coberturas em telhados de 3 e 4 águas. Fachada principal virada a N., em cantaria de granito, com 2 pisos separados por friso e de 3 corpos, encimada por platibanda. Corpo central com átrio definido por colunas jónicas suportando frontão triangular precedido por escadaria monumental; no seu interior, porta principal de arco pleno ladeada por 2 painéis de azulejos azuis e brancos figurando, no lado esquerdo, "Ecce Homo" e, no lado direito, uma alegoria da Misericórdia, e 2 janelões de arco pleno; nos topos, porta de arco pleno. Nos corpos laterais, 5 vãos em cada piso, com janelas simples no 1º e janelões rectangulares no 2º, de bandeira e peitoril saliente, tendo ao centro janela de sacada em arco pleno, com balcão e balaustrada, emoldurada por pilastras jónicas suportando frontão triangular. Fachadas laterais e posteriores rebocadas e pintadas de vermelho escuro, com pisos separados por friso em cantaria e terminadas em cornija, tendo, no 2º piso, janelas de verga recta, com bandeira, encimadas por cornija e dispostas regularmente. Fachada O.

marcada por varanda sobre pilares, com guarda de cantaria e cobertura suportada por pilares. Fachada E. com 2 grandes janelões envidraçados. Nas traseiras do hospital, alinhada pelo eixo axial, ergue-se a capela, de planta longitudinal, rectangular, e cobertura em telhado de 2 águas; fachada principal virada a N., em cantaria de granito, com contrafortes escalonados nos cunhais, encimados por pináculos e rematada em empena decorada por florões; portal em arco quebrado, moldurado e sublinhado por cogulhos vegetalistas, precedido por escadaria axial, e sobrepujado por óculo decorado por florões; fachadas laterais rebocadas e pintadas de vermelho escuro, terminadas em cornija e com janelas de verga recta. INTERIOR do corpo principal estruturado em torno de átrio central tendo de um lado a Sala de Sessões da Mesa e do outro o Salão; a Sala de Sessões tem nas paredes diversos quadros a óleo representando mesários e beneméritos da Santa Casa da Misericórdia de Cerveira, e no tecto apresenta pintado, em quadratura, uma alegoria arquitectónica. No 1º piso distribuem-se os serviços administrativos e nos corpos laterais consultórios, enfermarias e quartos. No centro, jardim arborizado com pequeno lago, rodeado por corredores envidraçados dos corpos principal e laterais que se prolongam em direcção à capela formando corredor exterior.



Utilização Inicial: Hospitalar e Administrativa: Hospital e sede da Santa Casa de Misericórdia

Utilização Actual: Hospitalar/Clínica hospitalar

Propriedade: Privada, Misericórdia

Época de Construção: Séc. 20

Cronologia: 1926, 3 Junho - em reunião com a Mesa da Santa Casa, Manuel José Lebrão promete financiar a construção e equipamento de um Hospital destinado a



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

substituir o antigo Hospital da Misericórdia situado no interior do Castelo; 1926, 8 Dezembro - colocação da primeira pedra do Hospital, na presença do benemérito Manuel José Lebrão; 1929, 17 Setembro - entrega do edifício concluído à Mesa da Santa Casa; 1929, 28 Outubro - assinatura da escritura de doação; 8 Dezembro - inauguração do Hospital da Misericórdia; 1974 - a Santa Casa da Misericórdia é desapossada do Hospital; década de 80, meadas - devolução do Hospital à Santa Casa e reabilitação do Hospital; 1993 - encerramento do Hospital da Misericórdia; 1996 - reabertura do Hospital através de protocolo com a Clipóvoa.

Tipologia: Arquitectura civil pública, revivalista. Hospital revivalista de inspiração neoclássica, de planta em "U", fachada principal, dominada por átrio central de colunas jónicas suportando frontão triangular; e corpos laterais e restantes fachadas regularmente rasgadas por janelas de verga recta, com bandeira e peitoril saliente. Funcionalmente, segue o esquema da arquitectura hospitalar de início do século, com corpo principal rectangular, com funções simbólicas e administrativas, e alas laterais, de fachadas envidraçadas circundando o jardim interior, com funções hospitalares que condicionam a divisão espacial interior. Capela separada com fachada de inspiração neogótica.

Características Particulares: Hospital de inspiração revivalista com frontaria de cantaria e as restantes fachadas em alvenaria rebocada e pintada de vermelha, rasgadas por janelas, predominantemente de verga recta, com bandeira e múltiplos pinázios pintados de branco, típicos da arquitectura dos anos 20, conferindo ao edifício grande dinamismo. A frontaria, de ordem jónica, é ainda ritmada por frontões triangulares, 2 nos corpos laterais sobre a janela de sacada e outro maior no central, sobre o átrio, de paredes revestidas a azulejos azuis e brancos figurativos, alusivos às obras de Misericórdia e um "Ecce Homo", ou com decoração fitomórfica. Saliente-se o jardim interior circundado por fachadas envidraçadas, o frontispício da capela em neogótico tardio e alguns aspectos decorativos do hospital, como a alegoria arquitectónica no tecto da Sala de Sessões e a porta principal, de almofadas entalhadas e postigos entre frontão sobre pilastras de ordem dórica.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Frontispício em cantaria de granito, paredes em alvenaria rebocada, cobertura em telha marselha, pavimentos em mosaico, madeiras nos vãos e interior, vidro, azulejo.

Bibliografia: DIOGO, José Leal, A Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira, in Para a História de Vila Nova de Cerveira, C. M. de Cerveira, 1979; GUERREIRO, Castro, Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira - 400 anos, V. N. de Cerveira, 1993; ROCHA, J. Marques, V. N. Cerveira, s/l., 1994.

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Documentação Administrativa: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: S.C.M.V.N.C.: 1971 / 1972 / 1973 / 1974 - obras de restauro do edifício, que se iniciaram sendo provedor Germano Joaquim Venade e foram concluídas por José Luís Puga Cerdeira como Presidente da Comissão Administrativa.

Observações: Manuel José Lebrão, benemérito que financiou a construção e equipamento do Hospital, era natural da freguesia do Sopo, tendo enriquecido no Brasil. A construção do Hospital e o seu equipamento custou, a preços da época, 3.000 contos.

Autor e Data: Paulo Amaral e Miguel Rodrigues 2000

118.Fonte da Vila

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: Pç. do Alto Minho; Gauss: M-149.4; P-552.5; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, adossado, integração harmónica, em posição subjacente aos arruamentos que a circundam, junto à Casa das Marrecas, confrontando com o castelo e com o terreiro, local da antiga feira e centro cívico da vila.



Descrição: Fontanário adossado a muro, com acesso por larga escadaria de três lanços de nove degraus, intercalados por amplos patamares, conduzindo a átrio murado e lajeado, com banco corrido ao longo das paredes. Espaldar rectangular, enquadrado



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

com pilastras sobrepujadas por pináculos, rematado por cornija rampante, saliente, com cruz sobre acrotério no vértice. No terço superior do espaldar coroa real fechada sobre escudo da Casa Real e na base três bicas carrancas. Lateralmente ao espaldar porta de verga recta para acesso a sala do nascente, rectangular, com cobertura de duas águas

*1. Tanque, rebaixado, de planta rectangular com acesso por degrau que o delimita.

Utilização Inicial: Equipamento. Fontanário público

Utilização Actual: Marco histórico-cultural / turística

Época de Construção: Séc. 17 (conjectural)

Cronologia: Séc. 17 - época provável de construção.

Tipologia: Arquitectura civil pública, seiscentista. Fontanário seiscentista de espaldar rectangular, de cornija rampante moldurada, com corôa real fechada sobre escudo da Casa Real e três bicas carrancas, de tanque rectangular.

Características Particulares: Espaldar com três bicas carrancas colocadas na sua base. Sala do nascente com cobertura pétrea de duas águas.

Dados Técnicos: Estrutura mista.

Materiais: Estrutura em cantaria com paramento rebocado e caiado, escadaria em pedra, cobertura em lajes graníticas, pavimento lajeado, muros e banco de pedra, porta de ferro.

Bibliografia: VIEIRA, José Augusto, O Minho Pitoresco, 1, Lisboa, 1886, p. 151; ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, Braga, 1994, p. 160.

Documentação Gráfica: DGEMN/DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN/DSID

Intervenção Realizada: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira: 1980, finais da década - obras de limpeza e conservação.

Observações: *1 - Compartimento de limpeza do nascente.

Autor e Data: Alexandra Lima / Paulo Amaral 1998

119. Capela de São Roque

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: Lg. de S. Roque; Gauss: M-149.5, P-552.1; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, isolado, integração harmónica, na periferia de Vila Nova de Cerveira, num adro murado e rodeado de oliveiras, sobranceiro a um largo e aos arruamento que a definem frontalmente e lateralmente, com acesso por escadaria de 5 degraus. Junto à capela, cruzeiro com soco de um degrau quadrangular, sobre o qual assenta plinto paralelepípedo, monolítico, de aresta superior boleada, apresentando cavidade para encaixe do fuste. O plinto está decorado, em relevo, com representações faciais, nos vértices, conservando inscrita a data 1584. O fuste, monolítico, de secção cilíndrica, está encimado por um capitel coríntio, sustentando uma cruz latina de secção quadrangular.



Descrição: Capela de planta longitudinal, rectangular, tendo adossado à direita escada de um lanço, de acesso ao coro-alto, e sacristia rectangular. Volumes escalonados, com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas na capela e três na sacristia. Fachadas, rebocadas e caiadas, percorridas por cornija saliente, com cunhais sobrepujados por pináculos de remate esférico, na fachada O., e piramidais, na posterior, com cruces sobre acrotério nas empenas. Fachada principal orientada, com pilastras toscanas nos cunhais, rasgada por portal de verga recta, enquadrado por pilastras toscanas e tendo cornija saliente, encimado por cruz pátea e sobrepujado por óculo circular. Fachada S., com sineira de arco de volta inteira, sobre a cornija junto ao cunhal O., com portas rectangulares, de acesso ao coro-alto e à sacristia, e janela rectangular na sacristia. INTERIOR rebocado e caiado, com coro-alto assente em trave de madeira e com balaustrada em madeira. No sub-coro encontram-se encastrados, no cunhal S., elementos de um cruzeiro, tendo inscrita na base a data 1557 e no fuste símbolos da paixão, relevados. Colateralmente, fresta à esquerda, e porta rectangular, de acesso à sacristia, à direita. Altar, sobrelevado e com acesso por três degraus, com mesa de

granito, tendo uma pequena imagem de São Roque, e pintura a fresco aposta sobre a fachada posterior apresentando orla em azul, cruz central, ladeada por dois anjos, a representação de São Cibrão, com inscrição em letras góticas "SANT CIBROM", do lado do Evangelho, e uma figuração de Nossa Senhora, do lado da Epístola. Sobre a base da cruz foi aberto um nicho, de remate em arco abatido, albergando a imagem de São Roque. Pavimento em mosaico cerâmico e lajes de granito e tecto de perfil anguloso, estucado e com faixa central de madeira. No interior da capela encontram-se dois andores, com as imagens de São Cipriano e de Nossa Senhora da Piedade.

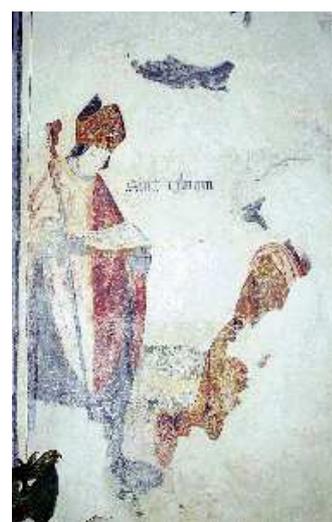
Utilização Inicial: Cultural

Utilização Actual: Cultural

Época de Construção: Séc. 13 (conjectural) / 16 / 18

Cronologia: Séc. 13 - época provável de construção da capela; séc. 16 - reconstrução da capela; 1557 - data inscrita num fuste inserto no interior da capela; 1584 - construção do cruzeiro do adro; séc. 18 - remodelação da capela.

Tipologia: Arquitectura religiosa, quinhentista e barroca. Antiga capela remodelada em estilo barroco, de planta longitudinal, rectangular, com frontispício em empena e portal de verga recta, enquadrado por pilastras toscanas e cornija saliente, conservando na parede testeira interior pintura a frescos do séc. 16.



Características Particulares: Capela com parede testeira toda pintada a fresco, figurando cruz ladeada por santos e anjos no topo. Fuste de um cruzeiro quinhentista encastrado

na parede interior da capela e um outro, também com elementos quinhentistas, no adro. Sineira colocada lateralmente sobre o telhado, decorada com almofadas e enrolamentos.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes.

Materiais: Estrutura em cantaria, com paramentos rebocados e pintados com vãos e cunhais em cantaria, sineira em cantaria, cobertura exterior em madeira telhada e interior estucada, coro-alto em madeira, pavimentos em mosaico cerâmico e lajes de granito, portas de madeira, janelas envidraçadas, parapeito de ferro, cruzeiro em granito.



Bibliografia: ALMEIDA, José António Ferreira de (org.), Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976, p. 577; ALVES, Lourenço, Do Gótico ao Manuelino. II - Monumentos religiosos, Caminiana, 10, Caminha, 1984, p. 63; ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, Braga, 1994, p. 161.

Documentação Gráfica: DGEMN: DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Intervenção Realizada: Comissão Fabriqueira: 1950, década: obras de reparação de pavimentos; 1992 - obras de conservação geral e reparação de coberturas; 1999 - obras de conservação geral e restauro do fresco da cabeceira.

Observações: *1 - No adro encontram-se duas sepulturas escavadas na rocha, que actualmente não estão visíveis.

Autor e Data: Paulo Amaral 1999

120. Capela de São Sebastião

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: Lg. de S. Sebastião; Gauss: M-149.2, P-552.5; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, isolado, integração harmónica, em largo murado e pavimentado com calçada à portuguesa, rodeado por oliveiras e fronteiro ao Rio Minho. Está em posição sobrelevada em relação ao arruamento que o serve, erguendo-se no adro, lateralmente, um cruzeiro.



Descrição: Planta longitudinal de corpo único rectangular. Volume simples com cobertura em telhado de duas águas. Fachadas, rebocadas e caiadas, percorridas por cornija saliente, com pilastras nos cunhais. Fachada principal com portal de verga recta, encimado por frontão triangular e sobrepujado por cruz vazada no paramento. Fachada N. com sineira em ferro, sob a cornija junto ao cunhal. Interior rebocado e caiado, com pavimento lajeado e tecto de perfil anguloso estucado e com faixa central em madeira. Altar, sobrelevado e com acesso por dois degraus, precedido por teia de madeira, com retábulo em talha dourada e policromada, apresentando, ao centro edícula albergando a imagem de São Sebastião, ladeado das imagens, sobre mísula, de Santa Quitéria e de Santa Irene. No interior encontra-se ainda um andor com a imagem de São Sebastião. Junto à capela encontra-se um cruzeiro com um soco de dois degraus quadrangulares, sobre o qual assenta plinto paralelepípedo, monolítico, de aresta superior boleada, apresentando cavidade para encaixe do fuste. O fuste, monolítico, de secção quadrangular com chanfro, é liso, conservando vestígios da estrutura de ferro para sustentação de lamparina. O fuste está encimado por um capitel esférico com caneluras, sustentando uma cruz latina de secção quadrangular. A cruz apresenta na face frontal a representação escultórica do Senhor na Cruz, de pés sobrepostos, e na face oposta a imagem de Nossa Senhora.



Utilização Inicial: Cultural

Utilização Actual: Cultural

Época de Construção: Séc. 18 (conjectural)

Cronologia: Séc. 18 - época provável de construção.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca e popular. Capela barroca de planta longitudinal e corpo único, com frontispício em empena, portal de verga recta encimado por frontão triangular, ostentando retábulo em talha dourada, barroco, de estilo nacional. Cruzeiro de carácter popular, com fuste quadrangular chanfrado, capitel em bola e representação escultórica em ambas as faces da cruz.

Características Particulares: Capela de linhas simples com retábulo-mor de 3 panos e interessante remate trilobado. Cruzeiro de nítida feição popular com tratamento escultórico das imagens - Cristo na face frontal e Nossa Senhora na oposta - pouco inciso e, por vezes, rudimentar.



Dados Técnicos: Paredes autoportantes.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Materiais: Estrutura em silhares de granito, com paramentos rebocados e pintados com vãos e cunhais em cantaria, sineira em ferro, altar em madeira, cobertura exterior em madeira telhada e interior estucada, pavimentos em lajes graníticas, balaustrada em madeira; porta de madeira; cruzeiro em granito.

Bibliografia: LEAL, Pinho, Portugal Antigo e Moderno, 11, Lisboa, 1886, p. 810; ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, Braga, 1994, p. 162.

Documentação Gráfica: DGEMN: DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Autor e Data: Paulo Amaral 1999

121. Igreja Matriz de Vila Nova de Cerveira / Igreja de São Cipriano

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: Terreiro; Gauss: M-149.3, P-552.5; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, isolado, implantado num largo lajeado, confrontando com o arruamento principal de Vila Nova de Cerveira, que a define frontalmente.

Descrição: Planta longitudinal, composta por três naves e capela-mor rectangulares, torres sineiras quadrangulares flanqueando o frontispício e sacristia e anexo rectangulares, adossados lateralmente. Volumes escalonados, com coberturas diferenciadas em telhados de três, duas e uma águas. Fachadas das naves, torres e sacristia rebocadas e caiadas, percorridas por embasamento avançado e cornija saliente, com pilastras nos cunhais, sendo as da nave sobrepujados por fogaréus e as das torres por pináculos e cruces sobre acrotério nos remates das empenas. Fachada principal ritmada por pilastras, rematada por frontão contracurvado, e rasgada por portal de verga curva, definido por pilastras suportando frontão interrompido por coroa fechada sobre brasão nacional. Sobre põe-se-lhe janelão emoldurado, encimado por cornija contracurvada, rematada por cartela lisa. Torres sineiras, com acesso exterior, de quatro registos, tendo no primeiro portal de verga curva, no segundo janela de verga curva, no terceiro relógio, e no último sineira de quatro ventanas, de arco de volta inteira, rodeada por varandim de ferro, rematada por balaustrada de pedra e coruchéu com cruz e cata-vento de ferro. Interior rebocado e caiado, com naves de quatro tramos, separados por

arcos plenos sobre colunas. Coro-alto assente em arco abatido na central, com duas colunas embebidas, e em dois arcos de volta inteira nas laterais, com balaustrada de madeira. Sub-coro com guarda-vento de madeira, porta de acesso ao coro-alto e duas pias de água benta, à direita, e baptistério inscrito em compartimento quadrangular, com cobertura em abóbada de arestas e lambril de azulejos estampilhados, cerrado por portão de ferro, à esquerda. Na nave central, dois púlpitos confrontantes adossados a colunas, com base de pedra circular, sobre mísula de dupla espiral, e balaústres em madeira, tendo escada em caracol. As naves laterais, possuem, no lado da Epístola, duas capelas com retábulos de talha dourada e policroma e do lado do Evangelho, um altar de talha policroma. Nos topos das naves, retábulos de talha dourada. Pavimento lajeado no sub-coro e nas naves laterais e soalhado na central. Tectos de madeira de perfil curvo. Arco triunfal, pleno, com sanefa em talha dourada. Capela-mor com lambril de azulejos estampilhados azuis e brancos. Retábulo-mor de talha dourada, com sacrário envolvido por anjos e ladeado por dois painéis com grupos escultóricos representando, Visitação dos Reis Magos e cena do Juízo do Final; encima este conjunto um trono suportando a Sagrada Eucaristia. Pavimento lajeado e tecto de perfil curvo, em madeira *2.



Utilização Inicial: Cultural: Igreja Matriz

Utilização Actual: Cultural: Igreja Matriz

Propriedade: Privada, Igreja Católica

Época de Construção: Séc. 16 / 18 / 19

Arquitecto / Construtor / Autor: Veríssimo Barbosa, mestre entalhador do altar-mor; Domingos Magalhães, mestre entalhador dos altares laterais.

Cronologia: Séc. 16 - construção da igreja; 1730 - construção dos altares laterais; 1734 - construção do altar-mor pelo valor de 330\$000; 1877 - reconstrução da igreja.



Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca e neoclássica. Igreja barroca de planta longitudinal, 3 naves escalonadas, frontispício em empena recortada com portal de verga curva entre pilastras em frontão interrompido e grande janelão recortado; no interior, retábulo-mor barroco, de estilo nacional, laterais das naves de transição para o joanino e os colaterais neoclássicos.

Características Particulares: Igreja barroca seguindo uma planimetria ainda quinhentista de 3 naves com tecto de madeira e capela-mor abobadada, de que conserva arranque dos feixes de ogivas e contrafortes exteriores. Púlpitos com base de cantaria adossadas a colunas com escada de caracol. retábulo-mor com dois nichos quadrangulares com grupos escultóricos representando a "Adoração dos Reis Magos" e cena do Juízo Final ladeando o sacrário.

Dados Técnicos: Estrutura mista na capela-mor e paredes autoportantes na nave.

Materiais: Estrutura em cantaria, com paramentos rebocados e pintados e com azulejos, com vãos e cunhais em cantaria, sineira em cantaria, altares em madeira, cobertura em madeira telhada, coro-alto em madeira, pavimentos em lajes graníticas e soalhado, portas de madeira, janelas gradeadas e envidraçadas; varandim, cruz e cata-vento de ferro.

Bibliografia: LEAL, Pinho, Portugal Antigo e Moderno, vol. 11, Lisboa, 1886, p. 810; VIEIRA, José Augusto, O Minho Pittoresco, vol. 1, Lisboa, 1886, p. 148 - 150; DIONÍSIO, Santana (dir.), Guia de Portugal. IV Entre Douro e Minho - II Minho, Lisboa, s/d, p. 1063; ALMEIDA, José António Ferreira de (org.), Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976, p. 577; DIOGO, José Leal, Para a História de Vila Nova de Cerveira. III Inventário de Heráldica Concelhia, Vila Nova de Cerveira, 1981, p. 90 - 93; ALVES, Lourenço, Do

Gótico ao Manuelino. II - Monumentos religiosos, Caminiana, 10, Caminha, 1984, p. 62 - 64; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Alto Minho, Lisboa, 1987, p. 160; ROCHA, J. Marques, V. N. de Cerveira de ontem e de hoje, Braga, 1994, p. 160.

Documentação Gráfica: DGEMN: DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Intervenção Realizada: Comissão Fabriqueira: 1995 - reparação de soalhos; 1998 - reparação de coberturas e pinturas exteriores; 1999 - colocação de lajeado na nave; IPPAR: 2001 - escavações arqueológicas no terreiro, junto à Matriz, no âmbito do projecto de recuperação do centro histórico, tendo-se posto a descoberto um cemitério do séc. 17, com várias ossadas e alguns terços.

Observações: *1 - No sub-coro, do lado do Evangelho, encontra-se a imagem, de grandes dimensões, de São Cristóvão. *2 - Atrás do altar-mor, conservam-se os arranques de uma abóbada artesoadada.



Autor e Data: Paulo Amaral 1999

122. Passos de Via Sacra em Vila Nova de Cerveira

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: R. César Maldonado (Nicho do Solar dos Castros), Tv. da Matriz (Nicho da Matriz), Tv. do Senhor dos Passos (Nicho do Senhor dos Passos), R. Queirós Ribeiro (Nicho do Anjo da Guarda), EN 13 (Nicho da Estrada), R. da Calçada (Nicho da



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Calçada), R. Costa Pereira (Nicho de São Sebastião); Gauss: M-149.2, P-552.5; M-149.350, P-552.525; M-149.425, P-552.5; M-149.525, P-552.7; M-149.550, P-552.4; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, adossado e flanqueado, integração harmónica no tecido urbano, desenvolvendo-se ao longo dos arruamentos que partindo da capela da Senhora da Ajuda, na porta principal do Castelo, envolvem a área central da Vila, com passagem pelo Cais junto à capela de São Sebastião (v. 1610150026), terminando junto à Igreja Matriz (v. 1610150028).

Descrição: Nichos, em cantaria alguns com paramentos rebocados e caiados, com cobertura de madeira telhada, de duas águas. Apresentam pilastras jónicas nos cunhais, lisas ou molduradas, arquitrave com cornija saliente e remate em frontão de volutas interrompido, sobrepujado por pináculos piramidais e cruz sobre acrotério, ao centro. Possuem vão de arco pleno, com parapeito saliente, interior rebocado e caiado e com abóbada de berço, cerrado por janela gradeada e envidraçada. Albergam imagens, em madeira, do Senhor dos Passos, do Senhor dos Perdidos (Nicho do Solar dos Castros), do Senhor Preso à Coluna (Nicho da Estrada), e do Senhor da Cana Verde (Nicho do Anjo da Guarda).

Utilização Inicial: Devocional: Passos de via Sacra

Utilização Actual: Devocional: Passos de Via Sacra

Propriedade: Privada, Misericórdia

Época de Construção: Séc. 18 (conjectural)

Cronologia: Séc. 18 - época provável de construção dos Passos.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca. Sete oratórios com Passos de Via Sacra, barrocos, com vão de arco pleno, enquadrado por pilastras jónicas e remate em frontão de volutas interrompido.

Características Particulares: Oratórios de sabor popular, característica presente em muitos exemplares da arquitectura religiosa barroca do Alto Minho. São tipologicamente muito semelhantes, apresentando, no entanto, pequenas diferenças: os Nichos da Matriz e do Solar dos Castros possuem pináculos de remate esférico; o Nicho do Anjo da Guarda possui, na pedra de fecho do vão, mísula decorada com volutas e cruz, moldurada, com hastes de remate trilobado; o do Senhor dos Passos não apresenta

pináculos e possui cruz de secção quadrangular com chanfro, com hastes de remate em botão; o Nicho da Estrada possui cruz de secção quadrangular com chanfro, com hastes de remate em botão.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura em cantaria, com paramentos rebocados e caiados, cobertura de madeira telhada, imagens de madeira, janelas gradeadas e envidraçadas.

Bibliografia: GUERREIRO, Castro, Nichos e alminhas do Concelho de Vila Nova de Cerveira, O Caminhense, nº 710, Caminha, 1996, p. 11.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Autor e Data: Paulo Amaral 1999

123.Cruzeiro de Cortes / Cruzeiro do Ecce Homo

Localização: Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Vila Nova de Cerveira

Acesso: R. das Cortes; Gauss: M-149.5, P-552.1; Fl. 6

Enquadramento: Urbano, adossado, na periferia de Vila Nova de Cerveira. A base surge encastrada num muro de habitação sobranceiro à EM Vila Nova de Cerveira - Sopo; num dos lados, adossa-se-lhe muro perpendicular e no outro encosta-se-lhe gradeamento de ferro.



Descrição: Cruzeiro com um soco constituído por um degrau de planta quadrangular, sobre o qual assenta um plinto paralelepípedo, monolítico, de aresta superior boleada, apresentando cavidade para encaixe do fuste. O plinto apresenta na face frontal uma inscrição em duas regras: "G A S P A Z L C / M E F (?) E (?) S 1585". O fuste, alto, monolítico, de secção prismática boleado nas arestas, apresenta-se, nos dois terços superiores da sua altura, estriado com concavidade nas faces, estando encimado por um capitel prismático decorado com representações faciais nos vértices, sustentando cruz latina de secção quadrangular. Esta apresenta na face frontal a representação escultórica do Senhor na Cruz, de pés sobrepostos, e na face oposta uma imagem da Nossa Senhora de mãos postas.

Utilização Inicial: Devocional: cruzeiro

Utilização Actual: Devocional: cruzeiro

Propriedade: Privada: pessoa singular

Época de Construção: Séc. 16

Cronologia: 1585 - Data da construção do cruzeiro.

Tipologia: Arquitectura religiosa, quinhentista. Cruzeiro de encruzilhada quinhentista, com pedestal paralelepípedo monolítico, fuste prismático, monolítico, capitel prismático e cruz latina de secção quadrangular com representação escultórica nas duas faces.





Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Características Particulares: Cruzeiro quinhentista com data e nome do construtor inscrita, com cavidade no plinto para encaixe de fuste, boleado nas arestas, e estriado nos dois terços superiores, capitel com representações faciais nos vértices e cruz com representação de Cristo numa das faces e Nossa Senhora em posição orante na outra. Coluna atarracada e sem êntase. Figuras escultóricas de carácter popular e tratamento rude, com deformações anatómicas.

Dados Técnicos: Estrutura autoportante.

Materiais: Estrutura em granito.

Documentação Fotográfica: DGEMN: DSID

Observações: Desconhece-se a data da sua transladação para o actual local.

Autor e Data: Paulo Amaral 1999

124.Casa do Carboal.

125.Quinta do Belo Cais.

126.Quinta se S. António

127.Edifício com interesse.

128.Ruínas da Capela do Espírito Santo.

129.Rua Direita. Conjunto de Edifícios com interesse.

130.Casa da Marreca.

131.Espigueiro tradicional.

132.Casa da Quinta de S. Roque.

133.Capela.

134.Capela.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

135. Quinta das Laranjeiras.

136. Pontão em granito.

137. Capela da Senhora dos Esquecidos. Edifício do Séc. XVIII, bastante adulterado.

138. Edifício com interesse.

5.2 - Povoamento e Dinâmica urbanística

Povoamento

O presente capítulo foi elaborado tendo por base as conclusões do PDM em vigor no que concerne à temática do povoamento com a consequente actualização decorrente da ocupação humana verificada na década de 90.

Assim, de acordo com os estudos realizados, verifica-se que no concelho de Vila Nova de Cerveira se encontram três situações distintas em termos de ocupação humana do território, por um lado temos a faixa ribeirinha, por outro o interior montanhoso do concelho e ainda uma área de transição que corresponde a uma área interior, actualmente exposta ao exterior através do nó da A3 - Sapardos.



Na base desta realidade estão as características morfológicas do território e as consequentes acessibilidades geradas por essas características. As Serras da Gávea, da Salgosa e o Monte de Góis funcionam como um importante obstáculo físico, impedindo um contacto fácil entre o litoral e o interior concelhio.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.



A área litoral, adjacente ao rio Minho, apresenta uma estrutura de povoamento assente em pequenos lugares que se transformaram num contínuo mais ou menos urbano apoiado na EN 13 e na linha de caminho de ferro do Minho. Nesta situação está, nomeadamente a sede do concelho, com maior concentração de equipamentos e serviços. O interior do concelho detém uma estrutura de povoamento de carácter rural assente em pequenos lugares dispersos, onde predomina a habitação.



De referir que relativamente à década anterior se verifica uma ligeira alteração na estrutura urbana concelhia, ou seja, se anteriormente se verificava fundamentalmente uma dispersão de aglomerados, aliás situação tipicamente minhota, actualmente começa a esboçar-se, nalgumas freguesias, sobretudo nas que detém melhores acessibilidades, tais como Sapardos, Mentrestido, Campos, Vila Meã, Reboreda, Lovelhe, Loivo e Gondarém, uma dispersão ao longo da rede viária.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.



O tipo de ocupação do território – profusão de pequenos lugares – prende-se com a utilização do solo e o modo de vida da população, onde a actividade agrícola assumiu grande importância. Efectivamente, os lugares foram crescendo de forma dispersa a partir de núcleos localizados em solos com aptidão agrícola. Esta dispersão decorre das características minhotas de ocupação do território, ou seja, a habitação localiza-se na pequena exploração agrícola. Esta situação ocorre em todo o interior do concelho, desde Vila Meã a Covas.



Dinâmica Urbanística

A análise da dinâmica urbanística surge, como inevitável para se compreender o processo de desenvolvimento urbano de Vila Nova de Cerveira, bem como as dinâmicas que lhe estão associadas.

Da observação do quadro abaixo pode-se constatar que, a média anual de construção, desde 1946, tem aumentado pelo que a última década é a que revela valores mais

elevados, registando-se assim, uma continua dinâmica crescente, não obstante a dinâmica populacional ter sido negativa.

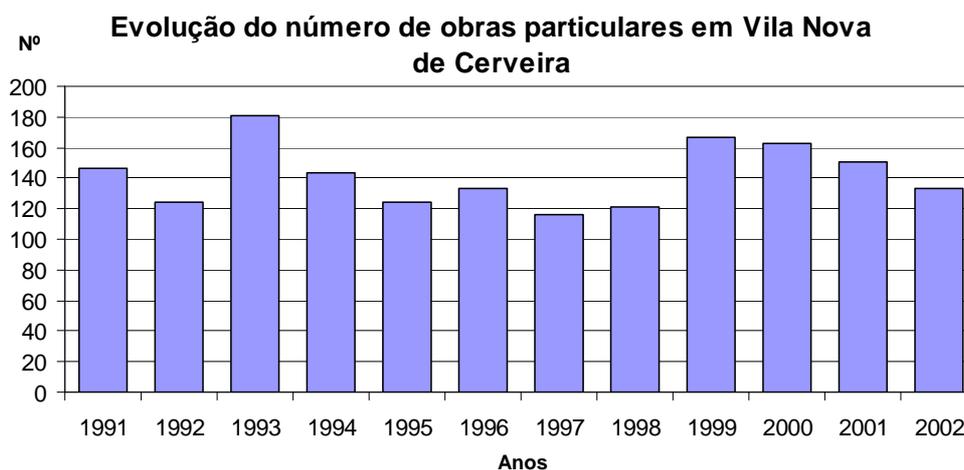
Média anual de construção no Concelho de Vila Nova de Cerveira

Épocas de construção	Edifícios construídos	Média Anual (%)
1946 a 1970	761	30,4
1971 a 1990	1864	93,2
1991 a 2001	1184	107,6

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 2001 - Resultados Provisórios.

Evolução das obras particulares

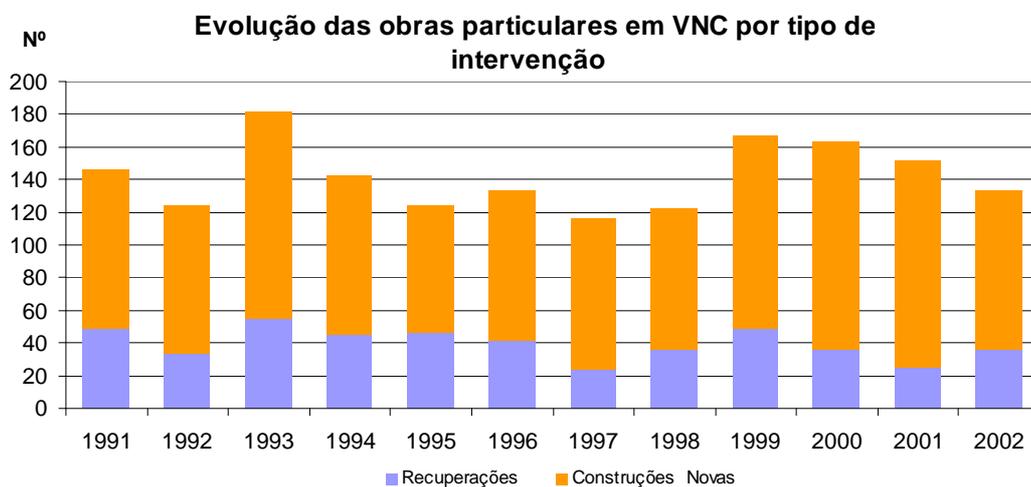
Com base nos dados disponibilizados, pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, para o período 1991/2002, constata-se que o número de licenças relativas a obras particulares ultrapassou as 1700. Como se pode observar no gráfico, a tendência evolutiva tem sofrido algumas oscilações, com ligeiros decréscimos desde 1999.



Fonte: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira

Em 1991, 60% as obras realizadas no concelho, referiam-se a construções novas e 40% a obras criadas não de raiz, onde se incluem as recuperações, ampliações e

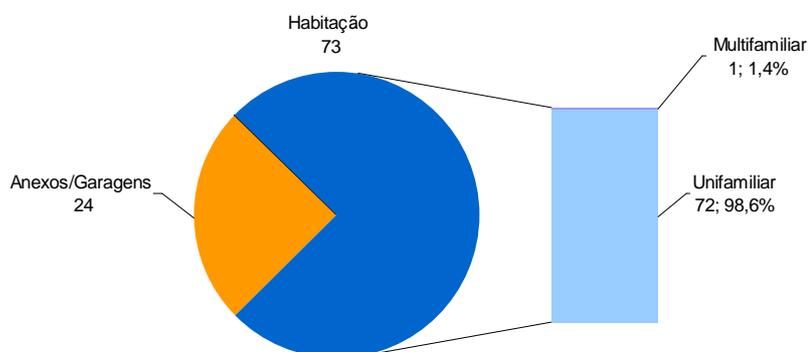
reconstruções. Em 2002, as construções novas aumentam para 73% e as restantes obras diminuem para 27%.



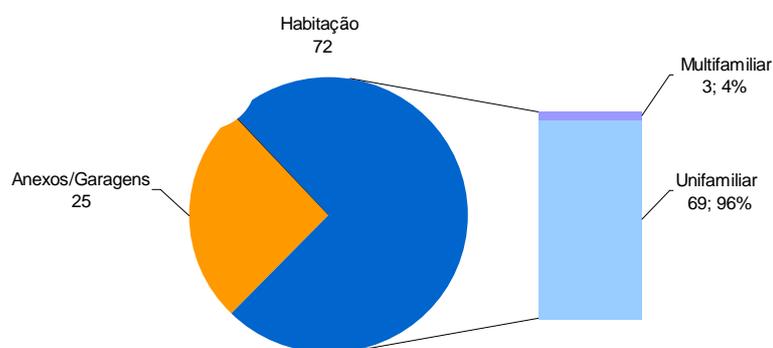
Fonte: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira

Destes 73% de construções novas, verifica-se que predomina a função habitacional, quer seja sob a forma de moradias unifamiliares (96%) ou edifícios multifamiliares, que correspondem a uma minoria de 4%. O gráfico referente a 1991 mostra que nesse ano os valores são praticamente idênticos, o que significa que o perfil funcional não sofreu alterações.

Obras particulares por uso funcional em 1991



Obras particulares por uso funcional em 2002



Relativamente à sua distribuição por freguesias, verifica-se que a sede de concelho concentra 9,6% das obras licenciadas, sendo ultrapassada pelas freguesias de Campos, Gondarém, Loivo e Reboreda.

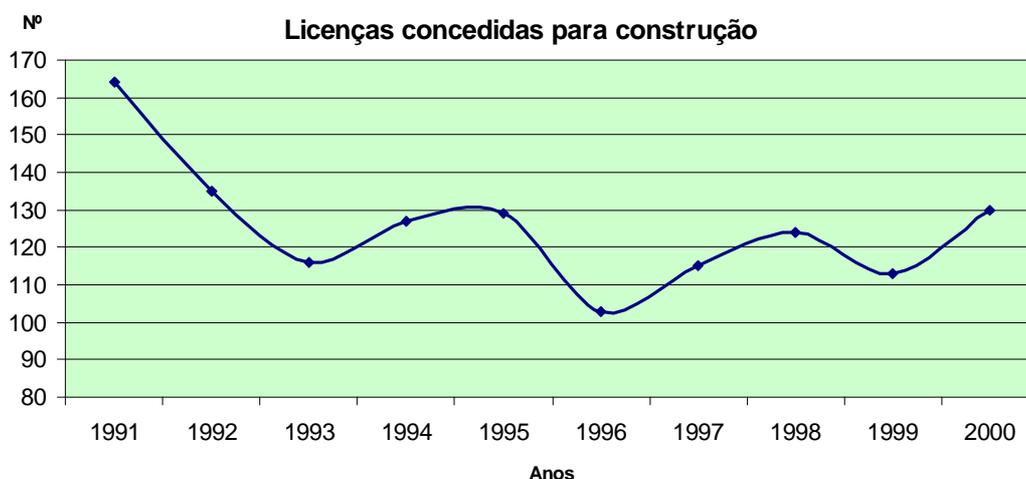
Apesar de a sede de concelho reunir a maior percentagem de população residente, o forte crescimento populacional e urbanístico que a freguesia de Campos tem sido alvo poderá inverter esta situação a curto prazo.

Números de obras particulares por freguesia, entre 1991 e 2001

Freguesia	Obras Particulares		População Residente
	N.º	%	
Campos	246	15,7	14,1%
Candemil	43	2,7	2,8%
Cornes	67	4,3	5,4%
Covas	103	6,6	8,4%
Gondar	32	2,0	1,7%
Gondarém	211	13,4	11,2%
Loivo	168	10,7	9,7%
Lovelhe	73	4,7	5,0%
Mentrestido	46	2,9	3,1%
Nogueira	57	3,6	2,7%
Reboreda	157	10,0	7,7%
Sapardos	48	3,1	4,4%
Sopo	115	7,3	6,5%
Vila Meã	53	3,4	3,0%
Vila Nova Cerveira	150	9,6	14,3%
Total	1.569	100	100%

Fonte: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira 2003

No que se refere, às licenças de construção concedidas pela Câmara Municipal, a informação disponibilizada pelo INE diz respeito ao período 1991/2000 e totaliza 1256 licenças.



Fonte: INE, Estatísticas da Construção de Edifícios



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Como se pode verificar no gráfico, o ano de 1991 foi o que registou maior número de licenças – 164. Em 2000, das 130 licenças concedidas, 99 dizem respeito a edifícios para habitação, o que confirma a tendência para a predominância do perfil habitacional.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

5.3 - Parque Edificado e Habitacional

Evolução e distribuição espacial do parque edificado

O parque edificado de Vila Nova de Cerveira é constituído por 4.638 edifícios. Realizando uma análise da sua distribuição por freguesias, verifica-se que as freguesias de Campos, Covas, Gondarém e a sede de concelho possuem mais de 10% de edifícios cada uma. Isto significa que, 46% dos edifícios se encontram distribuídos por 4 das 15 freguesias do concelho. De salientar, ainda, que deste grupo de freguesias, a sede de concelho é a que apresenta valores mais baixos.

No extremo oposto encontra-se a freguesia de Gondar com 1,8 % de edifícios.

Evolução do número de edifícios por freguesia entre 1981 e 2001

Freguesia	Edifícios			Variação (%)		Edifícios (%)
	1981	1991	2001	1981/1991	1991/2001	
Campos	383	430	540	12,3	25,6	11,6
Candemil	154	140	139	-9,1	-0,7	3,0
Cornes	216	220	239	1,9	8,6	5,1
Covas	539	489	571	-9,3	16,8	12,3
Gondar	81	85	83	4,9	-2,4	1,8
Gondarém	407	454	544	11,5	19,8	11,7
Loivo	258	253	379	-1,9	49,8	8,2
Lovelhe	170	191	215	12,4	12,6	4,6
Mentrestido	170	172	196	1,2	14,0	4,2
Nogueira	97	97	138	0,0	42,3	3,0
Reboreda	216	260	353	20,4	35,8	7,6
Sapardos	173	210	243	21,4	15,7	5,2
Sopo	292	315	377	7,9	19,7	8,1
Vila Meã	77	97	135	26,0	39,2	2,9
Vila Nova de Cerveira	273	379	494	38,8	30,3	10,6
Concelho	3506	3792	4646	8,2	22,5	100,0

Fonte: Censos 2001 - Resultados Definitivos

Durante a década de 80 registaram-se variações negativas em 3 freguesias, na década de 90 esse valor desceu para duas e independentemente do decréscimo populacional verificado em algumas, constata-se sempre um aumento do número de edifícios.

Com crescimentos superiores a 20 %, durante a década de 80, surgem 4 freguesias e 7, na década de 90, (incluindo Gondarém com 19,8 %). Deste conjunto de freguesias a sede de concelho foi a única que registou decréscimo, na ordem dos 8 %, o que na prática se pode justificar pela crescente escolha das freguesias do interior para destino de 2ª habitação. Factor este bastante significativo também nos concelhos vizinhos, sobretudo desde a abertura da A3 em 1998.

Uma vez que a grande parte das construções de edifícios se destina à função habitacional, importa analisar a sua evolução e distribuição espacial.

No quadro seguinte constata-se que, as poucas construções de habitações multifamiliares ocorreram, sobretudo, na freguesia de Campos, em 1994 e a partir de 1991, e na sede de concelho, onde desde 1999 não se verifica este tipo de construção. Em 1995 e 1997 não foram construídas habitações multifamiliares.

Evolução do número de habitações Multifamiliares entre 1991 e 2002

Freguesia	Habitações Multifamiliares									
	1991	1992	1993	1994	1996	1998	1999	2001	2002	Total
Campos	0	1	0	3	0	0	1	2	3	10
Gondarém	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2
Loivo	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2
Lovelhe	0	3	0	1	1	0	0	0	0	5
Reboreda	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Vila Meã	1	0	1	0	4	0	0	0	0	6
Vila Nova Cerveira	0	3	4	0	2	1	2	0	0	12
Total	1	9	5	6	7	2	3	2	3	38

Fonte: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira

No que diz respeito às habitações unifamiliares, o quadro mostra que, o ano de 2000 foi o que registou valores mais elevados, tendo vindo a decrescer desde então.

No período de 1991 a 2002 as freguesias de Campos, Gondarém, Loivo e Reboreda foram os preferenciais destinos para a construção de moradias. No extremo oposto encontram-se as freguesias de Candemil, Gondar e Mentrestido.

Evolução do número de habitações Unifamiliares entre 1991 e 2002

Freguesia	Habitações Unifamiliares												
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
Campos	15	6	18	12	5	12	6	16	14	11	12	13	140
Candemil	0	0	2	2	2	3	3	0	1	2	5	3	23
Cornes	3	3	5	4	2	2	3	1	3	8	4	4	42
Covas	1	0	0	3	2	4	4	3	6	14	3	4	44
Gondar	0	0	0	1	2	0	2	3	2	7	2	2	21
Gondarém	14	15	7	8	5	13	13	9	12	10	8	8	122
Loivo	10	3	7	7	10	8	10	11	16	8	14	4	108
Lovelhe	6	1	0	1	2	3	2	6	2	3	2	2	30
Mentrestido	0	1	4	2	1	0	0	1	5	3	3	3	23
Nogueira	1	0	3	3	1	3	1	5	2	7	12	7	45
Reboreda	8	3	9	9	10	3	7	9	13	15	11	5	102
Sapardos	2	3	2	6	4	2	3	0	2	2	3	1	30
Sopo	5	9	7	6	6	2	4	2	7	4	6	3	61
Vila Meã	3	1	1	3	2	2	2	3	6	2	3	0	28
Vila Nova Cerveira	4	8	8	6	1	2	2	3	4	6	9	10	63
Total	72	53	73	73	55	59	62	72	95	102	97	69	882

Fonte: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, 2003

Em 2001, a grande maioria dos edifícios tinham 2 pisos, seguindo-se os de 1. Com mais de 3 pisos registam-se menos de 6% dos edifícios.

Edifícios segundo o número de pisos

Pisos	Edifícios	
	N.º	%
1	1490	32,1
2	2885	62,1
3	224	4,8
4	44	0,9
5	3	0,1

Fonte: INE, RGPH – 2001 (Resultados Definitivos)

A distribuição dos edifícios segundo o número de alojamento revela que, quase a totalidade dos edifícios (96,3 %) constituem alojamento único, enquanto, menos de 4,0 % possuem mais de 1 de alojamento, concentrando-se estes na sede de concelho. O único edifício com 13 ou mais alojamentos localiza-se na freguesia de Covas.

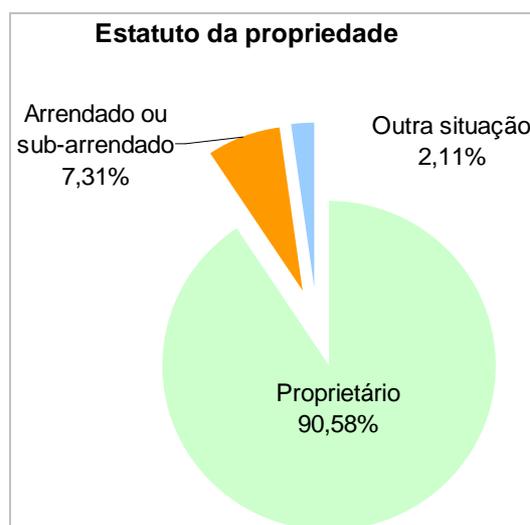
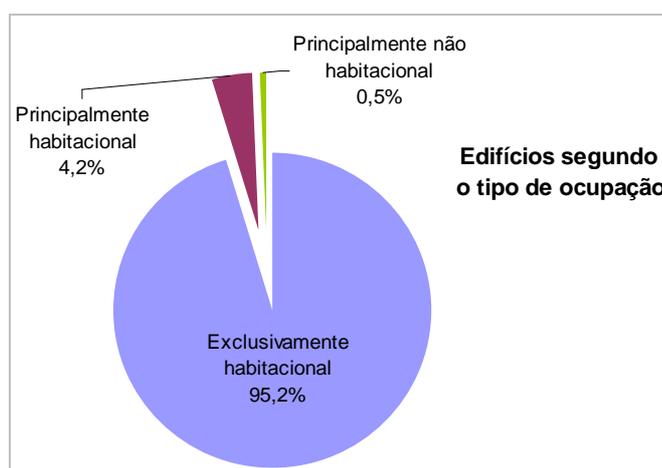
Edifícios segundo o número de alojamentos

Freguesia	Edifícios	1 Alojamento	2 A 6 alojamentos	7 a 12 alojamentos	13 ou mais alojamentos
Campos	540	514	26	0	0
Candemil	139	131	8	0	0
Cornes	237	236	1	0	0
Covas	567	565	1	0	1
Gondar	83	82	1	0	0
Gondarém	544	522	20	2	0
Loivo	379	373	6	0	0
Lovelhe	215	207	2	6	0
Mentrestido	196	194	2	0	0
Nogueira	138	138	0	0	0
Reboreda	350	344	6	0	0
Sapardos	243	240	3	0	0
Sopo	377	372	5	0	0
Vila Meã	135	132	3	0	0
Vila Nova de Cerveira	495	416	71	8	0
Concelho	4638	4466	155	16	1

Fonte: Censos 2001 – Resultados Provisórios

Associando as análises dos números de pisos e números de alojamentos, facilmente se conclui que no concelho predominam as moradias unifamiliares com 1 ou 2 pisos.

Como se pode verificar pelo gráfico seguinte aproximadamente 95% dos edifícios são exclusivamente de uso habitacional. Apenas 4,2% dos alojamentos têm uso misto, principalmente habitacional e somente 0,5% têm perfil não habitacional.



Fonte: Censos 2001 – Resultados Definitivos

Tipos de Alojamento

Num total de 5107 alojamentos familiares, 99,7% são de tipo clássico, aproximadamente 60% destinam-se a residência habitual. O número de alojamentos com uso sazonal ultrapassa os 30%. Encontram-se vagos cerca de 9% dos alojamentos.

No concelho existem 7 alojamentos colectivos.

Alojamentos familiares, segundo o tipo e forma de ocupação em 2001

Total	Clássicos	Outros	Residência Habitual	Uso Sazonal	Vagos	Alojamentos Colectivos
5107	5092	15	3051	1592	464	7

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 2001 - Resultados Provisórios

Evolução e distribuição espacial dos alojamentos

Relativamente à evolução do número de alojamentos familiares verificou-se na década de 80 valores negativos em 9 das 15 freguesias, enquanto que na década de 90 somente se regista uma. Durante a década de 90 existem mesmo freguesias em que a evolução é superior a 40% (Loivo, Vila Meã e Reboreda), a sede do concelho apenas apresenta um crescimento de 5,5%.

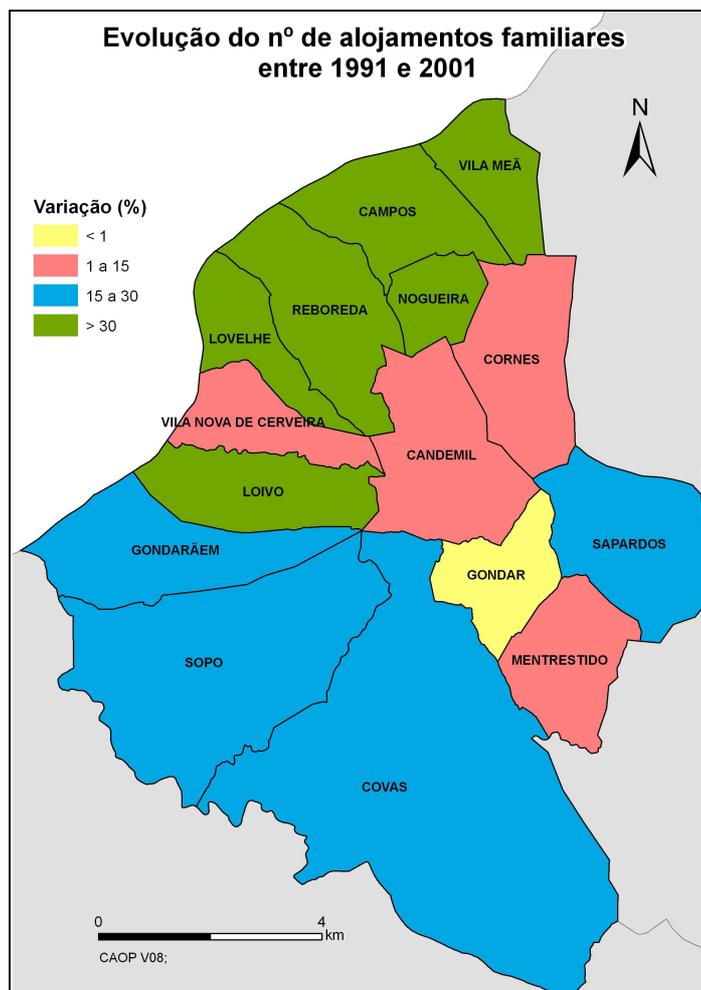
Evolução do Número de Alojamentos Familiares

Freguesia	1981	1991	2001	Variação 1981/1991 %	Variação 1991/2001 %
Campos	447	445	587	-0,4	31,9
Candemil	143	143	149	0,0	4,2
Cornes	235	225	240	-4,3	6,7
Covas	489	488	592	-0,2	21,3
Gondar	85	85	84	0,0	-1,2
Gondarém	452	452	583	0,0	29,0
Loivo	272	271	386	-0,4	42,4
Lovelhe	196	190	258	-3,1	35,8
Mentrestido	187	187	198	0,0	5,9
Nogueira	102	100	138	-2,0	38,0
Reboreda	261	252	360	-3,4	42,9
Sapardos	212	212	246	0,0	16,0
Sopo	326	325	382	-0,3	17,5
Vila Meã	97	97	140	0,0	44,3
Vila Nova de Cerveira	726	724	764	-0,3	5,5
Concelho	4230	4196	5107	-0,8	21,7

Fonte: INE, RGP, 2001 - Resultados Provisórios

A representação do próximo cartograma permite uma mais fácil visualização espacial da evolução do número de alojamentos, constantes no quadro anterior, relativos à última década.

Assim, verifica-se que as freguesias litorais, situadas ao longo do eixo da EN 13, registam um crescimento acentuado. Gondarém está próxima dos 30,0 %, as freguesias de Loivo, Lovelhe, Reboreda, Campos e Vila Meã apresentam valores superiores à primeira. Como excepção, surge a da sede de concelho, cujo crescimento fica muito aquém, não atingindo os 6,0 %. A freguesia de Nogueira, regista, igualmente, crescimento superior a 30,0 %.





VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Note-se que as freguesias que registam crescimento acentuado do número de alojamentos correspondem às que apresentam variação populacional positiva, com excepção de Lovelhe.

As freguesias contíguas de Covas, Sopo e Gondarém, registam crescimento intermédio, entre 15,0 % e 30,0 %, ainda que Gondarém já tenha sido mencionada com um crescimento quase acentuado. A freguesia de Sapardos regista um valor na ordem do 16,0 %.

Com um aumento ligeiro, inferior a 15,0 %, surgem as freguesias do interior nascente, Candemil, Mentrestido e Cornes, assim como, a já referida sede de concelho. Gondar apresenta-se como a única freguesia com valor negativo.

Indicadores de Ocupação e Nível de Equipamento dos Alojamentos

Os indicadores de ocupação do alojamento apresentam-se bastante positivos, uma vez que os alojamentos possuem boas dimensões (média de 5,1 divisões), uma família por alojamento com um valor aproximado de 3 pessoas por alojamento, que corresponde igualmente à dimensão média das famílias, e um valor de 0,6 pessoas por divisão.

Indicadores de Ocupação em 2001

Indicador	Valor
Média de divisões por alojamento	5,1
Média de famílias por alojamento	1,0
Média de pessoas por alojamento	2,9
Média de pessoas por divisão	0,6

Em relação ao nível de equipamentos, verifica-se que 2,0 % dos alojamentos do concelho não possuem água canalizada, 5,0 % não usufruem da rede de esgotos e 0,5 % não têm electricidade, sendo a freguesia de Covas a pior servida em termos de abastecimento de água e rede de esgotos. Esta é mesmo a infraestrutura de que o concelho mais carece.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Alojamentos Familiares de residência habitual, segundo os equipamentos existentes

Freguesia	Sem Água	Sem Esgoto	Sem Electricidade
Campos	1	7	0
Candemil	1	15	1
Cornes	4	6	3
Covas	14	35	1
Gondar	5	7	2
Gondarém	4	18	1
Loivo	0	2	0
Lovelhe	6	4	1
Mentrestido	4	14	0
Nogueira	2	4	1
Reboreda	3	11	2
Sapardos	4	16	2
Sopo	8	20	2
Vila Meã	8	7	1
Vila Nova de Cerveira	0	0	0
Concelho	64	166	17

Fonte: INE, RGP, 2001 - Resultados Provisórios

Sabe-se, ainda, que aproximadamente 8% dos alojamentos familiares não possuem instalações de banho, quase 3% não possuem retrete e 0,26% não têm, mesmo, instalações algumas.

Considerando o estatuto da propriedade, em 2001, dos alojamentos clássicos, o gráfico mostra que, entre os alojamentos ocupados 91% são propriedade do ocupante e apenas 7% são arrendados. Uma minoria não corresponde a nenhuma destas situações, o que provavelmente significa que são alojamentos cedidos gratuitamente entre familiares.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

5.4 - Equipamentos Públicos

A caracterização efectuada no presente capítulo diz respeito aos equipamentos colectivos de utilização pública existentes no concelho de Vila Nova de Cerveira quer sejam da administração local – Municipal e das Juntas de Freguesia – ou da administração central.

Assim, estruturámos a presente caracterização ordenando as tipologias dos equipamentos existentes, em função do tipo de utilização principal, da seguinte forma:

- Administrativos;
- Escolares e de Formação profissional;
- Saúde;
- Culturais e de Actividades de tempos livres;
- Protecção Social;
- Protecção Civil e Segurança Pública;
- Religiosos;
- Mercados;
- Correios, telecomunicações e Transportes;
- Desportivos.

De acordo com os dados consultados na caracterização efectuada no PDM em vigor, constata-se que, na década de 90, se considerava que o concelho se encontrava deficientemente dotado de equipamentos, em especial no sector nascente.

Considerava-se na altura, que devido “à grande dispersão urbana verificada e ao decréscimo populacional que tem afectado em particular os aglomerados rurais, colocando problemas à rentabilização e dimensionamento dos equipamentos”,



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

“Mais do que promover a instalação de novos equipamentos nas zonas mais deprimidas do concelho, há que apostar na rentabilização e redimensionamento dos equipamentos existentes como forma de fomentar a concentração urbana, a qual deverá ser acompanhada por uma melhoria de acessibilidade e das redes de transportes de modo a aumentar a mobilidade e o usufruto desses mesmos equipamentos.”

No entanto, decorridos cerca de quatorze anos após a ratificação do PDM, constata-se que o concelho de acordo com a sua rede urbana, da sua pequena dimensão e pela decrescente população, se encontra razoavelmente servido de equipamentos, uma vez que se construíram entretanto:

- Centro de Saúde;
- Piscinas Municipais;
- Central de Camionagem;
- Tribunal.

Efectivamente, actualmente Vila Nova de Cerveira destaca-se por possuir um nível de equipamentos perfeitamente inserido numa perspectiva de densificação urbana e terciarização. Efectivamente, a Vila dispõe de um conjunto de equipamentos administrativos, culturais e de carácter lúdico que lhe conferem um grau hierárquico superior no contexto municipal.

A nível do concelho destaca-se a importância assumida pelos equipamentos de ensino, desportivos e pelo número de igrejas e capelas existentes no concelho.

No que se refere a equipamentos de ensino, encontramos no concelho todos os graus de ensino, incluindo o ensino superior e profissional. As áreas de ensino privilegiadas são sem dúvidas as “Artes”, onde se incluem o Design, a Arquitectura e cursos ligados ao Ambiente. Ao nível do ensino secundário existem na ETAP – Escola Tecnológica, Artística e Profissional, cursos nas áreas das artes gráficas, informática de manutenção, informática de gestão e restauração, para além de cursos de educação e formação de adultos. Ao nível da formação profissional, também as instalações do Ministério da Agricultura, em Lovelhe, são utilizadas para a realização de Acções de Formação.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

De referir igualmente, a existência no concelho – em Campos – de um estabelecimento de ensino privado - Colégio de Campos – onde se leccionam o 1º, 2º, 3º ciclos de ensino e ainda o ensino secundário.

Relativamente ao 1º ciclo, todas as freguesias dispõem de estabelecimento de ensino deste nível, sendo que quatro freguesias (Campos, Cornes, Covas e Reboreda) contam actualmente com um Centro Escolar, conjunto constituído por EB 1 e Jardim de Infância. Importante ainda referir que na maioria das freguesias existe um espaço destinado a Actividades de Tempos Livres (ATL) e que somente as freguesias de Candemil e de Gondar não fornecem aos seus alunos refeições. De facto, a existência de cantina, seja no edifício de ensino, seja na Junta de Freguesia ou ainda no Centro Paroquial é uma realidade que tem expressão no concelho de Vila Nova de Cerveira.

Ao nível dos Jardins de Infância públicos, a rede existente cobre quase a totalidade do concelho, apenas as freguesias de Candemil, Gondar, Nogueira e Sopo não detêm este nível de ensino. De salientar que estas freguesias correspondem de uma forma geral às freguesias com menos população.

Relativamente a equipamentos de saúde, a unidade de maior dimensão é o Centro de Saúde localizado na sede do concelho em que se incluem serviços médicos e de enfermagem. Prevê-se que num futuro próximo, as antigas instalações do Hospital da Misericórdia, sejam objecto de projecto de adaptação à instalação de uma Clínica de Saúde privada. A este nível somente a freguesia de Covas tem outra Unidade de Saúde, a extensão de Covas, sem edifício próprio, a funcionar na Junta de Freguesia de Covas. Para além destes equipamentos, o Hospital Distrital de Viana do Castelo é a unidade de saúde principal que serve a população do concelho. Constata-se, que a população ao nível dos equipamentos de saúde, nomeadamente ao nível dos cuidados de saúde primários é deficientemente servida.

As quatro farmácias existentes no concelho localizam-se em Campos, Cornes e duas em Vila Nova de Cerveira.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Ao nível da Protecção Social, o concelho encontra-se pouco dotado de equipamentos de apoio sobretudo aos idosos, de facto existe um Lar da 3ª Idade em Vila Nova Cerveira e dois Centros de Dia, localizando-se um em Covas e outro em Reboreda. Existem ainda nove Centros Paroquiais e Sociais que muito embora estejam ligados sobretudo a actividades culturais e recreativas, dão apoio às populações locais a vários níveis.

No sentido de proporcionar uma melhor leitura e compreensão do nível de cada freguesia, no que se refere à sua dotação em equipamento públicos de utilização colectiva, sistematizámos os dados no quadro seguinte.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Relação dos Equipamentos Públicos de Utilização Colectiva existentes nas freguesias do Concelho Vila Nova de Cerveira

	Campos	Candemil	Cornes	Covas	Gondar	Gondarém	Loivo	Lovelhe	Mentrestido	Nogueira	Reboreda	Sapardos	Sopo	Vila Meã	Vila Nova de Cerveira
1. ADMINISTRATIVOS															
Câmara Municipal															1
Tribunal															1
Finanças															1
Junta de Freguesia	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Serviços Florestais e Agrícolas								1							
2. ENSINO															
Jardim de Infância						1	1	1	1			1		1	1
Escola (EB 1)		1			1	1	1	1	1	1		1	1	1	1
Centro Escolar	1		1	1							1				
Escola (EB2,3 + Sec.)	1														1
Escola Profissional															1
Centro de Form. Profis.								1							
Ensino Superior															1
ATL	1		1	1		1	1	1			1			1	1
3. SAÚDE															
Centro de Saúde															1
Extensão Centro Saúde				1											
4. CULTURAIS/TEMPOS LIVRES															
Forum Cultural															1
Sala de Espectáculos															1

	Campos	Candemil	Cornes	Covas	Gondar	Gondarém	Loivo	Lovelhe	Mentrestido	Nogueira	Reboreda	Sapardos	Sopo	Vila Meã	Vila Nova de Cerveira
Centro Cultural	1														
Auditório ao ar livre															1
Biblioteca															1
Posto de Turismo															1
Casa do Artista															1
Praia Fluvial						1		1						1	
Pousada da Juventude															1
Fluvina															1
Parque do Castelinho															1
AquaMuseu															1
Monte Sr. ^a Encarnação								1							
Centro de Férias/ Inatel								1							
Clube "Celtas do Minho"															1
5. PROTECÇÃO SOCIAL															
Centro de Dia				1							1				
Lar de 3 ^a Idade															1
Centro Paroquial e Social	1	1	1	1	1	1					1		1		1
6. PROTECÇÃO CIVIL e SEGURANÇA PÚBLICA															
Posto da GNR															1
Bombeiros															1
7. RELIGIOSOS															
Cemitério	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Igreja e/ou Capela	3	3	1	1	1	4	5	2	1	2	3	3	1	1	6

	Campos	Candemil	Cornes	Covas	Gondar	Gondarém	Loivo	Lovelhe	Mentrestido	Nogueira	Reboreda	Sapardos	Sopo	Vila Meã	Vila Nova de Cerveira
8. CORREIOS, TELECOMUNICAÇÕES e TRANSPORTES															
Estação de CTT				1											1
Central de Camionagem															1
Estação/Apeadeiro	1					1	1	1							1
9. MERCADO															
Mercado Municipal															1
Feira Semanal															1
10. DESPORTIVOS															
Estádio															1
Polidesportivo	1		1	1		1	1			1	1			1	1
Pavilhão Gimnodesportivo															1
Campo de Futebol	1	1	1	1				1					1		
Campo de Tiro															1
Piscina															1
Pista de Atletismo								1							
Posto Náutico															1



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Ao nível dos equipamentos culturais e de actividades de tempos livres, o concelho encontra-se bem servido, no entanto, são as freguesias da zona ribeirinha e a sede do concelho que dispõem de um maior número de ocorrências. Por oposição, na área interior do concelho esta tipologia de equipamento ou é inexistente ou corresponde unicamente a valências relativas aos tempos livres.

Nesta área há que referir a Pousada de Juventude, que funciona no edifício da Antiga Escola Primária de V.N. de Cerveira, que apresenta um elevado número de dormidas.

Verifica-se que na área cultural e de apoio ao sector do turismo, o investimento realizado pela autarquia é bastante significativo, assim surgem as praias fluviais, o parque do Castelinho com o AquaMuseu que constitui um centro de divulgação ambiental da fauna e da flora do rio Minho.



Encontram-se ainda previstas a realização dos seguintes equipamentos:

- Arquivo Municipal (Vila Nova de Cerveira);
- Centro de Artes (Vila Nova de Cerveira);

No que se refere aos equipamentos de apoio à área de actividades económicas constata-se a recente execução do Centro de Apoio às Empresas localizado junto da EN 13 em Campos, e que serve todas as empresas do concelho.

No concelho de Vila Nova de Cerveira, as freguesias com maior número de ocorrência de equipamentos de diversas valências são respectivamente, Vila Nova de Cerveira, Lovelhe, Gondarém e Campos. Por seu lado as freguesias de Gondar e Mentrestido,



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

logo seguidas por Nogueira, onde apenas se registam cinco e seis ocorrências de equipamentos colectivos.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

5.5 - Hierarquia Urbana

A Rede Urbana do concelho de Vila Nova de Cerveira foi elaborada através da conjugação de várias variáveis relativamente aos aglomerados sedes de freguesia. Desde logo considerámos como determinantes a acessibilidade, os transportes, a sua dimensão, a população residente, e os equipamentos existentes assim como a dinâmica urbanística verificada na última década. Relativamente aos equipamentos foram considerados, para além das diferentes tipologias existentes, o número de ocorrências verificadas em cada aglomerado.

Deste modo foi determinante cruzar a informação espacializada, em diversas plantas e a informação recolhida e tratada nos capítulos anteriores que consubstanciam o presente estudo de caracterização global do concelho.

Da análise à população e da sua distribuição do território retivemos as seguintes conclusões:

- a **faixa ribeirinha**, na margem do rio Minho onde convergem as principais vias de comunicação, fortemente polarizado pela sede de concelho, localizada a norte do concelho. Inclui 8 freguesias: Vila Nova de Cerveira, Lovelhe, Reboreda, Campos, Vila Meã, Nogueira, Loivo e Gondarém. Correspondem às freguesias mais urbanizadas e que apoiam o seu crescimento na EN 13. As freguesias localizadas nesta área do território concelhio tiveram um forte aumento da densidade populacional, sendo excepção apenas a sede do concelho que regista uma diminuição na densidade populacional.
- o **interior serrano**, envolvendo o 'núcleo central' a Sul, corresponde às áreas montanhosas do concelho (em cotas acima dos 400 m), com intensa ocupação florestal e fraca acessibilidade. É constituída por 2 freguesias – Sopo e Covas - que apresentaram um elevado nível de repulsão e a densidade populacional mais reduzida.
- a **faixa poente**, corresponde à área de fronteira com o concelho de Paredes de Coura que ocupa o vale do Coura e é servida pela EN 303 e pela A3, a partir do



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

nó de Sapardos. É constituída por 5 freguesias: Cornes, Sapardos, Mentrestido, Candemil e Gondar. Correspondem às freguesias com maior repulsão e menor densidade populacional

Da análise efectuada à Dinâmica Urbanística, concluímos que as freguesias com maior número de licenças emitidas na década de 90 foram Campos, Gondarém, Loivo e Reboreda. Conjugando a variação verificada no número de edifícios construídos na década de 90 registam os valores mais elevados as freguesias de Loivo, Nogueira, Vila Meã e Reboreda. No que se refere a recuperações, ampliações e reconstruções, em termos absolutos, são as freguesias de Covas e Vila Nova de Cerveira que se destacam das restantes.

No que se refere aos equipamentos, sabemos que a sede de concelho concentra um número bastante elevado de diversos tipos de equipamentos e que pelo contrário as restantes freguesias apresentam apenas uma ocorrência em cada valência à excepção dos equipamentos desportivos. Efectivamente a ocorrência de equipamentos determina a seguinte hierarquia: 1º Grupo – Vila Nova de Cerveira; 2º Grupo – Lovelhe, Covas, Campos e Gondarém; 3º Grupo – Reboreda, Cornes, Loivo e Vila Meã; e finalmente o 4º Grupo que corresponde ao conjunto de freguesias pior servido por equipamentos públicos e que são Candemil, Sopo, Gondar, Mentrestido, Nogueira e Sapardos.

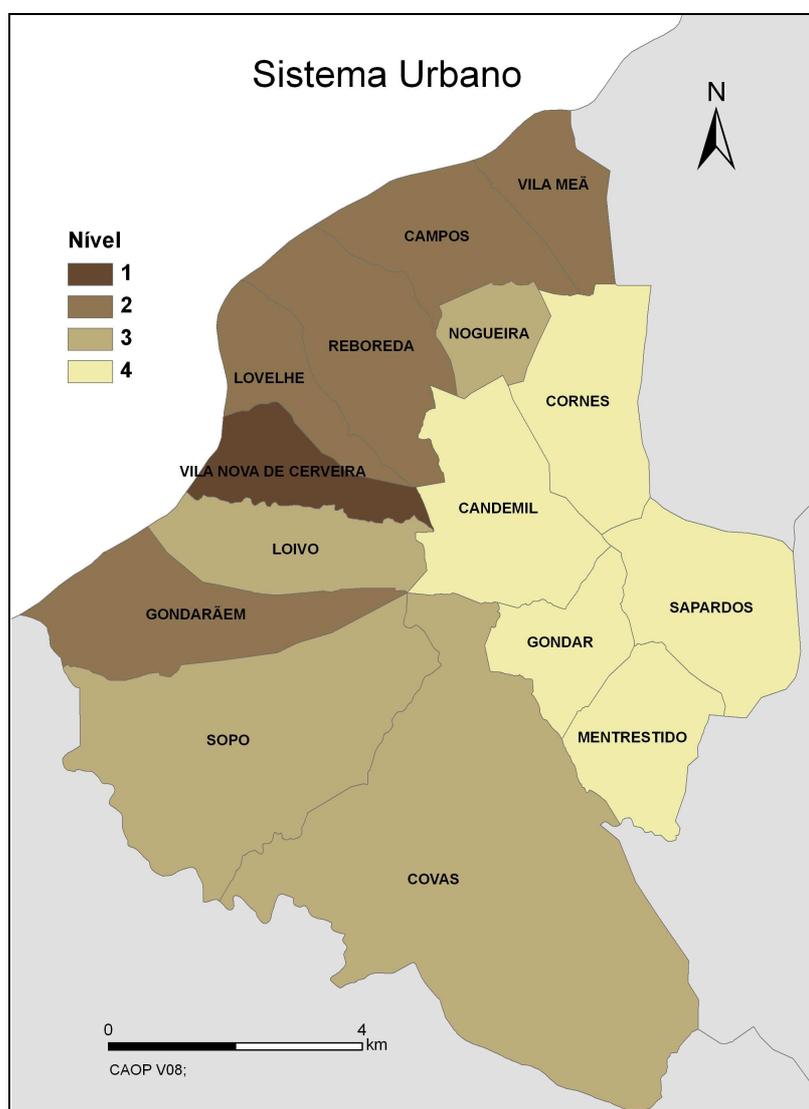
Assim, a hierarquia resultante da abordagem realizada é constituída por 4 níveis de aglomerados:

Nível 1 – Corresponde à sede do concelho (V.N. de Cerveira), freguesia com mais população, maior número de equipamentos e que serve também a muitos níveis toda a população do território concelhio. Constitui assim, o pólo urbano mais desenvolvido do concelho.

Nível 2 – Consiste nas freguesias de Campos, Lovelhe, Gondarém, Reboreda e Vila Meã. Beneficiam da proximidade da sede do concelho, da acessibilidade à EN 13 e à A3 e ainda da existência da zona industrial.

Nível 3 – Incluem-se neste grupo as freguesias de Covas, Loivo, Nogueira e Sopo. Dizem respeito a algumas freguesias ribeirinhas situadas na periferia da sede do concelho e igualmente no seu interior.

Nível 4 – Inserem-se neste nível as freguesias de Cornes, Candemil, Mentrestido, Gondar e Sapardos. Correspondem às freguesias localizadas no interior do concelho e pior servidas de equipamentos públicos.





VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

6 – INFRA-ESTRUTURAS URBANÍSTICAS



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

6 - INFRA-ESTRUTURAS URBANÍSTICAS

6.1- Rede Viária e Transportes

Rede Viária

O presente capítulo foi elaborado tendo por base os elementos de caracterização do PDM em vigor, com as actualizações necessárias decorrentes das alterações provocadas pela abertura do IP 1 – A3, em 1998 e com as informações fornecidas pela Câmara Municipal relativamente ao traçado IC 1.

Assim, no que se refere à sua estrutura verifica-se que a mesma se relaciona com o relevo concelhio, enquadrando-se na lógica de povoamento concelhio, apoiada fundamentalmente na EN 13 , quer em termos de desenvolvimento urbano quer como ponto de acesso à rede interior do concelho.

A característica principal que tem um papel importante na estrutura viária municipal prende-se com a morfologia do território. Efectivamente, os diversos acidentes topográficos e um acentuado recorte do seu relevo contribuem para a existência de um sistema viário marcado por percursos sinuosos que dificultam as desejáveis condições de acessibilidade.

A acessibilidade actual do concelho melhorou consideravelmente relativamente à situação verificada quando da realização do PDM em vigor, subsistindo, no entanto algumas carências. Efectivamente, com o IP1/A3 e a ligação existente no nó de Sapardos, dentro do concelho de Cerveira, a ligação à sede do concelho através da EN 303, apesar desta via ter um traçado sinuoso, tornou-se muito mais rápida que anteriormente. No entanto, devido às características da via é necessário e urgente que se construa a variante que ligará ao Nó de Sapardos. De referir ainda a recente conclusão da ligação internacional efectuada pela Ponte Vila Nova de Cerveira/Goian.

No entanto, tal como refere o relatório de análise relativo à rede viária do PDM em vigor, “há que melhorar as condições de acesso da sede do concelho e de todo o eixo litoral



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

(zona mais urbanizada do concelho e principal geradora de tráfego, nomeadamente através do pólo urbano de Cerveira e dos Pólos Industriais I e II de Campos) ao nó do IP 1.”

Por esse motivo, foi apresentado à Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, pelo Instituto das Estradas de Portugal, em Fevereiro de 2000, o Estudo Prévio da EE NN 302 e 303 – Vila Nova de Cerveira/Paredes de Coura para apreciação e parecer da autarquia. A Câmara Municipal em Abril do mesmo ano, apresentou as opções pelas soluções mais adequadas para os seus interesses. A população local apresentou também um documento intitulado “Pela preservação do Vale da Gávea” onde apresenta um traçado alternativo de um troço localizado entre Vila Verde e Pedreira e visa sobretudo a preservação das características agrícolas do Vale da Gávea e a manutenção da qualidade de vida população local.

A planta nº 8 – Planta de Hierarquia da Rede Viária, tem como objectivo especializar a rede viária fundamental por forma a destacar a posição relativa entre as diferentes vias que servem a população concelhia e apresenta ainda as vias previstas.

Desta forma surge-nos o IP1 – A3 e a EN 303 como vias pertencentes à rede principal, uma vez que asseguram as grandes deslocações, nomeadamente a ligação do concelho à rede nacional. Na rede secundária, as vias distribuidoras e colectoras que asseguram o tráfego entre a rede principal e as áreas de geração e atracção de tráfego, nomeadamente as ligações aos concelhos vizinhos a Sul, a EN 301, a Poente a EN 303. a Nascente a EN 13, que faz a ligação concelhia ao IC 1 e a Espanha.

Relativamente ao IC 1/A28, prevê-se no Plano Rodoviário Nacional que o mesmo estabeleça a ligação entre Valença – Guia. Verifica-se que esta via constitui a principal ligação, pelo litoral, de Viana do Castelo, a Sul com o Porto e a Norte, com Galiza através de Caminha e de Vila Nova de Cerveira, entroncando no IP 1/A3 em Valença (S. Pedro da Torre).

Actualmente encontra-se em discussão o traçado do IC1, que faz a ligação a Lanhelas e para o qual a Estradas de Portugal apresentaram várias opções. De referir igualmente



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

que a proposta de revisão do PDM apresenta também várias propostas de ligação desta via.

Em Setembro de 2002 a Assembleia Municipal apresentou uma moção, da qual retirámos os aspectos que consideramos ser de importância vital quer para a qualidade de vida da população da sede do concelho quer para o futuro desenvolvimento das acessibilidades do concelho e sua ligação à rede viária nacional e internacional:

- (...) Considerando que o actual tráfego automóvel, entre Caminha e Valença, já é actualmente penalizante para as populações aí residentes;
- Considerando que no projecto em debate não se tomam em consideração as consequências ambientais e de tráfego para as populações e povoações situadas e atravessadas pela EN 13, para norte de Lanhelas;
- Considerando que, com a chegada do IC 1 a Lanhelas, nas actuais circunstâncias, mais sobrecarregada de tráfego ficará a EN 13, e, conseqüentemente, mais difíceis e mais gravosas se tornarão as condições de circulação e, ou, atravessamento da EN 13, em todo o traçado que atravessa os diversos aglomerados urbanos do concelho de Vila Nova de Cerveira;
- Considerando que se encontra em fase de construção a nova ponte internacional Vila Nova de Cerveira/Goian, que deverá ter uma ligação/acesso ao IC 1;
- Considerando ainda que o interior do nosso concelho há muito espera uma ligação capaz à sede do concelho, à zona litoral e ao nó da AE 3 em Sapardos.

A Assembleia Municipal de Vila Nova de Cerveira delibera:

(...)

2. Exigir que o “Estudo” em questão seja alargado até ao fecho da malha rodoviária em Valença e ao nó da AE 3 em Sapardos;
3. Exigir que, na solução final, seja levada em conta a necessidade de haver um acesso condigno entre o IC 1 e a nova ponte VNC/Goian;
4. Defender um corredor para o IC 1 que salvguarde os núcleos urbanos das nossas freguesias e da sede do concelho, de modo a rasgar novos horizontes ao interior do concelho, servindo as populações e contribuindo para o progresso e desenvolvimento de todo o concelho, em articulação com o interesse do distrito de Viana do castelo e do País.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

No que se refere às vias distribuidoras locais, que asseguram as ligações entre as freguesias do concelho e a ligação à rede nacional, destacamos o conjunto constituído pelas EM 512, 515, 516 e 517 que funcionam como transversais circundando a Nascente e a Poente a Sede do Concelho e articulando com as EN 13, 301, 302 e 303.

EN 301

Via que assegura as ligações Nascente/Poente entre Paredes de Coura, Caminha e Ponte de Lima pela área Sul do concelho, pela freguesia de Covas. Constitui uma via com traçado sinuoso devido às condicionantes morfológicas, dispendo de grande interesse paisagístico, uma vez que acompanha o percurso do rio Coura e áreas rurais e florestais ainda pouco humanizadas. Daí se avista, a sul, a Serra de Arga. Apesar de desclassificada pelo Plano Rodoviário Nacional (PRN), esta via constitui uma importante ligação supramunicipal aos concelhos vizinhos.

EN 302

Constitui uma via estruturante, de ligação Norte/Sul, atravessando o interior do concelho, desde a EN 13 até à EN 301. Assegura as ligações das freguesias do interior do concelho à orla ribeirinha, assegurando igualmente, através da articulação com a EN 303 em Candemil, a ligação ao concelho de Paredes de Coura. De acordo com o PRN, esta via está classificada apenas no troço compreendido entre a EN 13 e a EN 303. Este troço corresponde aquele que assegura uma ligação inter-concelhia.

EN 303

Assegura as ligações ao IP1 – A3, no nó de Sapardos e ainda a ligação a Paredes de Coura. É ainda importante para as ligações com o interior do concelho, nomeadamente para Candemil, para o concelho de Paredes de Coura, apresentando um traçado sinuoso.

Relativamente às Estradas Municipais, que analisámos anteriormente, sob o ponto de vista da sua articulação com a rede viária municipal, analisaremos seguidamente via a via, não perdendo de vista a sua importância municipal.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

EM 512

Ligação da área norte do concelho a partir da EN 13 para nascente, até ao concelho de Valença, onde se liga com a EN 201. Assegura as ligações entre as freguesias de Nogueira e Cornes, e desta com a área sudoeste do concelho de Valença.

EM 515

Ligação à área sudeste do concelho e à EN 301 desde a EN 303, proporcionando uma melhoria na acessibilidade à freguesia de Mentrestido.

EM 516

Tal como a EN 302, liga a EN 13 ao Sul do concelho, atravessando e servindo, no entanto as freguesias de Covas e Sopo. Contorna a poente o sistema montanhoso existente, proporcionando interessantes panorâmicas, nomeadamente sobre o Vale de Covas e sobre o Vale do Minho.

EM 517

Via de ligação da freguesia de Sopo à EN 301 e à EM 516.

A configuração da rede viária existente privilegia a sede do concelho como ponto de ligação entre os diversos itinerários disponíveis. De referir igualmente que duas questões de estratégia devem ser definidas no presente PDM e que constituem em dois pontos fundamentais quer para a qualidade de vida da população da sede do concelho quer para a sua ligação ao eixo principal que atravessa o concelho: a construção da via de ligação (N302/303) ao nó do IP1 – em Sapardos - , à Vila de Vila Nova de Cerveira e o atravessamento do IC 1 no concelho.

REDE DE TRANSPORTES

Transportes Ferroviários



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Em matéria de transportes, as ligações para o exterior de Vila Nova de Cerveira são asseguradas por diversos modos de transportes. No que se refere ao transporte ferroviário, a circulação efectua-se através da *Linha do Minho* com três tipos de serviço, internacional, inter-regional e regional. O primeiro liga o Porto a Vigo e vice-versa, com uma frequência diária de duas ligações, apresentando uma distância tempo entre Porto e VN Cerveira de 2 horas e dali até Vigo de 1.10h. Os comboios regionais apresentam uma frequência de quatro serviços no sentido Porto/Valença (2 diárias) e três viagens diárias no sentido inverso, com uma duração de 11 minutos de VN Cerveira a Valença. Os trajectos regionais são assegurados por cinco ligações entre Viana do Castelo e Valença (2 diárias) e seis ligações no sentido inverso (2 diárias), demorando 45 minutos de Viana do Castelo a VN Cerveira e 15 minutos até Valença. Esta oferta tem vindo a diminuir ao longo do tempo recente, tornando-se menos atractivo que a oferta rodoviária.

No que se refere á Rede Ferroviária de Alta Velocidade, o terminal de mercadorias previsto para Valença, poderá apresentar benefícios sobretudo para a indústria local, dinamizado este serviço que actualmente é apenas residual na Linha do Minho.

A informação recolhida referente aos horários de circulação dos comboios demonstra que o número de ligações decresceu desde a realização do PDM em vigor, sendo possível constatar, nessa altura, a existência de 7 ligações regionais/dia e 3 inter-regionais/dia no mesmo sentido.



No que se refere às potencialidades deste modo de transporte, tal como a equipa que elaborou o PDM em vigor, somos da opinião que este modo de transporte, com canal próprio, dispõe de características únicas que devem ser aproveitadas, nomeadamente o



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

facto de proporcionar um trajecto de grande beleza paisagística pela proximidade ao rio Minho, e possibilidades de ligação aos principais centros urbanos e portuários (Porto, Viana do Castelo e Vigo). Por outro lado, entendemos que poderia ser uma óptima alternativa à utilização do automóvel e de desincentivação da utilização de transporte individual nas ligações entre concelhos e freguesias, se fosse equacionado para tal.

Assim, pensamos que terá todo o interesse promover e desenvolver o transporte ferroviário, quer ao nível das ligações internacionais, como das ligações urbanas entre concelhos.

Transportes Rodoviários

A rede de transportes rodoviários tal como se verificava anteriormente, continua a satisfazer as necessidades da população local. As ligações estabelecem-se a partir do Centro Coordenador de Transportes, onde se localizam ainda os escritórios das empresas referidas com disponibilização de informações aos utilizadores.

No concelho circulam três operadores que realizam ligações com o exterior, a “AVIC EXPRESSOS” efectua as ligações inter-regionais, a “Auto Viação do Minho” e a “Empresa de Transportes Courense” e a que efectua as ligações com os concelhos envolventes sendo que a Courense efectua, simultaneamente, as ligações no interior do concelho de Vila Nova de Cerveira através dos percursos escolares.

Efectivamente, no que se refere aos transportes escolares a “Courense” é a empresa concessionária. Com elevado número de carreiras efectua a cobertura total do concelho, pelo menos duas vezes ao dia. Existem circuitos/carreiras públicas em todas as freguesias.

As ligações inter-regionais de longo curso, efectua-se principalmente em direcção a Lisboa, com passagem pelo Porto e Viana do Castelo, sendo asseguradas pela AVIC, com 3 ligações diárias e 1, 3 ligação ao Domingo e 2 ao Sábado, no sentido Monção-Lisboa. No sentido inverso existem 3 ligações diárias com três ligações mais às sextas-feiras.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Por seu lado, as ligações regionais entre concelhos vizinhos são efectuadas quer pela Auto Viação Minho e pela Empresa de Transportes Courense que asseguram as seguintes ligações:

- Vila Nova de Cerveira/Melgaço – com 6 carreiras diárias;
- Vila Nova de Cerveira/Guimarães – com 7 ligações diárias;
- Vila Nova de Cerveira/Caminha/Viana do Castelo – com 9 e 4 ligações diárias;
- Vila Nova de Cerveira/Valença/Monção – com 11 e 7 ligações diárias.

Relativamente ao número de táxis existentes no concelho, de referir que existem 16 licenças municipais, distribuídas pelas freguesias do concelho, da seguinte forma:

- 5 em Vila Nova de Cerveira;
- 3 em Covas;
- 2 em Campos;
- 1 em Sopo;
- 1 em Reboreda.
- 1 em Gondarém;
- 1 em Cornes;
- 1 em Candemil;

Por último importa referir um dado apontado pela população e que se torna importante para a qualidade de vida da população e importante para o desenvolvimento do concelho, diz respeito à ausência de transportes públicos/privados colectivos que sirvam a zona industrial de Campos e os eventuais trabalhadores que para aí necessitam de deslocar-se.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

6.2 - Abastecimento público de Água, drenagem de Águas Residuais e Pluviais

Rede de Abastecimento de Água

A gestão do abastecimento de águas é efectuada pelos serviços da Câmara Municipal, pela “Empresa de Águas do Minho e Lima” detentora da concessão nos termos da lei e pela Junta de Freguesia de Covas que é responsável pelo abastecimento de água à freguesia. No decurso da concessão, estão a ser realizados projectos da rede adequados às necessidades da população e visando a melhoria das condições de abastecimento.

No concelho de Vila Nova de Cerveira encontra-se bem servido e a rede cobre a totalidade das freguesias, no que se refere ao abastecimento de água. De acordo com os dados disponibilizados pelo INE, a freguesia melhor servida em 2002, com taxas entre os 91 e os 100 % era Vila Nova de Cerveira, logo seguida de Lovelhe com uma taxa na ordem dos 51%-75%, e de Loivo com uma taxa entre os 26% e 50%.

Em Vila Nova de Cerveira, o abastecimento de água é inteiramente baseado em captações subterrâneas, nomeadamente galerias de mina e furos verticais.

Tem sido possível, à Câmara Municipal, manter o abastecimento de água com quase total regularidade ao longo do ano, verificando-se as maiores dificuldades nas freguesias de Campos e Nogueira, onde as interrupções no abastecimento de água sucedem com alguma frequência na época estival devido à insuficiência dos caudais captados²¹. Por esse motivo, no que se refere ao armazenamento, no sentido de reforçar a rede foram executados dois reservatórios, de Campos e da Mata Velha, com capacidade de 500 e 200 m³ respectivamente.

²¹ CMVNC, PDM, Relatório de Caracterização, p. 70.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Rede de Drenagem de Águas Residuais

A rede de drenagem de águas residuais actualmente serve 70 % da população do concelho. Verifica-se que praticamente toda a população da sede do concelho é servida, assim como parte da população das freguesias limítrofes mais urbanizadas, tais como Lovelhe (90%), Reboreda (85%), Loivo, Campos e Gondarém com 80% e em menor percentagem (65%) Vila Meã. Para além destas, apenas Nogueira apresenta uma cobertura de 10%, sendo que as restantes freguesias não dispõem de ligações a esta rede. As ETAR para onde são colectados os efluentes localizam-se em Loivo e Campos.

Segundo o INE, em 2005, 40% da população concelhia encontrava-se servida por estações de tratamento de águas residuais, valor próximo dos 39% da NUT Minho-Lima, mas inferior aos 55% da Região Norte.

Segundo os dados disponibilizados pelo INE (2000), da totalidade dos efluentes produzidos, cerca de 66 % têm origem residencial e de serviços, sendo de origem industrial os restantes 34 %.

6.3 - Resíduos Sólidos Urbanos

O sistema de recolha dos resíduos sólidos é gerido a nível municipal e cobre todas as freguesias do concelho, incluindo todos os lugares das freguesias. A área central (Cerveira, Gondarém, Sopo, Loivo e Lovelhe) é servida diariamente, excepto aos Domingos. A área poente (Vila Meã, Campos, Cornes e Nogueira) é servida três vezes por semana – 2ª, 4ª e 6ª feiras. A área sul (Covas, Mentrestido, Sapardos, Candemil, Reboreda e Gondar) mantém o mesmo nível de recolha, embora em dias alternados, ou seja, às 3ª, 5ª e Sábados. Os contentores existentes têm uma capacidade de 800 litros cada.

No que se refere à recolha selectiva, existem no concelho Ecopontos para depósito de embalagens e papelão e vidro, verifica-se a sua localização na Vila e nas sete freguesias do litoral. Nas restantes freguesias existem, no entanto, vidrões.



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

De acordo com os dados disponibilizados pelo INE, no ano 2005, os resíduos recolhidos constituíram no seu total 3994,3 toneladas, dos quais 175,2 toneladas foram recolhidas de forma selectiva, o que corresponde a uma percentagem de 4,39% (5,75% para o Minho-Lima e 5,65% Região Norte). Por cada 453,95 kg gerados por habitante, 19,91 kg/hab foram recolhidos selectivamente. A população servida pela recolha é de 100 %.

De referir igualmente que de acordo com os dados, os volumes de resíduos urbanos recolhidos relativos à recolha selectiva tem vindo a aumentar desde 1998.

O destino final dos resíduos produzidos no concelho é o aterro sanitário de S. Pedro em Valença (ValorMinho). Corresponde a uma infra-estrutura com aterro sanitário e de infra-estruturas complementares de separação e reciclagem dos RSU recolhidos em todo o Vale do Minho.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

7- USOS DO SOLO E DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

7- USOS DO SOLO E DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O presente capítulo foi elaborado a partir da análise efectuada à Planta da Situação Existente – Planta nº 1. Esta planta traduz a realidade da ocupação do solo através dos usos dominantes que coexistem no território municipal. Tem como objectivo fundamental permitir a comparação com a proposta de ordenamento a apresentar na fase final de elaboração do plano. As classes de Espaço identificadas foram classificadas de acordo com o previsto na legislação em vigor - Decreto-Lei nº 380/99, de 22 de Setembro. Assim, no território de Vila Nova de Cerveira identificámos as seguintes categorias de classes de espaços em que prevalecem os usos dominantes do solo:

SOLO URBANO

Edifícios Habitacionais

Equipamentos Colectivos

Administrativos

Ensino/Formação Profissional

Saúde

Culturais/Actividades Tempos Livres

Protecção Social

Protecção Civil e Segurança Pública

Religiosos

Feiras e Mercado

Correios, Telecomunicações e Transportes

Desportivos

Espaços Industriais

Espaços de Infra-Estruturas



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

SOLO RURAL

Espaços Agrícolas

Espaços Florestais

Espaços Naturais

Espaços de Exploração Mineira

Pedreiras

A metodologia de elaboração da planta referida teve por base nos princípios que passamos a enumerar. Relativamente aos edifícios consideramos, para além dos edifícios destinados a equipamentos, como uso dominante o habitacional. Efectivamente, para além da Vila Nova de Cerveira onde se localizam também áreas comerciais, na restante área do concelho os edifícios são de facto predominantemente habitacionais.

Incluímos nesta Categoria os equipamentos por constituírem uma mais-valia e uma condição da urbanidade dos aglomerados. Agrupámos na Planta de Situação Existente os equipamentos de acordo com a seguinte classificação:

- Administrativos (Câmara Municipal, Tribunal, Finanças, Juntas de Freguesia, entre outros);
- Ensino e de Formação profissional (Escolas EB1, Escola EB2/3 e Secundário, Escola de Formação Profissional, Ensino Superior);
- Saúde (Centro de Saúde);
- Culturais e de Actividades de Tempos Livres (Fórum da Bienal, Biblioteca, Auditório, Casa do Artista, Posto de Turismo, AquaMuseu, Praias Fluviais, Fluvina, Parque do Castelinho, Centro de Férias do INATEL);
- Protecção Social (Centros Sociais e Paroquiais, Lar da 3ª Idade);



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

- Protecção Civil e Segurança Pública (Bombeiros, GNR)
- Religiosos (Igreja/Capela, Cemitério);
- Mercados e Feira Semanal;
- Correios e Telecomunicações e Transportes (CTT, Centro Coordenador de Transportes, Estações e Apeadeiros do Caminho de Ferro);
- Desportivos (Campo de Futebol, Piscina, Pavilhão, Pista de Atletismo e Polidesportivos).

No que se refere aos espaços florestais contemplam para além dos povoamentos existentes puros e mistos de várias espécies com predomínio dos carvalhos, pinheiros e mais recentemente os eucaliptos, as áreas de matos e incultos. De referir também que muitas destas áreas fazem parte do sistema agrícola, e não da floresta de produção, pelo que podemos considerá-las áreas agro-florestais. Considerámos ainda a categoria de Espaços Agrícolas, distinguindo assim da floresta propriamente dita e incluímos aqui todas as áreas agricultadas.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

BIBLIOGRAFIA



Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

BIBLIOGRAFIA

CMPC, 1995, PLANO DIRECTOR MUNICIPAL.

CCRN, 1995, Plano Regional de Ordenamento Territorial do Alto Tâmega (PROTAM).

D.G.C.C., Direcção Geral de Comércio e Concorrência (2003), Cadastro Comercial.

INE, Instituto Nacional de Estatística, Censos 1981, 1991, 2001 - Resultados Definitivos – Região do Norte.

INE, Instituto Nacional de Estatística, 1998, Inventário Municipal da Região do Norte.

INE Instituto Nacional de Estatística (1989, 1999) R.G.A - Recenseamento Geral Agrícola.

INE, Instituto Nacional de Estatística, 1995-1999, Anuários Estatísticos da Região do Norte.

INE, Instituto Nacional de Estatística, 2002, Estudo sobre o Poder de Compra Concelhio, Gabinete de Estudos Regionais da Direcção Regional do Centro.

INE, Instituto Nacional de Estatística (1998), Inventário Municipal da Região do Norte.

INE, Instituto Nacional de Estatística (1995-1999), Anuários Estatísticos da Região do Norte.

INE, Instituto Nacional de Estatística (2000, 2002), Estudo sobre o Poder de Compra Concelhio, Gabinete de Estudos Regionais da Direcção Regional do Centro.

LOURENÇO, L., 1994, Risco de Incêndio Florestal em Portugal Continental. Informação Florestal, 4, p. 22-32. Lisboa.

TEIXEIRA, Carlos – “Notícia explicativa da Folha 1 – C, Caminha, Carta Geológica de Portugal”. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa. 1961.

dBLab (2008). - Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira – Relatório Final. Maia.



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Outras Fontes:

- Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira
- Posto de Turismo de Vila Nova de Cerveira
- Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde), 2003

Sites Consultados:

www.ine.pt

www.igeo.pt

www.incb.pt



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

ANEXOS



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Anexo I

ÁREA ARDIDA E Nº DE OCORRÊNCIAS NO CONCELHO DE VILA NOVA DE CERVEIRA - 1994-2001																		
FREGUESIA	Áreas Ardidas (ha)									Nº de Ocorrências								
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	TOTAL	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	TOTAL
<i>Campos</i>	1.00	1.00	2.00	1.00	6.00	0.00	0.00	0.00	11.0000	13	12	4	10	10	4	4	0	57
<i>Candemil</i>	0.00	25.00	0.00	3.00	0.00	3.00	0.00	0.00	31.0000	2	3	3	1	1	6	3	1	20
<i>Cornes</i>	2.00	15.00	18.00	10.00	222.00	117.00	1.00	1.00	386.0000	9	17	25	12	29	24	8	7	131
<i>Covas</i>	8.00	2.00	1.00	2.00	710.00	0.00	1.00	0.00	724.0000	4	2	5	5	38	2	2	1	59
<i>Gondar</i>	0.00	21.00	0.00	0.00	3.00	0.00	1.00	0.00	25.0000	1	3	0	0	2	0	2	6	14
<i>Gondarém</i>	0.00	29.00	1.00	0.00	0.00	0.00	11.00	5.00	46.0000	1	9	10	4	2	3	10	6	45
<i>Loivo</i>	44.00	428.00	1.00	11.00	14.00	1.00	0.00	23.00	522.0000	16	11	8	14	35	5	9	15	113
<i>Lovelhe</i>	1.00	0.00	0.00	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	2.0000	1	1	3	13	5	1	2	1	27
<i>Mentrestido</i>	0.00	31.00	0.00	1.00	0.00	0.00	14.00	0.00	46.0000	1	9	3	3	0	0	6	0	22
<i>Nogueira</i>	0.00	6.00	0.00	6.00	3.00	1.00	1.00	0.00	17.0000	1	5	3	12	16	3	3	2	45
<i>Reboreda</i>	0.00	0.00	0.00	2.00	0.00	0.00	1.00	0.00	3.0000	4	5	2	6	4	3	7	1	32
<i>Sapardos</i>	11.00	20.00	9.00	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	41.0000	12	9	4	3	0	0	0	1	29
<i>Sopo</i>	0.00	995.00	0.00	5.00	40.00	1.00	0.00	5.00	1046.0000	1	25	0	7	29	9	1	7	79
<i>Vila Meã</i>	0.00	1.00	10.00	3.00	0.00	0.00	0.00	0.00	14.0000	1	1	2	5	1	2	5	0	17
<i>Vila Nova de Cerveira</i>	1.00	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	2.0000	2	3	3	0	3	3	4	1	19
TOTAL	68.00	1575.00	42.00	46.00	998.00	123.00	30.00	34.00		69	115	75	95	175	65	66	49	



VASTUS

Gabinete de Projecto, Planeamento e Ambiente, Lda.

Anexo II – Mapa de Ruído do concelho de Vila Nova de Cerveira

Relatório Final



dB Lab

Laboratório de Acústica e Vibrações, Lda.

Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira

Actualização de acordo com o Dec.-Lei n.º 9/2007

Relatório Final

Descrição do Modelo e Resultados

Referência do Relatório: 07_374_MRPM01

Data do Relatório: Agosto 2008

N.º Total de Páginas (excluindo anexos): 31

Mod. 60-05.03

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO E OBJECTIVO	2
2. CONTEXTO LEGISLATIVO	3
2.1. DEFINIÇÕES.....	3
2.2. ENQUADRAMENTO LEGAL DOS MAPAS DE RUÍDO.....	4
3. METODOLOGIA.....	6
3.1. MAPAS DE RUÍDO – DESCRIÇÃO BREVE.....	6
3.2. MAPA DE RUÍDO DO CONCELHO DE VILA NOVA DE CERVEIRA	7
3.3. SOFTWARE UTILIZADO	7
3.4. NORMAS E PARÂMETROS UTILIZADOS.....	7
3.4.1. Tráfego rodoviário	7
3.4.2. Tráfego ferroviário	10
3.4.3. Indústrias.....	12
4. DESCRIÇÃO DO PROJECTO	14
4.1. CARACTERIZAÇÃO DO MODELO	14
4.1.1. Identificação da área de estudo.....	14
4.1.2. Área de estudo e área do mapa	14
4.1.3. Dados cartográficos e modelo tridimensional.....	15
4.1.4. Fontes de ruído.....	18
4.2. VALIDAÇÃO DO MODELO.....	24
4.3. CONFIGURAÇÃO DE CÁLCULO.....	24
5. ANÁLISE DOS MAPAS DE RUÍDO	25
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	27
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

ANEXO I – IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES SONORAS MODELADAS

ANEXO II – MAPAS DE RUÍDO

Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira

Actualização de acordo com o Dec.-Lei n.º 9/2007

DESCRIÇÃO DO MODELO E RESULTADOS

Ficha Técnica

Designação do Projecto	Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira
Nome e endereço do cliente	Vastus – Gabinete de Projectos Planeamento e Ambiente, Lda. Rua 1º de Dezembro 243, 2.º - Sala 23 4450-227 Matosinhos
Requerente	Concelho de Vila Nova de Cerveira
Localização do projecto	Área abrangida pelo Concelho de Vila Nova de Cerveira
Fonte(s) do Ruído Particular	Tráfego rodoviário Tráfego ferroviário Ruído industrial
Data de Emissão	Agosto 2008

Equipa Técnica

O presente trabalho foi elaborado pela seguinte equipa técnica:

- Luís Conde Santos, Engenheiro Electrotécnico (IST), MSc. Sound and Vibration Studies (Un. Southampton) – Director Técnico do Laboratório;
- Frederico Vieira, Engenheiro do Ambiente (Univ. Algarve), MSc em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental – Gestor de Projectos;
- Fátima Valado, Eng. Ambiente (Un. Aveiro), MSc. In Urban Environmental Management (Un. Delft) – Gestora de Projectos.

1. INTRODUÇÃO E OBJECTIVO

O Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de Janeiro pretende articular o Regulamento Geral do Ruído (RGR) com outros regimes jurídicos, designadamente o da urbanização e da edificação e o de autorização e licenciamento de actividades. Este decreto-lei refere ainda que o ruído é um indicador importante para a saúde humana e o bem-estar das populações.

De acordo com a legislação citada, a elaboração, alteração ou revisão de Planos Municipais de Ordenamento do território (PMOT) devem recorrer a informação acústica adequada, devendo as Câmaras Municipais promover, para esse efeito, a elaboração de mapas de ruído, salvo nas excepções indicadas a seguir. Assim, não é obrigatório elaborar mapas de ruído no caso de planos de pormenor e de planos de urbanização de zonas exclusivamente industriais e no caso dos planos de pormenor de zonas que não sejam exclusivamente industriais pode ser realizada uma recolha de dados acústicos em alternativa ao mapa de ruído.

O Decreto-Lei n.º 146/2006, de 31 de Julho transpõe ainda para o direito português a Directiva Comunitária Relativa à Avaliação e Gestão do Ruído Ambiente (Directiva 2002/49/CE). Com esta transposição e as disposições constantes no RGR passam a existir três períodos de referência: diurno (07h00 – 23h00), entardecer (20h00 – 23h00) e nocturno (23h00 – 07h00), sendo que os indicadores relevantes para elaboração de mapas de ruído passam a ser o nível diurno-entardecer-nocturno, L_{den} , e o nível nocturno, L_n .

A actualização do Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira, tem como objectivo constituir uma ferramenta de apoio às tomadas de decisão sobre a proposta síntese do Plano fornecendo informação acústica para atingir os seguintes objectivos:

- Preservar zonas com níveis sonoros regulamentares;
- Corrigir zonas com níveis sonoros não regulamentares;
- Criar zonas com níveis sonoros compatíveis com a Classificação de Zona de Ruído.

Nesse intuito, actualizou-se o modelo acústico tridimensional anterior de toda a área em estudo, realizado de acordo com o novo RGR (Decreto-Lei n.º 9/2007), analisando-se os resultados, nas seguintes perspectivas:

- Mapas de ruído para os indicadores L_{den} e L_n a uma altura de 4 metros, considerando as principais fontes de ruído (eixos rodoviários);
- Verificação dos conflitos acústicos actuais.

O modelo criado, foi elaborado de forma a dispor de uma ferramenta evoluída e evolutiva para a gestão e controlo da poluição sonora existente nessa área, apresentando um potencial que não se esgota nos resultados apresentados.

A escala utilizada é a mesma a que está a ser elaborada a revisão do PDM do Concelho de Vila Nova de Cerveira – 1:25000, adaptando-se melhor à tomada de decisões sobre estratégias de zonamento e de identificação de áreas prioritárias para redução de ruído, constituindo, uma ferramenta que deve ser utilizada em conjunto com o planeamento urbano de forma a permitir analisar qualquer cenário de alteração da situação actual, assim como evidenciar perante terceiros os impactes sonoros gerados e a redução ou aumento dos níveis sonoros (p.e. alteração do fluxo de tráfego, mudança de piso, etc.).

A precisão dos cálculos realizados para os mapas de ruído, dependente de vários parâmetros, foi ajustada para a sua apresentação a esta escala, ou inferior (por exemplo, 1:25000, mínimo estabelecido pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA, Ex-Instituto do Ambiente) para articulação com PDM. A visualização ou impressão a escalas superiores a 1:10000 não deverá ser utilizada.

No presente relatório é descrito o modelo computacional desenvolvido, sendo apresentados os seus resultados, quer em forma de quadros, quer em forma de mapas de ruído. A informação apresentada permite ter uma visão clara do ruído gerado pelas diferentes fontes sonoras.

2. CONTEXTO LEGISLATIVO

A legislação portuguesa em que se baseiam as disposições legais elaboradas e apresentadas neste trabalho é descrita no Regulamento Geral do Ruído (RGR) – Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de Janeiro, nas Directrizes para a Elaboração de Mapas de Ruído publicadas pela APA em Março de 2007 e “Recomendações para Selecção de Métodos de Cálculo a Utilizar na Previsão de Níveis Sonoros”.

2.1. DEFINIÇÕES

De seguida apresentam-se algumas definições importantes relativas à elaboração de Mapas de Ruído:

- **Intervalos de Tempo de Referência** – segundo o Decreto-Lei n.º 9/2007 são tomados como períodos de referência os seguintes: diurno (7h às 20h), entardecer (20h às 23h) e nocturno (23h às 7h);
- **Ruído Ambiente** – Ruído global observado numa dada circunstância num determinado instante, devido ao conjunto das fontes sonoras que fazem parte da vizinhança próxima ou longínqua do local considerado;
- **Ruído Residual (ou Ruído de Fundo)** – Ruído ambiente a que se suprimem um ou mais ruídos particulares, para uma determinada situação;
- **Ruído Particular (ou Ruído Perturbador)** – Componente do ruído ambiente que pode ser especificamente identificada por meios acústicos e atribuída a uma determinada fonte sonora;
- **Área do Mapa** – Área onde se pretende conhecer os níveis sonoros;
- **Área de Estudo** – A área de estudo, é uma área que geralmente é superior à área do mapa, onde poderão existir fontes de ruído que, apesar de se localizarem fora da área do mapa, poderão ter influência nos níveis sonoros aí existentes;
- **Mapa de Ruído** – Apresentação de dados sobre uma situação de ruído existente ou prevista em termos de um indicador de ruído, onde se representam as áreas e os contornos das zonas de ruído às quais corresponde uma determinada classe de valores expressos em dB(A), valores esses calculados numa malha quadrada de pontos e a uma dada altura relativamente ao solo (tipicamente 1,5 ou 4 metros);
- **Mapas de Conflito** – Mapas em que se representa as diferenças entre os níveis de ruído e os valores limite definidos para uma dada zona;
- **Valor Limite** – Valor que, conforme determinado pelo Estado-membro (em Portugal correspondente aos valores impostos para zonas sensíveis ou mistas), caso seja excedido, será ou poderá ser objecto de medidas de redução por parte das autoridades competentes;
- **Zona Sensível** – a área definida em plano municipal de ordenamento do território como vocacionada para uso habitacional, ou para escolas, hospitais ou similares, ou espaços de lazer, existentes ou previstos, podendo conter pequenas unidades de comércio e de serviços destinadas a servir a população local, tais como cafés e outros estabelecimentos de restauração, papelarias e outros estabelecimentos de comércio tradicional, sem funcionamento no período nocturno;
- **Zona Mista** – a área definida em plano municipal de ordenamento do território, cuja ocupação seja afectada a outros usos, existentes ou previstos, para além dos referidos na definição de zona sensível;
- **Zona Urbana Consolidada** – a zona sensível ou mista com ocupação estável em termos de edificação;
- **Planeamento Acústico** – O futuro controlo de ruído através de medidas programadas; inclui o ordenamento de território, engenharia de sistemas para o tráfego, planeamento do tráfego, redução por medidas adequadas de isolamento sonoro e de controlo de ruído na fonte;

- **Nível Sonoro Contínuo Equivalente, Ponderado A, L_{Aeq}** , de um Ruído e num Intervalo de Tempo – Nível sonoro, em dB (A), de um ruído uniforme que contém a mesma energia acústica que o ruído referido naquele intervalo de tempo,

$$L_{Aeq} = 10 \log_{10} \left[\frac{1}{T} \int_0^T 10^{\frac{L(t)}{10}} dt \right]$$

sendo:

$L(t)$ o valor instantâneo do nível sonoro em dB (A);

T o período de tempo considerado.

- **Nível de ruído diurno-entardecer-nocturno:**

$$L_{den} = 10 \log_{10} \frac{1}{24} \left(13 \times 10^{\frac{L_d}{10}} + 3 \times 10^{\frac{L_e+5}{10}} + 8 \times 10^{\frac{L_n+10}{10}} \right)$$

sendo:

L_d o indicador de ruído diurno (L_{Aeq} de longa duração do ruído ambiente diurno);

L_e o indicador de ruído do entardecer (L_{Aeq} de longa duração do ruído ambiente do entardecer);

L_n o indicador de ruído nocturno (L_{Aeq} de longa duração do ruído ambiente nocturno).

2.2. ENQUADRAMENTO LEGAL DOS MAPAS DE RUÍDO

O Regulamento Geral do Ruído refere, nos artigos 7.º e 8.º, que todos os aglomerados populacionais com uma população residente superior a 100 000 habitantes e uma densidade populacional superior a 2500 habitantes/ km² devem elaborar mapas estratégicos de ruído e os respectivos planos de acção, nos termos do disposto no Decreto-Lei n.º 146/2006, de 31 de Julho tal como já vinha preconizado pela Directiva 2002/49/CE.

Ainda no que respeita ao enquadramento legal dos mapas de ruído, é de destacar o documento, emitido em Março de 2007, pela APA, designado como Directrizes para a Elaboração de Mapas de Ruído, devendo os Planos Municipais de Ordenamento do Território (PMOT) ser acompanhados:

- pelo mapa de ruído (o qual pode, no Plano de Pormenor, ser substituído por relatório de recolha de dados acústicos), que fornece a localização das fontes de ruído e de áreas às quais correspondem classes de valores expressos em dB(A);
- pela carta de classificação de zonas sensíveis e mistas.

De acordo com essas mesmas directrizes um mapa de ruído constitui, essencialmente, uma ferramenta de apoio à decisão sobre planeamento e ordenamento do território que permite visualizar condicionantes dos espaços por requisitos de qualidade do ambiente acústico devendo, portanto, ser adoptado na preparação dos instrumentos de ordenamento do território e na sua aplicação.

Nestas directrizes referem-se ainda aspectos técnicos relativos à elaboração de Mapas de Ruído, dos quais alguns se descrevem:

- O indicador de ruído ambiente a utilizar é o nível sonoro médio de longa duração, L_{Aeq} , LT, expresso em dB(A), definido na NP-1730;
- É desejável que o Mapa de Ruído seja realizado por modelação na perspectiva de harmonização a médio/longo prazo com as regras adoptadas na Directiva;
- Os Mapas de Ruído devem ser realizados aos indicadores L_{den} e L_n , ambos calculados a uma altura acima do solo de 4 metros.
- Devem ser consideradas pelo menos as seguintes fontes sonoras: grandes eixos de circulação rodoviária cujo tráfego médio diário anual (TMDA) ultrapasse os 8000 veículos, grandes eixos de

circulação ferroviária com 30000 ou mais passagens de comboio ano, aeroportos e aeródromos, as actividades ruidosas abrangidas pela Avaliação de Impacte Ambiental e de Prevenção e Controlo Integrados de Poluição.

Existem ainda requisitos mínimos a respeitar na Elaboração de Mapas de Ruído, tais como:

- A representação gráfica e medições de ruído ambiente deverão ser realizadas de acordo com a NP 1730;
- A escala não deve ser inferior a:
 - 1:25 000, para articulação com PDM, salvo nos municípios definidos como aglomerações;
 - 1:10 000, para mapas estratégicos de aglomerações e de GIT;
 - 1:5 000, ou outras que a regulamentação própria sobre cartografia venha a definir, para articulação com PU/PP.
- Em consequência da escala de trabalho adoptada, a equidistância de curvas de nível será:
 - 10 metros, para cartografia a 1:25 000;
 - 5 metros, para cartografia a 1:10 000;
 - 1 ou 2 metros, para cartografia a 1:5 000 ou superior.

Da informação mínima a incluir deve constar a denominação da área abrangida e toponímia de lugares principais, a identificação dos tipos de fontes sonoras consideradas, métodos de cálculo adoptados, a escala, o ano a que se reportam os resultados, o indicador de ruído, L_{den} ou L_n e a legenda para a relação cores/padrões – classes de níveis sonoros.

As versões digitais dos mapas devem seguir as orientações constantes do documento “Recomendações para a Organização dos Mapas Digitais de Ruído”, actualizado em Março 2007.

Limites Regulamentares

Relativamente aos limites máximos de exposição o DL n.º 9/2007 indica no Artigo 11.º o seguinte:

“a) As zonas mistas não devem ficar expostas a ruído ambiente exterior superior a 65 dB(A), expresso pelo indicador L_{den} , e superior a 55 dB(A), expresso pelo indicador L_n ;

b) As zonas sensíveis não devem ficar expostas a ruído ambiente exterior superior a 55 dB(A), expresso pelo indicador L_{den} , e superior a 45 dB(A), expresso pelo indicador L_n ;

c) As zonas sensíveis em cuja proximidade exista em exploração, à data da entrada em vigor do presente Regulamento, uma grande infra-estrutura de transporte não devem ficar expostas a ruído ambiente exterior superior a 65 dB(A), expresso pelo indicador L_{den} , e superior a 55 dB(A), expresso pelo indicador L_n ;

d) As zonas sensíveis em cuja proximidade esteja projectada, à data de elaboração ou revisão do plano municipal de ordenamento do território, uma grande infra-estrutura de transporte aéreo não devem ficar expostas a ruído ambiente exterior superior a 65 dB(A), expresso pelo indicador L_{den} , e superior a 55 dB(A), expresso pelo indicador L_n ;

e) As zonas sensíveis em cuja proximidade esteja projectada, à data de elaboração ou revisão do plano municipal de ordenamento do território, uma grande infra-estrutura de transporte que não aéreo não devem ficar expostas a ruído ambiente exterior superior a 60 dB(A), expresso pelo indicador L_{den} , e superior a 50 dB(A), expresso pelo indicador L_n .”

Refere ainda no ponto 3 do mesmo artigo que:

“Até à classificação das zonas sensíveis e mistas a que se referem os n.ºs 2 e 3 do artigo 6.º, para efeitos de verificação do valor limite de exposição, aplicam-se aos receptores sensíveis os valores limite de L_{den} igual ou inferior a 63 dB(A) e L_n igual ou inferior a 53 dB(A).”

Planos de Redução de Ruído

Ainda no Regulamento Geral do Ruído foram institucionalizados os Planos Municipais de Redução de Ruído, os quais deverão ser concebidos e aplicados quando os limites sonoros impostos para zonas sensíveis e para zonas mistas forem ultrapassados.

Apresenta-se, de seguida, transcrição do Artigo 8.º do DL 9/2007 – Planos municipais de redução de ruído:

“1 – As zonas sensíveis ou mistas com ocupação expostas a ruído ambiente exterior que exceda os valores limite fixados no artigo 11.º devem ser objecto de planos municipais de redução de ruído, cuja elaboração é da responsabilidade das câmaras municipais.

2 – Os planos municipais de redução de ruído devem ser executados num prazo máximo de dois anos contados a partir da data de entrada em vigor do presente Regulamento, podendo contemplar o faseamento de medidas, considerando prioritárias as referentes a zonas sensíveis ou mistas expostas a ruído ambiente exterior que exceda em mais de 5 dB(A) os valores limite fixados no artigo 11.º.

3 – Os planos municipais de redução do ruído vinculam as entidades públicas e os particulares, sendo aprovados pela assembleia municipal, sob proposta da câmara municipal.”

3. METODOLOGIA

3.1. MAPAS DE RUÍDO – DESCRIÇÃO BREVE

Desde a publicação do Livro Verde (1996) da "Future Noise Policy for EU" que ficou claramente definido que, a nível comunitário, toda a política do ruído ambiental se passará a basear na cartografia do ruído, inserida em sistemas de informação geográfica e considerada como ferramenta essencial de planeamento urbano, municipal e regional.

O desenvolvimento de técnicas de modelação da emissão e propagação sonora, a par do enorme aumento das capacidades de memória e cálculo dos sistemas informáticos, permitiram o aparecimento, nos últimos anos, de programas informáticos capazes de modelar, com boa precisão e relativa rapidez, as mais complexas situações de geração e propagação de ruído.

Os resultados são normalmente apresentados sob a forma de linhas isofónicas e/ou manchas coloridas, representando as áreas cujo nível de ruído se situa numa dada gama de valores, ou seja, Mapas de Ruído.

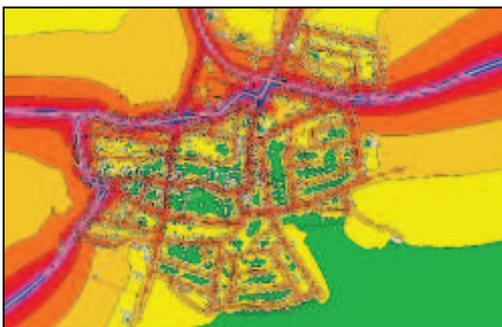


Figura 1 – Mapa de Ruído em planta.

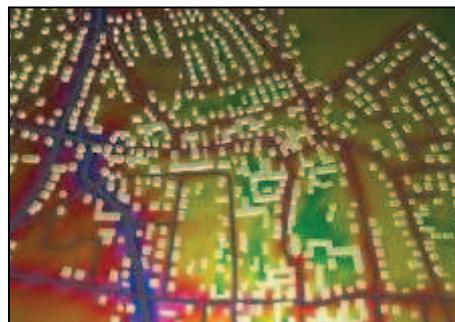


Figura 2 – Mapa de Ruído em 3D.

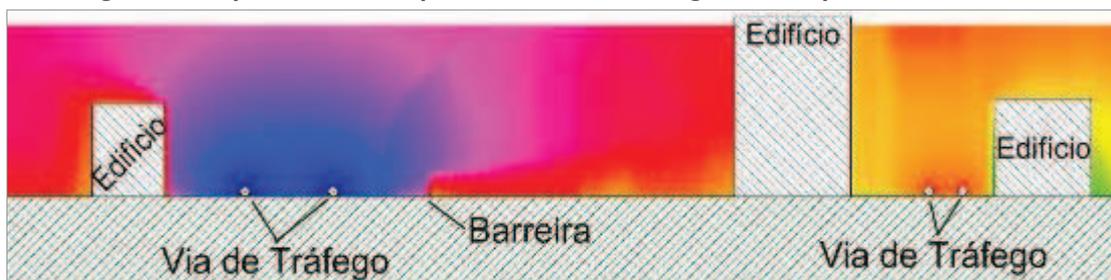


Figura 3 – Mapa de Ruído em corte transversal às vias rodoviárias.

Estes mapas de ruído não resultam directamente de medições de ruído realizadas pois, para que tal fosse possível com um mínimo de representatividade, seriam necessárias centenas, ou mesmo milhares de medições, com duração de vários dias por cada ponto de medição. Estes resultam sim, de cálculos realizados de acordo com modelos matemáticos baseados em Normas, englobando uma série de fases que a seguir se descrevem.

3.2. MAPA DE RUÍDO DO CONCELHO DE VILA NOVA DE CERVEIRA

A metodologia utilizada neste trabalho baseou-se na adaptação dos mapas de ruído elaborados, de acordo com o antigo Decreto-Lei 292/2000. Os mapas de ruído foram recalculados, de forma a expressarem os indicadores L_{den} e L_n , com base na adaptação das fontes sonoras aos três períodos de referência, tendo em conta as recomendações das Directrizes para a Elaboração de Mapas de Ruído publicadas pela APA.

Este trabalho englobou as seguintes fases:

- Readaptação da altimetria no Software CadnaA e criação do novo modelo digital do terreno (tridimensional);
- Adaptação das fontes de ruído (Rodovias, ferrovias e indústrias), adaptando as suas características aos três períodos de referência (diurno, entardecer e nocturno) descritos na nova legislação;
- Caracterização das fontes de ruído com base nas Normas francesas NMPB96 e XPS 31-133 (tráfego rodoviário), na Norma alemã Schall03 (tráfego ferroviário), nas Normas NP 4361-2 (ISO 9613-2) e ISO 8297:1994 (indústrias) e no procedimento interno do dBLab (PT60 – Elaboração de Mapas de Ruído);
- Análise e tratamento de dados relativamente às fontes sonoras, obstáculos, efeito do solo e padrões de ocupação do solo;
- Simulação dos níveis de ruído para o Concelho de Vila Nova de Cerveira em computador através do software CadnaA e com base nas Normas francesas NMPB96, XP S 31-133, na Norma alemã Schall03 e na Norma NP 4361-2, para realizar o referido Mapa de Ruído;
- Impressão dos Mapas de Ruído e análise final por inspecção visual, para eventuais detecções de erros de processamento.

3.3. SOFTWARE UTILIZADO

O programa utilizado para a elaboração dos Mapas de Ruído é o CadnaA que cumpre integralmente com os requisitos apresentados na Directiva Comunitária (2002/49/CE), no que toca aos métodos de cálculo a utilizar para elaboração do Mapa de Ruído e permite elaborar Mapas de ruído que incluem a contribuição de todos os tipos de fontes relevantes, sendo cada uma modelada de acordo com o método respectivo.

De origem alemã, está no mercado desde a década de 80, tendo sido utilizado desde então quer pela equipa que o desenvolve (www.datakustik.de), quer generalizadamente por todo o mundo incluindo Portugal, onde foi inicialmente utilizado na elaboração do Mapa de Ruído da cidade de Lisboa e que se generalizou entretanto na elaboração de Mapas de Ruído de outros municípios (no final de 2005 era já o software responsável pelo mapeamento de mais de 40 % da área de Portugal Continental) e para grandes indústrias cimenteiras, fundições e centrais termoeléctricas.

3.4. NORMAS E PARÂMETROS UTILIZADOS

3.4.1. Tráfego rodoviário

A modelação do ruído de tráfego rodoviário, para obtenção do seu nível sonoro associado, passa primeiro de tudo, pela caracterização da emissão sonora dos veículos rodoviários e respectiva modelação em cada via de trânsito e pela caracterização da propagação sonora na atmosfera.

Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira

Na ausência de um método nacional para o cálculo de níveis de ruído de tráfego rodoviário, recorreu-se, neste estudo, ao método de cálculo recomendado pela Directiva do Parlamento Europeu e do Conselho relativa à Avaliação e Gestão do Ruído Ambiente (2002/49/CE) de 25 de Junho.

No seu anexo II, a Directiva recomenda que se utilize a base de dados constante no documento “Ministère de l’Environnement et du Cadre de Vie; Ministère des Transports; CETUR – *Guide du Bruit des Transports Terrestres: Prèvision des Niveaux Sonores*”. [s.l.]: ed. A., 1980. pág. 98 e 99 e o método NMPB-1996 (Norma XPS 31-133) o qual reparte a via de tráfego em fontes pontuais, considerando a aproximação da Acústica Geométrica para a propagação sonora associada a cada fonte.

De acordo com esta Norma, para a modelação de vias de tráfego rodoviário, é necessária a seguinte informação:

- Perfis longitudinal e transversal;
- Inclinação;
- Fluxos de tráfego horários em cada período de referência (diurno/nocturno), com distinção de veículos ligeiros e pesados;
- Características do pavimento;
- Classificação da rodovia;
- Limites de velocidade ligeiros/pesados.

Devido às relativamente reduzidas dimensões dos veículos automóveis, o tráfego rodoviário numa via de tráfego, pode ser modelado como por um número de Fontes Pontuais igual ao número de veículos que nela circulam, a moverem-se com velocidades iguais às dos respectivos veículos e com um Nível de Potência Sonora, Ponderado A, L_{AW} , função da velocidade, do tipo de veículo, do perfil longitudinal e do fluxo de tráfego.

Como nos interessa a integração dos níveis sonoros ao longo do tempo, ou seja, o Nível Sonoro Contínuo Equivalente, Ponderado A, num determinado Receptor, uma via de tráfego pode ser modelada como uma fonte linear que, na prática, é dividida em vários segmentos elementares, que se comportam como fontes pontuais estáticas, com uma determinada potência sonora L_{AW} , função de diversos parâmetros como a velocidade, tipo de veículo, perfil longitudinal, fluxo de tráfego e comprimento do segmento.

A localização das fontes de ruído lineares poderá ser efectuada de três formas, por ordem decrescente de preferência e em função das dimensões da secção da via, da distância relativa aos pontos receptores de interesse e da escala de trabalho:

- uma fonte linear por faixa de tráfego
- uma fonte linear por cada direcção
- uma fonte linear por via de tráfego, situada no eixo da referida via.

De acordo com o método NMPB-1996 uma fonte linear é segmentada em fontes pontuais da seguinte forma:

- O nível de potência sonora L_{Awi} expresso em dB(A) de uma fonte pontual para uma dada banda de oitava pode ser obtida através de valores disponibilizados no “*Guide du Bruit des Transports Terrestres*” – “*Prévision des niveaux sonores*”, CETUR, 1980, ábacos 4.1 e 4.2, através da seguinte fórmula:

$$L_{Wi} = [(E_{VL} + 10 \text{Log } Q_{VL}) \oplus (E_{PL} + 10 \text{Log } Q_{PL})] + 20 + 10 \text{Log}(l_i) + R(j)$$

em que,

- \oplus é a soma logarítmica das duas parcelas adjacentes;
- E_{VL} e E_{PL} são os níveis sonoros retirados dos ábacos acima referidos para veículos ligeiros e pesados respectivamente;
- Q_{VL} e Q_{PL} são os fluxos horários de veículos ligeiros e pesados respectivamente, representativos do período considerado para análise;
- l_i é o comprimento em metros do segmento da fonte linear modelada por fontes pontuais;
- $R(j)$ é o espectro referência para tráfego rodoviário calculado pela Norma Europeia EN 1793-3 conforme o Quadro seguinte:

Quadro 1 – Espectro de referência para tráfego rodoviário.

j	Banda de oitava	R(j) em dB(A)
1	125 HZ	-14
2	250HZ	-10
3	500HZ	-7
4	1KHZ	-4
5	2KHZ	-7
6	4KHZ	-12

Apresenta-se, na figura seguinte, o fluxograma preconizado pelo método NMPB-1996, o qual pondera a probabilidade de ocorrência de condições atmosféricas favoráveis e desfavoráveis à propagação sonora.

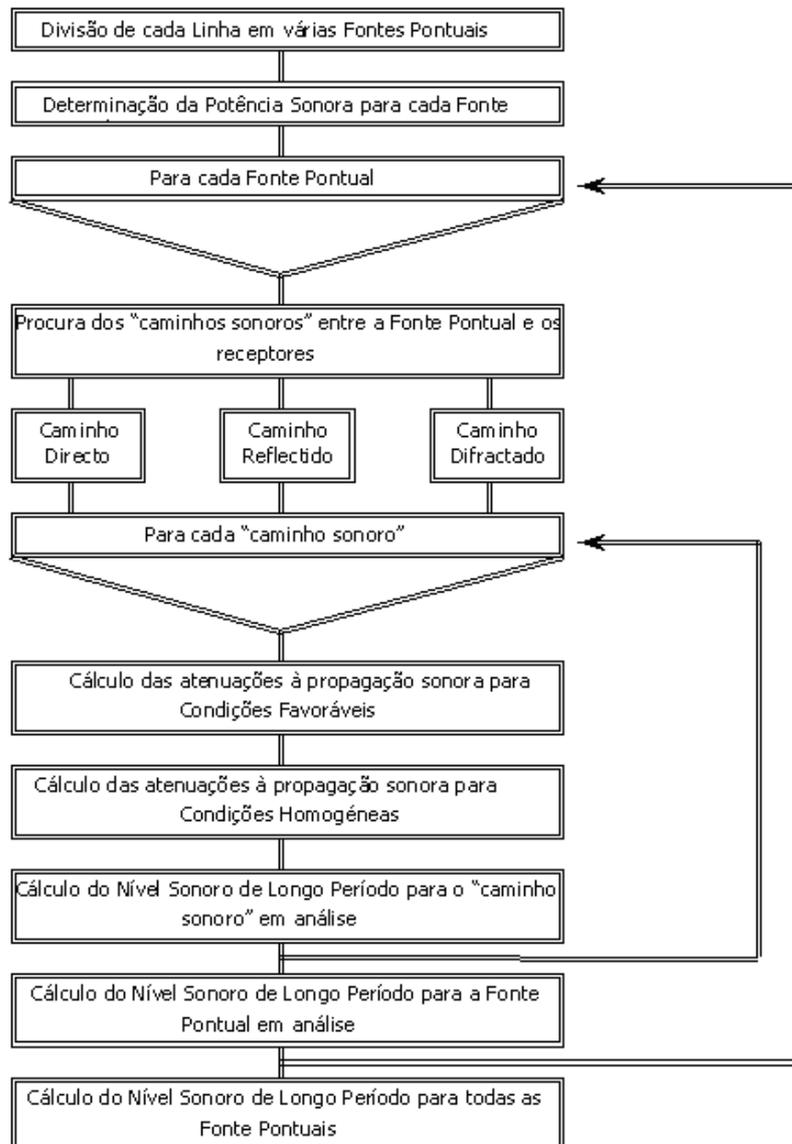


Figura 4 – Fluxograma do método NMPB'96.

3.4.2. Tráfego ferroviário

A avaliação do impacte sonoro das fontes industriais, foi efectuada através de modelação de fontes em área optimizáveis. Esta consiste na modelação de cada unidade industrial como uma ou várias fontes em área horizontais, determinando-se genericamente a potência sonora, por metro quadrado, de cada uma das áreas.

No que diz respeito à modelação de tráfego ferroviário, importa referir que o método recomendado pela Directiva Comunitária 2002-49-CE é o "Standaard-Rekenmethode II" dos Países Baixos, publicado na "Reken - Meetvoorschrift Railverkeerslawaaï' 96, Ministerie Volkshuisvesting, Ruimtelijke Ordening en Milieubeheer". Porém, de acordo com o Instituto do Ambiente, em alternativa ao método recomendado na Directiva, pode ser adoptado um método que verifique os seguintes critérios:

- Possibilidade de gerar previsões ao longo de um corredor associado à via ferroviária;
- Possibilidade de gerar mapas de ruído associados às previsões;

- Possibilidade de gerar previsões detalhadas à escala local de forma a apoiar a decisão sobre um plano de redução de ruído;
- Possibilidade de calcular os resultados em termos do indicador $L_{Aeq,LT}$
- Cálculo dos resultados por bandas de oitava;
- Distinção entre diferentes tipos de composições;
- Consideração da influência do declive da via na potência da locomotiva e consequentemente nos níveis sonoros de emissão;
- Correção meteorológica no cálculo de $L_{Aeq,LT}$, para condições favoráveis e desfavoráveis à propagação do som, adaptada às condições nacionais;
- Consideração de vários tipos de solo na vizinhança acústica da via;
- Consideração de vários tipos de vegetação (por exemplo, vegetação rasteira, floresta, áreas cultivadas) na vizinhança acústica da via;
- Consideração de efeitos topográficos na propagação do ruído;
- Consideração de efeitos de atenuação devido a obstáculos;
- Consideração de efeitos de reflexão entre fachadas e outros obstáculos (pelo menos, reflexões de 1ª ordem).

Verificados os critérios estipulados pelo Instituto do Ambiente, utilizou-se para a modelação do ruído de tráfego ferroviário a norma alemã Schall 03 que considera os seguintes parâmetros:

- traçado de cada via, devidamente cotado na cartografia;
- tipo de comboio (passageiros, mercadorias);
- número de circulações diárias em ambos os sentidos;
- percentagem do comprimento de cada tipo de comboio servido por travões de disco;
- comprimento médio das composições;
- velocidade máxima a que cada tipo de comboio circula;
- limite de velocidade da via;
- localização de pontes e viadutos;
- localização de cruzamentos com rodovias;
- raios de curvatura da ferrovia;
- tipo de assentamento do carril.

A norma em questão calcula o ruído recebido com base no ruído emitido por cada segmento supondo que todas as fontes estão concentradas no ponto central do segmento. A atenuação com a distância é calculada para cada ponto de fonte considerando que só emite ruído acima do nível do solo. Adicionalmente, a norma caracteriza cada tipo de composição com um valor para o nível de ruído recebido a uma determinada distância, altura e velocidade. Caso se pretenda obter resultados para outras velocidades é multiplicado o nível de ruído emitido por cada ponto de fonte de cada composição por um factor que relaciona a velocidade de referência com a pretendida. Os cálculos são feitos para cada segmento e “adicionados” no final.

O nível de emissão sonora $L_{r,k}$ recebido no receptor r devido ao nível emitido $L_{m,E,k}$ do k -ésimo segmento é calculado por:

$$L_{r,k} = L_{m,E,k} + 19.2 + 10 \log I_k + D_c + A_{prop,k} + C_{inc}$$

em que,

- $L_{r,k}$ é o nível de emissão sonora recebido no receptor devido ao nível emitido pelo k -ésimo segmento;

- $L_{m,E,k}$ é o nível emitido pelo k-ésimo segmento;
- l_k comprimento do segmento;
- $A_{prop,k}$ é a atenuação devido ao percurso de propagação do k-ésimo segmento;
- C_{inc} a correcção devido ao menor incómodo sonoro causado pelos comboios em relação ao ruído rodoviário.

considerando:

$$L_{m,E} = 10 \log \sum_j 10^{\frac{L_{comboio}}{10}} + C_{linha}, \text{ para } j \text{ tipos de comboios.}$$

em que,

- $L_{comboio} = L_0 + C_{FZ} + C_D + C_l + C_{vel}$
- $C_{linha} = C_{Fb} + C_{Br} + C_{cruz} + C_{Ra}$

$$A_{prop,k} = A_{div} + A_{atm} + A_{gr} + A_{misc}$$

em que,

- C_{FZ} é a correcção devido ao tipo de veículo;
- C_D a correcção devida ao tipo de travões;
- C_l a correcção do comprimento do comboio;
- C_{Fb} correcção devida aos materiais usados na linha;
- C_{Br} correcção devida ao ruído em pontes;
- C_{cruz} correcção para o aumento de emissão devido ao cruzamento de vias;
- C_{Ra} correcção para percursos em curva.

A avaliação do impacte sonoro das fontes industriais, foi efectuada através de modelação de fontes em área optimizáveis. Esta consiste na modelação de cada unidade industrial como uma ou várias fontes em área horizontais, determinando-se genericamente a potência sonora, por metro quadrado, de cada uma das áreas.

3.4.3. Indústrias

A avaliação do impacte sonoro das fontes industriais, foi efectuada através de modelação de fontes em área optimizáveis. Esta consiste na modelação de cada unidade industrial como uma ou várias fontes em área horizontais, determinando-se genericamente a potência sonora, por metro quadrado, de cada uma das áreas.

A determinação da potência sonora baseia-se na Norma ISO 8297:1994(E) e, sucintamente, consiste na realização de medições do ruído ambiente na área envolvente à unidade industrial em avaliação, variando a distância à fonte, a altura das medições e a distância entre pontos de medição em função das características (altura média das fontes, comprimento máximo da unidade industrial) da área industrial em estudo. A potência sonora da unidade industrial é determinada em função dos valores medidos indicados no modelo como pontos receptores de optimização e definindo os parâmetros de cálculo necessários, parâmetros esses que obedecem à norma indicada anteriormente.

A atenuação do som na sua propagação ao ar livre foi calculada pelo software recorrendo à norma NP 4361-2 (2001). Esta norma especifica um método de engenharia para o cálculo da atenuação do som durante a sua propagação em campo livre, a fim de prever os níveis de ruído ambiente a uma dada distância proveniente de diversas fontes.

O método permite prever o nível sonoro equivalente, ponderado A em condições meteorológicas favoráveis à propagação a partir de fontes de emissão conhecidas.

Especificamente, esta norma providência métodos de cálculo para os seguintes efeitos físicos que influenciam os níveis de ruído ambiental:

- Divergência geométrica;
- Atenuação através do solo;
- Atenuação por barreiras acústicas;
- Atenuação por zonas industriais ou verdes;
- Reflexões em superfícies.

A equação básica definida na Norma NP 4361-2 (ISO 9613-2) para o cálculo do nível de pressão sonora (L_p), para um dado receptor, é:

$$L_p = L_w + D_c - A$$

em que,

- L_w é o nível de potência sonora produzida por uma fonte sonora, dB;
- D_c é a correcção de directividade, dB;
- A é o termo de atenuação do nível de potência sonora que ocorre durante a propagação do som desde a fonte emissora até ao receptor, dB.

em que,

$$A = A_{atm} + A_{solo} + A_{div} + A_{bar} + A_{var}$$

- A_{atm} é a atenuação resultante da absorção atmosférica;
- A_{solo} é a atenuação resultante da absorção por parte do solo;
- A_{div} é a atenuação resultante da divergência geométrica;
- A_{bar} é a atenuação resultante de barreiras;
- A_{var} é a atenuação resultante de efeitos diversos, como zonas industriais e zonas verdes.

Contrariamente ao que se passa com o ruído rodoviário e com o ruído ferroviário, em que as normas de cálculo se têm dados de entrada não acústicos, calculando internamente a potência sonora das fontes a partir desses dados, o mesmo não acontece com o ruído industrial, em que é necessário alimentar o modelo com os dados acústicos relevantes que caracterizam as fontes sonoras, nomeadamente a sua potência sonora, e a sua eventual variação ao longo do tempo (tipicamente decorrente dos regimes e horários de funcionamento das diversas instalações industriais).

Um dos métodos mais expeditos para atribuição de potências sonoras às fontes de ruído é o que consta do documento “Good Practice Guide for Strategic – Noise Mapping and Production of Associated Data on Noise Exposure” (Dezembro 2003) do European Commission Working Group Assessment of Exposure to Noise. A título indicativo apresentam-se no quadro seguinte os valores de potência por metro quadrado para três tipos de indústria, definidos naquele documento.

Quadro 2 – Equivalência entre o tipo de actividade industrial e o nível de potência sonora.

Tipo de indústria	Potência sonora (LW''/m^2)		
	Período Diurno	Período Entardecer	Período Nocturno
Área com indústrias pesadas	65 dB(A)	65 dB(A)	65 dB(A)
Área com indústrias ligeiras	60 dB(A)	60 dB(A)	60 dB(A)
Área com usos comerciais	60 dB(A)	60 dB(A)	45 dB(A)

Este método expedito pode ser utilizado em situações pouco críticas ou na modelação de cenários futuros, em estudos de impacte ambiental de zonas industriais ainda não existentes. No entanto, para situações existentes e com elevada importância e/ou proximidade de receptores sensíveis, este método é demasiado generalista, sendo aqui utilizado apenas como “primeira iteração”, a partir da qual se procede depois ao ajuste dos valores de potência sonora com base em medições realizadas para ajuste e validação.

A definição da área fora dos limites do plano (área de estudo), tem em conta o tipo e importância das fontes em causa, bem como as características de ocupação do solo no limite da área do mapa. Na Figura 6, apresenta-se a área de estudo considerada para o plano em estudo, bem como a área do mapa (a azul).



Figura 6 – Representação da área do mapa.

4.1.3. Dados cartográficos e modelo tridimensional

4.1.3.1. Altimetria

Para a elaboração do mapa de ruído foram utilizados os dados altimétricos do concelho fornecidos pela Câmara Municipal. A informação altimétrica fornecida diz respeito às curvas de nível cotadas de 5 em 5 m (Figura 7).

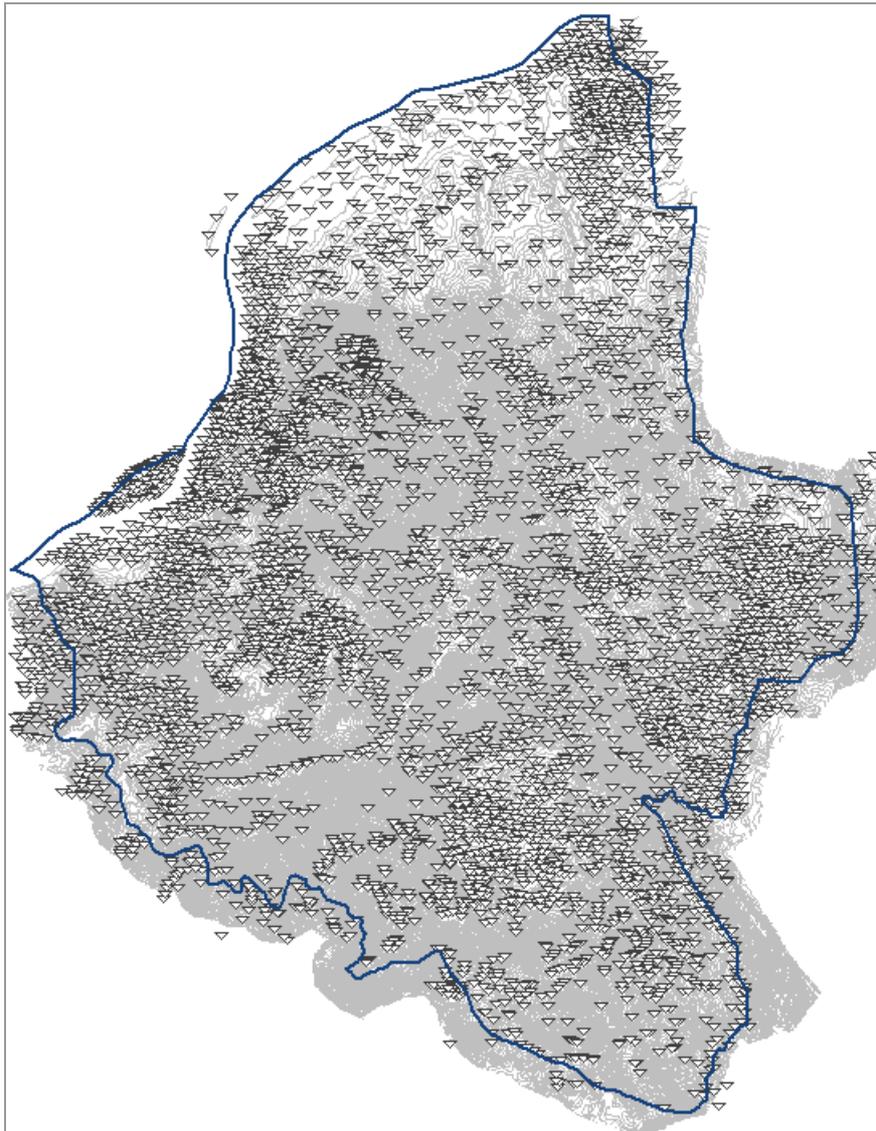


Figura 7 – Curvas de nível da área em análise.

4.1.3.2. Edifícios e barreiras acústicas

A informação referente a edifícios e outros elementos de construção (planimetria) foi fornecida pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.

A informação fornecida não tinha associado uma cota altimétrica tendo sido atribuído uma cota genérica de 6 metros, correspondendo a uma altura média de 2 pisos. Pontualmente, foram ainda inseridas outras alturas no edificado, correspondendo a informação obtida em trabalho de campo.

Nas figuras seguintes, pode-se observar o aspecto do modelo tridimensional criado. Aos edifícios foi também atribuído um valor médio de absorção sonora.

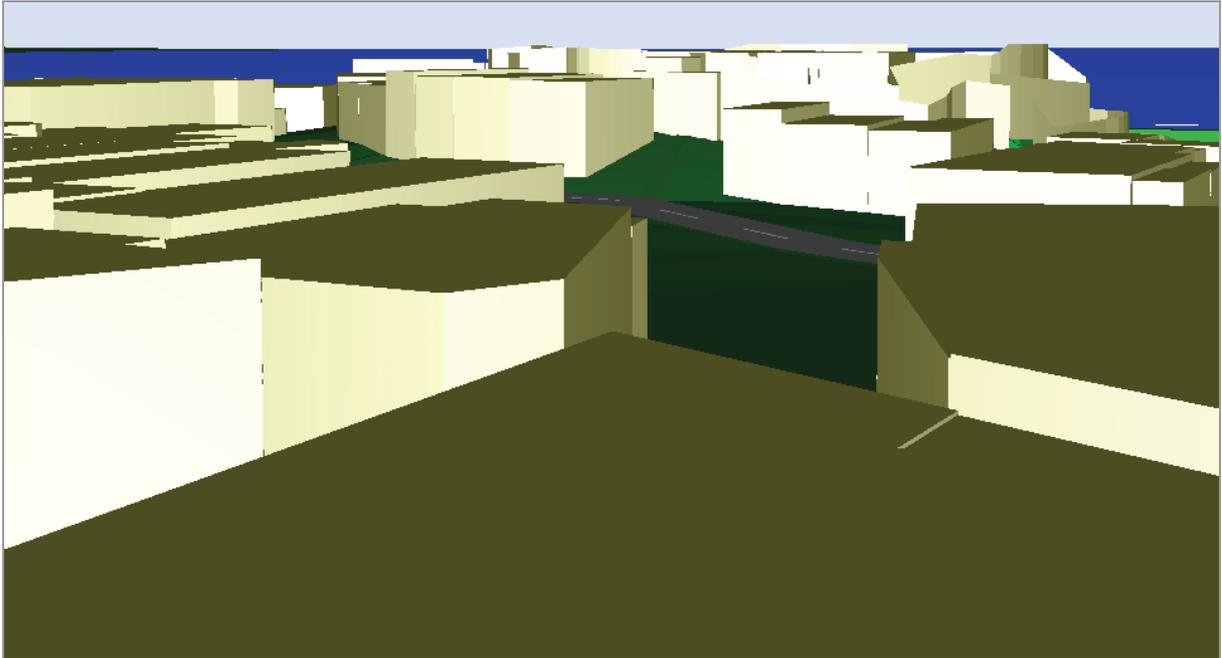


Figura 8 – Vista do Centro do Município de Vila Nova de Cerveira.

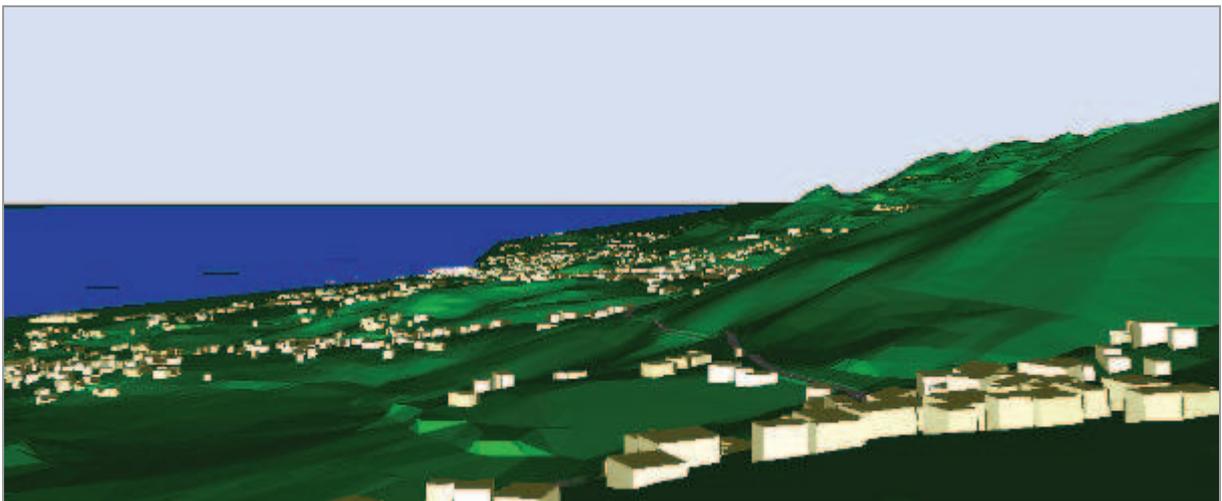


Figura 9 – Vista panorâmica de Vila Nova de Cerveira.

É também de realçar que, durante o trabalho de campo realizado foram também identificados e introduzidos no modelo alguns objectos de interesse, como por exemplo muros e taludes, que funcionam como “barreiras acústicas” na propagação do som ao ar livre. A figura seguinte ilustra uma dessas situações.

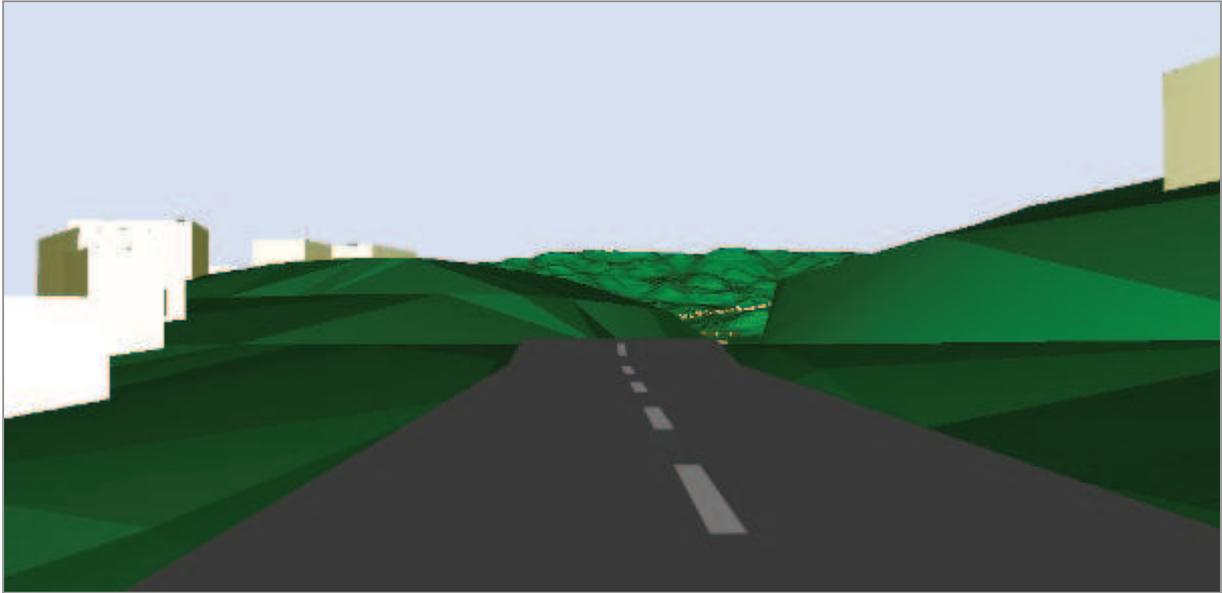


Figura 10 – Vista de um talude natural na EN 13.

4.1.4. Fontes de ruído

O presente estudo tem definido como fontes de ruído, as principais vias de tráfego rodoviárias e o ruído industrial existentes na área em estudo.

As fontes de ruído foram modeladas de acordo com a sua geometria real e de forma a reproduzir no modelo a realidade acústica existente.

4.1.4.1. Tráfego Rodoviário

A localização desta informação foi obtida através da cartografia e documentação fornecida pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.

As cotas das estradas foram obtidas através da modelação do terreno gerada pelas curvas de nível tendo sido necessários alguns ajustes de modo a obter uma melhor correspondência com a realidade.

Nas figuras seguintes podem ser visualizados os resultados finais dos ajustes realizados às vias rodoviárias e a toda a sua envolvente.

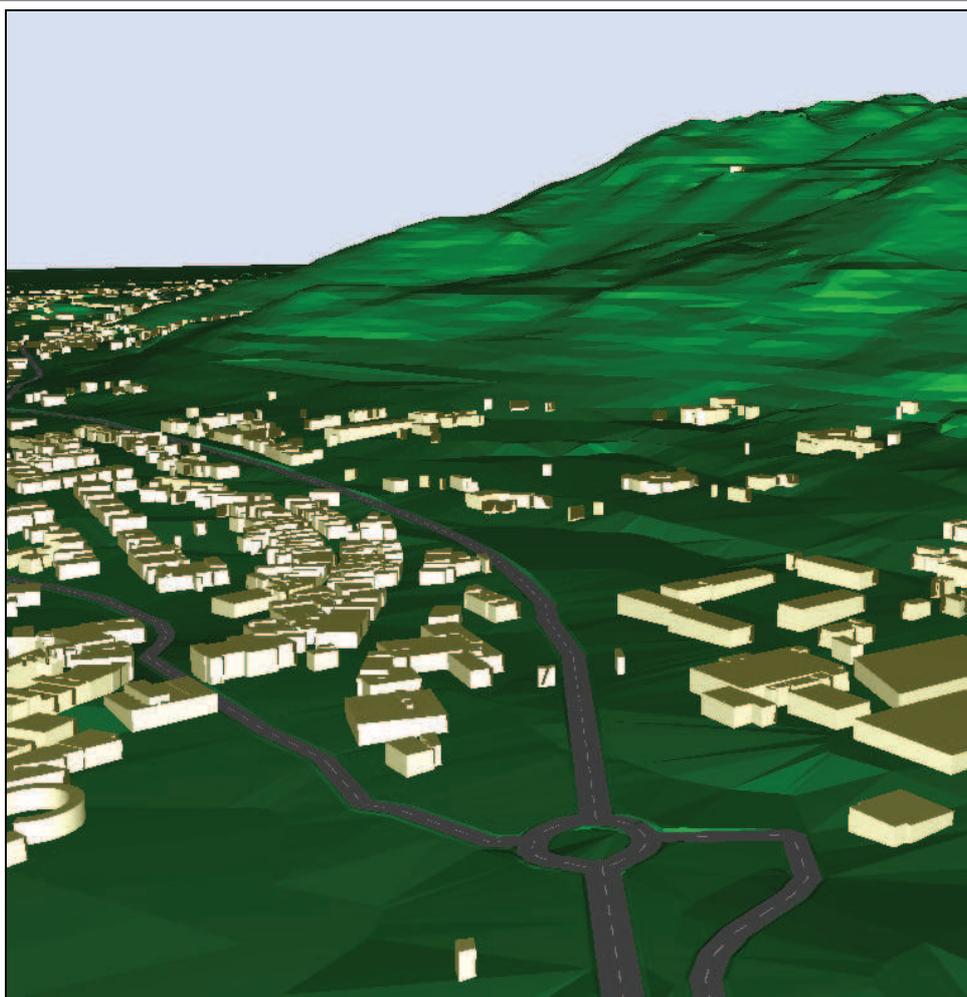


Figura 11 – Perspectiva da Rotunda da EN 13 e envolvente.



Figura 12 – Vista de um cruzamento desnivelado entre a EN 13 e um Acesso.

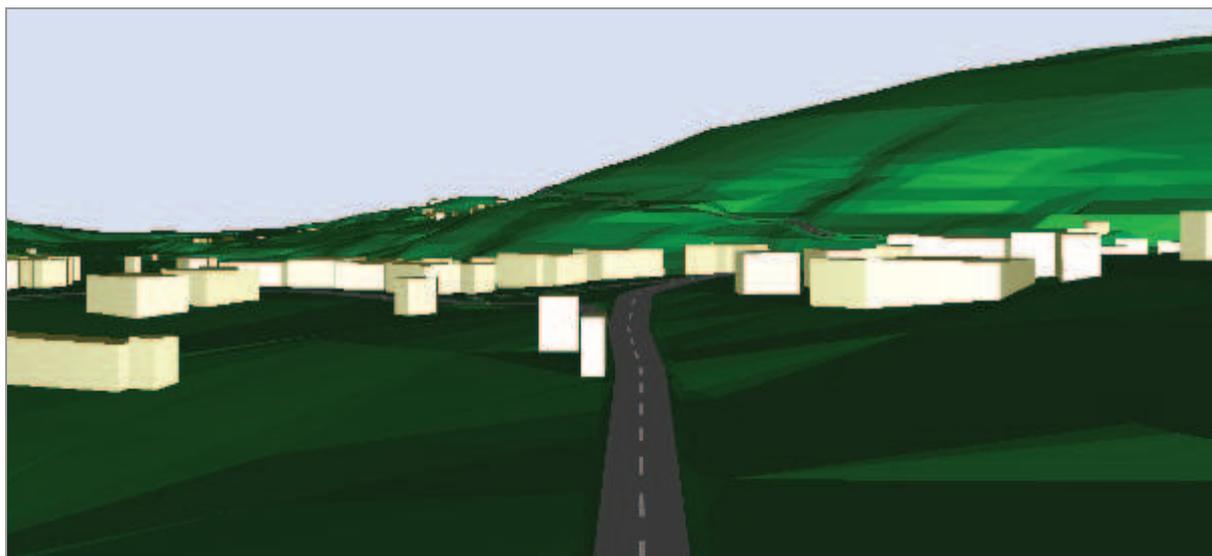


Figura 13 – Vista tridimensional da EN 302.

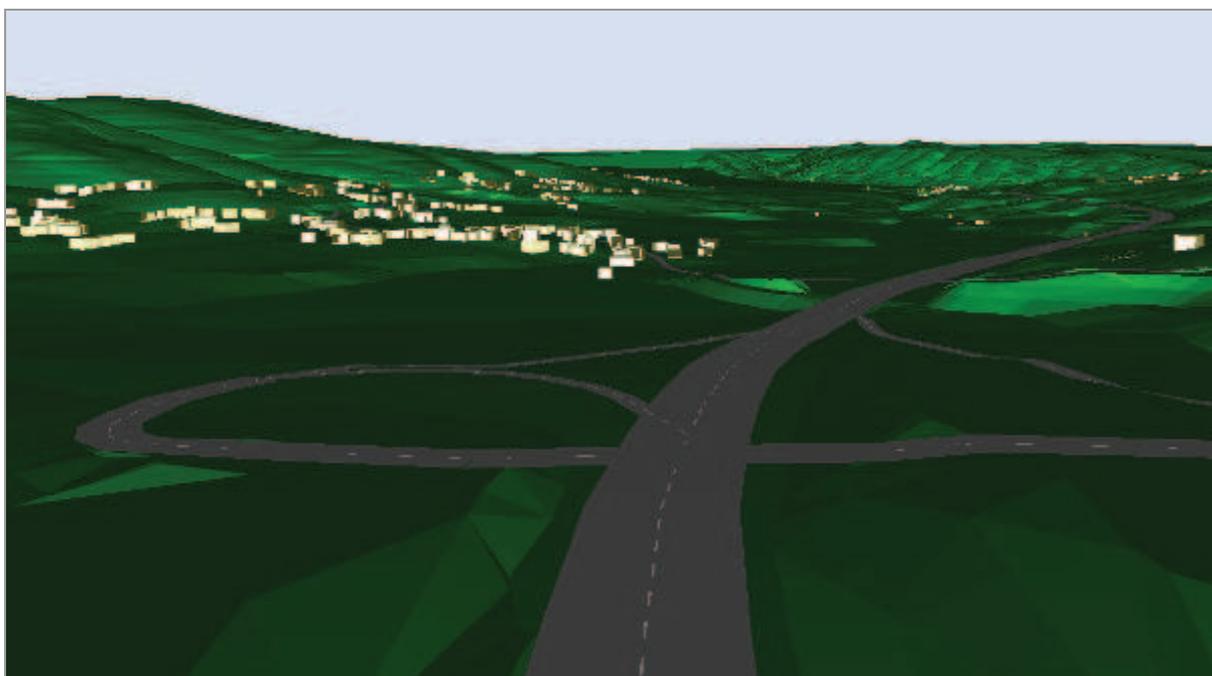


Figura 14 – Vista tridimensional do Nó da A3 com a EN 301.

Os dados de tráfego, utilizados na modelação foram obtidas na Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, em publicações das Estradas de Portugal e da Brisa, no RECAPE da A28 e através de contagens realizadas no campo.

Atendendo aos principais cruzamentos existentes nas vias rodoviárias em estudo, estas foram divididas em diferentes troços, como pode ser visualizado nas Cartas 1 do Anexo I, de forma a caracterizar os diferentes fluxos de tráfego. Dentro destes troços houve ainda uma subdivisão por velocidade máxima de circulação e por tipo de piso, originando um troço por cada valor diferente de uma destas variáveis.

Tendo em conta o já elaborado mapa de ruído para o concelho, de acordo com o Decreto-Lei 292/2000, foram utilizados os dados de tráfego indicados anteriormente mas devidamente adaptados aos indicadores L_{den} e L_n conforme recomendado pela APA nas suas directrizes publicadas em Março de 2007. Desta forma, tem-se:

- $TMH_{7-20h} = TMH_{7-22h}$
- $TMH_{20-23h} = (2 \times TMH_{7-22h} + 1 \times TMH_{22-7h}) / 3$

- $TMH_{23-7h} = TMH_{22-7h}$

No quadro seguinte apresentam-se os resultados síntese, assim como algumas das características das vias rodoviárias consideradas.

Quadro 3 – Tráfego médio horário por período de referência.

ID	Toponímia	Período Diurno		Período Entardecer		Período Nocturno		V. Máx. Líg. (Km/h)	V. Máx. Pes. (Km/h)	Tipo de Piso
		TMH (V/H)	% Pesados	TMH (V/H)	% Pesados	TMH (V/H)	% Pesados			
1	A3 - Troço 01A	430	5.9	319	6	96	7.5	120	90	Asfalto
2	A3 - Troço 01B	430	5.9	319	6	96	7.5	120	90	Asfalto
3	A3 - Troço 02	447	5.8	331	6	98	7.4	120	90	Asfalto
4	A3 Ramo A	10	3.6	7	4	2	5	60	60	Asfalto
5	A3 Ramo B	10	3.6	7	4	2	5	40	40	Asfalto
6	A3 Ramo C	20	3.6	15	4	4	5	60	60	Asfalto
7	A3 Ramo D	20	3.6	15	4	4	5	60	60	Asfalto
8	A3 Ramo E	30	3.6	22	4	7	5	60	60	Asfalto
9	Acesso A3	60	3.6	44	4	13	5	40	40	Asfalto
10	Acesso EN 13 - Ramo A	220	1	154	1	22	1	50	50	Asfalto
11	Acesso EN 13 - Ramo B	110	1	77	1	11	1	50	50	Asfalto
12	Acesso EN 13 - Ramo C	110	1	77	1	11	1	50	50	Asfalto
13	Avenida das Comunidades Europeias	440	1.4	308	1	44	1.4	50	50	Asfalto
14	Avenida Heróis do Ultramar	282	1	197	1	28	1	50	50	Asfalto
15	CM 1027	192	1	134	1	19	1	50	50	Asfalto
16	CM 1031	140	1.2	98	1	14	1.2	50	50	Asfalto
17	CM 1034 - Troço 01	198	3.1	139	3	20	3.1	40	40	Asfalto
18	CM 1034 - Troço 02	48	3.1	34	3	5	3.1	50	50	Asfalto
19	EM 516 - Troço 01	216	1	151	1	22	1	40	40	Asfalto
20	EM 516 - Troço 02	216	1	151	1	22	1	50	50	Asfalto
21	EM 516 - Troço 03	151	1	106	1	15	1	50	50	Asfalto
22	EM 516 - Troço 04	151	1	106	1	15	1	40	40	Asfalto
23	EM 516 - Troço 05	84	1.5	59	2	10	1.5	90	80	Asfalto
24	EM 516 - Troço 06	84	1.5	59	2	10	1.5	50	50	Asfalto
25	EM 516 - Troço 07	40	3	28	3	5	3	50	50	Asfalto
26	EM 516 - Troço 08	40	3	28	3	5	3	90	80	Asfalto
27	EM 516 - Troço 09	40	3	28	3	5	3	40	40	Asfalto
28	EM 516 - Troço 10	40	3	28	3	5	3	50	50	Asfalto
29	EM 516 - Troço 11	40	3	28	3	5	3	90	80	Asfalto
30	EM 516 - Troço 12	40	3	28	3	5	3	50	50	Asfalto
31	EM 516 - Troço 13	40	3	28	3	5	3	50	50	Paralelo
32	EM 516 - Troço 14	40	3	28	3	5	3	50	50	Asfalto
33	EN 13 - Rotunda	610	3.4	466	3	178	3.7	40	40	Asfalto
34	EN 13 - Troço 01	717	5.9	562	6	251	6.4	90	80	Asfalto
35	EN 13 - Troço 02	717	5.9	562	6	251	6.4	50	50	Asfalto
36	EN 13 - Troço 03	717	5.9	562	6	251	6.4	90	80	Asfalto
37	EN 13 - Troço 04	869	5.9	681	6	304	6.4	50	50	Asfalto
38	EN 13 - Troço 05	1006	5.9	788	6	352	6.4	50	50	Asfalto
39	EN 13 - Troço 06	1006	5.9	788	6	352	6.4	90	80	Asfalto
40	EN 303 - Troço 1	77	5.7	60	5	27	3.7	50	50	Asfalto
41	EN 303 - Troço 2	77	5.7	60	5	27	3.7	90	80	Asfalto
42	EN 303 - Troço 3	77	5.7	60	5	27	3.7	50	50	Asfalto
43	EN 303 - Troço 4	77	5.7	60	5	27	3.7	70	60	Asfalto
44	EN 303 - Troço 5	52	3.8	41	4	18	3	70	60	Asfalto
45	EN 303 - Troço 6	52	3.8	41	4	18	3	50	50	Asfalto
46	EN 303 - Troço 7	52	3.8	41	4	18	3	90	80	Asfalto
47	EN 303 - Ramo A	38	5.7	29	5	12	3.7	40	40	Asfalto
48	EN 303 - Ramo B	38	5.7	29	5	12	3.7	40	40	Asfalto
49	EN302 - Troço 01	98	6.6	77	6	34	5.3	50	50	Asfalto
50	EN302 - Troço 02	98	6.6	77	6	34	5.3	90	80	Asfalto
51	EN302 - Troço 03	98	6.6	77	6	34	5.3	50	50	Asfalto
52	EN302 - Troço 04	98	6.6	77	6	34	5.3	90	80	Asfalto
53	EN302 - Troço 05	98	6.6	77	6	34	5.3	50	50	Asfalto
54	EN302 - Troço 06	44	3	31	3	5	3	90	80	Asfalto
55	EN302 - Troço 07	44	3	31	3	5	3	50	50	Asfalto
56	EN302 - Troço 08	44	3	31	3	5	3	90	80	Asfalto
57	EN302 - Troço 09	44	3	31	3	5	3	50	50	Asfalto
58	EN302 - Troço 10	81	3	57	3	10	3	50	50	Asfalto
59	Rua da Carvalha	72	0.1	50	0	6	0.1	50	50	Asfalto
60	Rua da Estrada Velha - Troço 1	41	3	32	3	14	1	50	50	Asfalto
61	Rua da Estrada Velha - Troço 2	69	5.7	54	5	24	4	50	50	Asfalto
62	Rua da Estrada Velha - Troço 3	179	3.4	131	3	35	2.5	50	50	Asfalto

Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira

ID	Toponímia	Período Diurno		Período Entardecer		Período Nocturno		V. Máx. Lig. (Km/h)	V. Máx. Pes. (Km/h)	Tipo de Piso
		TMH (V/H)	% Pesados	TMH (V/H)	% Pesados	TMH (V/H)	% Pesados			
63	Rua da Estrada Velha - Ramo A	90	3.4	66	3	18	2.5	40	40	Asfalto
64	Rua da Estrada Velha - Ramo B	90	3.4	66	4	18	4	40	40	Asfalto
65	Rua Dr. José Duro - Troço 1	351	1	246	1	35	1	30	30	Paralelo
66	Rua Dr. José Duro - Troço 2	351	1	246	1	35	1	40	40	Paralelo
67	Rua Dr. José Duro - Troço 3	351	1	246	1	35	1	50	50	Asfalto
68	A28 - Troço 01	1197	10	884	10	257	10	120	90	Asfalto
69	A28 - Troço 02	1197	10	884	10	257	10	120	90	Asfalto

4.1.4.2. Tráfego Ferroviário

Em termos de tráfego ferroviário, a Concelho de Vila Nova de Cerveira é atravessado pela Linha do Minho.

O traçado da Linha do Minho foi fornecido pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira e encontra-se representado na Carta 1 do Anexo I.



Figura 15 – Visualização tridimensional da Linha do Minho e envolvente.

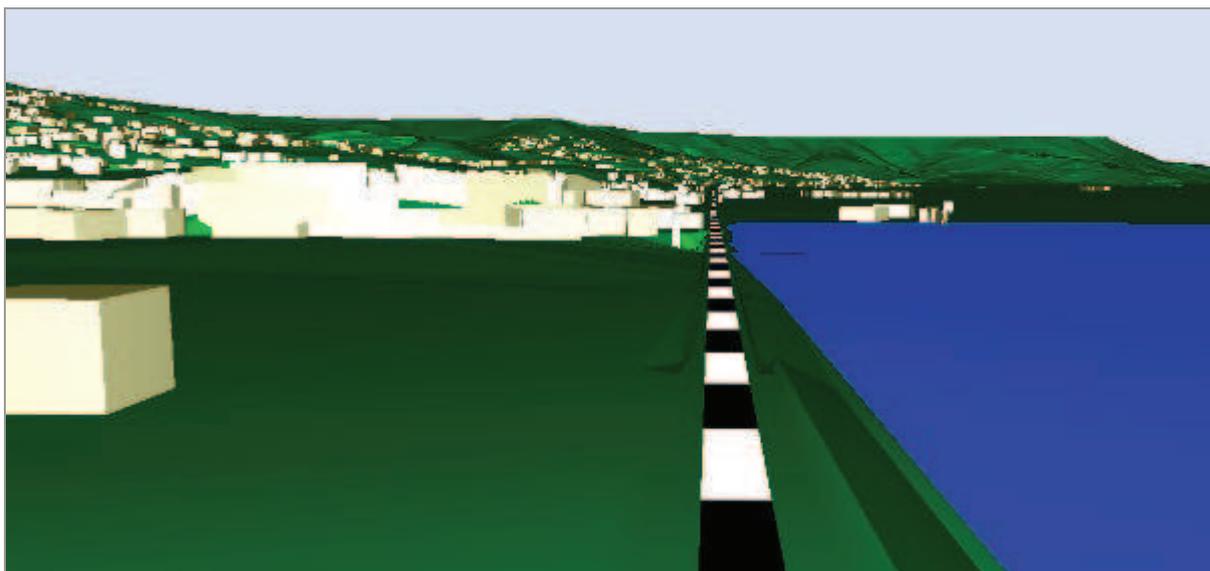


Figura 16 – Visualização tridimensional da Linha do Minho no Centro de Vila Nova de Cerveira.

A informação relativa ao tráfego ferroviário da Linha do Minho e as características do material circulante foi fornecida pela CP – Comboios de Portugal, podendo ser visualizadas no quadro seguinte.

Quadro 4 – Características das composições que circulam na Linha do Minho.

Tipo de Veículo	TMD P.Diurno (07:00 às 20:00)	TMD P.Entardecer (20:00 às 23:00)	TMD P.Nocturno (23:00 às 07:00)	Compr. Médio (m)	% de travões de disco
Internacional	3	1	0	51	100
Interegional	6	1	0	51	100
Regional	9	0	2	51	100
Mercadorias	2	0	0	290	0

TMD - Tráfego Médio Diário

Quadro 5 – Características das velocidades máximas permitidas em cada troço.

ID	Toponímia	V. Max Troço (km/h)
F-1	Linha do Minho - Troço 1	100
F-2	Linha do Minho - Troço 2	80
F-3	Linha do Minho - Troço 3	100

4.1.4.3. Indústrias

No âmbito do Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira, verificou-se não existirem indústrias com Avaliação de Impacte Ambiental (AIA) ou indústrias sujeitas a licenciamento de prevenção e controlo integrado de poluição (PCIP). Assim sendo, apenas foram objecto de análise as indústrias integradas em zonas industriais definidas em P.D.M. e outras indicadas pelo cliente que, pelo tipo de actividade (ex.: exploração/transformação de inertes) e extensão, constituem fontes de ruído com potencial impacte sonoro.

A fim de identificar as principais indústrias existentes nos referidos espaços industriais, foi realizado um levantamento detalhando o tipo de actividade, horário de funcionamento e localização das principais fontes industriais a considerar com indicação da respectiva altura a que se encontram.

Para a avaliação do impacte sonoro das fontes industriais foram efectuadas várias medições acústicas nas diversas zonas industriais, de forma a se validar a potência sonora representativa da actividade. Posteriormente, foi efectuada a modelação de fontes em área optimizáveis de cada unidade industrial como

Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira

uma ou várias fontes em área horizontais, determinando-se genericamente a potência sonora, por metro quadrado, de cada uma das áreas.

Como não existem limitações legais nos níveis de ruído no interior de qualquer área industrial (por não pertencerem nem à classificação de Zonas Mistas nem de Zonas sensíveis) não foi efectuado o cálculo de ruído no seu interior.

As diferentes fontes em área consideradas, encontram-se listadas em resumo no quadro seguinte e em detalhe na Carta 1 do Anexo I.

Quadro 6 – Áreas industriais e respectiva potência sonora calculada.

Área Industrial	ID	Potência Sonora dB(A)/m ²						Tempo de Laboração (horas)					
		Diurno		Entardecer		Nocturno		Diurno		Entardecer		Nocturno	
		de	a	de	a	de	a	de	a	de	a	de	a
Zona Industrial de Campos - Pólo I	I-1	55	68	55	68	55	68	8	13	0	3	0	8
Zona Industrial de Campos - Pólo II	I-2	55	68	55	68	55	68	7	13	0	3	0	8
Exploração Inertes	I-3	72	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-

4.2. VALIDAÇÃO DO MODELO

Dado que o presente trabalho consistiu numa adaptação do mapa de ruído anteriormente elaborado, utilizando como base o mesmo modelo já anteriormente validado, não foi necessário proceder a nova validação. Este procedimento está de acordo com as recomendações da APA.

Recorda-se que no trabalho anterior a validação do modelo acústico foi efectuada por comparação dos níveis de pressão sonora medidos no terreno com os valores simulados pelo modelo, com este parametrizado de modo a reproduzir as condições observadas no local durante as medições realizadas.

As campanhas de medições realizadas dividiram-se em medições de curta duração para aferir a validação junto às principais fontes de ruído e uma medição de longa duração para aferir o modelo no seu todo. Em todos os casos foram obtidos desvios inferiores a 2 dB(A).

4.3. CONFIGURAÇÃO DE CÁLCULO

O cálculo dos mapas de ruído foi realizado a partir da criação de uma malha equidistante de pontos de cálculo. Para cada um dos pontos da malha o modelo calcula os níveis de ruído adicionando as contribuições de todas as fontes de ruído, tendo também em consideração os trajectos de propagação e as atenuações, de acordo com o estipulado na Norma XPS 31-133, no Método de Cálculo Francês "NMPB Routes 1996" (tráfego rodoviário), Schall 03 (ruído ferroviário) e nas Normas ISO 8297:1994 e NP 4361-2 (ruído industrial).

Todos os mapas aqui apresentados foram gerados a partir de uma malha regular de pontos receptores, com 20 m por 20 m, e a 4 m de altura do solo. Foi utilizado um valor de 1 reflexão para cada raio sonoro.

Dada a sua influência no cálculo da atenuação do som na sua propagação ao ar livre, entre os parâmetros que caracterizam o clima do Concelho de Vila Nova de Cerveira salientam-se a temperatura, a humidade relativa e o regime de ventos. A caracterização climática da região em estudo foi efectuada com base nos dados referentes à Estação de Braga. Os valores dos vários parâmetros meteorológicos resultam de um tratamento estatístico de 30 anos no período 1958-88. De acordo com os valores registados naquela estação tem-se:

- temperatura média anual – 14.1 ° C;
- humidade relativa média do ar – 80 %;
- velocidade média do vento - 2.08 m/s.

No que se refere ao vento, dado que a velocidade média se situa entre 1 e 5 ms⁻¹, consideram-se condições de propagação com vento favorável, de acordo com a Norma NP 4361-2, que define os requisitos para o ruído industrial.

Relativamente aos dados meteorológicos para o ruído de tráfego rodoviário consideram-se condições médias no período diurno, isto é 50% de ocorrência de situações favoráveis à propagação para todos os quadrantes

de ventos 75% no período do entardecer e 100% de ocorrência para as mesmas no período nocturno, conforme recomendado pela APA nas suas directrizes publicadas em Março de 2007.

Os mapas de ruído correspondem às condições típicas médias ocorridas no ano 2004/7, pelo que na eventualidade de variação dos parâmetros inseridos no modelo (tráfego, condições meteorológicas, etc.), o cenário acústico simulado poderá ser alterado.

5. ANÁLISE DOS MAPAS DE RUÍDO

Os Mapas de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira para os indicadores L_{den} e L_n , podem ser visualizados, respectivamente, nas Cartas 1 e 2 no Anexo II.

Reforça-se o facto dos resultados acústicos obtidos na simulação efectuada corresponderem a situações médias ocorridas num ano, pelo que a variação dos parâmetros que influenciam a propagação dos níveis de ruído (variações na intensidade e composição do tráfego, de tipos de pavimento e condições meteorológicas etc.) poderá fazer variar os níveis de ruído observados num dado intervalo de tempo particular em relação aos valores obtidos na simulação.

No entanto, tendo em conta que os níveis sonoros médios têm uma relação logarítmica com os volumes de tráfego (mantendo-se constantes todas as outras variáveis), seria necessário ocorrerem transformações muito significativas nestes volumes para que os níveis sonoros correspondentes sofressem variações significativas ao ouvido humano. (por exemplo, a duplicação nos volumes de tráfego significa um acréscimo de 3dB(A) nos níveis de ruído).

As principais fontes de ruído, em termos de extensão da área sob a sua influência sonora, são o tráfego rodoviário gerado pelas principais rodovias do concelho, nomeadamente a EN 13, A3 e A28. É de salientar o efeito atenuador da morfologia do terreno na expansão do ruído, bastante visível ao longo de algumas rodovias.

Em termos de extensão em área sob sua influência sonora, a EN 13 origina uma faixa do indicador de ruído $L_{den} > 65$ dB(A) ascende aos 80 m para cada lado da via. No indicador L_n a faixa de ruído > 55 dB(A), ascende aos 125 m de cada lado, sendo a sua largura bastante variável devido à altimetria do terreno e ao efeito dos obstáculos.

Neste contexto refira-se ainda, que dada a predominante ocupação territorial ao longo das vias, verifica-se, de uma forma generalizada, um maior impacte sonoro nos receptores localizados ao longo das principais vias de tráfego rodoviário do Município. Porém, é o próprio edificado existente que serve de barreira à propagação de ruído, situação distinta da que existiria em campo livre, ao mesmo tempo que expõe a níveis mais elevados as populações residentes nos edifícios directamente expostos ao ruído das referidas vias.

Os casos mais evidentes desta situação são os centros urbanos, em que a área de extensão de uma fonte modelada é relativamente reduzida mas os níveis de ruído resultantes bastante elevados. Por isso, os centros urbanos, e mais especificamente na sede de concelho, representam os cenários acústicos mais significativos, devido aos níveis de ruído produzidos pelas suas vias de tráfego rodoviário.

Muito embora os níveis médios de ruído produzidos pela linha-férrea do Minho serem bastantes inferiores aos produzidos pelos grandes eixos viários considerados, esta fonte ferroviária é ainda assim uma fonte ruidosa importante para a caracterização média do ambiente acústico do Município (Figura 17).

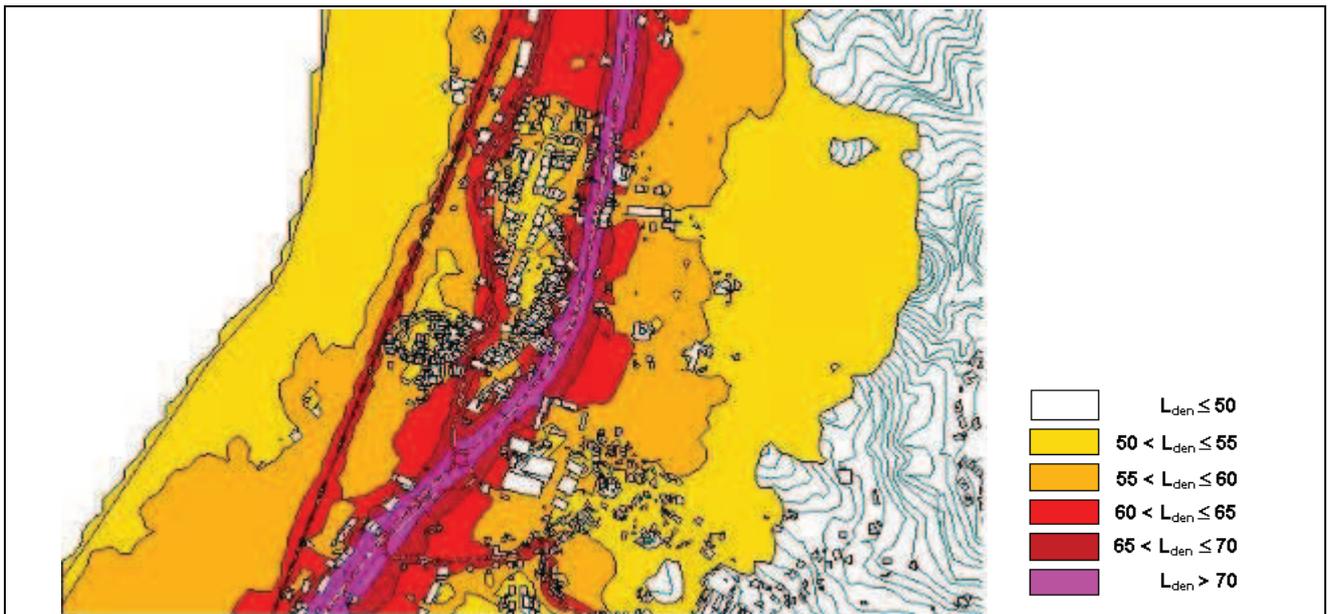


Figura 17 – Mapa de Ruído para o indicador L_{den} da Sede do Concelho de Vila Nova de Cerveira.

O ruído produzido pela generalidade das áreas industriais de Cerveira, não é significativo no cenário acústico simulado. Isto acontece, porque dentro das áreas industriais os níveis de ruído não foram calculados, pelo que a emissão de ruído dá-se dentro do perímetro da área industrial, mas só é visualizado fora desses limites (que muitas vezes é muito superior à fonte ruidosa), porque só aí existem limitações regulamentares na recepção de ruído.

O Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira é um mapa à escala municipal, e como tal comporta todas as fontes que têm interesse a essa escala. Ao analisar áreas distantes das fontes modeladas poderá não se estar a visualizar a realidade acústica existente, uma vez que estarão provavelmente sob influência de outras fontes de ruído locais, como por exemplo estradas ou caminhos municipais com pouco tráfego, as quais não têm relevância à escala municipal. Este tipo de fontes de ruído será de incluir em mapas de ruído de Planos de Pormenor e Planos de Urbanização que são efectuados a uma escala local e não concelhia.

SITUAÇÕES PARTICULARES DOS MAPAS DE RUÍDO

Seguidamente são indicadas situações particular dos Mapas de Ruído calculados e para as quais se apontam as razões da sua existência:

- Descontinuidade abrupta das linhas isofónicas de ao longo de uma via rodoviária (Figura 18) resulta do facto de existirem viadutos ou pontes desnivelados a mais de 4 metros do nível do solo e do cálculo do modelo ser efectuado a 4 metros acima do nível do solo.

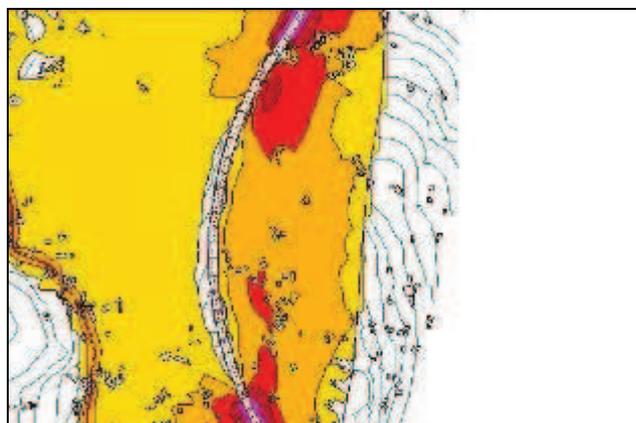


Figura 18 – Exemplo de descontinuidade das linhas isofónicas - viaduto.

- Interrupção abrupta da via rodoviária e correspondentes faixas de ruído - resultam do facto do tráfego rodoviário circulante na via modelada se distribuir pelas outras vias do cruzamento e de nestas o tráfego circulante ser bastante reduzido e assim não terem expressão no âmbito do Mapa de Ruído do Município.

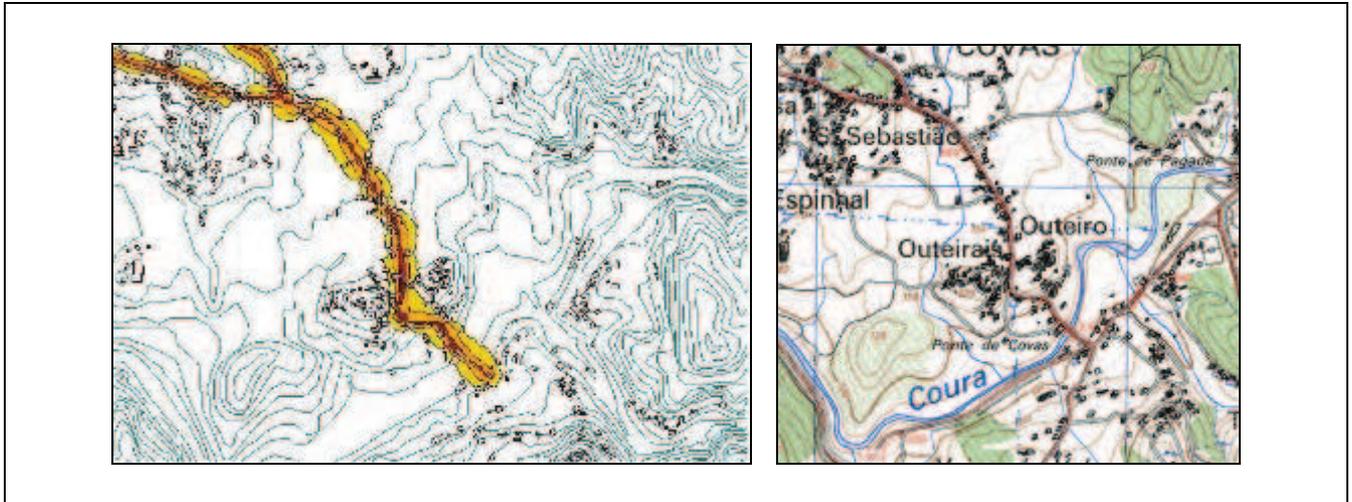


Figura 19 – Via rodoviária modelada interrompida e correspondentes faixas de ruído – EN302.

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Foi desenvolvido um modelo computacional, utilizando o programa CadnaA, para calcular a emissão e propagação sonora das principais vias rodoviárias e das principais actividades industriais do Concelho de Vila Nova de Cerveira.

O modelo inclui o modelo digital do terreno, a implantação geográfica de edifícios e fontes sonoras, as características de emissão acústica destas fontes, bem como os algoritmos de cálculo de propagação sonora em conformidade com a Normas Francesas NMPB 96, XP S 31-133, a Norma Alemã Schall 03 e as Normas ISO 8297:1994 e NP 4361-2. Aquando da realização do Mapa de Ruído, o modelo foi validado através de um vasto número de medições de ruído realizadas “*in situ*” com várias amostragens de duração adequada à variabilidade dos níveis de ruído existente ao longo de intervalos curtos, bem como medições acústicas de longa duração.

A actualização do Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira, baseou-se no primeiro modelo terminado em 2006, tendo os novos cálculos sido realizados a partir desse modelo e das actualizações induzidas por modificações na estrutura do município, bem como na alteração de legislação que se fez sentir no ano de 2007, passando a vigorar o Regulamento Geral de Ruído – D.L. 9/2007.

Assim, nesta adaptação de Mapa de Ruído, a distribuição espacial dos níveis sonoros do concelho é expressa através dos indicadores L_{den} e L_n , para os pontos receptores discretos que espelham a situação acústica média do local em estudo.

Os Mapas de ruído permitem visualizar as áreas em que os níveis de ruído são mais significativos. Estas zonas localizam-se ao longo da EN 13, A3 e A28, sendo que no indicador L_n , a possibilidade de conflito com uma futura Classificação de Zona de Ruído é maior.

Esta informação deve ser tida em consideração em termos da ocupação do solo prevista para uma dada zona, evitando-se a implantação de utilizações de tipo sensível, isto é habitações, escolas e hospitais e espaços de lazer nas áreas mais ruidosas. Deste modo poder-se-á compatibilizar o uso do solo com os níveis de ruído existentes ou previstos. Para estas zonas deverão, além disso, ser equacionados Planos de Redução de Ruído, que terão maior ou menor amplitude dependendo da classificação acústica que a Câmara Municipal atribuir às zonas.

Mapa de Ruído do Concelho de Vila Nova de Cerveira

Em relação ao Mapa de Ruído elaborado tecem-se ainda as seguintes recomendações gerais:

- Deve ser usado não apenas para avaliar/analisar, mas também para influenciar programas de desenvolvimento e planos municipais;
- Deve ser considerado uma ferramenta de gestão do território e permite a preparação de um plano de redução de ruído e não é apenas como um fim em si mesmo;
- São necessárias actualizações do Mapa de Ruído de modo a visualizar-se a evolução do "panorama acústico", provocada pela alteração das variáveis utilizadas como base do modelo;
- Embora o Mapa de Ruído possa ser útil como uma "fotografia" da situação actual, o maior benefício obtém-se se for actualizado periodicamente ou continuamente e encarado como apenas um passo, sem dúvida importante, no processo de melhoria das condições acústicas proporcionadas à população.

Elaborado por:



Frederico Vieira
Gestor de Projectos

Verificado e aprovado por:



Miguel Lopes
Director do Laboratório

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Regulamento Geral do Ruído – Decreto-Lei n.º 9/2007 de 17 de Janeiro.
2. Directrizes para a Elaboração de Mapas de Ruído, APA, Março 2007.
3. Ramos Pinto, F., Guedes, M. & Leite, M. J., Projecto-Piloto de Demonstração de Mapas de Ruído – Escalas Municipal e Urbana, Instituto do Ambiente, 2004
4. Directrizes para a Elaboração de Planos de Monitorização de Ruído de Infra-Estruturas Rodoviárias e Ferroviárias, DGA / DGOTDU, 2001.
5. Recomendações para Selecção de Métodos de Cálculo a Utilizar na Previsão de Níveis Sonoros, DGA / DGOTDU, 2001.
6. Norma Portuguesa – 1730 (1996) – “Acústica, Descrição e Medição de Ruído Ambiente – Parte 1: Grandezas fundamentais e procedimentos”.
7. Norma Portuguesa – 1730 (1996) – “Acústica, Descrição e Medição de Ruído Ambiente – Parte 2: Recolha de dados relevantes para o uso do solo”.
8. Norma Portuguesa – 1730 (1996) – “Acústica, Descrição e Medição de Ruído Ambiente – Parte 3: “Aplicação aos limites do Ruído”.
9. Norma Portuguesa – 4361 (2001) – “Acústica, Atenuação do Som na sua Propagação ao Ar Livre – Parte 2: “Método Geral de Cálculo”.
10. Directiva Comunitária 2002/49/CE do Parlamento Europeu e do Conselho relativa à Avaliação e Gestão do Ruído Ambiente, de 25 de Junho de 2002.
11. Procedimentos específicos de medição de ruído ambiente, Instituto do Ambiente, Abril 2003.
12. NMPB-Routes-96 (SETRA-CERTU-LCPC-CSTB), publicado no "Arrêté du 5 Mai. 1995 relatif au bruit des infrastructures routières, Journal Officiel du 10 MAI 1995, article 6".
13. Norme XP S31-133(2001) – Bruit des infrastructures de transports terrestre. Calcul de l'atténuation du son lors de sa propagation en milieu extérieur incluant les effets météorologiques.
14. Guide du Bruit des Transports Terrestres - Prévission des niveaux sonores”, CETUR, 1980.
15. Recomendação da Comissão Europeia 2003/613/EC, relativa às orientações sobre os métodos de cálculo provisórios revistos para o ruído industrial, o ruído das aeronaves e o ruído do tráfego rodoviário e ferroviário, bem como dados de emissões relacionados, de 6 de Agosto de 2003.
16. Wolfgang Probst, Implementation of the EU-directive on Environmental Noise Requirements for Calculation Software and Handling with CadnaA, 2003.
17. Wolfgang Probst, Bernd Huber, A Comparison of Different Techniques for the Calculation of Noise Maps of Cities, International Congress and Exhibition in Noise Control Engineering, 2001.
18. Wolfgang Probst, Bernd Huber, Integration of Area Noise Control into Programs into a Citywide Noise Control Strategy, Institute of Acoustics – Proceedings, Vol. 23, Pt 5, 2001.
19. Relatório de Contas da BRISA, BRISA, 2006.
20. “Good Practice Guide for Strategic Noise Mapping and the Production of Associated Data on Noise Exposure”, European Commission Working Group Assessment of Exposure to Noise (WG-AEN), 2006.

ANEXOS